



6-111

O ALENTEJO NA SUA VIDA E NA SUA HISTÓRIA



B 42.565

MONTEIRO DO AMARAL

O ALENTEJO

NA SUA VIDA E NA SUA HISTÓRIA



Por: 14.650

16: 17.60



Aos Homens bons do Alentejo que tornaram possível esta obra de justiça e louvor da sua Terra.



A P R E S E N T A Ç Ã O



A vida e história do Alentejo pretende tratar esta obra, e assim a designa o seu título.

Não intenta, porém, ser exaustiva do assunto nem dar-se foros de definitiva. Basta-lhe como prémio do esforço que representa, recurso cer-se nela uma directriz, a boa vontade de lógicamente haver sido seguida e e bem cumprida, e dar-se-he a justica de que procurou fazer-se bem aquilo que foi planeado levar-se a cabo.

Não é um ablum nem um tratado. Nem monoraría com pretensões

científicas, nem pretexto a deshonestas exibióes de réclamos e anúncios, ou a explorações de ordem material e utilitária. Podemos considera estritos sobre o Alentejo grandes e autorizados estudos geográficos, sociais e económicos. São de contar por dezenas monografias de alto e real apréço sobre alguna dos seus magous problemas, e obre os grandes aspectos de seus riquissimos valores. Raras são cidado ou vila que não possam mostrar trabilhos de paciente labor sobre a sua história.

Coordenar tudo isto, que enche prateleiras extensas de bibliotecas, seria sem dúvida obra de valimento, mas, absorvendo compactos volumes, desgastaria anos de quem a tal metesse ombros, sem chegar a preencher o seu objectivo.

Partimos nós antes de outro ângulo ou ponto de vista, e é prévio e leal dever expendê-lo nesta espécie de prefação, para que não se presuma do livro mais do que êle contém nem também seja aferido em menos do que êle valha.

Procurámos acima de tudo realizar obra útil, digna de se aperfilar em estantes, e por isso não foi nem é nosso intento retinir nestas páginas espécies de reportagens descritivas, mais ou menos minuciosas, que formassem como que roteiro a visitantes das terras alentejanas. Nada disto.

Existe um regionalismo alentejano. É para êle que caminhamos, é para êle que desejamos dar êste contributo

Para tanto, e em primeiro lugar, há-de revelar-se o que êle é, o que êle contém, o que constitue o seu objectivo.

Duas ordens de elementos deviamos portanto recolher: — uma àcêrca dos grandes problemas alentejanos, outra relativa aos valores das suas actividades e das suas riquezas.

Asim, uma vez estabelecido être plano e submetido à aprovação de pessoa entendidas nas coisas da Provincia e Região — que nos conseiharam a segui-lo como único que poderia ser de utilidade — abrimos esta obra por uma seria de estados per com lado a doutrinação regionalista, o Alentejo na história nacional, o Alentejo na história da Igraje em Perugal, e o Alentejo na rivorza artica e monumental do país, e por outro lado apresentando algum dos sers problemas primacaia: a sua eccomaia aprica e a una questão agrária, o utaballo mora para esta comoria apricada, e a van questão país de la sua questão de a desta questa de la comoria de porte de la sua questão paísmo dos acomes de la sua questão paísmo de la desta regionalista, a comunicações, a fringação, a procedia, a balanca comercia.

Trata-se de enfeixar uma série de estudos de ordem geral que deixem ver, através da grandeza da provincia, a do seu valor dentro da Nação e as suas necessidades e aspirações, que devem ser satisfeitas.

as suas necessidades e aspirações, que devem ser satistetas.

Ao cabo de percorrer com a requerida atenção esta série de depoimentos tão actuais como autorizados, ficará o leitor conhecendo em conjunto aquêle que pode chamar-se dentro do Regionalismo Português,

o caso do Alentejo.

Isto, porém, não era bastante. Seria apenas uma colectânea, que muito honaria o autor, mas não conglomeraria tudo quanto, ao alcance da sua capacidade de trabalho e no plano atrás apontado desta obra, êle

deseja fazer.

Percorremos então o Alto e o Baixo Alentejo. E com o mesmo fim, procurámos, concelho por concelho, conhecer realizações, iniciativas do trabalho alentejano que no quadro dos valores históricos, sociais e costu-

meiros dos agrupamentos municipais, representassem valores do regionalismo para a província e para a Nação. É a segunda parte desta obra, no plano que lhe foi traçado.

Eis porque dissemos que ela não se apresenta senão como contribuição útil para um estudo do regionalismo alentejano, de maneira a justificar que a todo o tempo a tirem de estantes para consulta.

Eis também a razão porque não se ufana de ser completa.

Neste caso, o que mais importa é o plano de carácter regionalista

que se estabeleceu e se cumpriu.

Que outros o sigam com devoção igual à que nos guiou.

Não encertaremos o curso destas palavas despretenciosas e claras, sem tributar o nosto profundo reconhecimento aos Homens Bons que no Alentejo nos alemanam com o seu falmo e estimulo, não raro tocados por amisade sã e hospitaleira, tornando possível a recolha de elementos para esta todra, e aos ilustres escriciores, economistas etécnicos que, patro-cianado, com a sua aprovação o nosto objectivo, o distinguiram com as hurilantese colaborações do seu subser o o honaram com seus nomes.

valorisando extraordináriamente a realização do que pretendiamos. Velho protóquio reza que não rem obrigação de fazer mais e melhor quem far tudo o que pode. A éle se ampara o autor ao alegar que deu todo o set esforço a bem de honestamente cumprir o seu objectivo. Melhor titulo não tem nem deseja para dar éste liveo ao Alentejo, a andirável província cuja causa, iluminada pelo pensamento regionalista portuenês, abrincos e useres servir.

1041

M. A.



Para o Regionalismo Alentejano

por MONTEIRO DO AMARAL



I. — O movimento regionalista em Portugal

Nos sillinos vinte e citoca anos, tomos un opais notável incremento e fervor a campahar regionalista. Em congressos e conferencia forma ciudados e debaldos alguns dos principais problemas das Provincias e Regides portuguesas. Produzives em levantamento da consediena e do amor das Provincias pelas suas colass e pelos seus interesses. Cráram-se associações representativas para os defender e zelar, sobretudos na capital. Fundaram-se mantimen-a a impresas orgêos destinados a ser seus porta-vozas. E a breve trecho paneceu derrando por todos o pals— e alt prollegaçõo para o utilizam colosial e em paises como o Ursail— um movimento regionalista que detarsa de ser simples como o Ursail— um movimento regionalista que detarsa de ser simples como de la regiona de No salto de tradicios hásticidos innovestáves hodecomba su ma vo-

and suito de traduções hatoricas incontestuves, obedecendo a uma voz narrual que filoa alto em todos os municiplos, o regionalismo—forma terminológica moderna de tendências, aspirações e até de direitos altimados durante sectuores—surgia hamás de cinquienta ando tevanando pondeso contra o centralismo politivo administrativo, reclamando que os recursos e valores das serras e Provincias a elas primeiramentes es revarsasen e não flos em sistemáticamente demandos para exclusiva mutrido dos intresesse concernados na vida do Estado e zora gazantia dos favores que arbitrámente os senhors fendads apolítica e para gazantia dos favores que arbitrámente os senhors fendads apolítica por la contrata de l

distribuiam.

Doutra pure, o despertar da consciência das Regides foi vivyamente conflivado, ao impinio desas asplanções, pod desenvolvimento erandormação dos vulores econômicos, agrícolas, industriais e comerciais, à medida que o regionalismo se definia e enriquecia sucessivamente por objectivos que se iam exilrecendo de cada vez mais à luz da considerás colectiva dos povos, e tomava formas e expressos so dominio da inteligência e da arte, no gótos dos rieperzas partinoniais, da arquieterrar e da arqueologia, em investigações hencelitimas sobre consumes, abidios, traisos la tworse, e alá nesse litamente denominado bairrismo, têrmo pejorativo que mais não significa que o afincado zêlo por assim

dizer familiar pelo progresso das localidades e concelhos.

Seja-nos permitido por passageira nótula chamar a atenção (que de certo modo envolve obrigação de justica) para um facto que, a nosso ver, não é de somenos valia para compreensão destas fases da formação do regionalismo português.

Por muitos e muitos anos e com sobejas razões, se deu combate acérrimo ao caciquismo. O cacique, o dono e arrebanhador de votos contados por quilómetro quadrado nas áreas de influência, foi tido e havido como peste e ver-

mina da política. E é certo que foi assim.

Mas viremos o facto de carnaz, e há-de hoje reconsiderar-se em que em muitos e muitos concelhos do país, quantos progressos e melhoramentos locais foram arrancados por êsses mesmos caciones, ou chefes, que a bem das suas terras naturais e das populações onde haviam nascido, assim vendiam caro o trabalho de manter as votações fiéis dos seus partidos!

É que, ainda através duma desorganização, digamos tudo, de uma preversão político-partidária que durante décadas deseducou e servilisou e retardou o país, a tradição das franquias locais conservou-se sempre em braza viva sob a fustigação dos temporais, e corrigiu, ora em reaccões por vezes tempostuosas e violentas, ora por lenta acção defensiva, essas viciadas correntes de aspiração que drenayam para o Estado e para o serviço dos partidarismos o recheio do trabalho e da riqueza das Provincias.

Estas resistências eram já regionalismo. Exigia-se que se ouvisse e respeitasse a voz dos Povos como voz da Nacão, pois para êles deve governar o Estado. Reclamava-se que o Estado deixasse de ser em Portugal um caso de macrocefalia, e que a recresentação nacional fôsse feita através dos agrupamentos naturais, das famílias radicadas à terra, dos Municípios e das Provincias. Não descansava o clamor de que, na base do prestigio e fôrca do Poder, se operasse e levasse até ao fim a descentralização prudente e equilibrada das funções e orgãos da administração pública. Gritou-se que era nos Povos que se encontrava a matéria prima vital e corporativa da Nação.

É mau vezo nosso abrir fossos entre o passado e o presente, pregoar que o de hoje é sempre e infinitamente superior ao de ontem, vício terrivel que não só ofende a justica e a verdade histórica, mas faz com que, à sombra dos nobres ideais que pugnam contra a revivescência do velho partidarismo, outros partidos e clans e tribus venham a formar-se.

Porque não há-de dizer-se hoje no entanto que tamanho foi o poder das reclamações regionais que muitos dos programas políticos já as inseriam?



ALENTEJO -- MULHER DO CAMPO



II. — O regionalismo

Deixando assim sublinhado um aspecto demonstrativo do aparecimento do regionalismo português que porventura há-de servir um dia de têma a interessantissimos capítulos da crítica histórica da nossa vida política e social, veiamos agora qual o seu conteúdo e para que rumos êle naverou.



Escreveu o dr. Francisco Veloso, um dos mais cultos defensores do regionalismo português:

«Assim como a família e a propriedade são bases estruturais da nação porturnesa, assim também de nossas terras subimos para a nossa Nação total, através dos sucessivos planos ascendentes do Concelho, da Província, da Região, integradas na unidade territorial, social, económica e política da Pátria-Mão comum. O regionalismo dá-nos, incute em nós uma forte disciplina moral e física que nos impõe, cultivemos constantemente a prática dos nossos deveres

de parties accessos nos lagares amendados onde, dentro da pláritis, nascennos. De facto, en los de observaciones de parties amendados onde, en vez de dispersamos as nossos atenções sob preferive has necessário que de dispersamos as nossos atenções do preferive has tornemos a tenções atenções de composições de composições atenções de composições atenções de composições de composi

E é do general Nortin de Maios esta sinteste perfeita:

A nação peringuesa tend ese cromo a viram os nossous malores,—como um conjunto de regiões ou provincias, cada uma delas com caracteristicas especiales differenciarias, unidas por leaso, materiais e supérimisa que o tempo iriar otorando cada vez más fortes e más apertados, at és siniga? a Unidade Nacio-Marcipole continumar a subsistiar a regiões cor provincias, quo e lento formar da nacionalidade viscous como os canhos indelevers que através da nossa história firmaram a sua individualidade incondinade/s quo lento formar firmaram a sua individualidade incondinade/s quo lento formar da nacionalidade viscous como cambos indelevers que através da nossa história firmaram a sua individualidade incondinade/s que o lento formar da desenda nos analidades da nossa administraçõe o governo deram e esto dando feitos propriors. Nesta diversidade de cada uma das provincies proingessas readis, a men ver, was adversidade de cada uma das provincies proingessas readis, a men ver, considerar de considerar atentamente em nodos os glasos de daministrações.

nacional, seria um erro de alta gravidade».

Oucamos ainda uma outra voz, a do Dr. Luiz de Almeida Braga numa

admirável conterbasia em 1809, intitulada a lo serviço da Terra:
"Defendamono poróm, Senhova, do regionalimo de bazar. O regionalimo não pode enterrarse no culto das bugiranças caserias; año detecmos que, com pretextos bostilos de posito os de estífica, o regionalimo se aparet da vida contineida da Nação e se percu mas sonotientas avenidada do indrim da alhan própria, con polo monto, para me servir dama expresado barreinas, ada manera d'almez. Mais do que um sistema e de que um metodo, o regionalismo entre o alcance de uma mitosofia. Questode da stra, de literarse, de ensino, questos políticas, económicas ou sociais, o regionalismo, vernando-as, introdur sempre no sua estado o latero d'artistada. A condições diferentes correspondem necesidadas diferentes s a necessidades diferentes, o regionalismo, de manera de como de consecuente de como de

Estas palavras já definem com clareza aquilo que pode chamar-se o fundamento teórico da acção regionalista, e o seu valor exacto.

Mas não bastam para ser abrangido todo o âmbito do pensamento, da idéia regionalista.

Peçamos pois, à autoridade do ilustre Prof. Amorim Girão, o comple-

mento essencial que para tal efeito nos falta:

«O movimento regionalista que, sob estas e outras formas está despertando entre nós, não é apenas um esfôrço sentimental feito no sentido de fazer reviver as lembranças do passado; não é apenas o amor da região natal com as suas païsagens, as suas tradições, os seus costumos característicos, a reconduzir ao verdadeiro caminho os desenraïzados pela vida das grandes cidades: não é apenas o espírito provincial combatido pelas ideias da Revolução Francesa, entre nós cumpridas à risca, que volta a querer animar as manifestações da nossa vontade colectiva. Esse movimento, sendo tudo isso é mais alguma coisa ainda; é a consequência lógica duma revolução económica que impõe a especialização da produção como necessidade imperiosa da hora que passa: é o pais que, farto de apelar em vão para o Estado-providência, reconhece que precisa de fazer uma chamada às próprias fôrças, procurando valorizar-se pelo aproyeitamento de todos os seus recursos naturais; é Portugal tomando a consciência de que é mais alguma coisa do que Lisboa, a tentar descongestionar-se por forma que as suas diversas regiões, recuperando a antiga vitalidade. possam opor-se à aglomeração da capital, impedindo que esta continuo merecendo a atracção exagerada que tem merecido sóbre tôdas as inteligências, actividades e interesses das populações provinciais».

Nestes trechos, está todo o conteúdo do regionalismo como idela.

Mas levanta-se outra pregunta: — estes elementos, estas características.

são suficientes para uma definição?

E aqui, ao contrário do que se pensa e afirma, é preciso responder que não é possível definir o nosso regionalismo. Não é sentimentalidade mais ou menos lírica, não é bairrismo fechado, não é cantonalismo irritante e cidmento.

Segundo disse um dia reveladora e luminosamente o grande adall das franquias galegas, José Acuña, o regionalismo é, acima de tudo, e por essência, uma blolena.

Ne verdade, asim como a higiene cuida da antidade dos órgano do corpobinacio e do sus aperfeciamente monta, por meio de motodo ecrosa baltuals, requiente e rímeicos, —asimo o regionalismo cuida de fazer inserpentera ma selvidades dos orgios estrumiens e naturas do corpo da Neido, mas regre de vida perfeita e saúla; —a de que devemos procurar a saúde nacional pela saúde dos orgios agua e acomption, e de que, a medida do desenvolvimento da Provincias e Regiões, operar-so-da melhor o gradant desenvolvimento e o procressos exescente de todo o crustiamen da Neido.

A dificuldade, mais ainda a impossibilidade duma definição do regionalismo resalta disto mesmo que ataba de escrever-se. — a saber, da multiplicidade das suas formas e realizações, das manifestações em que, como o reluzir tilitante do diamante, êle se faceta.

O regionalismo é pois, sem definição, uma higiene, que cria um ambiente salutar à vida geral da Nacão.

Como higiene, como ambiente, tem um conteúdo de doutrina, mas esta por sua vez enfeixa um conjunto de regras para tódas as categorías sociais e para todos os valores de trabalho duma Rerião.

E por isto mesmo elle aparece como um processo de cultura e um método de acção que se aplicam em variadissima escala, desde os sectores do labor intelectual, aos da arte, do folctore e das actividades económicas.

III. — A Provincia e a Região

Assim descriminado o regionalismo, nos seus caracteres e nos seus objectivos, podemos agora fixar em plano imediato o seu campo de acção, onde os seus métodos se exercem.

E ergue-se então uma questão nova:—o que é a Província, o que é a Região? Porque falamos de regionalismo e não de provincialismo? Onde começa a Região, onde acaba a Província?

A coexistência de designações diferentes induzia, e ainda induz, muita gente a concluir que o movimento regionalista caminha em confuso dédalo.

Cumpre, portanto, dilucidar esta questão fundamental, aiudados e anoiados

nas conclusões dos geógrafos, dos escritores regionalistas, dos economistas,

È hoi incontroverno que o território macional conteve desde a su delinitacio primedal i circumente/peis individualizada e distinse. Pode discutieral-hes as conas ou as lixas que as indavam. Mas existiram. São as denominadas Porvincias randicionia os inhistóriesa, a venhisaimas conarcado o rivino que aporecem no codicilio no testamento de D. Denis, e il completas na lei de D. Jolo In sobre contro de homestidado Santo-Porte-Medino, Tra-so-Monis, Baira, Entrasidado e la testa de la completa de la completa de la controla de la controla de la completa de la controla del controla de la controla del controla del

Após a Renascença, isto é depois da remodelação comarcă de D. João III, a centralização reformista alterou o antigo quadro. As Provincias da Descrição de Duarto Nunes de Leão em 1599, já não colam às velhas comarcas joaninas. A distribuição das áreas das Correições bem como a militar dos Gover-

20

nos das Armas, mantêm-lhes os corónimos, mas já não o primitivo desenho territorial nem o número.

Isto não consente, porém, a conclusão de que a divisão por Provincias não tem importância nem razões históricas que a justifiquem. Pode o liberalismo de Mousinho da Silveira tentar substitui-la pela das famosas prefeituras,
coniadas servilmente de França, que fraudulentamente de Gesapareceram.

O facto indesmentido e irrecusável é que, como disse Barros Gomes, nas suas Cartas Elementares de Portugal em 1878, o agrupamento primitivo das



Ruinas do Templo da Diana, em Evora

seis Provincias do reino «prova o bom senso prático de quem as formulou apoiando-se sôbre factos físicos de primeira ordem».

E o Prof. Amorim Girlo reconhece-thes considerável interesse geográlico e entográfico pela sua forte projecção na païsagem fisica e humanas, chama-lhes realidades vivas no mosso teritorio, quadquer colas de solidamente inscrita no território nacional, fonte de dguas vivas onde podem ir dessedentar-se todos os dostritándros políticos da mação portaquesto.

E no seu Esbôço duma Carla Regional de Portugal esclarece-se:
«O grande interesse histórico e etnográfico da divisão provincial (sôbre tudo da antiga) não pode deixar de ser tomado em linha de conta quando pretende-

mos fazer uma boa distribuição do país em circunscrições baseadas sôbre a realidade geográfica do nosso território».

Não curamos aqui de saber se essas Provincias, essa divisão natural de território da Nação podem sijustar-se hoje a uma divisão administrativa, pois,

no presente estudo, não é esta que nos preocupa.

O que importa é o facto da existência, desde a primeira época da formação da nacionalidade, de uma repartição natural de circunscrições territoriais diferenciadas, e conjuntamente o valor dessa diferenciação.

Anurados um e outro, como acabamos de vêr, a razão, não lá simoles-

Apurados um e outro, como acadamos de ver, a nazao, não ja simpresmente tradicional mas viva, inscrita no território, do regionalismo português está encontrada, sem possibilidade de sofrer dúvida e discussão, nessa primeira realidade da nossa concoratura territorial.

Diante deste facto histórico por assim dizer fundamental, da existência real de Provincias na estrutura territorial da Nação, o Regionalismo depara imediatamente com uma nazão de ser, que tem de ser reconhecida por todos aqueles que viram nesse movimento uma inovação, copiada ou enxertada em cena estanholo ou francêsa, como forma de combate ao centralismo administrativo.

Quando os núcleos principais do movimento regionalista, constituídos, após, a Grande Guerra, em Lisbos, tomaram por base a divisão antiga das seis Provincias do Reino, não procederam por mera tendência de retornar ao passado, mas buscando na sua originaria fonte histórica e real o facto permanente da reparticia do território.

Sóbre esta base cumpria no entanto fazer a definição da Provincia, descodeada e limpa de enquistações com que, como vimos, o Estado absolutista e o Liberalismo a haviam desnaturado, e ajustada a tôdas as condições em que se realizars a coqueção política, económica e social do país.

Êsse trabalho coube - e nunca será demais exaltá-lo e agradece-lo - a

verdadeiro escol de etnógrafos, geógrafos e economistas, que desafía em prestígio e saber o de outras nações e é herdeiro e continuador da obra admirável

dos homens ilustres da Portugália.

Logo e quici impórijo da natureza deste escôreo, será deservolver os pormenores deber trabalho. Parce-co-ao, porím, hastature para una conspecialos pormenores deber trabalho. Parce-co-ao, porím, hastature para una conspecialos exacta dos sues resistados, resumir, nas própsias expresados de A monin Girlionone que bem empartian com o de Silvine Barros Comes, o que consuitire escabatural, na inteira acepção do termo, correspondendos sempre su modo mais ou meson homogéneo e diseptendente, fundar escandos empre su modo mais ou meson homogéneos de independente, fundar escondiderações de ordem geográfica, mas ainda sóbre considerações dordem considerações.

Eis os elementos característicos da Provincia.

E a Região?

Respondamos àquela pregunta que separa uma da outra, e vejamos, segundo

e nosso intuito, como os conceitos se justapõem.

Têm debatido entre si os competentes quais os elementos dominantes na região, debate que por vezes vem iscado de exageradas delesas de fervores regionalistas. Não os reproduziremos.

O conceito que lisicial e restrictamente se compós da região chamada natural, sintaiva numa fracção ou traço de território, à uniformidade da comitada de como de água, o clima, a vegetação e a famia, mas não háiva do factor humano-A concernica de dos esteres dementes produzirás, segundo esta concerção, uma certa homogeneidade que, conquanto facetada, estabeleceria uma região diversificada de outras.

Raro é porém, que estes factores simultâneamente convirjam numa área determinada, e assim, preferiu-se tomar como fundamento duma classificação regional alguns factores predominantes, como a estrutura geológica, o relêvo do solo, a situação litoral ou interior, o clima e a vegetação, e incluir neta um dos orimaciais: — o bomem.

O Prof. Amorim Girão, nunca por demais citado, ensina: «Região geográfica designa, pois, tóda a fracção territorial em que o homem intervém como elemento integrante da paisagem e agente modificador da superficle, por forma que, ultrapassados os limites da zona habitada ou do ecúmene, as duas se con-

fundiram uma com a outra.

Nenhum destes factores incide, porém, numa determinada região em separado, antes actuam ou concorrem entre si, dentro de uma variedade mais ou menos complexa. Como dizem ou goógrafos, o que é natural numa região não é a condição original mas a combinação. É que todos estes factores estão sujeitos a evolução: a fisionomia regiónal varia mun transcuerso de tempos. Iá em conseqüência de factos de humanidades produzidos na sucessão de grações, lá por efetio de modificações dos mesmos dacos geológicos e climatéricas, Por outro lado, «destro da mesma região nataral ou, mais genimente, reinindo parecias de regiões naturais em conacto, precisamo sinhido de distinguiro consecutividos regionas que, constituindo membra entres em consecutividos de consecutividos de membra de partir de constituindo membra de constituindo membra de consecutividos de con

o citado professor.

Detes factos — a mobilidade e a influência evolutiva do factor humanodas suas actividades e interesses, como elemento capital numa classificação
regional e a diverificação dos própsios factores físicos, supicios por sua vez a
modificações no trinsito das opocas, como o clima e as próprias crazeterísticas
do solo,—resulta que as Regiões ado vivem amo podom viver e permanecer
separadas num memo terriforio, O critério da homogeneláde deve portanto
eres substituido e dos solidaricadas de todos ora factores un distinuerum en-

agrupameno regional.

Sem minufecciamos o debate que ainda vai travado acfras dos factores

Sem minufecciamos o debate que ainda vai travado acfras dos factores

de ordem física propriamente días, obtemos assins, como acaba de verse, que

religam, e que destro das frasa regionais que por uma e ostra são repartida, tamas as

surge a Regilo económica, especializada pelas actividades do homen as pro
dução e roca dos produtos, non interêsses que se criam entre as populações

chama meman fram errefiferios o entre faces a sub-divides regionai diferente.

De tudo o que nobrea da Provincia e da regido acabamos de dizer, aparece—quod erá demontariadam—que uma não se compração à outra, aneiambas se alustam pelos memos caracteres. Podemos así dizer que a divisão provincial, que, como vimos, se repaira so território nacional desde o inicio da nosas formação, se capida, nos termos e condições acima indicados, pela diferencição regional os reglocalistas. Na externar dos caracteres físicos, a actividade humans viscos e inservera sa características alfins que, através de incorreces.

Se a penistencia histórica duma divisão provincial é indicurivé, fundamentada numa homogencidade independente não apenas sóbre considerações de ordem geográfica, mas sinda sóbre considerações de ordem económica veja-se que de outra natureza não são on fatores que carasterizam e desta veja-se que de outra natureza não são on fatores que carasterizam e dama numa na, e influencidad, hodi ela baseada na geografia física o na geografia numa na, e influencidad, hodi ela baseada na geografia física o na geografia con considerações de la considerações de la considerações de considerações de la consideraç relêvo do solo, da estrutura geológica, da situação litorânea ou interior, do clima e da vegetação. — as Regiões económicas.

Dêste modo, as palavras *Provincia e Região* deixaram de ter significados diferentes. A primeira não representa e evoca sómente uma divisão territorial

histórica que as camadas sobrepostas dos séculos distinguissem ou obliterassem e que as circunstâncias da evolucão política e social do país desnaturaram e tornaram inútil. A segunda não é invenção novissima, feita para explicar o zêlo dos povos por scus interêsses e justifi. car, com a abonação científica de geógrafos e emógrafos, o movimento regionalista português, pela existência real de áreas territoriais distintas e diferentes na carta geográfica.

A expressão Provincia-região que já começa a ser adoptada, traduz uma correcção de antigo prejuízo.

A nosso ver, é êste o êrro inicial — o não ser mantida como princípio — que tem dificultado, e parece que continue a difficultar, a



Liceu André de Goussia — fuors

solução dos estudos relativos à divisão administrativa e regional do país. Se nos colocarmos numa posição asperior e abarramos a totalidade do problema, sem nos determos nos quadros parcelares da divisão administrativa— considerando antes os factores que demonstram, para além e seima dessa solução que acual esta desta de

IV. — Critério para uma divisão regional

Desenvolvamos agora, tanto quanto possível ao âmbito dêste rápido esbôco, o ponto de vista que acabamos de enunciar.

O regionalismo, isto é, o movimento que leva os povos a defenderem seus interèsses e franquista, a cultivarem suas tradições, costumes e patrimónios, dentro de áreas territoriais diferentes, não é um acontecimento novo, mas um facto permanente na nossa história social e económica. O ordorio zêlo municipalista é prova disto mesmo.

Tem aspirações novas, novas fórmulas, novos problemas, isto é uma actualidade, uma modernidade. Mas é causa antiga e tão idosa como a Grei e a Nacionalidade.

Esta causa regionalista evolue e transforma-se, à medida que a vida nacional se transforma e evolue. Justo é, pois, dizer-se que muitas das aspirações regionais, e até instituições que outrora se vindicaram e viveram, já não podem ser mantidas nem ressureidas.

Oceanos mais uma vez o Prof. Amorim Cirito: «Constitutido a ciquita de todo o citudo praceir da superficir terrestre, a regilo geografica é susperficir estrestre, a regilo geografica é susperficir estrestre, a regilo geografica é sempre de constitutido geológica dos terrentos, o relevo do solo, o clima, as associações estrentos estrentos excercas a sus tilulturidas estrentos estrentos estrentos estrentos estrentos, o relevo do solo, o clima, as associações estrentos, o relevo do solo, o clima, as associações estrentos, que a câma de tudo, não uma condição originar imas uma combistaçõe. E desde que nesas combistaçõe entram elementos que, nome aspecialmente suesde com a actividade humans, este dos continuos supicios à lei da evolução, Relimente se compresendo que as divides regionais dos refutiros e, que undan segundo as gerações, facto que aliás note divides regionais dos refutiros e, que assas devinas sunha segundo as gerações, facto que aliás note divides regionais conoceptiçãos a escala deventa sunha resultante de su territorials, que acompresendo que a social devides regionais conoceptiçãos a escala deventa sunha desta territorials.

O perfeiçomento dos estudos geológicos e geográficos, o aparecimento de enumeros ecolo que se deficios and oso estumes es do foli-lova, à investigação da história das localidades, conceithos e Regiños, e, doutra parte, o progreso económico do país e e desenvolvimento da refe de comunicações, a expressa da sua vida de releções comerciais exteriores, o volume, os rumos e o rendinento das massas emigratórias, forme a citada dos elecentos e factores que necessáriamente mudaram a face do regionalismo nacional, deslocando interfesses, criando outros em novas no datrizações.

Os quadros regionalistas tradicionais permaneceram vivos. O Alentejo continuou a diferenciar-se da Beira e do Algarve. O Minho, de Trás-os-Montes. Mas as condições a que aqueles elementos e factores se referem, mudaram a fisinonmia da vida nacional.

O caso da sobrevivência do distrito serve de eloquente exemplo a esta afirmação.

O Prof. Marcelo Caetano já layou o distrito do injusto labéu de ser cópia do francês, e vale a pena reproduzir do seu notável Manual de Direito Administrativo estas observações : «A divisão administrativa que se seguiu ao Decreto de 16 de Maio (de Mousinho da Silveira) talhou em Reino em 40 Comercas. concebidas, por analogia com os arrondissements ou districts franceses, como circunscrições intermediárias entre a Provincia e o Concelho, Ouando em Côrtes se tratou da revisão do decreto, a oposição (de onde nasceu o Setembrismo) manifestava-se francamente contra a Provincia nela imponularidade em que haviam caido os Prefeitos que as administravam, e propunha, por isso, a supressão dessas circunscrições...» «Ficariam pois, existindo unicamente as comarcas. Mas a corrente governamental reconhecendo também a inutilidade de dois graus acima do concelho, pretendia conservar as provincias e suprimir as comarcas. Nasceu desta luta um compromisso : procurou-se em circunscrições majores que as comarcas, menores que as provincias, e assim surgiram os 17 distritos da lei de 1835, mais se aproximando êste número do das antigas comarcas. Deve por isso lavar-se o distrito da mácula original de francesismo, de que tantas vezes o acusam». «Tomado êste apontamento sôbre o aparecimento do distrito, que não é

despiciendo no presente essualo, verifique-se que é já mais que centenária a duração da divisão distrital. Era sem divida uma unidade nova na divisão administrativa. Não tinha, como a Provincia, uma unidade nova na divisão administrativa. Não tinha, como a Provincia, uma inscrição no território nacional, e portanto uma tradição, e no entanto sobrevivea desde 1835 até ser consarendo na catual Códien Administrativo (11).

Recorramos ainda ao Prof. Marcelo Caetano para vermos em lúcido resumo

a história do distrito na vida administrativa do país:

*No período, iá centenário, da duração da divisão distrital podem-se assi-

⁽¹⁾ Quando te extrese que a distrito año tiña um traticito, entenha-es que al operan alimer que a Detade año triese no passado secios sená despado junto dos portos. Citarenos, de patagon e por exemplo, en parado se despado junto do portos. Citarenos, de patagon e por exemplo, portecidad portos en estados despados parado en el parado de la citar en parado de parado en el parado de la citar en assentante por el parado de parado en el parado de la citar en entre exemplo en el parado de parado en el parado de la citar en se assentante en el parado de la citar en se assentante el parado de la citar en el parado de la citar el parado

nalar as seguintes fases: - A 1.º tase vai desde a sua criação até 1878; o distrito tem um corpo administrativo, a junta geral, que a partir de 1840 passou a ser eleita pelas câmaras e conselhos municipais, mas as suas atribuïcões e faculdades não permitem que se considere um órgão verdadeiramente antárquico, tanto mais que era o governador civil quem executava as suas deliberações e presidia ao Conselho do Distrito, órgão permanente de tutela e contencioso. A posição do governador civil era, pois, preponderante, e senão de direito, pelo menos de facto, o distrito é simples circunscrição de administração do Estado. Inicia-se a 2.º fase com o Código de 1878. As juntas gerais recebem numerosas e importantes atribuições de fomento e assistência, meios financeiros para as exercer, a faculdade de executar as deliberações que tomem, por meio de comissões executivas permanentes, por elas eleitas e independentes do governador civil e do conselho de distrito. O distrito passa pois, a ser, de direito e de facto, autarquia local. Este regime vigora ainda sob o Código de 1886, embora já menos liberal. A 3.º fase vai de 1892 a 1913. O distrito deixa de ter personalidade jurídica, desaparecem as juntas gerais e ficam apenas existindo comissões distritais junto do governador civil que é a única autoridade na circunscrição e o único representante dos respectivos interesses. Uma 4.º fase vai de 1913 a 1936, em que o distrito volta a ser autarquia local, como na 2.º fase, Finalmente, nos termos da Constituïção de 1933, a lei n.º 1940, base XXI, e o novo Código Administrativo consagram o regime da 3.º fase, mais acentuado, reduzindo o distrito a circulo de administração geral despido de todo o carácter autárquico».

Arravis dêste quadro, descobre-se e explica-se com facilidad que no distrio, viessem alfuir e concentra-se, como realmente vieram, no interesses dos povos dos concelhos das respectivas áreas, e que os governadores civis haisa sido, como foram e ainda dos (nola haimos agora dos compretentes dos incompetentes) verdaderos protecnadores, muista vezes intás e feliases, da voz dos sim, nuena desentrand das suas funcióss (1).

Tallio, Ordaldrio da proposta de la la « 7 didas » O distrito, privado de corpo admisitrativo, desta de er person morel, astergulo socio l'Ecordendos e meser circumstates de que se exerce a competiciet do governador ciril. Ania for de ser, para se amprè e discisa de a Cantallagia, "A pallavra que a submisima, aletan esterer que nos a sopiata responsa a Cantallagia," A pallavra que a submisima, aletan esterer que nos a sopiata responsa de confirmente divideves en coecidos que se formas de freguesta e se apresan en distrite e provincia», E o activa da llas Adjuscias inclui deposita este apresan en distrite e provincia», E o activa de las Adjuscias de la competita en la distrita de la confirmente inclui deposita se ver para coda de la confirmente de la confirmente de la confirmente de la Coligia Administrativo poli D., Ilando (1904) Distrita de la confirmente de la confirmente de la Coligia Administrativo poli D., Ilando

Bastou um século de transformações na vida nacional para que o distrito ganhasse estrutura que não tinha e resistisse a tantas campanhas que tentaram fazer com que éle desanarecesse (1).

Trouxémos êste exemplo para corroborar o acêrto em que vimos, de que uma divisão regional deve hoje ser feita sôbre a base da divisão tradicional do território, as características geográficas e geológicas e os costumes das

do território, a populações, mas tendo em conta os elementos e factores novos que a evolução da vida nacional

produziu.

Vem a-proposito advertir
que ésses elementos e factores novos, ao
contrário do
que muitos
imaginam por
excesso deconclusão, não alteraram em geral aquela base
tradicional. Se
o distrito sub-



Um aspecto da cultura alentejana (Sobreiral do grande lavrador Dies Descalco)

sistiu è oproque destro da seras mais amplas das Provincias tradicionais ou históricas existium e existem sub-regiões -divisões regionais que constituindo unidades menores emancipulas, ou aloconstituindo nema unidade, forman entreastatu mi fodo regional, cinentado pela inflatedra e força da arreção dam centro sub mitures, come exercer un osez Esboyo de internêccia não Sociedade de Geografia esta de come de la come

⁽¹⁾ É digas de ler-se o estudo do Dr. Alberto Souto, Ess prol do distrito, para avaliar desta discussão.

rem áreas distritais o caso do distrito de Portalegre na área enorme de todo o Alentejo e mais especialmente na do Alto Alentejo, e outras mais há no terriforio nacional, como o comprovam as reclamações do distrito da Cuarda na área regional das Beiras e da Beira-Douro, tão fundamentadamente exposta por Manique e Albuquereque.

Estreitemos, porém, um pouco mais o circulo destas considerações para examinar quais são entre êsses elementos e factores novos aqueles que efectivamente influiram e hão-de preponderar nas transformações da vida e lisionomia regional do território, e encontraremos que foram, são e hão-de ser os da

economia nacional.

É, quási escusado adurir factos que esto diáriamente debaixo dos olhos est en vida de trababllo de cada un de nos. A distribuição racional do trababllo e da troca, conseqüência da produçõe de di circulação activas—dizem o autores da Geographia de l'Hatórie—deve ter um grande papel no novo arranjo das divitões, porque a organização económica deve não somene justamento de conseção. De comando (política e administrativa) mas prevadecer mesmo sôbre else, o de comando (política e administrativa) mas prevadecer mesmo sôbre else.

E, citando êste passo, o doutor Amorim Girão, na sua mencionada conferência de 1937, referindo-se aos trabalhos da Comissão de Remodelação Provincial de 1930, de que fêz parte, disse que a nova divisão em Provincias inha de aproximar-se mais da divisão regional, pois a região corresponde sempre a um oreanismo económico.

E de facto êste o critério a adoptar.

Mas conseguiu-se? Parece-nos inegável que foi feito um grande esforço para isso, ao procurar ajustar-se a divisão distrital à divisão provincial, e a realidades tradicional desta na da Provincia-regido.

Mas quanto ainda falta!

A questió i lo lipotia ha bastantes anos. Em notivel documento elaborado polo de, Nano Simbere que o Criento de Minol Rei circular en 1833, disias- co- O Entre-Douro-e-Minho, petas suas possibilidades especiais de miso-de-obra abundante e apac, se força moriz en condições econômicas e de transporte filecte, está destituda a ser a zona de aproveimento industrial das materias primas netropolitans e coloniais, at agora como titas exportadas con prejuda como rejudado en a como a como

E preciso fazer um estudo semelhante para as outras provincias por-

Porque não se faz para o Alentejo?

Acaso julgar-se-á audacioso afirmar que a Carta Económica é hoje funda-

mental para bem poder estabelecer-se a Carta Regional do país? Nada mais exacto. E todavia, que saibamos, ainda não está feita, se bem que o pudesse sêr.

exacto. E todavia, que saibamos, ainda não está feita, se bem que o pudesse sér.

No trabalho já atrás citado do dr. Francisco Velloso sôbre um dos
aspectos da organização económica em regime corporativo, e que tem a data
de Pevereiro de 1934, reportado ao documento que acaba de ler-se sôbre a
economia regiment do Etrar Doutro-Envilhos pecessis-se; por especial do Etrar Doutro-Envilhos pecessis-se; por esta de ler-se sôbre a
economia regiment do Etrar Doutro-Envilhos pecessis-se; por execusiva de ler-se sôbre a
economia regiment de Etrar Doutro-Envilhos pecessis-se; por execusiva de ler-se sôbre a
economia regiment de Etrar Environ.

«Cada uma das regiões provinciais portuguesas tem uma expressão geológica, geográfica e económica próprias, que definem a sua orla e a sua personalidade na corporatura total da Nação. É reparar na transformação industrial e agricola de cada uma delas e essa expressão caracterizadora logo aparece: - na criação de largas e intensas iniciativas industriais e de ricas explorações das culturas agricolas; no aproveitamento dos potenciais eléctricos e hidráulicos : no aumento das rêdes de comunicação : nos fluxos de emigração : nas riquezas exploradas do sub-solo: na definição de cada vez major dos hinterlands em relação com os nossos grandes portos comerciais. É todo o património nacional, no seu melhor rechejo, bem à vista. O Estado deve intervir desde iá na coordenação de todos estes valores, quer, como está comecando a fazer, pela organização inter-corporativa dêles segundo as suas categorias, quer instalando os grandes inquéritos, com base regional, à vida social e económica das regiões. Assim, o regionalismo será de facto, como método de acção construtiva e como processo de cultura, uma das formas e fórmulas mais impressivas da Nação renovada »

O pr. Dr. Salazzer escrevera que era preciso «lazer da vida conómica cientento da crantação copornita», la fio Basanto do Trabalho Nacional Troi introduzido, bem que inciplentemente, o elemento regional nos quadros principales de la presenta de la compario de confecio. Se la conomica nos grandes armos da producio e do conéciolo. São já elementos vallosos que servido para êses magno trabalho. O exemplo da reforma de 1919 de Clémente nel Pranta (e o Prof. Gifo aprecion na sua Conferência como caso, e frinantemente nel Pranta (e o Prof. Seviciaz) criando as regiones conficiense se magno estrata piloto de tido se a regio es conficiense se magno estrata piloto de limita de servicia criando as regiones conficiense se magno estrata piloto de limita no destructor de la compario de la Risala Seviciaza criando as regiones conficiense en exexta applicació similar no del Risala Seviciaza criando as regiones conficienses en exexta applicació similar no del Risala Seviciaza criando se regiones conficienses en exexta applicació similar no del Risala Seviciaza criando se regiones conficienses en exercisor del Risala Seviciaza criando se regiones conficienses en exercisor del regiones de la conficiencia del Risala Seviciaza criando se regiones conficienses en exercisor del Risala Seviciaza criando del Risala Seviciaz

A produção, os interésses e as possibilidades industriais das regiões económicas caracterizam hoje influentemente as divisões regionais. O condicionamento industrial tem de obedecer lògicamente a uma Carta Económica que seja ajustada à Carta Regional.

Cabe ao movimento regionalista tomar a peito êste estudo e instar por esta reivindicação, sob pena de ver ineficientes os melhores esforços dos seus Congressos e deixar perder no vago de discussões estéreis a solução dos grandes problementas porturquesas.

Supmos delizar exposio con clarca nos conceino e observações que tentimos desenvolve no limite delas tratablo, o esquema esseciad do pensamento regionalista. Disse um dos mestres da Cideciá Social que um país desverbetado a tarefa primordul el reconstruir as lódicas — bastas e frequentes vezes tens ido verificado que em Portugal é dado maior préço aos distincos e territorios de coloridas aparteixa do que ao conseidos sódicio da distrinar. Por onde se expílica a denastração destas em favor e beneficio despetire a serim vendos a insucessom movimentos resuspensamentos insucisées nos esportar delis em sua portor e exclusivo proveito, a faita de preparação intelectual bem deversas os desportações, sextas en ratifia.

A causa regionalista portuguesa, servida por altissimos valores, já respeitada nos textos e orientações fundamentais da acção do Estado, rodeada por uma aura popular, parece-nos carecer de que se revejam, cooordenem e uniformisem os seus princípios e métodos e de que se acertem seus passos e reivin-

dicações por seguros roteiros.

Viemos com éste intento aduzir aigo do que para tanto julgamos necessário, aproveitando o ensejo desta obra dedicada, com objectivos regionalistas, segundo seu autor, a decesobri a conseidenção de portugueses e alentiejanos, valores regionalistas duma das nossas mais importantes e características Provincias. Nada do que se disse pode, em nosso parecer, ser para isso dispensável, e

e bem que a alguns se afigure por demais sabido, de lembrar será quão útil é que, pelo menos, se dê o último arrumo do raciocínio ao que anda fora de

seus lugares e sem ordem, em confrangedora dispersão.

Bem o merece o Alenteio a seus filhos.

Aqui não nos damos foros e ares de o descrever. Basta-nos para remate dêste trabalho apontar, de tudo o que expendemos, o que, em nossa opinião e salvo

melhor, haja de aproveitar ao seu regionalismo.

Villa e suspre list foi a designação da tera provincial. Dos Estudas de Reginealismo e fro la carber, cuio a adversario da promotar como base de uma divisto administrativa, de citar este passo. Do codicilo do testamento de D. Desia se vequ eo país era considerado como formado quatur regioira. Entre-Douro-Villaho, Euro-Douro-V-Mondego-Bellra, Extremadura, Estra-Tejo-Ginadiana que se jamava para álem deste no Des dos Besterios do Conso indica: Entre-Douro-V-Minho, Tatilo-Montes, Beira, Estremadura desde Gaia la Foro de Três. e Entre Telo Gastalina.

E o mesmo autor acrescenta: «O significado desta classificação era o de

regiões, e desta divisão se foi aproximando o das Correições ou comarcas até ao reinado de D. João III em que pela criação de novas comarcas, acabou tôda a confusão entre as Correições e regiões que mais tarde durante o período da usurpação tomaram o nome de provincias.

Deixemos esta última parte pois o que interessa não é o nome de Província mas a existência de uma divisão regional do território.

Alinemos a isto, o diere de Duarte Nones de Ledo na Descrição do Revino de Portugal. - O reino de Portuga a é divide on este regides ou provinceira. A primeira serra, d'anter Douro e Minho, a segunda a Provincia de Cira solo Montes, a tercira a Beira, a quarte a provincia de anter Typo e Guadinos em que se contem o Campo de Curirque e a quinta a Estremadura de que be exchea a grancie clade de Liabou que per si sou com seu termo é un grande reino, a sesta bre o reino do Agartve. E sidad, equanto a divisão das comarcas Evora, de Esta de Esta de Cara de C

Releiam-se na Corografía de Padre António Carvalho da Costa (1706), na Geografía de D. Luis Caetano de Lima (1736), no Mappa do Padre Baptista e Castro (1745 a 1747) e na Descripçam de Oliveira Freire (1755) as partes descritivas da Provincia do Alentejo, e dúvidas não restarão da continuídade

persistente com que ela se delimitou até hoie.

Isto quanto à existência histórica da Província do Alentejo.

Acudiram depois os geógrafos a conferi-la pelas linhas das altitudes e natureza geológica, o curso dos rios, o clima, a flora e a fauna, o movimento das populações que desceram aos vales, as vias de comunicação, as zonas de relêvo, e os tipos e caracteres antropo-ecopráficos dos habitantes.

Reconduzimos o leitor da parte dêste trecho que se refere a Portalegre para o oportunamente ponderei acêrca do distrito, mas sublinhamos (que é o que mais importa no presente caso) o alto valor desta declaração do sábio professor em abono da unidade regionalista do Alentejo que é porventura a provincia portuguesa que mais estável tem permanecido om seus limites.

Esta a base do regionalismo alentejano, e digno de louvor é, pois, que na agremiação regionalista que o representa em Lisboa se adoptasse antes a velha e nobre designação tratal da provincia do que as das divisões circunstanciais

que a repartem para efeitos de administração ou segundo sub-divisões de carácter geográfico.

Não nos intrometemos a descrevê-la. Anda isto feito em magnificas páginas de escritores seus filhos e em proficientes estudos de consagrados geógrafos e

etnógrafos

Mas prosseguindo e acompanhando a ordem das deduções que fomos tirando, chamacemos antes a atenção para o facto de que existem no Alentejo todos e os mais caracteristicos e preciosos elementos e factores que fundamentam um plano e um programa regionalista.

Sobre a constituição geológica, a hipsometria regional de peneplanície, o clima de grande oscilação térmica, a vegetação predominante, vêm as tonaldades vastas da paisagem onde se criou a mais rica zona agrícola do pais, repartida em três subreceibes descriptionedes com um regime de propriedade latifun-

diária servido por populações que nos quadros antropogeográficos são por seus costumes e qualidades das mais notáveis da demográfia nacional.

Cerca tudo into o ambiente das mais brithantes tradições an historia politica e religiosa de Nacio que ainda hoige parada em suas cidades e vitas cleisa de noorhantivel cambo regional um activo espaintos de fiquezas memmentais area de lengio de la cambo regional um activo espaintos de fiquezas memmentais mar ao Altençio clariferio mode mais Vico, mais catore em asa lo britha o fogo tradicional da arte portuguesas. No senhordo intitudada da beridade, o lavrador garante e insubistivi pilar da cosennia da comera provincia, com un norte parante la mismistivi pilar da cosennia da comera provincia, com un norte esparante familia de la comercia de la esta de la comercia del la comercia de la comercia del la comercia de la comercia de la

a sociais da Provincia dentro, da Nação, como raizes fundas do regionalismo provincial. Em cara Esonómica do país, o Atentes, com a sextenso e riquez de searas e olivais, com a riqueza poderosa da sua pecuária, com a parte influente do sea sub-abol omíneiro, como o traçado de comunicações essenciais ao traflego e à troca do reato do país, com acessos naturais aos grandes portos do sal, com uma somo que liga direaz e continua as frontesira marifianas a formações industriais, e de sabasticimento comercial, adequadas à sua natureza agricola precolinantam e por assimi diper essencial.

A sua justa e famosa tradição cerealifera, é hoje confirmada por outras realizações de que a iniciativa alentejana enriqueceu o valor regionalista da Província, para um condicionamento económico inteligentemente conduzido da Nação. Nada mais nos parece necessário à demonstração que nos propuzemos no que procurámos carrear para a causa regionalista do Alentejo. Que por bem seia havido e para firmeza e valorização de suas franquias contribua.

bem seja havido e para firmeza e valorização de suas franquias contribua.
Eis o que, como contributo, vimos trazer so Alentejo, meras palavras

que nos parecem de orientação e de louvor.

De orientação para conglomeração coordenado dos melhores valores das suas actividades que formam, como outros nenhuns dentro do país, um dos mais ricos patrimónios nacionais.

De louvor, corque ao abranger ésse acêrvo de incontável rioueza, nos

lembramos, daquelas

affamadas co dom da flava Céres

que Cambes inscuipla imortalmente no poema nacional, e, longe do preconecio deprimente e linjusto que visiona esuas terras inensas como interminavel charneca dessorada, aqui encontramos uma das solidas garantias do celeiro portugate, e na rasgeda iniciativa dos seus lavadores, dos seus homens de comércio, dos seus indicativados seus lavadores, dos seus indicativados como la como desta de la como desta de la como desta de la como desta de la como d

MONTERO DO AMARAL



A economia agrária do Alentejo

por SANTOS GARCIA Engenheiro-Agrónomo



I - O regime de propriedade

Muito se tem escrito sôbre latifundios, neste país.

Una, propensos à divisio extrema da propriedode, alo cuidando de suber qual a manter patitica, viáve el cardirale, que devera presidid a mantendo qua pequena propriedade; outros, confundindo initiradios com largos possios, tem dado fargas à sus expansio lideólegica, combatendo a divisio da propriedade, dentro dos limites convenientes, por maneira a torrair prograssiva a culturas dos memors tratos de terra, mostrando-se retrógados, em lace do que se tem passado, em paises, quisi improdutivos, saté à data da publicação das suas reformas agérias.

Algam, ainda, perorando do alto das cácteras de pessoas consideradas, no meio agrícola, como qual magister distir, mas não passando de meas tenda agarrandos ao rotativismo e, tantas vezes, ao desejo ardente de continuatem a ciname suasa sãa tense, que ao autovata posa alcança, quando colocados no cina de qualquer monte, viêm apresenter como difica razado do fendimos mos estados e constituidos de constituidos de

«O clima do Alentejo não é propício para as culturas, sendo-lhe irremediàvelmente hóstil à cultura intensiva e ao povoamento».

«São numerosos os casos que todos conhecemos de divisão, seguidos a breve trecho, de nova junção». «O clima das chuyas mais mal repartidas do que escassas, que torna alea-

tórias as culturas de sequeiro». «É o clima que tornando inabitáveis extensas zonas palúdicas se opõe ao povoamento e ainda o clima que não permite que uma só gleba de terra de

sequeiro sustente uma familia.

E, para demonstrar essas verdades incontroversas, apresenta-se o caso do (Rosmaninhal).

Ora, vamos por partes.

Nem tanto de avançados, como os primeiros, nem de pessimistas, como os segundos.

Lá diz o velho latim, «no médio é que reside a virtude».

Mas querermos dêste «médio» passar à impossibilidade da divisão, pelas razões que são aduzidas e deixamos transcritas, vai distância enorme.

Apresenta-se-nos o caso do «Rossaninha), como testemanho da impagiciabilidade e não podemos citar o cason da Sarra de Merios, a clívisa de propriedades, nos arredores da estação de Visas do Alestrós, de Regengos, de Rociondo, de Vendas Novas, do Escoural, para no haismos na quesi escifireção de Rio Frio, esta, com bastantes anos de existência, e onde se não tem verificado a tal nova "unição à pore verebo», aparas do tereno ter sido o más sidar o possível e fusição ao tal -irremedilivelmente hóstil à cultura intensiva e ao poveamento».

Bem, pelo contrário, o terreno de săfaro transformou-se em bem produtivo e o clima não impediu que a cultura seja, por vezes, bem intensiva, sendo, hoje, a densidade da sua população bem diferente daquela que existia, a quando o parcelamento feito pelo nunca esquecido grande agricultor, que se chamou

José Maria dos Santos.

Nas propriedades divididas, nos arredores de Vendas Novas, Viana do Alentejo e Escoural, que muito bem conhecemos, outro tanto sucede, tendo sido a transformação, em magnificos vergeis, digna de nota e de exemplo a seguir.

Não é o clima, a causa, algumas vezes, do insucesso havido, na prática dessa divisão da propriedade.

Está demonstrado que o clima alentejano, dentro da contingência que o caracteriza, não é «impróprio» para as culturas, nem «irremediàvelmente hóstil à cultura intensiva e ao povoamento», e, por conseqüência, é tão próprio para a cultura da grande, como da pequena propriedade.

Não é o clima que se opõe ao povoamento, pelo impaludismo.

Não é, aínda, o nosso clima alentejano, que não permite que uma só gleba de terra sustente uma familia.

E, dizemos não, porque?

— Essas extrasties, onde a propriedade loi dividida, como são a de Rio Frio, Serra de Merioh, hordade da Talha, on concelho de Récondo, Bendade, nos arredores de Viana do Alentejo e Essação do Caminho de Ferro, dessa (idina vila, contra, cercavitánhos de Verba, Novas e Escoural, apresentames, hoje, exubernatemente, produvirsa, añ, por vezes, verdejantes, visto que dessa divisido resultos o procum ineditada dagas indispinearely para a cultura intensiva, dando lugar no nal verapidios. E, como a frase retambante, entre os retri-gados, de que a daga existente, no Alentejo, natura para dar de better pagos, de que a daga existente, no Alentejo, natura para dar de better de propose, de que a daga existente, no Alentejo, natura para dar de better de la como a la constante de la como a como

sos passarinhos, foi lenda, que passou, em face do seu aparecimento, sempre que se procurs a profundidade, razamente, superior a 8 meros, a división propriedade, dentro dos inities que 6 mecesario a ossentio de tóda e qualquer familla, e nas condições económicas e localist, que são do stender o de impurprara tornar a divisio util à familia e a comunidade, esempre possível e até

país em que ela se efective.

— Não é o clima hóstil à cultura intensiva a so provamento, porque intensiva ca provamento, porque o exemplos da regido de Río Frio e osa caon isolados que se nos apresendades de lamilias das regiões do Norte do país, que se tim fixado, no Alem Tisado, no Lei de se povamento se tem feio, sem o mais pequeno se tem feio, sem o mais pequeno mais presidential los de colonização, quer materialmente, quer monafinente.

Se thes houvessem sido concedidos emprésimos a juro módico e se vivessem obrigado a inscrever-se em melo assoriátivo, entído, a sua ecçlosería bem diferente, quanto a lucros auferidos e a produções convidativas, para o ressurgimento agricola do país. Em vez dêsse auxilio, só se the deparou a compar das propriedades, hoje, na sua posse, por preços, demasidamente, exaderados.



Engenheiro-Agrónomo SANTOS GARCIA

— O impaludismo nunca poderá ser causa da fata do devido poveamento. Ele existe, tanto no Sul, como no Norte do país, II, aínda, quando fússes casa a causa primordial, parece-nos ser aínda a divisão um meio de se podere conseguir o desparecimento dos focos que o originam, nornando o meio mais salubre, petas obras hidráulicas, em pequena escala, a que dava, certamente, lurar essa divisão.

- Quanto a uma só gleba não poder sustentar uma familia, carece esse argumento de lundamento, porquanto, leita a divisão, como deve ser feita, e como tive ocasião de propor, no Parlamento, não só a familia teria o respectivo sustento, como, ainda, permitiria às propriedades de maior área, circunvizinhas, terem o número de braços indispensáveis à sua exploração cuidada e racional.

Diz-se, ainda hoje: «o regimen latifundário alentejano é uma consequência da falta de água». Continua-se a prevaricar em querer afirmar que a «água existente, no Alentejo, mal chega para dar de beber aos passarinhos».

Ferónea asserção é esta, na verdade,

Certamente, os que tal afirmam, nunca têm visitado o nosso Alentejo, e, naturalmente, à maneira de alguns que o não conhecem, julgam, ainda, como outrora, a muitos outros sucedia, ser esta provincia estéril, qual deserto, onde apenas vegetava o sobreiro, a azinheira e as culturas cerealiferas.

O Alenteio, contém em si tôdas as culturas, quer elas sejam de sequeiro, quer de regadio.

A água, nêle subjacente, não é a tal precária gôta de água para dar de beber aos passarinhos, e muito pelo contrário, ela aparece e chega a abundar, sempre que se gastem uns patacos (deixem-me falar-lhes na antiga moeda, para mais se harmonizar com a existência da água que se deseia), em abrir as pascentes, onde a água, aparece, quási sempre, a profundidade inferior a 8 metros.

Podemos-lhe garantir que conhecemos propriedades, onde, em pleno mês de Agôsto, a água corre, qual enorme manancial, sem que ela seja aproveitada, nem num dedal.

Não bastará, como prova provada, a existência da pequena cultura, constituída por hortas, pomares, prados, nessas, já hoje, milhares de pequenas parcelas, provenientes da divisão das herdades citadas?

Em tôdas essas propriedades, uma vez realizada a divisão e procurada a água ela apareceu, na quantidade mais do que suficiente, para a exploração intensiva, a que foi, imediatamente, submetida a pequena parcela.

Passando ao observado em um dos concelhos do nosso distrito, podemos afirmar, sem receio de errar, que éle se repete em muitos outros, e. diremos que sendo a propriedade rústica constituída, na sua maior parte, pelas grandes propriedades, chega a haver grupos formados pela anexação de seis e mais antigas herdades, atingindo alguns milhares de hectares.

Esses grandes tratos de terra são constituídos por solos próprios para a cultura cerealifera, por montados de azinho e sôbro, pastagens e olival disperso.

Se é certo encontrarmos algumas dessas propriedades submetidas a uma racional cultura e completo aproveitamento, às quais os seus proprietários aplicam um verdadeiro afolhamento, cheios da maior iniciativa e boa vontade. outras há, e essas no seu maior número, em que a cultura cerealifera, como o aproveitamento das pastagens e montados deixam bastante a desejar, não só pela exigua área semeada, como também pelo pequeno número de cabecas de gado que sustentam e engordam, anualmente, em virtude do estado em que se encontra o terreno dêsses enormes tratos de terra, ainda comoletamente chejos de mato, o qual, por vezes, vai além da altura de um homem.

Há proprietários que nos merecem a maior consideração, sendo dignos de tôda a homenagem. Estes têm as suas propriedades entregues a um verdadeiro e racional afolhamento de forma tal que os terrenos, todos os anos, se encon-



Tratamento de viveiros de árvores de fruto

tram povoados de qualquer cultura cerealifera ou arvense ou de boa forragem, muito embora, êsses terrenos, sejam, em grande parte, povoados por montados de azinho e sóbro. O tratamento dos seus montados, a limpeza dos terrenos, o regimen dos seus gados, etc., tudo é cuidado e de um acêrto dignos de serem imitados e seguidos, por completo,

Agricultores como estes que muito embora possuidores de propriedades de uma certa extensão, conquanto não vão além de umas centenas de hectares, e que delas cuidam com decidida boa vontade e descjosos de obterem o máximo de producio, não reguteando cuidados, canceiras e haveres, são uns verdadeiros patriotas e por isso merecem todo o respeito e auxílio nor parte do Fstado. para que continuando na senda encetada sejam, por assim dizer, os verdadeiros

conscientes fomentadores do progresso agricola do pais.

Como reverso da medalha, vemos, por outro lado, proprietirlos, que sendo usa sutieños milionários, adanotama quási por completo as usas terras, das quais são senhores fendais, como noutras cras, fazendo nelas uma apricada enquesta enfaquada, compraendo-se apense nos estitirem dos grandes extrandes, sem produzirem o que da terra muter se obterá as tivesem desta en esta en entre en entre en entre entr

É desta maneira que nós temos tido casião de verificar, por mais de ums vez, que essas grandes propriedades de uma ferilidade comprovada não produzem metade, no respeitante à cultura cercalifera; os seus monados de azinho no engordam sendo a tirce para de gado suito, pelo estado em que se enconotra o terreno cheio de mato, outro tanto succidendo às pastagems, chegando estas mal para alimentar reduzidos rebanhos de ação ovino e bovilo estas mal para alimentar reduzidos rebanhos de ação ovino e bovilo es-

Factio bl., áinds, que não podemos deixar de inserir que veem corroborar con inconvenientes das contrates porporiedades, ou quais se reforem ao Eaco de un grande nituereo de pequenas propriedades, como seiam horas, quintas e opunares, existiem encarvados nesaes grandes bradades perinenciente aproqueno agricultorea, su quais foram, naturalmentes, pela usura, cair nas mãos do extenhor das terras circumstribanas que ou as a possue, para data esto adjuntamente de constituente d

Estes, bem ao contrário, em paridade com os primeiros que descrevemos, merecem o nosso desprêzo, pelo quanto de anti-patriótico representam.

Nada há que os justifique; todavia, atrevem-se a indicar como causa do seu retraimento e falta de acção, razões estultas e falhas de fundamento.

Pelo respeitante, ainda, à pequena propriedade o contraste é manifesto e digno de nota pela nitidez que encerra.

Se há verdadeiros ossis, no meio da aridez do solo alentejano e das suas essências florestais, onde os seus proprietários têm gasto quantias avultadas, também é certo que outros há inteiramente abandonados, onde se verificam restos de pujantes laranjais e pomares e onde a abundância de água é bem visível, pelos mananciais neles existentes.

Se as primeiras possuem tudo quanto a pomicultura pode dar em qualidade e quantidade, as outras nada prodazem pelo abandômo a que os seus donos as votaram, não tendo em conta o desperdicio désess entomes caudais, que de nada servem e assim se perdem através das valas, algumas vezes abertas pelo seu interior.

Essas quintas, onde se constatam belissimas várzeas, susceptiveis de poderem ser aproveitadas, na cultura forraginosa, tão necessária e indispensável à agricultura alenteinan, uma vez que essas abundantes nascentes fossem utilizadas, como convinha e era natural da parte dos seus proprietários, atestam sómente inciria e desimazello.

É desolador ver a existência dos elementos naturais e por outro lado a inércia, a má vontade e a falta de iniciativa, quando com o desaparecimento destes maus predicados, ainda que por meios violentos, êsses elementos nos dariam o preciso para tudo termos em abundância e em otimas condições.

Talvez a alguns désses proprietários pareça que somos ásperos no modo de apreciar o seu afastamento do bom caminho que deveriam seguir. Menos extensão de propriedade e mais cuidado no seu aproveitamento.

Menos extensão de propriedade e mais cuidado no seu aproveitamento. Creiam que o não somos, porque aquilo que, por várias vezes, temos tido ocasião de constatar está muito além do transparecido neste nosso desabafo.

É apenas uma pálida idéia da realidade.

O desabalo é apenas lilho do desvio ardente que possuimos de vermos a mosa terra progredir e nuez no revrocesso, pois outre colas não é easa forma inexplicável e inituatificavel como se cuidam os patrimodos dos seus e o bem carda do colectividade, que mais also é do que o bem geral do país, para o qual rodos nos temos obrigação de concerrar, com todas as forças de que dispolidade per como de concerrar, com todas as forças de que dispolidade per certo, pelob bese précision com que a fortuna ou o casas os adotos.

Possuam-se grandes propriedades, sim, mas só quando se possam ou queiram acricultar e aproveirar condigna e convenientemente.

A base da estabilidade e riqueza nacionais assenta, na sua maior parte, na lavoura.

Um país composto de grande número de pequenos lavradores é estável, porque cada um déles tem interêsse no bom governo da Nação e está disposto a apoiar as leis e a defender a sua propriedade à custa da vida se tanto fór necessário.

O fim que deverá presidir à mente de todos os reformadores será o de obter o maior número possível de propriedades pequenas de que virão a ser

possuidores os respectivos cultivadores.

possuldores de respectores calitarantes, aportendade ao sul do Teio persente ou regimen de gran personal de propriedade ao sul do Teio persente ao regimen de gran de personal de la companhada da cultura extensiva, em que aporten de gran de la companha de la contra extensiva, em que abad de sujutido de bravos da regisido do nore do continente, para se efectuaren certas práticas com a precisão e raplote indispensáveis; em que acolonizado notas em prática com a precisão e raplote indispensáveis; em que acolonizado notas em prática com asser demenso do norea, aldado une em muito reduzido por la companha de la companha de la companha de la companha de la porta de la companha de la companha de la companha de la porta de la companha de la companha de la porta de la companha de la companha de la porta de la companha de la companha de la porta de la companha de la companha de la la companha de la companha de la la companha de la companha de la companha de la companha de la la companha de la companha de la companha de la la companha de la companha de la companha de la companha de la la companha de la companha de la companha de la companha de la la companha de la compa minero, em demostrado, saticientemene, do quanto necessiria ela 4, pela sua successiria del producto o meio e cima e, principalmene, por principalmene, por resultado sasisliatórios, no respeitante à inhabacia benefica da sua acção agricosa, dentro da principalmente de la producto de la composição de la compos

Que a população do norte do País concorre, no Alentejo, para a efectivação de determinadas práticas agrícolas, é uma verdade bem conhecida de todos, quer êsse concurso diga respeito ao arroteamento dos terrenos, quer nas operações das cellas das grandes searas.

Também é conhecido, em demasia, o ser esta população sóbria, quanto à alimentação e jornal, não se poupando a quaisquer trabalhos, por mais rudes que éles seiam.

Por outro lado, exemplos frisantes nos demonstram de quanto ela é capaz, como o comprova a colonização feita na região de Rio Frio, onde uma grande faixa de terreno bem estéril, foi transformada em centro de enorme produção, pelo regimen de poquena propriedade a que foi submetida.

Se, em algans terrenos alentejanos dos refs distritos em que esta provincia cia dividias, a per promover, por todos os meios, uma eraz colonização, com gense do none e da própria região, estamos convictos que uma importante para da grande propriedade valorizande, catremanente, isamis aquela com la inciria ou o fim propositudade valorizande, catremanente, isamis aquela com la inciria ou o fim propositudad usestam o completo abandon por parte dos escas postulideras, decigando massun, por verza. A destruido das requestas portes esta postulidades, exégundo massun, por verza, distruidado das requestas portes portes dos escas postulidades, decigando esta que no forta de cato, a majortagem para com tiles particulada, polo senhor e domo circunivistado.

Uma das medidas, além de muitas outras, que países bem progressivos ten convertido em lei, a fim de evitar o exodo dos campos, é a do chamado Casal Agricola

∠ Uma lel semelhante, quando devidamente adaptada, deverá encontrar, no noso País, e muito particularmente, no Altenito, uma excelente aplicação, ocasionando, assim, a emigração para esta provincia das grandes massas todos os anos engaladas para as terras de Santa Cruz, odos de Va definharse se morter, teres me mada terem podido concorrer para o bem estar dos seus e do País que lhes foi berco.

— La constancia de la consta

E, hoje, que o espírito aventureiro, em busca das outrora quási certas fortunas, foi, por assim dizer, «chão que deu uvas», mais fácil será essa colonização, com os beirões, ainda que tal não pareca admissível a alguns grandes sociólogos.

Por outro lado, os próprios naturais da nossa provincia encontrarão no Casal Agricola um belo meio de acção de concorrerem para o desenvolvimento agricola do nosso País e ao mesmo tempo para o bem-estar dos que lhe são caros.



Não se trata de uma legislação de classe, por forma a constituir-se um privilégio, beneficiando, apenas, uns, em detrimento de outros, mas sim de uma medida que pode benificiar tanto os pobres, como os remediados e ainda mesmo or ricos, os quais poderão constituir o seu Casal Agricola, uma vez que êle não ultrapasse a cifra permitida na legislação em vigor, tornando-se o Casal Agricola um enorme benefício prestado a qualquer país, onde êle tenha execução, visto abrir a todos os cidadãos uma igual faculdade de defesa do património dos seus

O fim do Casal Agricola visa a proteger a pequena propriedade concernente a bens de raiz, os quais, muitas vezes, foram adquiridos à custa de bastantes sacrifícios e canseiras, vindo, mais tarde, por circunstâncias ponderosas, a cair nas mãos da usura, pela hipoteca, e finalmente, na venda em almoeda,

isto é, a destruição do lar, único esteio da familia constituída.

Como se deduz, na constituíção do Casal Agricola inalienável entra a a cláusula de êle não poder ser arrestado, a fim de a familia poder, sempre e em tôdas as vicissitudes, contar com o património constituído.

c moral e salutar.

Sabe-se, em demasia, quanto de assustador tem a venda anual, em almoeda, a quási todos os países, tem alcançado uma cifra assás elevada, proveniente de penhoras por dividas hipotecárias e de licitações.

A própria lei civil, pois, destrói o fim antevisto pelo pai, o qual, na maioria dos casos, empregou todos os esforços e sacrificios para constituir o património dos seus filhos.

Assim, tendo em vista proteger o interêsse individual de todos os herdeiros, obrigando à formação de lotes de valor igual, vai, muitas vezes, tornar a herança tão diminuta e dispersa, podendo chegar a aniquitá-la e tanto mais quanto mais pequena ela fór.

Eis o que a constituïção evita.

Para a sua formação o beneficiado apenas terá o incómodo de procurar um notário, fazer-lhe conhecer o seu desejo, colocando o seu lar sob o regimen do Casal Agricola.

asse notário procederá às formalidades legais, as quais consistem em lavrar uma acta de constituição, à qual dará publicidade, sendo homologada pelo juiz

de paz e registada na conservatória respectiva.

Feito êsse registo de familia ficará com o seu lar garantido e inviolável. Ficará assim assegurada a conservação da pequena propriedade, a aglotagem nada poderá fazer e a licitação não terá lugar, e, finalmente, os casos apontados, por vezes, contra o parcelamento da Serra de Serpa, charneca de Pavia, etc., nuese mais se renestirão.

A indivisão mantém-se. Todos os herdeiros beneficiam da conservação do lar, ficando a propriedade nas mesmas mãos, pelo menos, temporáriamente, evitando-se, no caso de menores, as despesas de inventário, e ainda, a venda judicial, essegurando-lhes, assim a conservação e a reasmissão herolitária.

Além destas vantagené, a retenção da população ristica é evidente, portue uma vez prioregido o agricultor, para o luturo, cantra advencidade que lhe hejodo bater à porta e contra as imprudências próprias, contando, em todos os casos, com o seu laz, de ondo enlaguém o pode expulsar, o seu estêrço pelo aumento da propriedade e a sua ligação a ela serão bem maiores e máis proficios.

Daqui se deduz a grande acção moral do Casal Agrícola, a união da familia,



PASTOR ALENTEJANO (Lavoura do grande lavrador Dias Descalço)



à qual se prenderão sempre as recordações dos antepassados, os sacrificios realizados e as afeições dispensadas.

Na provincia do Alentejo, principalmente, a instituição do Casal Agrícola não poderá ter, por assim dizer, utilização alguma, desde que se não promova um certo parcelamento da propriedade, que venha permitir a constituição de pequenas propriedades e, conseqüentemente, a conveniência da instituição do

Casal Agricola.

Por outro lado, a colonização não terá lugar na mesma provincia, sem esse parcelamento, uma vez que se sabe serem bem diminutas as prooriedades con-

sideradas médias ou pequenas.

O que se torna, pois, indispensavel, é êsse parcelamento, porquanto, exis-

tem, em grande número, propriedades, atingindo milhares de hectares, sem que estejam sujeitas a uma cultura, senão intensiva, pelo menos com um grau de extensibilidade menor àquêle em que se encontram no momento presente.

Desse parcelamento é que poderá advir a maior produção, quer cerealifera, quer aquela que provenha de tôda e qualquer modalidade da indústria agrária.

Ainda, antes de emitirmos a nossa opinião sobre êste já quási transcendente assunto, por virtude de tanto se ter escrito sobre êle, sem que se tenha conseguido qualquer coisa de titli, seja-nos permitido, desde já, dizermos que aquilo que julgamos adaptável, ainda é bem inferior ao promulgado na Tchecostováquía.

O que féz essa República, que assim se pode chamar, na verdadeira acepção do têrmo?

A sua superfície agrícola, exceptuando as florestas, na totalidade, de 8.650.000 hectares, é hoje distribuída pela seguinte forma:

Que exploração atingiu a reforma agrária, nesse pais?

Os latifundios, ou grandes propriedades, com excepção das florestas, cuja excepção das florestas, cuja extensado, era superior a 1.000 hectares e que constituíam mais de 60% do solo pertencente a essas grandes propriedades. Nessa reforma exceptuam-se, igualmente, as construções de valor histórico e artístico, os grandes parques, etc.

O máximo de terra arável permitida a cada proprietário é de 280 hectares. Esta reforma agrária foi de uma vantagem económica nacional, pois que, graças a ela, a produção animal aumentou, tendo sido a balança comercial ajudada, acusando esta uma diminuição extraordinária, quanto à importação, tornando-se êste facto, numa importância manifesta, norvuanto, a indústria respecnando-se êste facto, numa importância manifesta, norvuanto, a indústria respec-

tiva tem ficado no país.

Por outro lado, a reforma agrária, dêste país, deu lugar ao aumento da população agrícola, a qual no seu conservantismo, constitue a base social da nação.

Referentemente, ao equilíbrio social, ela contribuíu por uma forma initu-

divel, para éle.

Debaixo dêste ponto de vista, a reforma agrária tehecoslováquia revestiu uma importância particular e a sua situação central, no continente, depende da exportação dos seus produtos para o estranceiro.

Preencheu essa reforma a sua missão de consolidação económica e social, e tem facilitado, considerávelmente, a mudança sofrida na estrutura do Estado. E. como?

Porque sóbre determinada superficie, vive, hoje, o dóbro de pessoas activas, em agricultura, em comparação com o existente, anteriormente, na mesma superficie ocupada pelos grandes dominios.

A multiplicação das pequenas e médias explorações, significou um aumento

A multiplicação das pequenas e medias explorações, significou um aumento extraordinário do mercado nacional para o escoamento dos produtos da indústria e das profissões.

Não rendo, porém, pressa em expormos a nosa opinilo, sóbre a maneira práciac, como entendemos uma reforma agrária, para o latifundo la denejano, e para que bem se possa aquilatar do beneficio de tais reformas, ainda que isto peca a vários sociólogos, que penas têm em mira nol descer do seu pedesta de absenteistas intangiveis, vamos emitir a opinilo de um atingido pelas reformas agrárias dos novos países da Europa Central:

«Eu era proprietário de 10,000 hectares de terra arável; terra muito grande para um so individuo, sem dividua, Reduziran-ma 200 hectares e 75/95 foram distribuidos em pequenos lotes a camponeres, Indicar-vos-el as conseqüências mien e para éles. Depois da guerra, Ile esforços para valorizar os meus 250 hectares. Possuía 4 tractores, várias debulhadoras de grande trabalho, celérias, enfim, todos os utentálios necessários e 4,000 bols.

Tive de pedir emprestado para a compra de tudo isto. Todos os anos exportava um certo número de vagons de trigo de boa qualidade. Desde a reforma, as minhas ferramentas tornaram-se inúteis. Não conservei senão um tractor, uma celifeira e uma debulhadora. O resto não podendo servir a pecuenos proprietários foi para os ferros velhos.

a pequenos proprietarios toi para os terros velhos.

Dos 4.000 bois, a maior parte foram para o matadouro, tendo sido liquidados por baixo neco, uma vez que os não podia alimentar

Ouanto à indemnização que me concedia a lei, em consequência da baixa



Prepareção de terra e alinhamento para planteção de vinha

de cámbio e de tôda a espécie de complicações, equivaleu a 5% do valor da minha propriedade.

Enfim, fui arruïnado na proporção de 95%.

Quanto aos camponeses, bruscamente, tornados proprietários não possuiam fundos para fazer valer 5 ou 10 hectares. Submeteram-os a pastagens, em grande parte, para alimentar uma vaca e carneiros. Produziram batatas, para éles e para os porcos, e, em trigo, reduziram as sementeiras ao necessário para si e naza os seus.

Mas condeno, eu, a reforma?

Por forma alguma. Ela era necessária, mas exigia demoras, medidas preparatórias. Infelizmente, não se podía esperar: o bolebensimo estava às nossas portus, na Rússia, na Hingria; manifestava-se entre nós, na Bessurabia, por exemplo; a miseria era grande. Era necessário dizer ao povo: initil fazer correr sangue para tomar a tera, nós vamos dar-ha.

Com as medidas tomadas pelo Govérno a situação da crise económica desencadeada pela reforma, melhora-se. Criaram-se cooperativas, simileatos, um banco agricola, os camponeses vão obte sementes convenientes, adubos químicos, instrumentos, como debulhadoras, crivos, perteneentes à cooperativa. Organizar-se-do, para a venda dos seus produtos.

Em alguns anos a terra dará mais do que nunca.

Depois, as vítimas, os grandes proprietários, expropriados, é bom dizer-se que não eram mais do que 2.000 ou 3.000».

Ora, isto aconteceu na România.

Na Tehecoslováquia não sucedeu outro tanto, apesar de que o proprietário romeno atingido, não se dá por infeliz, como acabamos de ver.

O que pensámos, como viável, prevê todos os inconvenientes apontados, àlém de não ser do radicalismo que se assemelhe, sequer, ao passado, em qualquer de outros países.

O que é necessário e indispensável, segundo o nosso critério, é caminharmos ao encontro de certas ideologias que são hoje como que o morbus de um mal-estar futuro, se não procedermos, como na região dos Carpatos, na qual a major parte dos grandes proprietários não residiam nas suas terras.

Com a divisão dos grandes domínios, evitou-se o perigo comunista de ao pé da porta, evitando-se, assim, maiores mates sociais.

A pratiabilidade da reforma agrária que concebemos, seria, como segue, milhas gerais. Todos os proprietarios de terra artese, (excepuandos-se sempre os terranos de montados, sontos, pinhais o olivais, devidamente constitucidos), em extendo de mil Or mais bacterae, adaptiveis a cultura certalidado, seriam cobrigados a dividentes esternos, em gletos, na protecto de constitucidos de constituidos de constitucidos d

Por cada 500 hectares, àlém dos 1.000, que o proprietário possuísse, seria obrigado a dividir 100 hectares.

A aquisição da gleba só seria permitida a indivíduos que não possuissem propriedades rústicas de valor superior a 1.000800, tendo sempre preferência os cidadãos que vivessem na frequestia a que a propriedade pertencesse, Todo o individuo que obtivesse a gleba seria obrigado à instituição do Casal Agricola.

No caso de no concelho a que pertencesse a propriedade ou propriedades parceladas não existir Sindicatos e Caixa de Crédito Agricola Mútuo, os requerentes ao parcelamento, em número que não poderia ser inferior a vinte, ficariam obrigados a constituirem essa associação, antes de efectuado o narcelamento.



Sementeiras de beterrava

A cedência das parcelas teria lugar, pelo valor que se obtivesse da multiplicação de vinte anuidades pelo rendimento colectável inscrito, na respectiva matriz predial.

matriz predial.

As glebas, compradas, nestes termos, seriam isentas de contribuição de registo, por título oneroso, ficando, igualmente, isentos de sêto e quaisquer emolumentos e salários, as escrituras ou títulos de venda, sendo estes feitos nos termos em que se efectuam os das Calvas de Crédito Agricola Mútuo.

nos termos em que se efectuam os das Caixas de Crédito Agricola Mútto.

As compras das parcelas seriam obrigadas ao registo predial respectivo.

No caso de o novo proprietário aho possuir o capital necessário para a
compra da gleba, podería recorrer à Caixa de Crédito Azricola Mútto, id exis-

tente ou instituída antes do parcelamento, nos termos da legislação do Crédito Agrícola, devendo êsses empréstimos ter a duração de 15 anos.

Na constituição do Casal Agricola ter-se-la em vista que o proprietário sería obrigado a construir a parte urbana, num período de tempo não superior a 3 anos, podendo, ainda, para êsse film, recorrer ao Crédito Agricola.

a 3 años, podendo, amusa, para esse rim, recorrer ao Cretivo Agrisona, por cada dois filhos de qualquer sexo poderia o Casal Agricola ser aumentado no seu valor, em proporção igual ao valor da instituição, não podendo, nunca, uma familia possuir mais do que um Casal Agricola.

O Casal Agricola seria obrigado a estar sempre seguro, antes da constituição. Aí fica exposto nas suas linhas gerais, o que pensamos sôbre o assunto.

II - O inquilinato agrícola

O regime de arrendamento da propriedade rústica, nesta região, realiza-se por três formas: scareiros, lavoura ao quarto e arrendamento a longo e curto pezzo.

A primeira destas formas de arrendamento tem lugar quando se trata de terrenos por arrotear ou sujeitos a um longo pousio, devido ao sistema latifundiário ainda existence, no Alensies.

Regra geral, o seareiro procede ao arranque do mato, isto é, faz o desbravamento, alqueiva, atalha e semeia trigo, a seguir, aplicando qualquer adubaçõo, algumas vezes. No ano seguine, semeia aveia. Depois, entrega a terra ao proprietário, que passa a cultivá-la, de sua conta, mediante o intervalo de alguns anos de descansos (3 a 6).

anos de descanso (5 a 6).

A lavoura ao quarto, realiza-se cedendo o proprietário ou o rendeiro terra
a um segundo (singeleiro), que a cultiva, dando ao primeiro o quarto da cul-

tura, em grão.

Muitas vezes, o proprietário adopta, como sistema a seguir na exploração das suas propriedades, no referente a cultura cerculifera, o processo de quario; outras vezes, porém, apenas dá para serem cultivados, por essa forma, aqueles

outras vezes, porem, apenas da para serem cultivados, por essa forma, aquêles tratos de terra que considera como piores, na sua exploração. A entidade rendeiro só faz uso dêste sistema quando se trata de terrenos

de má qualidade para a cultura cerealifera, terrenos que necessitam de uma certa limpeza de plantas espontâneas, consideradas péssimas, como pastagem (sargaço, estêva, piorno, rosela, etc.).

O arrendamento propriamente dito faz-se, desde épocas bem remotas a longo prazo e, ultimamente, a longo e a curto prazo.

Ainda, como modalidade, notava-se o arrendamento, na totalidade ou par-

cialmente. Em época, anterior à Grande Guerra, o arrendamento, quási na sua totali-

dade, fazia-se a longo prazo,

A forma de arrendamento consistia na cedência de todo o prédio, arrecadando o rendeiro todos os produtos (arrendamento conhecido por, com corticas), ou arrecadava os produtos dos cereais cultivados ou quaisquer outros, explorava as pastagens e os frutos dos montados de azinho e sóbro (montanheira), excluindo-se do arrendamento a produção de cortiça, a qual era pertenca do senhorio.

Fotos arrendamentos, tanto num caso, como noutro, eram feitos nor períodos de 9 a 10 anos.

Dentre as cláusulas que, geralmente, figuram, nesses contratos de arrendamento, poderemos citar as seguintes: a) Renda paga em dinheiro, em duas prestações semestrais, e adiantada-

mente: h) Renda paga, em parte, em géneros (pitancas), constituida pela entrega de porcos, borregos, lenha, perus, galinhas, tudo pago, em casa do senhorio. nas épocas próprias :

c) As pitanças podem ser substituídas por dinheiro, calculadas pelo preço

corrente, na época do pagamento;

d) Tôdas as contribuições gerais, distritais, municipais e paroquais ou quaisquer outras que incidam sôbre o prédio arrendado, durante o prazo do contrato serão pagas pelo rendeiro, à sua custa, devendo apresentar ao senhorio, na ocasião do pagamento da renda, os conhecimentos comprovativos de tal pagamento; e) Para as obras, consertos ou reparos nos montes (parte urbana), o ren-

deiro fornecerá o transporte de materiais e dará cama e comida aos operários; f O rendeiro fará a arranca, desbaste e cortes precisos para cultivar os terrenos e facilitar o desenvolvimento do arvoredo, devendo prevenir o senhorio com 8 dias de antecipação para poder assistir e indicar, querendo, aonde e

como hão-de ser feitos os desbastes ;

g) O mato e madeira própria para lenha, provenientes da limpeza, pertencem ao rendeiro; a madeira dos desbastes ou o seu rendimento será dividido, por igual, entre o senhorio e o rendeiro, a cargo dos quais fica, igualmente, a despesa com todos os serviços até à venda, (esta cláusula só é usada nos arrendamentos em que entra a cortica; no caso do arrendamento ser feito não entrando a cortica o desbaste é sempre executado pelo proprietário, sendo as despesas e os lucros pertença sua);

h) O senhorio será avisado da época em que comece a tiragem da cortica. a-fim-de poder fiscalizar a maneira como ela se procede, evitando qualquer dano ou prejuizo;

i) O rendeiro diligenciará fazer progredir os chaparros que existirem e nascerem, limpando-os, convenientemente, e extraindo-lhes a cortica virgem;

ii As folhas em que a propriedade for dividida serão cultivadas, seguidamente, e não sobressaltadas, procedendo nessa ocasião aos desbastes de harmonia com o senhorio, devendo ter sempre em atenção não cortar pernada real ou parte que prejudique as árvores, e, bem assim, fazer a queima do mato, por forma que não prejudique o arvoredo, aliás, indemnizará o senhorio dos prejuizos que causar, e se esta forma de queima não convier, mais tarde, ao senhorio, será o rendeiro obrigado a fazer a queima, em covatos;

b) Por qualquer árvore ou pernada real que seja cortada, nos desbastes ou na limpeza, sem exame e consentimento do senhorio, o rendeiro pagará 12800.

(em 1906), por cada árvore e 6800, por cada pernada real; D No fim do arrendamento o rendeiro deixará uma fôlha alqueivada, pelo

menos: m) O rendeiro responderá por qualquer prejuizo causado por si ou pelos seus servicais ou ocasionado por negligência ou falta de precauções, que é obri-

gado a ter para o resguardo e conservação do prédio; n) à saida do prédio não será indemnizado o rendeiro, pelas bemfeitorias, por-

-que as que houver feito, sem consentimento expresso do senhorio, serão consideradas como obrigatórias, em benefício da propriedade e não sujeitas a compensação; o) Faltando o rendeiro a qualquer das condições expressas, poderá o senhorio despedi-lo e passar o arrendamento a outra pessoa, sem direito a qualquer

indemnização para o primeiro:

p) O arrendamento não poderá ser sublocado, sem licença expressa do senhorio.

Isto pelo que respeita à grande propriedade (herdades).

Reportando-nos às chamadas quintas, o arrendamento nunca vai além do periodo de 6 anos, variando entre 3 e 6; e as suas cláusulas eram e são, pouco mais ou menos, baseadas nos mesmos pontos de vista, que acabamos de enumerar para a grande propriedade, quanto a pagamento da renda -- em moeda e géneros (pitancas) - desbastes, limpeza, obras na parte urbana, sublocação, etc.

Hoje, o arrendamento de prédios rústicos, quer sejam de montado, quer, apenas, terrenos de semear, quási nunca é feito a longo prazo e entrando o produto cortica.

Ultimamente, tem-se abusado, extraordináriamente, dos arrendamentos a curto prazo, e, assim, é muito raro irem além de 4 anos, cherando mesmo a ser anuais.

A renda é quási sempre computada em géneros (trigo), dando-se o facto interessante de, muitas vezes, a proprieade ser, na sua totalidade, constituída por monatolos de sóbro e azinho. E, então, a proprieadea errenda-se em tantos moios de trigo^{*}, entrando, aínda, regra geral, o pagamento das contribuições que incidirem sobre a propriedade.

¿Como tem lugar a iniciação do contrato de arrendamento?



Aviário e Pombal

Publicam-se aníncios nos jornais da localidade mais próxima, convidando si interesados a presentar proposas, en caras fechada, aió día, ..., sóbre o quantitativo que oferceam. O proprietário reserva o direito de não entregar, pela maior proposta, caso não the conventa, huilais vezes, depois da abertura a das propostas, o proprietário convida os proponentes a uma licitação, a-lim-de obres sinda, mais elevada reade.

Não deixa de ser curioso verificar, pelas declarações ouvidas da parte dos concorrentes, que as rendas por que foram tomadas as propriedades são superiores às quantias já consideradas, pelos próprios, como, extremamente, exageradas e incomportáveis, para darem margem a quaisque lucros. Podendo-se alirmar que o grande propriecirio não treplas em compar mais propriedade limitrole, uma vez posta à venda, enhora não lique com o capital necessário e indispensivel para a exploração das já consideradas sus pertrace, a est mesmo mediane a hajoração clasies e das que via compar, quello médico, a servecentar nos junos fabelloses (10, 20 e 20%), provenientes das hipotecas realizadas, into é, a lafencia completa da terra, pode abandion a que licia solvida destro de pouco tempo, outro tanto acontece, com o grande rendró que, não tendo a mais pequem puere da sesso comme, val tomar costal de maior a cuestida com comparto da terra, por capital de maior a cuestida de maior a

Assim como o grande proprietário sente a febre de chamar seu a tudo quanto é possível alcançar a sua vista, do alto de um monte, o rendeiro vangloria-se de que digam que êle tomou conta «de mais esta ou aquela pro-

Este descalabro tem alcançado o auge, na provincia alentejana, derivando dele as consequências inevitáveis, como passamos a expôr.

Quanto ao proprietário, possuídor já de enormes tratos de terreno, para o qual não possue o numerário necessário a uma agricultura usual, quanto mais progressiva, uma vez enveredado pelo caminho da aquisição de propriedades circunvizinhas, tem de recorrer ao crédito, para a realização dessa compra.

Para isso — quantas vezes essa péssima orientação não dá a isso lugar trata de levantar capitais, hipotecando as propriedades já sua pertença, resultando de tal operação um encargo superior, pelos juros e anuidades a pagar

em todos os anos.

E, como o numerário para agricultar as primeiras não existis, pasas a não existis para s, novamente, compaçado, com a agravante de as últimas continuarum sujelias ao abandôno, por essa carôncia de capital explorador, sendo as primeiras que valo fornecendo os quantitátivos para o pagamento dos eneargos iomados, tornando-se, muitas vezes, a sua exploração aínda mais deficiente, por valo da artivada — tiria deuja por por afem — que pasa a tero pro-prietário.

pela vida atribulada — tira daqui para pôr além — que passa a ter o pro-prietário.

Resulta pois, e unicamente, o abandono das propriedades, um quási mero
sistema pastorial e a sua exploração precária, debaixo de todos os pontos de
vista. quanto às propriedades, anteriormente, na posse do respectivo dono,

Encarado o problema pelo respeitante à entidade «rendeiro», o descalabro ainda é mais digno de nota.

Começou ête a revelar-se, em 1926, mercê do primeiro mau ano agrícola cerealifero.

Esse desastre era de prever, quando um mau ano sucedesse.



O cavador alentejano desbravando a terra que nos dá o pão de cada dia

A pequena e a média layoura lançada na péssima orientação de aumentarem, constantemente, a área a semear, embora, mediante rendas incomportáveis e e carecedora de capitais, não os pôde alcançar a juro compatível com os réditos da indústria agrária. Começou a procurá-los, por tôda a parte.

A ganância sempre à espreita daquêles que lhe podem cair nas garras, ofe-

recia-lhos, por juros fabulosos.

Os bons anos agrícolas tudo iam suprindo, bem ou mal, mas a vida

desafogada estava muito longe de ser alcançada. Era, verdadeiramente, o «tapar buracos». Por consequência, a catástrofe estava sempre eminente. Veio um mai una exprícola. El la a porta désess obreiros da terra, que outra

veto um mau ano agricola. El-la a porta desses obretros da terra, que outra teria sido a sua sorte se tivessem tido orientação diversa — a de bem agricultar rem as áreas já confiadas à sua exploração.

Seguindo êsse caminho tortusos, de muito querer, sem os meios indispensáveis, viram-se na desdita de caírem na usura praisienda por maus patriotas, chegando-se a formar verdaderios sindicatos, desgraçando êsses trabalhadores da terra que, no momento actual, se encontram na completa ruina, pelo infruirfero que se tornou o seu trabalho seá os nao agrícola que linalízou, o que só a

óptima colheita cercalifera os poderá salvar da perfeita ruína. Sob o aspecto da exploração de tôda e qualquer propriedade dever ser realizada nelo seu dono, diremos que ela se impô-

O aproveiamento de todos os sus terrenos, a excelha das culturas a introduzir na sua exploração, a fera solmerida, em cada ano, a cultura a tentroduzir na sua exploração, a fera solmerida, em cada ano, à cultura cerealitera, a a boa e cabal conservação da sua parte urbana, a valorização dos terrenos que constituem a porpriedade, pela semeneira e plantação de culturas, que contrituam para o aumento do seu valor fundiário, etc., não se podem esperar da emidade exploradora — o rendeira.

E, estes inconvenientes muiro mais são de verificar, quando os arrendamenos são pensa de 3, 2 e 1 anos, como acontes, midiadamente, resultando que a individualidade erendeiro, bem longe de manero as terrenos e, enfin. Osta a propriedade de que he este contida a nau explenção, em estado de 10 d

Pelo que respeita a bemfeliorias, que representem aumento de capital fundiário, nenhumas são as realizadas; e, digâmos, com consciência, não são elas de admitir, nem se tornam possíveis, em arrendamentos de 3.2 e 1 anos.

O arrendamento das grandes propriedades era e ainda é sistema usado pelos antigos fidalgos e seus sucessores (Casa Cadaval, Casa de Bragança, Monfa-



A porte principal da Sé de Evore

lin, Fonativa, Rio Maior, etc.), pelos capitalistas que, vivendo, desde o bêrço, nos grandes ectores, on tentam cultar, directamente, dos seus semborios, pelos burgasers e argentários, e ainda, infelizmente, por maitos proprietários que, tendo sido lavarores, unbora medicores, quanto no aproveriamento dos seus grandes donánios, sob pretexos fieisfs, passaram a pratiera o urbanismo rivendo hoje, nos grandes ectros, onde, sãe, se entrasam industrias imonagéros, bara-queiros, ect.), transformando o lecro da terra, proveniente dêsses arrendamentos, em capitals desses un pressa industrials e basecificas.

Algumas vezes, porém, o arrendamento tem lugar por força de circunstiacias plassiveis, los ci, quando o dono, sendo um pequeno proprietario, nho tem capital saficiente, em numerário, que possa fazer face à exploração agricola a estabelecer. Neste escas, regra genia, arrenda, entrando todos os elementos de exploração (com cortica). O arrendamento, essete caso especial, faze-se a longor resse período de tumo.

O urbanismo prásticado por todos aquelles a que acabámos de nos relevir, prejudies an los o o deservolvimento agrário do Pals, mas sinda os interesses directos dos detentores da propriedade, os quais, abandonando os campos, node, uma grando nimero de casos, forma criados e onde a sau vida poda ser feliz e fidente, rocam de memerara pela vida sedentiria e corrupta das ciadose, e rabalhadores. Los comos deservolves de caso de caso de como de caso de como e trabalhadores comando-se dignos dequel beme-atra que podiam fruir, no seu e trabalhadores.

antigo habitat, e sendo titeis ao bem da comunidade.

E, nos grandores centres, que desse antigos barvadores, uma vez abandonada a exploração, vão dissipar, numa opulência manifesta, os proventos necessários de indispendaveis de continuedo progressiva da sua exploraçõo agricolo, e, aínda, a parte capitalizada, em desproveito próprio e do incremento que poderia e deveria ter a luvour da sua regira.

Se compararmos, num grande número de propriedades, a maneira como

outror os seus donos cuidavam de as agricultar convenientemente, opos em que os lavradores sos dapraciem asse sidiades em dias festivos, on quando a sus presença, em leiras ou mercados, se tornava indispensável, para a bos realizados este seguidos, a diferença de extraordinária, hole, que as mesmas propriedades foram submetidas à acção nefasta dos rendeiros, mediante arrendamento a curto practica.

Bastas vezes, o urbanismo é praticado sob o pretexto da necessidade de ministrar educação condigna aos filhos, praticando-se a má orientação de os enveredar por caminhos escolares bem pouco adantíveis à sua situação anterior

e às suas vocações naturais.

Quantas vezes tal orientação conduz a fazer dos filhos mediocres literatos, com o curso dos líceus, ou bachareis, com os cursos de médio ou de advogado, — a aspiração do dr. — tudo, menos a profissão a que os país se dedicaram e nela encontraram os meios de vida e a origem da constituição da fortuna própria.

E, deveras interessante é que, raramente, aquéle que, sendo filho de agricultor, uma vez feito médico ou advogado e volvido à terra pátria, deixa de tornar-se lavrador, sem os conhecimentos científicos, nem os práticos, para que o urbanismo, pratitado pelos pais, concorreu. Isto é, volveu à prática agrícola em piores condições que os seus ascendentes, servindo, muitas vezes, de motejo aos operários agricolas da sua lavoura, pela falta dos conhecimentos mais vulgares da vida aerária.

Els, pois, no que tem resultado ésse canero da agricultura alentejana, pósto em prática pelos país; descalabro nas suas economias, tantas vezes adquiridas com enormes canseiras e sacrifícios da própria vida; a falta de assiduídade aos trabalhos da sua lavoura; e a carência, nor pare dos filhos dos comberimen.



Tôrre das Couraças, em Estremoz

tos práticos, para poderem, mais tarde, continuarem a direcção da casa paterna

com proficiência e resultados práticos e económicos.

Para que se possa lazer melhor e más convincente ideia do que resulta dêses descalabro, não podemos deixar de aqui consignar o exposto por um sindicato agrícola, sóbre uma das causas da actual crise e maneira de a

*As causas são diferentes... e o egoismo de proprietários que, vivendo na abastança, obstinadamente, se recusaram a empregar braços nas suas propriedades mantendo-se hum estado simplesmente vergonhoso. Medidas para atenuar êste mai... o lançamento de um imposso extraordinário aos proprietários a que venho de referireme, isto é, aos que mantem as propriedades no estado.

de quási incompleta cultura e que nelas não emprega a classe rural ou então a promulgação de um diploma legislativo que faculte às autoridades distribuir o número de trabalhadores de harmonia com a respectiva área dos seus prédiosa

O concelho a que se refere esta transcrição é um daquêles em que mais se manifesta o urbanismo dos grandes proprietários

III - O problema dos salários

O problema do salário do trabalhador em Portugal abarca, pela sua acuidade e nas suas repercussões, os sectores vitais da sociedade. Paga o salário o trabalho e provê ao sustento da família do operário, mas a sua fixação há-de corresponder à justa remuneração do esfôrço do trabalhador, há-de também caber no rendimento útil da indústria, do comércio ou da emprêsa agricola, O salário é, por definição, a parte do trabalhador na repartição do produto duma emprêsa económica, e quer nominal, isto é, como quantidade de dinheiro que o operário recebe por preço do seu trabalho, quer real, isto é, representando a quantidade de objectos úteis que o operário pode adquirir em troca do seu salário nominal, êle terá sempre de ser computado em proporção tal que, satisfazendo o conjunto das necessidades do trabalhador. The permita realizar o seu standarf of life ou seia a média normal da sua vida como individuo e como chefe de familia.

Confunde-se erròneamente o salário corrente com o justo. Assim fazem o egoismo de uns ou as carências de outros. No entanto, grande diferenca vai entre o que comumente se paga numa região industrial ou agricola e aquêle que com exactidão corresponde ao valor do trabalho que remunera e aos dos sacrificios que o operário suporte. Afastada a tenebrova lei de bronze segundo a qual o trabalho é como a mercadoria, dependente da oferta e da procura, e o salário é função da concorrência, já não é admissível esperar senão a única regra sólida de justica e a que manda considerar na fixação do salário a subsistência do operário e sua familia (origem do salário mínimo), a situação da emprêsa e as exigencias do bem comum

Ora, entre estas últimas, conta-se, não só a de que os trabalhadores, cobertas as despesas indispensáveis, possam arrecadar seus pecillos embora modestos, mas ainda a de que - para empregarmos o dizer do autorizado economista -



Dr. Jaime Leal





haja uma suficiente possibilidade de trabalho para todos os membros da sociedade e que a esta sejam poupadas as chayas dolorosas do desemprévo. Acrescentemos a estes dois objectivos uma relação razoável entre as dife-

rentes categorias de salários, visto que, por exemplo, não pode haver prosperidade quando ao lado de operários industriais bem remunerados há trabalhadores agricolas insuficientemente retribuídos, e teremos ante os olhos o plano geral e as finalidades dominantes duma política de salários.

A enunciação, mesmo sintética, dêstes princípios é indispensável quando

tem de abordar-se, como agora fazemos, um problema complexo como é o do trabalho rural numa das provincias mais ricas e importantes do país, para o referir mais concretamente aos dois distritos a cujas actividades esta parte de tão valiosa obra é dedicada, para que do seu exame resulte uma perfeita discidação.

O relatério que deve capitular-se de notável, a um inquérito às causas de desemptégo e à soundicés dos assaturations uranis, publicado no Boletim do Comissariado do Desemptégo do primeiro trimestre de 1988, fornece sóbre a vivida do trabalhador rural portugoles dementos preclosos. De mapos al jupilicados conculea-se que os salários mais baixos da classe rural se observam nos distritos de maior demásidade populacional, de maior fragamentação do solo, de culturas predominantes de milho, vinho e centrio, e onde se laz menor empégo de adubes — e por sa vez observame salários mais altinos nos distritos onde a destinada da população é menor, menor a repartição da propriedad rástics, mais predominantes a cultura do tirgo, do active a cricina do estaço.

Maior interesse oferece, porém, a vida do trabalhador à luz do mesmo inquérito, pois nela rebate o regime do salário rural. Ora, verifica-se que o salário médio que para os artifices e operários é em Portugal de 10860, é para os grurais de 6840.

Cingindo mais de perto a análise dos dois distritos que nos ocupam, de Portalegre e Evora, registámos as seguintes observações que, reportadas a 1938, não carceem no entanto de sensíveis rectificações.

In Portsigere, o salário médio dos mrisis era de 7a25. O número de freguesias om desemplégo permanete era de dez; de 7 0.0 da que o soriam periódico; de 4 as que o não inhama. Em Évora, o salário médio dos trusis era de 7870. O desemplégo permanente inágia 3 freguesias, portódico 54, e 11 eram as que o não acusavam. Elementos colhidos in loco dide-nos que o trabaludor rural alestriesto, de ambos os sexos, gamba respectivamente: — os homess 7900, as multirera 3300. A situação actima indicada pelo inqueririo nalo foga portanto à acustadidac, conquantor deva registraves que ha proprietidorio que têm excepções por generosidade e situ compressão do dever, que vai até a a posto de diemn trabalho quando o desemptêço, por crônimaçe, difigura e r

Notemos agora a capacidade do salário rural em relação com as necessidades normais duma familia.

A êste respeito o mesmo inquérito apresenta-nos conclusões terminantes. O rural português tem um período anual médio de ocupação de trabalho de 200 dias, «Disto resulta, mesmo para os trabalhadores que habitualmente têm ocupação, um período de inactividade de 150 dias o que equivale a dizer, postos de parte 60 dias de repouso (domingos e dias santos), que 90 dias, ou seja a quarta parte do ano, escapam absolutamente à sua acção e perdem-se para a sua economia».

E seguidamente:

«Se o salário deve corresponder a um nivel de existência compativel com as necessidades normais duma familia, permitindo-lhe viver digna e livremente, e, de facto, deve haver um minimo abaixo do qual o salário não pode e não deve descer, então nós em Portugal estamos muito longe de conseguir êste nivel».

Para uma familia de cinco pessoas o Inquérito apurou um orçamento restricio de 3,14780 e para conseguir éste montante de receita com que faça frente só a uma alimentação escesas e o vestuário mesos que modesfo, concluis-seque o rural deverá ter trabalho todo o ano — m 300 dias úteis — com um salário médio de 1098 por dis, ou 200 dias de trabalho com um salário de 15850 diários.

Mas se o déficit, ou antes a privação assim ressalta, aet do mínimo de necessidades, para o trabalhador rural, no que respeita ao alentiano, informacões actuais põem o problema com mais viva agudeza. E que há indimersa familias de trabalhadores rurais que vivem apenas do salário do chefe –7800. E então aquête déficit surge diante e muito maior, o assa a ser verdade.

candentissima que o traral não tira do seu trabalho mais do que 80 por cento do que lhe seria necessário o modestissimo e limpo viver, e que esta situação se torna afflitiva quando o desemprêgo permanentemente ou periódico, atra para a inactividade forçada os braços dos trabalhadores da terra. Criso periodica a denominam alguns, e curte estes os ar, dr. Hodilio Fer-

Crise periodica a denominam alguns, e entre estes o sr. dr. Hipólito Fernandes, governador civil de Evora numa entrevista que concedeu ao «Comércio do Pôrto» e na qual assim expôs a sua opinião: «Várias são as causas a que pode atribuir-se a crise periódica do desem-

prégo entre os rurais. Dentro do actual regime de culturas e crisção de apolos, chocas há, darante o ano, em que pelas circunstancias expecisia en exploração agrícola da região, estão paralizados os serviços nos quais se empregam normalmente os jornaleiros, o que ado quere dizer, veidentemente, que dies não possam ser utilizados em trabalhos que beneficiem a propriedade e contribuam para a valorizar.

A utilização da máquina, o aumento progressivo do indice demográfico, a imposibilidade da deslocação hemporária das massas rurais para Espanha, nos concelhos frontieritos, e ainda, certas modificações locais na fisionomia agrária, como por exemplo, as motivadas pela extincejo das vinhas, vieram dar maior relêvo ao problema a que, devemos frizá-lo, a nossa sensibilidade social de homens do Estado Novo, é também mais recebia.

«Mas, em certa medida, a causa da sua agudeza presente reside na transformação operada durante as últimas décadas na vida da lavoura alenteiana». Mas, focando um outro aspecto, disse o mesmo magistrado, aproximando-se

mais da questão essencial:

expressão alentejana».

Grande nimero de proprietarios tomos o rumo das cidades e, aquelles emenos que se conservaram à frence das suas causa gentolas, substituiram como os rendeiros o tinham feito, por assalariados ventuais, os severentuários permanenes que, antigumente, viviamo soo a seus tetos e distrituvam una protecção que se alargava à familia, ail dentro também instatidad. Numa polavar: perdeseva também porte de productiva de la productiva de la constituira de la constituira

Dávida não há sôbre a periodicidade de uma parte do desemprêgo rural alentejano, a cujas proporções já atrás nos referimos, baseados no inquérito do Comissariado do Desemprêgo. Mas o problema do salário justo, que anda adstricto ao da valorização da economia agricola, não fica só por isso esclarecido.

Também o lúcido relatório que introduziu o Decreto n.º 28.897 de 4 de Agósto de 1938, explana e descreve a crise da falta de trabalho, nas seguintes considerações que convém transcrever:

«Um certas regiões agrícolas do país, especialmente no Alentejo, as liutuaces de amplitude muito variável a que está sujeito o movimento das fainas agrícolas tornam caracteristicamente instáveis as condições do trabalho rural, determinando as crises de trabalho intermitentes, quási periódicas, que em todos os tempos se tem verificado nauculas regiões.

de um mal endémico, que provém do prôprio sistema de economia agrícola ali existente.

«Com efeito, nessas regiões essencialmente cerealiferas ou de cultura pouco

diferenciada alternam-se os períodos de trabalho agrícola intenso, em que tóda a mão de obra local e até a de outros pontos do País encontra fácil utilização são as épocas dos alqueives esementeiras, ceifas e debulhas — com os de forte depressão nas fainas agrícolas, em que o trabalho nos campos rarela, quási

desaparece, pondo em crise alguns milhares de rurais.

-Teste descogilibrio mais ou menos acontundo, mas de carácter peramente, em sido compensado, quanto possíve, no decorrer dos anos, com a enigración em sido compensado, quanto possíve, no decorrer dos anos, com a enigración temporária para Espanha de uma massa importante de trabalhadores arrustis, que il de conseguiamo comistirio, merce da qualidade do seu trabalho e cobriedade do seu passado, as reservas com que se defendiam sos mass dias; com a abertura de trabalho públicos extraordinários pob Estado; com a realização do côma de trabalho públicos extraordinários pob Estado; com a realização do côma porticular requiramente de compensador de compensado, a realização do como professio aconte de compensador de compensad



Na vastidão imensa da seara, um lindo sorriso da mulher do campo

•Mas estes meios tradicionais de compensação não constituem um elemento regulador que ofereça as necessárias condições de segurança e estabilidade. ¿E certamente na transformação das condições da produção que há-de resultar da política de hidráulica agrícola em que o Govérno está empenhado, con«Todavia tal não sucedeu, nem infelizmente podia suceder — as crises rurais reaparecem todos os anos e com tendência para se agravarem logo que amortece a acedo de um ou outro dos seus elementos mais importantes.

É o que mais uma vez começa a verificar-se.

«A suspensão da emigração temporária dos rurais do Alentejo para Espanha, resultante, em grande parte, dos acontecimentos que alí se desenrolam, coincidindo com as fracas colheitas dêste ano e do ano passado, trazem-nos já os primeiros sintomas da crise rural de certa agudeza que se avizinha».

Como operou o Estado contra esta crise? O decreto-lei aria citado, cuja introdução asabimos de reproduzir, vivao a virar, pola aplicação dama verba de 10 mil centora à intensificação dos trabalhos de estradas no Alenteio, atri-buida à linna Androma das Estradas, obras públicas onde e empregasemo desempregados rurais. A 13 de Agosto umbiem dequele ano, um novo diploma. 77.2.59.14, permiti que nos conceñtos das freguesias nodes e verifuquem crises e 20, precedendo ediliberação dos propelerários de conceito on da freguesia e 20, precedendo ediliberação dos propelerários do conceito on da freguesia e 20, precedendo ediliberação dos propelerários do conceito on da freguesia e conceito on da freguesia e conceito on da freguesia e conceito de conc

Neste regime, valia-se também ao desemprêgo rural, mas no Alentejo, dadas as condições especiais e periódicas em que a crise surge, a solução sim-

ples da derrama exigia a intervenção de outros factores,

Fazia o legislador plens juntes ao proprietário alentiano e tóda mercez: «Quando escasacia o trabalio nos campos não é aros muitos trabalhadores desocupados serem retirados do desemprêgo por generosidade de alguas productores agrícolas das regiões attingidas, para serviços por aquelles improvitados em suas propriedades. A êste capítito de solidariedade e cooperação, tradicional nos micios ráticos, se deve a deministició do desemprêgo prácilos, se deve a deministició do desemprêgo prácilos. O decreto visava a estimular estas iniciativas, e é verdade que alguns resul-

rados benéficos advieram da sua anlicação

En ése, porém, um aspecto parcelar do problema, No quadro do salário agrícola que delcámios exposíos, (locu acetusado o descujilibrio material entre a paga do trabalho e a subsistência familiar, Desta manefra, se por meio da derrama se salánva ao desemplêgo, não menos cere ora que aquelle desequilibrio permanecia, e, doutra parte, a periodicidade das crises tornavam episódico o remedio adoptado.

Ora, actias condiciose, terán o problema de ser visto e caferensido par uma cação mais permaente, e isto nato mais institlicadamente quanto —aphretudo depois da ampliação de modalidades que em muitos casos, letizmente, for feit ans suas funcêos—havia e hão so organismos proprios para constituirem os meios de acedo e as garantias de um regime de trabalho com rimo de conficinadade, duento do condicionatismo da finas agricolas. Reterimo-nos a Casas

Delas se valera já o Estado numa iniciativa de assistência eficaz e de alto significado social e moral junto das classes trabalhadoras.

E interessante conhecer quantas Casas do Povo existem à data a que escrevemos, nos três distritos do Alentejo:

No distrito de Beja (existentes 40, em constituïção		4
No distrito de Evora (existentes 29)		2
No distrito de Portalegre (existentes 25)	,	2
		9.

Rematámos dizendo que nos parecem úteis todos estes elementos para se ajuizar do problema do salário rural.

IV — A protecção à mulher rural

Sendo o Alentejo uma provincia essencialmente agricola, emprega-se por cocacione de la sua população trabalhadora principalmente nos trabalhos que à agricultura dizem respeito. E, nost-se a uma simples vista de olhos que se lance a essa enorme falange que nas suas campinas e serras moirejam ainda — a-pesar da lei das 8 horas de trabalho— geralmente de sol a sol que, a mulher ocupa-

lugar importantissimo na grande indústria (chamemos-lhe assim) da vasta provincia transtagana.

Prova-se de resto, com a estatística que temos presente, o grande fundo de verdade que há realmente neste parecer

Eis os números elucidativos e eloquentes:

Distritos									População feminina	Empregadas na agricultura	Perceniagent
Beja.									118,143	66,819	56,5 %
Évora									89,634	52.256	58,2%
Portale	gr	e.			,				81.799	46.181	56,4%
									289,596	165.256	57 %

Vê-se, assim, que mais de metade da população feminina do Alentejo empreza a sua actividade, consome as suas energias, na grande labuta que quási dia a dia subaiste durante todo o ano nos campos da nossa província.

E concluses também que a mulher no Aleminjo – como alfasil nourans proviotas do noses pois — dum cooperatora vallos se meson fidispensavie na vidas agricola. Em quisi trobo us concelhos não o á monda dos trigos e cevavadas, apanho de acrison, de holota, de medranho, a todos os serviços, assimimais leves, são feitos, exclusivamente, pelo elemento feminido "mas também agagum trabulhos bastante violentos, como por exemplo a celfa, e prejudiciais à saúde como a pesiflera monda do arroz, emprega tuntos homens como mulheres.

Pois, a-pesar-de tal, essa mulher está, colectivamente, votada pelo Estado a completo abandono. Só vemos dar-lhe a regalia das 8 horas de trabalho, porque também a têm os homens.

— Li fors, na Inglatera, sobretudo, mas tumbém na França e em quisi todos os países do mundo, hi uma granda assistacia a unibre que trabable seia em que ramo de actividade for, e, segundo irvos que consultanos, existence que rema de actividade for, e, segundo irvos que consultanos, existence que actual que

e alegria. Deixam-na trabalhar muitas vezes brutalmente, como lhe é exigido pelo seu temperamento ou necessidades pecuniárias, isto é: sem vigilância médica nem protecção oficial, como têm já a dos estabelecimentos fabris.

Note-se: Portugal, país essencialmente agrícola decreta há muito lei de protecção às operárias, como vimos terem saido já em 1890, 1891 e 1893 e mais eventemente polos decretos 14.407 e 4.488 multicados no «Diário do Govérno»



respectivamente em 29 de Outubro e 5 de Novembro de 1927, e, esquece os trabalhadores rurais, tendo provincias como o Alentejo, em que o braço da mulher é como vimos tão útil messmo indispensável. (Numa das leis que citamos e a qual se liga com as outras, até se diz rextualmente que tais disposições não abrangem as empregadas nos trabalhos agricolar.

E depois queixam-se de que há urbanismo, que deixa a terra mãe, que se troca o campo pela cidade: — As pobres campónias vendo a cada passo que as suas companheiras admitidas ao serviço das fábricas usufruem privilégios que clas não têm, como hão-de querer ficar no campo abandonadas à sua pobresa,

A inbalhadora do campo é más madras e refilora que a das libricas, canan no trabalho emass on manageiros a quem não obedece?... Hi que elecciple-la, insulta, mai edicada, faita de privações, excultase asturalmente pela desgraca em que a ve 4 e pelo despreca em que esta. Mas a pasea desse defeiros, como não podem pasar sem ela, é sempre procurada para quisi todos os trabalhos agricosas, memo para as calia sode, não renamente, chega a reo desemberaço do homen, acompanhado-o, no event, sem dificuldade, la control anigina de los astidos de 17 a 1800 e centodo, esta mora alampa mentade dessa insigna de de solarido de 17 a 1800 e centodo, esta mora alampa mentade dessa finada de 18 a 1800 e centodo, esta mora alampa mentade dessa finada de 18 a 1800 e centodo, esta mora alampa mentade dessa de consentada de 18 a 1800 e centodo esta mora de 1800 e centodo en 1800 e centodo.

Temos à vista algumas vallosas estatísticas referentes a concelhos do distrito de Portalegre, rindas pelos Sr. Amministradores dos memos e que, gentilmente, nos foram enviadas polo Sr. Capitalo Vaz Monteiro, llastre Governador Civil de Portalegre, a quem nos dirigiranos a pedir informações sobre a vido da mulher rural no seu distrito, polo queriamos trazer a êste Congresso um trabalho mais deservolvido e períctio do que afinal precensamos. Vemos por ésserrelatorios que, ao Vorte do Adantosi, que destrobecemos, a mulher se empega que a do Sud que novories.

Dos distriso de livora e Beja não nos foi possível obter os elementos oficiais que desejavamos, a-pesar-de pela mesma forma o termos tentado; mas, conhecendo bem a vida agricola deste último distrito, podemos apresentar o seguinte quadro relativo a dois concelhos do extremo sul da provincia — Odemira o Ourique.

Salário da mulher

Na	monda										4800	(diária	a sêco)
Na	ceifa .										7800	(.	>)
· Na	apanha	da	azeit	ona							3850	(.	»)
Na	apanha	da	bolo	ta							2\$50	(>	>)
Na	apanha	do	mate	p	eque	no.					3800	(>	2)
Na	sacha d	le r	nilho,	fav	ras e	grāc	de	bi	co		4800	(>	·)
Na	vindim	a 3	800 e	lio	епçа	para	con	nes	uva	s ato	fartar.		1

Nos concelltos de Portalegre, Elvas, Arronches, Fronteira, Crato, Alter do Chão, Campo Maior, Gavião e Marvão, aufere em média os seguintes salários:

M	onda									3800	(diária	a sêco)
C	eifa.									5850	(>)
	chas									4800	(.)
A	oanha	da	820	ito	nn					3850	1 .		1

Nalguns concelhos dêste distrito (Portalegre), empregam-se também muitas

mulheres na orticultura.

dutivos.

Sóbre o distrito de Évora temos informações particulares que os salários nos serviços que aqui apontámos oscilam entre os do distrito de Bera conforme os concelhos são mais ou menos pro-

Conclue-se, portanto, que o salário da mulher rural alentejana regula em média de 3 a 5 escudos. Veja-se: se não tem marido o ulrado que ganhe para casa como há-de da com essa pequena impordancia manter-se e manter os filhos ou país já velhos? Acrescendo a isto que nem sempre há trabalho, e portanto, não tem essa importância todos os días.

Há ainda a notar que os lavradores do sul da provincia se queixam de que, em certas épocas do ano, faitam mulheres para o trabalho que desejam feito, tendo de mandar vir gente do Algarve e das Beiras, principalmente, para celfar e apanhar mato.

Finalmente: visto que do casido em que se diseutem os interésses da nossa provincia e da nosa gente, tembo a honer de solicitar se disponers alguma atenção à casus da protecção à mulher rural alentejana, nomeando se for possivel uma comissão para estudar o assumo e pedir a quem de direito alguma coha em favor das trabalhadoras do campo, em conformidade com as suas references estas particos estas particos estas particos de campo, em conformidade e, o a legitimos intercheses dos lavardores seus particos.

Ousando contudo lembrar que se peçam coisas susceptiveis de se cumprires sem grande esforço, porque de palavriado que não pode ser pôsto em prática estampa nos aborrecidos.

O meu fim é só lembrar que se devem lançar as bases de uma assistência bem merceida à mulher rural, que, a respeito de protecção está ainda como as selvagens em África, e por isso tentei ser breve e expôr singela e claramente esta idéia.

Assim entendo — e assim concluo esta série de apreciações àcêrca da Economia Agrária do Alentejo — deveria ser nomeada uma comissão, a-fim-de estudar devidamente as condições precárias em que vive a mulher alenteiana que intentin na agricultura, para que sejam reclamados de poderes constituidos leis ema usa defens a proteccijo el secuciaria a crisção de um paramon para heren-liciar e defender a mulher que se emprega ma agricultura; que êsse patronato deverá protifis, trenimamemene, dando-le para los sum subsidio, que a mulher es e emprega no strabalhos um más antes e um més depois do parao; que à secuciar de la composição de la

SANTOS GARCIA

O Alentejo na história de Portugal

OF FRANCISCO VELLOS

O que vai ler-se, não pode exceder, nos limites que lhe são traçados pela indole desta obra, os de um escôrço evocativo, apoiado em referências, cepilhadas, a cálamo corrente, no vasto panorama da história nacional, para no possível dar visão geral da parte dela que transcorre através de seis séculos nestas terras transtaganas.

País de restricto território, lindado pelo mar e convisinho de Espanha, repartido em provincias tão naturais e por isso tão caracterisadas como as suas fronteiras que, salvos recortes eventuais, ainda hoie são as mesmas que reservaram neste extremo da Europa a Nacionalidade Portuguesa para cumprir missão não dada por egual a outros povos de servir do mesmo passo a Fé e a Civilização numa cruzada vocacional apostólica e universalista - não é de espantar que, por fôrea de uma unidade territorial, social, económica e política, cada Provincia haia sido teatro e campo dos feitos e sucessos que compõem a história nacional comum.

Os acontecimentos que se produzem em Lisboa, rápidos repercutem em tôda a área do país. Os que irrompem numa provincia alagam às demais. O patriotismo das populações afére-se pelo mesmo timbre e calor. A galeria dos heróis desenrola-se de fronteiras a fronteiras. E por ocasião das comemorações dos centenários nacionais, viu-se mais uma vez, como cada concelho e cada provincia tinham mostrado com ufanía panóplias de guerreiros e pergaminhos ilustres a documentarem pequenos ou grandes contributos, ou para a construção do edificio nacional ou para a defesa estrénua da sua liberdade e soberania. Não tem o português assomos e rompantes de fidalgo. Poyo inteligente

como poucos, agarrado ao trabalho, é nêle assás vivo um espírito crítico das couses e dos homens que torna difíceis as seleções pelo crivo das injustiças-Os aventureiros pouco tempo medram aqui, relativemente, para pompearem seus gabos e fortuna.

Possue, no entanto, um cerne de amor pátrio que sem alardes desafia confrontos. Podem ser nêle, como realmente são, de tonalidades diversas, os costumes, as maneiras, o próprio geito de tratar e de produzir: uns mais alácres e faladores, outros mais concentrados e mais tristes; vários como as païsagens.

nas tarefas do trabalho e nos alôres da imaginação, Todos, porém, oferecem o mesmo carácter: a Raca e a Grei (dêem-se-lhes os significados ou interpretati-

vas definições que se quizerem) são unas e idênticas.

Oue se há-de explicar de outro modo, esta unanimidade assombrosa que o nosso povo apresenta e demonstra através da sua história, ora nas gestas da defensão da terra ora nos convés dos néus que partiram por êsse Mundo palcos de epopeias, fortalezas volantes à descoberta de reinos escondidos, para serem baptizados e redimidos em português?

A par desta unidade e desta identidade e da participação das Provincias na vida histórica da Nacão, tão coêsas e perfeitas nas ascensões para a glória do triunfo, como no apagamento das dôres colectivas sob a calamidade das crises, tão firmes nas realizações das vitórias como sob o castigo das tiranjas estrangeiras e a raiada das invasões-há ainda outro traco que me narece digno de fixar-se como demonstração do valor das Provincias na conservação

de integridade política e económica nacional.

A licão da história e o dispositivo geográfico do território mostram na linha fronteirica três caminhos de invasão, pelo menos. Hemos de ver, pois, como é ao encontro dos peitos rudes das gentes dos municipios, das milícias, dos exércitos levantados pelos governadores de armas, e até por vezes à só voz dum chefe militar, que o invasor vem esbarrar, quer anendão balsões do Castela, quer as bandeiras dos tercos filipinos, quer as das guardas napoleónicas.

Desde os primórdios lusitanos até à idade moderna, sempre assim foi,

E nada mais admirável do que ver como é a arraia heroica que sai dos campos e dos montes, das planuras interiores e das margens ribeirinhas, que se bate em formações regulares ou assalta por guerrilhas, fazendo da defeza duma aldeia ou dum vilório perdido, a dos seus lares e a do lar comum da pátria ameseada.

E mais outro aspecto ainda.

Se no Portugal de áquem é o sangue e o suor das Provincias que arregôa e fecunda a unidade nacional e enraiza a independência, que portugueses senão os que delas provêm, crayram os padrões, descem e labutam pas terras descobertas, civilizam povos, criam e erigem nações?

Ainda hoje (e acaba de o inquirir e estudar em livro excelente o dr. Nuno Simões), se pregunta quantos somos no mundo, pois que a missão da raca continúa nos hemisférios; e entre essas colónias, dispersas de oriente a ocidente e norte a sul, é ainda o esfôrco do provinciano emigrante, descendente de outros que sempre o foram, quem espalha o nome português e o vincula nas artes e indústrias e nos tráficos do comércio.

Foreosas se faziam estas palavras, à maneira de introdução das que por

incumbência tomámos escrever acêrca de quanto fêz o Alentejo por sua banda para a sobrevivência da Nacão.

Assim quisémos dar ao leitor a razão do assunto e do título que o encima, numa obra cometida para coordenar estudos ou referências a uma das mais

notáveis Provincias de Portugal.

De facto, bem que a Nação começasse a formar-se ao norte, o Alentejo bem cêdo aparece na sua história como uma das provincias principais, diremos até que essenciais em relegão a muitos sucessos da sua vida.

E vale a pena reūnir alguns, embora escassos, tópicos désse quadro imenso do Alentejo histórico, não pelo que dêste trabalho resulte de meritório, mas para que avulte o alto preço da parte que, nas suas terras e no esfórço dos seus filhos, the coube na história de Portugal.

Seja-nos lícito, por superabundância, e persamo si rabalhos com que se não e persamo si rabalhos com que se recordaram há pouco as parcelas que a tante terras couberam na Irindação e grandeza da Nação e na consolidação da sua independência. Pedo que ao Alentejo respeita, alguns dêses trabalhos conhecemos que bem merecem ser guardados.

A outros que não ao escritor destas páginas, competirá aproveitá-los.

paginas, competira aproveita-ios. Fique esta sugestão em condigno lugar, ao começarmos a evocar o Alentejo na história de Portugal.



Dr. Francisco Velloso

Guitado-nos o critério, hoje assente, de ajuntar para o interêses historico todos os elementos demonstaritos da esteñecia de uma culturar portuguesta, —ascilmentação básica da nossa civilização —nestas partes do Ocidente, e sem me alorar unitor propositios que os de dar rajular visão do assunto que lá encontrou em alentígimos irventigadores autorizados e declacados — comercia por mencionar que, no campo da prohibitoria, a estimar portuguesta dorar que no campo da prohibitoria, a estimar portuguesta dos carectos portugues de produces de produces de comercia portuguesta de comercia portuguesta de carectos de comercia portuguesta de comercia de come

Há, pois, ao contrário de errada presuposição, nestas terras transtaganas,

o vinco primevo e inicial da radicação típica que no quadro peninsular extremou Portugal. E, segundo os historiadores do século 3.º a. C., esta diferenciação acentua-se na existência de Lusitános no Alentejo, e de Celtas às margens do Guadiana, como na Calécia

Reportando-nos à autoridade do saŭdoso autor das «Religiões da Lusitânia», eis mensão de alguns deuses pagãos lusitanos que houveram culto em

estas partes do território.

Endovéllico — O Santuário de Endovéllico ficava no alto do outeiro de S. Miguel da Mota, não longe de Terena, no concelho do Alandroal (Alentejo), outeiro que perénecua os r. Manoel Ignácio Bello, e onde há pouco tempo existia uma capela cujas paredes em grande parte se compunham de lápides daquele santuário. A capela tinha por orazos O. Miguel Archani?

«Entre os deuses da Lusitânia é Endovélico o de que restam mais monumentos, e também aquele a respeito de quem mais se tem escrito. A história do

deus é excepcionalmente importante». (Relig. Lusit., III, 111).

Atévina (deusa) — Teve culto em Arronches, Elyas, Vila Vicosa e Quintos.

Ategna (Geusa) — Teve culto em Arronches, Elvas, Vila Viçosa e Quintos, além de outros lugares nas zonas próximas em Espanha. Ranesocésio — Conhecido por inscrição encontrada nos arredores de

Evora. É provàvelmente uma divindade de guerra, uma das formas sob que era venerado Ares ou Marte a que os Lusitanos prestavam culto, segundo Estrabão.

Carneo (?) ou Ptarneo (?) - Divindade do sul do Tejo, Arraiolos. De carácter incerto.

Elis-nos agora já na história Iustiana. E o Alentejo não é zona à parte. O capítulo heróico das guerras tusitanas da independência, abre-se também aqui. Da ingente luta viriatina que disputa bravamente o senhorio do solo e dos lares rudes da Lustiânia às doiradas águias romanas, o Alentejo é também teatro exampo. Os lusitanos, dúz Luiz Gonzaga de Azevedo, invadiam sem

descanso as zonas ocupadas nestas regiões pelos romanos.

El quando convidaram Serviro para sur abris, o grande exiliado de Roma eriçe en Evros sua capital ondo se firma con encome presigijo. O Alentiso Fio Base e camro da resistência ocidentia ao donicilo romano, e más sindas, pode discresse, o laborario activo arrevée o qual a evilização dante compenciore, a desenta en estado de consense de consense, via assentaremen en sa basecidas do Senado estroriano de 200 membros, os initantes enterestas en basecidas do Senado estroriano de 200 membros, os initantes enterestas en obras enterestas en obras entre o porte de consense en entre o desenvolves de carde en entre de consense en entre ent

Abre-se nestas paragens a época romana ocidental. Os títulos das cidades

e os altares do culto pagão contam e recontam a extensão dêsae explendor latino. Vindo a Évora dominar as insurreições, Caio Jálio César dá a Evora o título de Liberalitas Jália e estabelece a colónia de Par Jália, Beja. Confere a Évora como a Alcácer e Mértola, foros de cidade latina loppladam veteris Latina.



Montemor-o-Novo - Antiga Fotografia de 1870

mas redu-la, em razão da preeminência anti-romana dos tempos de Sertório, a categoria somenos diante de Lisboa e Santarém.

categoria somenos diante de Listoa e Santarem.

Beja [Pax, Iliá] e feita sóde do convento jurídico pacense, que compreendia mais ou menos todo o território português que vai do Tejo ao sul de Portugal, abrangendo o Algarve. De lá irradíam a administração e cultura romanas.

O território português achavase dividido em 3 conventos jurídicos; o bracaran-

gustano ou bracarense, cuja séde era em Braga, o scalabilano, com séde em Santarém e o pacense. O território português a leste do Guadiana pertencia à Bética.

An Indo do culto das desses lusitanos autóciones, aparece o dos deuses nonanos e estrangeiros lapiter no Torto e Cratos. A eveite solunta que resta do Templo de Diana em Evora, levantido por Sertório, acorda, a o passar, applians de Platros, o, paroce embreciara aquelas padrea soboricinados o epidos dio da córea branca de que o general e chele se Estais acompanhar, dócil a seu chimamento, sen entratantar os ropostas marradios militares dos acompanentos que paradas. Ponco a pococ, foi-se incuitido a cereno de que en as estados contratos de companios con didivir que Distanta he havis (ano. 4 celes artificio se aproveitou Sertório

Uma inscrição em Moura atesta o culto de Mercúrio.

Os deuses Fontano e Pontana, encontram-se associados numa inscrição aparecida em Beneatel (Vila Viçosa). No distrito de Portalegre em Monforte também uma inscrição revela que no Alentejo, como em muitos outros pontos do país se adoraram as fontes.

O Culto dos Lares surge em Apra, concelho de Loulé.

Cibele, a deusa asiática, mostra-se na cabeça duma estátua em Mértola, e Serapis, o deus egípelo, em Beja, onde, como em Évora, houve colégios culturais de filamines, flaminicas e augustais. Bem que por meros tópicos, assim ficam assinalados os passos da primeira

história de Portugal em terras do Alentejo. É como uma revoada de côres num largo pano pictural em que a rudeza dos primitivos avoengos entrecorre o aço brunido das legiõiss e as vestes sacerdotais, e os mesmos trajes que povoaram a Roma dos Césares, madre de povos e luz do mundo conhecido.

E subito, neste rumor enorme, faz-se dentro da nossa alma de crentes um silêncio: — o cristianismo alfora. Tombam mártires em sangue nas lages eborenses no tempo de Diocleciano. E sóbre a ara pristina dêsses baptismos da fé, reconta em Evora, na criação de uma diocese, a Cruz de Cristo!

E cerremos os olhos para os reabrir a novas visões.

Em 400, eis o rotidio caudal dos Bárbaros, na Peninsula, São Alanos, Valdados e Suevos, a Germinia que tria nos olhos as ferocidades e os mistrios da Ásia incesa e longinaçua. Dois anos depois, o Ocidente é repartido:—cabe ao Alanos a Lusilata e o Cartaginenes. Cinca aos transcorridos, o general romano Costatate externiar-os, coadigardo por Valia e Visigodos. O dominio formado de la Cartagina de Cartagine de Cartagi

Leovigildo, rei godo, cunha moeda em Évora durante o seu reinado que perpassa de 567 a 586. Antes, em 554, os Bizantinos, chamados por Atanagildo, ocupam as regiões meridionais da península. O fluxo e refluxo das invasões, das lutas, que varrem estas épocas de tormenta, correm e recorrem também por

estas bandas.

A invasão bizantina de 576 no reino dos Suevos deixa pigadas fundas no Alentejo. Mas por 585, é desterrado para Beja por Leovigitido o rei dos Suevos Andeca, o que parece provar que em tal tempo, a cidade já andava sob dominio dos godos. A onda bizantina em 612 já refluíra às cidades algarvias donde é exnelida nove anos denois.

Em 170-711 a lievado muculmana frompre conquista fide a penianala. O Atentiçó a liagado, Pasam por fele para o norte, man tropoj, an chamana de a mourisma, até à linha do Douro. Cinco séculos val durar o dominio árabe, memos tris que em Espanha. A atente do Egipto comprete Bela. A cultura memos tris que em Espanha. A atente do Egipto comprete Bela. A cultura de Carlos de Ca

Na lingua, no trajar, nos costumes, nas tradições, a influência muçulmana derrama-se. A arqueologia revelou monumentos, moedas, lucernas de batro e metal, peças de cerâmica vidrada. A inter-inflitração das populações foi profunda, pelo trato e enlos casamentos. Ceraldo Sempayor serviu principes muçulmanos.

Só o sentimento religioso dividia e gerava intransigências.

Todo o Alentejo recebeu mais que outra provincia portiguesa excepto o Agarve, o influxo da dominação ambe que se prolonga em largasismos séculos até que os guerreiros de Afonso Henriques venham traçar os limites do reino. Em lunho de III7, aima o fronterio antonévida Abu Abed Alá Dime Marzdall subia de Africa a vingar em Coimbra confra D. Tereza, os danos causados aos sarracenos por Afonso de Aragão.

Em 1147, quando Afonso Henriques assalta Santarém, as terras a sul de Leiria abrangiam os territórios-Muçulmanos de três provincias: *Belata*, a vasta planura entre Santarém e Lisboa; a de *Aledeer*, compreendendo Evora e Badajoz Xerez, Mérida, Alcântara e Coria, e *Aleann*, em terras do Algarve.

A 23 ou 24 de Outubro, o rei entra em Lisboa.

Diante do gigante estendem-se as regiões transtaganas, o Alentejo, onde o

mouro invasor pompeia estandartes e crescentes sobre a terras que o romeno chamara da Lustinia. E a Reconquista portugueva que de 18 feza deu o romano de Castela, irrompe de novo na correria heroleo, Depois da luta por Alciere de O. Sal, Évora e Bela rendema-ce em 119.0 o umor recupera-se a Honse Henriques volta a possuir Beja em 2 de Depois de 102 e retona Evora três anos depois. No seguitate a barde para de proposito de 102 e retona Evora três anos depois. No seguitate a burnomenha.

E é nesta campanha que surge ao lado do Rel —sea allado he chanam os textos ámbas— a ligura de Ciráldo Sempavo, o Culto progueste, que a resulto de David Lopes segregou da tenda para o restituir à identidade de vecedadire herdi, adu de romante, mas de epopela «), bertie provador de Eventa de Carlo d

São a reconquista do Alentejo e do Algarve que perfazem a Pátria.

Os freires de Calatraya estão na colonização do reino em 1201, em Évora, de cujo nome ficam conhecidos. Marvão recebe foral quando Elvas é investida e depois povosada e organizada em município. Funda-se em 1232 o Castelo de Vide. Os Cavaleiros do Hospital erigem o Crato e povosam Alter, Moura e Serpa. Em 1282 e 1235 reduem Cortes em Evora, em 1361 em Elvas.

Transitemos, agora, a novo lance da história. Portugal e Castela defron-

tam-se. É a independência em causa.

Entre o desafio «dez por dez» do jovem Nunálvares aos cavaleiros caste-

lhanos e. O esbêvo de basilha que não chega a abrices no Caia, entre D. Fernando e D. João d la Casteia, o Alentejo como que se predestina a renovado teatro de campanha que, após a eleição do Mestre de Aviz, Regedre E Defenor do Relio, valo troper, a vicini de Nonalivares en Aroteiros, a meia Igua de Carlo d

Em Evora, o ja Condestável do Reino, feito Conde Ourén, estava depois de Aljubarrota e de lá sai para a nova vitória de Valverde, regressando a Elvas. O período histórico de 1385 a 1880, marca-se, no Alentejo, com acontecimentos miliários da vida nacional. Bem que largo tômo ocupasse a sua descriminação, hemos de mencionar alguns. E entre éles, não o faremos só indicando que no Castelo de Veiros nasce o 1.º Duque de Bragança, o Infante D. Alonso, Conde de Barcelos, filho do rei fundador da inclita Dinastia de Aviz, cognome ilustre que do Alentejo advém.

Seria paira elemeride.
Estamos em plena reconstituição do Reino e as suas grandes Côrtes vão resilir-se na vasta provincia portuguesa do sul.
D. João I realiza-se em Evora em.
1391 e em Extremoz em 1416.
D. Duarte também na sede capital de Évora em 1436 e 1436.
Depois, D. A fósso V em 1401
em Evora, e começado outras
em 1472-140 em Comercia.
Esta de les estamos estamos em 1476 em

ronches.

As 1481-1482, convocadas
por D, 16a II, são ponto de paridio da los da corda contra a
atta nobreza, spoisda a primeira
ser a primeira ser a primeira
gentra o Palsico da Scienco Quinas onde residio por algum tempoo grande rel, e onde em Julio
de 1483 foi encerrado o Duque
de Bragança D, Fernando. Em
1490, reanem-se as Corres de
novo em Evora, o por D. Manuel
em Montemor-o-Novo em 1495 c
D, Jolo III em 1355 outra vez.



Estremoz - Palácio de Diniz

em livora em 1844 em Almeriem.
Inicia-se pela comarca de Ener Tejo e Guadiana a reforma dos forais conforme pedido dos povos apresentado às Cortes de Colimbra de 1872, e vem a
reposito lembra - a notabilisaria agleria dos Procuradores dos Povos do
Alentejo ao braço popular ou terectivo Eucarroadores dos Povos do
Alentejo ao braço popular ou terectivo Eucarroadores dos procusos de composito de la composito de notar, por exemplo, as questas contra os homens de pel ed exavalo embusados emacarados use ferám.

matavam e praticavam outras ribaldarias e malefícios contra as populações, desordens de costumes a que Clenardo fazia justas e acerbas referências, ainda nos meados do século XVI, ao descrever a seu mestre Látomo a sociedade portugaesa daqueles tempos.

E divismos à margem desas ligicias notacions, menção do muito qui aceiva do Alentión se contein (no cumado do termo cherense para a casa real, por exemplo), nos regulamentos de toucedas, cuedas, non alvarás e provisões de 168 de l. 1687 e ma constituições e terrar garantos de 1587, c bem assim do que aparece, quanto nos unos sociais, onde a node, a respeito da repressão do jugo e aceiva do luzo e Santos de que a Civer de D. Sebastido loi ciambo de opor Medicia, e do que, exactamente a reportar-se às homas com que foi recebido en Even o Carticol Macunfrio, do quanto unas prigima confortis de Herculando.

nos Opásenlos, e as memórias musicais nos paços de Vita Viçosa.

Relembre-se-a-par disto, que vai por citação corrente, a parte assás notável que, precisamente no que nas Côrtes realizadas no Alentejo foi deliberada, tocante à organização da fazenda e da fustica, tanto do reino em geral como da provincia.

E se dêste modo pretendemos deixar entrevisto como no Alentejo viveu, nos usus grandes e característicos capítulos, a sociedade portuguesa de uma das eras mais suresa da sua história, demos por igual boa nota do que loi ja e riju témpera dos alentéjanos, num passo que dela ficou como titulo honorifico. Em 1894, quando di se travava a puera com Castela, estaya exausto o

erário rigio e recorreu o Mestre de Aviz so lançamento de sisas, e mandou a Adonso Anes, de Evora, que parsiase como sea emissário a tratar disso pelos conceihos, disando-lhe em especial são so os homens boss da cidade de Evora, mas também os das vilas de Montemero-Novo, Viana a par de Avito, Vila Nova, Alexiçovas, Portel, Beia, Serpa, Mérola, e de tidas as vilas e lugares do Campo de Outque, Odomira, Santiago de Cachen, Sines e Torrios.

A 25 de Fevereiro se retiniram nos paços municipais eborenses os oficiais e homens bons a resolver o que lhes merceia a exposição de Afonso Anes, e decidiram dar ao Mestre as sisas gerais, que, em arrematação do maior tanço oferecido por Estevam Anes Derreado, renderam quinze mil libras.

Também as organizações militares de D. Manuel, D. Joho III e D. Sebastido focarar em especial os recursos e meios próprios que a provincia representava para a defesa do reino, e quando de fodas as partes e classes da nação acorrem auxilion materiais e de gente para a fora da Conquista, Edilmente se a comprova como o Aleneiço, não ficou atriss para a grande emprêsa, bem que não fosse nom seia protoriamente everido maritima.

não fósse nem seja propriamente região maximum.

D. João II enviou a Pero da Covilhã que fôra mandado investigar das possibilidades de chegar à Índia um judeu natural de Évora, de nome Rabi Habrã ou Abraão, o qual se encontrou com éle no Cairo.

Ajunte-se, quanto à vida económica o Monte de Piedade instituido pelo Arcebispo Cardeal D. Henrique em Évora, destinado a fornecer sementes em condições vantajosas aos lavradores, e cuja organização foi estudada pelo autor da Évora Gloriosa, Francisco da Fonseca.

Estremoz, por pregões e éditos de Álvaro Gonsalves, para a sua comarca e para as vizinhas, responde a cumprir a lei das sesmarias, a apelo de D. João I. Por documentos que relatam as grandes secas de 1521, da se avaljam as riquezas das searas do Atentejo que naquele ano nom espiga chezaram a formar.



Vila Viçosa -- Castelo (Porta de Évora)

e por outros, como as providências decretadas em satisfação do que os povos haviam recismado nas Côrtes de Évora de 1481, pode ajuizar-se da riqueza dos gados na provincia, à qual recorreram por exemplo os reformadores do exército nara a composição e aprovisionamento dos corpos de cavalaria.

Na indistria, indiquemos as explorações do cobre em Alandroal, Terent e Alisarte el stronenha e as oncessões de minas de ferro existentes no termos de Pornalegre, Nisa, Castelo de Vide, Marvido e Alegrete que o rei em 1540 concedia, com estimulo de privilegios; a pedido de D. Julido de Alva, bispo de Portalegre, e mais a lavra de alguns jazigos de estanho concedida por D. Manuel e as lindicões de ferraria de Nisa.

A louçaria estremocense, bem como seus mármores, são famosos já nesse tempo. No inventário do guarda-roupa de D. Manuel mencionam-se já tecidos de tapeçarias alentejanas. Os habitantes de Castelo de Vide eram conhecidos por cardadores, e os de Marvão queixavam-se dos danos da concorrência que êtes lhes faziam com seus engenhos.

A indústria da sêda existia em Vila Viçosa em 1575, e o da tinturaria em Alcácer do Sal no segundo meado do século XV, ao que parece inferir-se de

Alcacer do Sal no segundo meado d

De valor da previncia ao Comércio interno, falam forais de portagem, segundo os quais visiama de Acleero de Sal, pode fos do Tole, dos uparta Lisbos, mel, azeite, couros vacaris, cera, cebo e unto, muito rígo e outros cerials, farinha, peles de coetho, balderos e badanas, viñto e sal. O Caudiana era, como o Tejo e o Douro, uma das principais vias de comunicação do país, Desde o seciou XIII, Evran tinha toi importante feira que, segundo carta de Carcia de Resendo, em 1835, achandose eta em decadêrcia, foi pedido que se la ser catalizaste uma franca para restaurar a que sempre al se efectuara. Ao lado de 15 de Fevereiro de 1826, foi o Duque de Bragança autorizado a repartida pelos dias que he parecesas.

Aponem-se ainda na heartichenia phiblici os hospituls que se disseminarum en quisti lodos os concelhos da provincia, algunos é tatulo volor que en 1,490 os mais pequenos eram eccorporados nos maiores lefin-de melhor se prover os mento dos domes pobres. D, lo dell' morfios os ocoques sociaries de colores pobres. D, lo dell' morfios os ocoques sociaries de diversos grandes hospituls o reino e earre feet ligraravam o de Sano Anarté de Montemoro-Novo e do Espírito Santo de Evera, incumbência de que depois da morte do messon monarça se eccasioram por se sentimenta aivo de emitoces.

E conforme Cabriel Pereira, e dêsse tempo a Indiação em Evon polo mestre escola Luiz de Moro e polo coñego Comes Péres da Casa das Convertidas, que dostaran, para regeneração de raparigas e conta o mesmo autor que se algumas o conseguiram, comas reverteram os cendados, donde veia determinar-se por caras régia de 156% que esass ultimas fossem expulsas da cidade. A Miserdor-dia de Evora taxica en 1490, sos es instituídas, efectoria crimão da sua Contraria e em 1507 recebeu a administração do hospital da cidade. A de Beja foi feira. Neste un 160 p. desea de 1500, erdos em seguira de Santa Marta de 1500 per de 1500

No distrito de Évora, com Igual tempo de fundação, mencionam-se também as Misericórdias do Alandroal, Alcácovas, Arraíolos, Cabeção, Estremoz, Monsaraz, Montemor-o-Novo, Mora, Pavia, Redondo, Reguengos, Terena, Viana, Vila Viçosa e Vimieiro. No de Portalegre, fundadas entre 1800 e 1675, registamos as de Assumar, Alegrete, Alpalhão, Alter do Chão, Arronches, Aviz, Campo Maior, Cabeco de Vide, Cano, Castelo de Vide, Crato, Elvas, Fronteira, Galveias, Marvão, Ponte de Soure, e Portalegre.

Entronca nesta árvore opulenta da beneficência e caridade que cobre de de lés a lés as terras e povos do Alentejo (e com maior minúcia poderá ser-lhe

feita referência nesta obra) a do grande bispo de Portalegre Frei Amador Arrais que na obra do resgate dos captivos a que o Cardeal-Rei, após Alcácer-Quibir, meteu peito, tomou à sua conta o dos soldados da sua

diocese. Passemos agora à instrução pública, e verificaremos como nos centros urbanos principais do Alentejo perlustraram no ensino professores de relêvo, tanto nas escolas eclesiásticas como nas de ensino particular que no comum eram subsidiadas pelos municipios. Assim era em Evora no século xv. Em 1456, os procuradores em Côrtes diziam a El-rei, estarem resolvidos, contra o parecer do Corregedor. a dar ao «bacheler que ensina gramática e a escrever» (provàvelmente, segundo Gabriel Pereira, um tal Linhares que veio a ser substituido em 1481 pela câmara, por Estevam Cavaleiro) a tenca que êle desciava.



Borba - Fonte das Bices (Monumento Necionel)

Em 1559 ou 1560 era Domingos Fernandes «mestre do colégio dos mínimos pobres» em Évora.

Em 1579, autorizava D. Schastillo a que pelas rendas do concelho de Beja se retirassem durante três anos mil selscentos reals para pagar a Jorge Dias, «mestre de ensiar moços a ler e escrever na escola de Santa María- daquele cidade. No ano seguinte Caspar Roiz ensinava em Mourt. E vêm mais outros, como Manuel Gonsalves em Almodovar, que funcionam a par das escolas



eclesiásticas que se dispersam na provincia a atestar como à Igreja deve Portu-

gortugal as luzes da fé com as do saber.

As cidades e vilas alentejanas de maior importância sobreleyavam já por semelos cultos. Assim fala o egrégio Clenardo em 1534, de Evora, onde topou muitas pessoas doutas no grego e no latim, delas acrescentando em carta a Vasco que em Salamanca não se acharia quem mais expedito falasse essas tineuas.

Prossigamos, transitando agora para esferas superiores do ensino,

Ao derramar-se êste por mão sapiente da Companhia de Jesus, depois de la ser conflato Juspón cisquérios mandado Ezer pole Cardeal-Rel aos estandados velos de alguns professorea) o Colégio das Artes, iá ela manisha escola em Évroa- onde velo morre en 1883 o granda gramático Padre Manuel Alvares, culo livro lamono Panhala capelia de ensito por historio del Manuel Alvares, culo livro lamono Panhala capelia de ensito por historio del Colegio de Evroa Colegio de Evroa Colegio de Evroa y Lordon de Colegio de Evroa y Lordon de Colegio de Evroa y Lordon de Lordon de Colegio de Evroa y Lordon de Colegio de Lordon de Colegio de Evroa y Lordon de Colegio de

A capital do Alentejo viu porém, coroado o seu prestigio pelo Cardeal-Rei com a fundação da Universidade, não pura mercê régia, mas aspiração que já em 1535 Gárcia de Resende formulara, ao lembara oue para lá deviam passar

ros Estudos Gerais nara a cidade se novoare.

Petendera o Cardeal, entlo arcebigo de Evora, ampliar o lambio dos curros do Cólgio do Espírio Sana, rotano a universidado, mas sobrevelo fore oposição de Coinbra alegando que «se contenssem os naturais de Alentejo com terem em Evora quem Bee eniamas Inlim e caso de censidedia», como se mais não mercessem, e que para o resto do saber fossem a Coimbra, ao que D. Jolo III de nazão, sómeste godendo abrir-se em Evora um curso de Artes em 1550, regido polo padre lació Mariins, que veia a ser não menos famoso por sua cariilas.

Morio o rei, instou o Cardeat em Roma pata fundação da universidade a cargo da Companhia de Jesus, pertição que teve deferimento por bulas de Paulo IV de 1558 e 1559 confirmadas por breve de Paulo V, eximindo a nova instituto universitário das sirisações eccisiastica escendir declarandos, abienete suficia so propósito geral e retigiosos da Companhia. A 1 de Novembre de 1559 e padrociro:

o padrociro:

O Alentejo guarda debse tempo histórico nas belas-artes do golico, monumentos de oplina girandeza; e carre éles os das Ses de livora e litvas, e na neprimeira cidade a ermida de S. Beás e as igreias de S. Francisco e dos Lolos, e e quem ao visitar esta útima, reporar no arco de modura de portal ageimado, o formado por dois reintrantes, escontrará sili um medalho representando a tranqueria mibanderinda de Arzilla, a recordar como aimbol o e inhurbo e finussimo armorial alentejano, as suas honras nestas épocas gloriosas de Portugal, nos séculos excelsos da sua epopeia.

nos séculos exceisos da sua epopera. Mas o manuelino as confirma em outros, como na igreja da Conceição em Beja e na matriz de Viana do Alentejo, florindo a traça agival, nos motivos da

Cruz de Cristo e da Esfera Armilar: e jóias de escultura como a admirável custódia e cálix de prata da Sé da Évora, do século XVI e a custódia de prata do Convento das Maltesas de Extremoz, as exaltam, Falam dêsse tempo espécies de sumo valor conservadas nas bibliotecas públicas e nas de algumas casas senhoriais alenteianas. E formam fundo de sublime alegoria artistica a glorificar toda uma época nestas partes do reino, os quadros de Álvaro Goncalves, encomendados pelo prelado eborense D. Vasco e do flamengo Francisco Henriques, os da evocação da batalha do Salado na Sé de Evora que pareceu ter formado armado armário para guardar o Santo Lenho, a colecção preciosa de Gerhard David grande mestre da escola de Flandres Que se conserva no paco arquiepicopal de Evora e, para rematarmos com chave de ouro. os dêsse assombroso Frey Carlos que deu do seu recesso no Convento do Espinheiro junto de



Estremoz. Évora-monte — Igreja matriz

Convention Constitution of the Control of the Control of the Control of Contr

numa quintilha da sua Miscelânea, com Francisco Vellez e Frei João Rodrigues, o vigário de Santa Maria de Marvão.

E agora que a largo e baco escôrco tentámos desenhar o quadro, retomemos os apontamentos históricos da que poderá chamar-se história portuguesa do

Alenteio.

D. Ioão II, o rei que porventura mais estanciou por estas terras, morreu em Alvor, a 25 de Outubro de 1495. Evora fôra uma das cidades por onde o grande rei distribuíra as seiscentas familias judias mais ricas que, mediante paga de sessenta mil cruzados, poderiam ficar no reino. Dois anos depois, a provincia via-os abalar sob a injusta ordem de D. Manuel, e extinguirem-se as judiarias como a de Montemor-o-Novo, a mesma vila onde o soberano viera encontrar o embaixador dos Reis Católicos portador das condições para o seu casamento. Dos filhos de D. Manuel ountro nasceram chorenses e dois foram seus bisnos. D. Afonso e o Cardeal-Rei. Um dos mais ilustres, D. Duarte, homem de talento e erudição, vivia em Vila Vicosa

A vida da Côrte ainda durante o reinado de D. João III perpassou largamente na Capital do Alentejo, centro de cultura e de florescimento a que confluía grande parte da riqueza agrícola do país. No Alentejo nasceram também quatro infantes, D. Manuel, o primeiro herdeiro jurado em Côrtes, nado em Alvito, que morreu aos seis anos, D. Filipe, que, na herança real, lhe sucedeu e falecido com igual idade, D. Dinis e D. João, genro de Carlos V e pai de D. Sebastião. São oriundas da provincia galhardas figuras que se assinalaram no Oriente e no Brasil, já por seus feitos, já por seus martírios, na dupla obra da propagação da Fé e de Portugal, como nove dos religiosos barbaramento assaltados e mortos pelos corsários franceses huguenotes próximo das Canárias quando se dirigiam a Terra de Santa Cruz na nau Santiago.

A agitação que sacode o país durante a Regência, empolga também a grande região do sul. Há alenteianos, nobres e populares, nas hostes do rei que se imortalisou na trágica jornada de Alcácer-Quibir, e alguns vieram de lá libertos do cativeiro, como alentejanos eram os procuradores que, nas Côrtes de 1580, em Almeirim, no reinado efémero do Cardeal D. Henrique (a quem a história está, em parte, reparando de iniustos e odientos agravos) appiaram os dramáticos apelos e protestos de Febo Moniz contra a entrega da pátria ao rei hespanhol, e com o heróico procurador, depois de públicamente comungarem,

juraram preferir a morte à deshonrosa obediência a Filipe II.

Era de Evora um dos cinco a quem o soberano, já no leito de agonia, pedia que transigissem, e que com o grande representante de Lisboa lhe replicou que só o povo, como no tempo do Mestre de Aviz, poderia, segundo o bom e recto direito da Nação, eleger o novo rei.

Cai sôbre Portugal a tirania filipina. O mesmo frémito de revolta, acicatado

pela desgraça das espoliações que depauperaram o país, que laz referver a almatar popular contra o inimigo hereditirio, vibra e altiva no Alentóp, e é a almatar que, em meio de tamanha estástrofe, é a agricultura do pão, aquela que ainda e reage contra a decadência da nação, miscrelvemente roubad, desarmada e laminta, e sujeita a vilipêndios que só degenerados poderdo jutgar apagáveis mas páginas da hástoria. Os municiplos alenteinados secundan o de Lisbon na



Costumes Alestaianos

O lançamento do real de água e o agravamento das siasa em Evora geram so tamitlos que alí em 1684, 80. a avançada da revolução que viria seis anos depois. Intentando o correçedor Sarmento impôr ao luiz e escrivão Sesi-anado Rodriguese e Jolao Barradas o negócio dos tributos sem petivão consulta so povo, ao que éles se recusaram, a despeito das ameaças de morte que Sarmento lhês fazias, audulio primeiro a uma janela a podir sexorro;

- Sabei que vamos morrer por vos querer livrar do trabalho que nos que-

rem dar os ministros de El-Rei!

Sotra-se a multidão, incendeia a casa de Sarmento, acossa-o fugitivo para Lisboa, e expande-se em desforras que, diz D. Francisco Manuel de Melo, mostraram sempre maior a indignação que o interêses. Não poupa, em sua justiceira sanha, o Arcebispo e os nobres que tentam moderá-la. El 'í al um verdadeiro movimento revolucionário de crupcão nacional que os

¡!» a um verdadeiro movimento revolucionário de cruyado nacional que os iesinas o es dominicanos sletamo desafiando as iras do rel susrpador, e que trouxe à história o nome dum doido arengador, o Manuelinho de Evora, que servia de capa e sintatrio a ordense proclamanegos, o que induz a cere que havia organizações e cabecilhas. Alguns celtais revelam até algo de pareeddo com tribunal popular a mandar executar neans caculisa s tratifores à nária, so-

Dellagrou a insurreição pela provincia, e não foi o terror ateado pela raiva do corregedor Salema, apoiada pela tropa enviada por Filipe IV para reprimir a sedição, que logrou abafa-ia com toda a escécie de arrocidades e violências.

O irdéo plano da anexado do reino à Eispania que aralía na mente sinistra do Conde-Duque, veje proviela, A conjuria da nobreza is ubiera o golge redeno de al libertade necional. As esperanças convergem ao paeso desad de Vila Vegosa. El quando flood plano Riberio al vem per comissão dos filadgos aiguramentados, em meados de Novembro de 1640, interropar definitivamento. D, lado (que | di ante decidara a Andido la Vila gas sea secertiro que no caso de comunidar do como de como

- Se em Lisboa falhar a tentativa, pôr-me-ei em campo e tentarei ventura

com os povos do Alentejo, que me são dedicados,

Ao irromper a giória da libertação em Lisboa, logo Évora, seguida por Arraíolos, Montemor e tidas as terras do Alentejo dão brado pela Restauração. Os povos da provincia respondiam à confisação do novo rei. Nas Cortes de 1814, que consagraram imperceivelmente o direito público português, lá estão os seus procuradores e melhores fidalgos do Alentejo.

Depois, vém as guerras da liberdade e independência que em cinco campanhas vão desenrolar um quadro incomparável de sacrificio abnegado e de bravuras vitoriosas durante mais de um quarto de século, desde 1641 a 1668,





e o Alentejo vai ser o teatro destas gestas que renovam os dos dias da alvo-

rada da Nação, e os da Revolução que ouviu o brado de Nundivares!

miemeiro são as luitas em redor de Elvas e Olivença, depois Montijo a 26
de Majo de 1644, a terceira campanha com Matiss de Albuquerque. O rei morre
a 6 de Novembro de 1656. E vem no segundo período das guerras a batalha das
Llinase; de Elivas que iliustra D. Sancho Manuel, o futuro Conde de Vilis Flór.

a do Ameixial, a defesa de Vila Viçosa, a vitória de Montes Claros que finalmente garante a independência de Portugal.

E e notar-se, que, segundo os historiadores da nosa administração interna, de contradores da nosa administração interna, de contrador do Alentejo intravames para a nessura as sievas dos solidados pagos e questiança-se uma só comarca grande ou duas pequenas unidas para as levas dos solidados e de contrador de contrad

Ainda em notável relêvo o Alentejo apareceu nos acontecimentos militares das guerras da Sucessão da Espanha e dos Sete Anos, como virá a assumi-io

das guerras da Sucessão da Espanha e dos Seie Anos mais tarde na insurreição nacional contra os franceses.

portuguesa. Os séculos XVII e XVII assoloran e deslalezam a população portuguesa. Os déficiais ereculiros acusam empoêremiento da grante mento Político do D. Luiz da Culma apontava la erdie do Atende do Conditiona e de Con

Mas o Alentejo continuou no entanto a guardar na vida nacional, pela cultura e valor social dos seus centros urbanos a posição essencial que grangeara desde primórdios da Nação, na vida política, intelectual e económica portuguesa.

Temos de deixar assim entrecerrada a visão da larguissima e valuosa pare que o Alentejo tomou e toma na vida nacional, marcado somente en extende seérie de fases históricas os acontecimentos que possim dizer pode assinalar pelos cimos essa participação, e desistando por incomprávei ao espaço e dimo desta obra, da menção do que se passon no Portuga chamado contemporânco.

Mas juigamos feito o tastane para que, sem alasho mais on meno delidarios, que como se ser consecuente menor para como de la consecuente menor para como en consecuente menor para como en consecuente menor que consecuente menor que valoras monografias de caracter grar que alentanson cate como en pertendes mos testaram, e primeira de mais vasto estudo — quanto o Altendo devez a Druzgal uno e indivisivien, quanto a unidade positivo económica. Portugal deve a Mentan.



Vias de comunicação do Alentejo

pelo engenheiro J. FERNANDO DE SOUSA

Vias de comunicação do Alantejo

I. — Estradas

O Alentejo é uma região de planícies, em que se erguem apenas a Nordeste a serra de S. Mamede com 1.023º de altitude máxima e ao Sul a do Caldeirão, que a separa do Algarve, com 578º. Entre as duas mencionarei a de Ossa com 630º.

Parte da provincia tem a altitude média de 150^m a 200^m e pertence à orla da Meseta peninsular, inclinada com suave pendos para o Tejo inferior e para a costa. A população, pouco densa (24.5 contra

71.7 de densidade continental e muito interior à do Algarve, que atinge 50,33 entrega-se à cultura extensiva dos cercais, dos montados e dos prados naturais; agrupa-seem vilas e aldeías e deixa os campos quás despovoados. É nouco importante a actividade indus-

 B pouco importante a actividade industrial, àparte a manipulação da cortiça e alguns centros mineiros de certo valor.

 As relações comerciais com Lisboa.

As retações comerciais com Lisboa, principalmente, encontram no Tejo barreira, que a juzante de Santarém não é transposta por ponte. Está reconhecida a necessidade de construir em Vila Franca uma, a que convergirão várias estradas do Ribatejo e do Alentejo, assegurando-se assim a continuidade da rêde.



Engenheiro Fernando de Sousa

Os veículos automóveis atravessam o Tejo em barcos em Cacilhas. Tem-se pensado em construir uma grande ponte para caminho de ferro e estrada em

frente de Lisboa, mas a magnitude da obra e o seu elevado custo têm feito adiar a construção.

A primeira e principal estrada, cuja construção se empreendeu, loi a de Aldegalega, hoje Montijo, a Elvas com o fito de assegurar as comunicações internacionais para Badaioz, por Vendas Novas, Montemor, Arraiolos, com ramál para Evora, Estremoz e Borba.

Com o correr do tempo procurou-se assegurar as comunicações distritais, tornando as capitais centros de irradiação ee estradas.

Há hoje outras ligações internacionais: de Estremoz por Castelo Branco à fronteira de Cáceres; de Évora por Moura a Villa Nueva del Fresno; de Beja por Serpa a Rossal de la Frontera, As duas últimas servem as comunicações com a Andaluzia.

São ainda centros de irradiação de estradas Montemor, Estremoz, Reguengos, Moura, Serpa, Ferreira e S. Tiago.

As ligações com o Centro e o Norte do país fazem-se por estradas, que vêm a Santarém, a Constanca, a Abrantes, a Vila Velha, a Setúbal.

Com o Algarve há duas ligações por estrada: a que vai por Cacilhas a Aleácer, S. Tiago o Colemira em direcção a Lagos e a de Beia a Ferreira, por Aljustre le Almodovar, em direcção a S. Brás de Alportel. Há sinda a de Beia a Mérola, que ainda não está prolongada até Vila Real e era em tempo continuada nelo servico Ilivaid do Gaudánas.

Segundo o Anuário Estatístico de 1939 a rêde das estradas do Alentejo compreende, por distritos e quilómetros:

Estradas nacionais	1.0	220	372	422	1.014
	120	477	318	420	1.215
	Total.	697	690	842	2,229
Pavimentos macadamizados .	1.0	126	116	184	426
	12.0	300	239	315	854
		426	355	499	1.280

Revestimento superficial		1.*	Portalegre 92 117		Beja 233 56	Total 587 245
			209	234	289	822

Mencionam-se apenas 11 quilómetros com calçada,

As estradas municipais figuram com a seguinte extensão:

Construidas.				296	329	198	828
Em construção					341		36 853

A área e população das duas provincias eram:

	Superficie	População
Alto Alentejo	. 12.653	331.365
Baixo Alentejo	. 13,777	305.419
	26.430	636.784

o que dá 112º de estrada por kººº e 46 por habitante.

A média geral do continente, com 88,699 quillom, de superfície e 6,340,800



Reguengos de Monserez — Monte de S. Romão, do levrador senhor Mério Formigal

habitantes, é respectivamente, de 270th e 378th. A pequena densidade da população exolica as médias indicadas.

A principal necessidade que urge satisfazer é a da ponte de Vila Franca c a sua ligação pelos troços de estrada de Alcochete a Benavente, Santo Estêvão Capha e Coupo a Coupo a

II. — Caminhos de ferro

As primeiras tentativas de construção de caminhos de ferro, em 1844 e 1845, odeclaem à obsessão das comunicações internacionais por uma linha que, saida de Lisboa, atravessasse Porrugal, a Espanha e a França e seguisse até 0 extremo Oriente da Europa. Amesquinhava-se ao mesmo tempo o valor das relações de Lisboa com o Pórto, para as quais se supunha suficiente a navegar

cão costelra.

Em 1884 o engenheiro Rumball projectou, por conta da Companhia Central

Peninsular, a linha internacional de 1º,44, bitola da Europa central, que atravesasses o Tejo em ponte no Carregado e seguisse pelo vale do Sorraia em
direcedo a Estermoz, Elvase Badajoz.

Pouco depois o engenheiro Wattier propôs a direcção por Santarém ao Entroncamento (Ponta da Pedra), onde bifurcaria a linha para o Pôrto e a de Leste seguiría pelo Alto Alentejo em direcção a Badajoz. Assim se construitu-Emprendia-se entretanto a construção da linha, igualmente de 1",44, de

Empreendia-se entretanto a construção da linha, igualmente de 1º,44, de Aldegalega, logo preterida pelo Barreiro, a Vendas Novas com um ramal para Setúbal.

Em 1880, 1884 e 1885 contratous e o profongamento da linha para Évora Elaja, com a via espanhola de 1º-87, para a quia si fetrar passar a da linha de Lette pelo contrato de 1885. A largaram-se por isso as vias de Libboa à poste de Santana e do Barreiro a Vendas Novae - Sestibal. Construiram-se também os pro-longamentos das linhas do Sul e Sueste de Vendas Novas a Bésja, com em tredu Bella de Lette pelo de la Sul de Sueste de Vendas Novas a Bésja, com em tredu Bella a Elaro e de Bella a Tonorie a en direcció a Sevilla linha de Lette, os de Bella a Elaro e de Bella a Tonorie an en direcció a Sevilla a Barte de Bella a Tonorie an en direcció a Sevilla a Barte de Bella a Tonorie an en direcció a Sevilla a Barte de Bella a Tonorie an en direcció a Sevilla a Barte de Bella a Tonorie an en direcció a Sevilla a Barte de Bella a Tonorie a en direcció a Sevilla a Barte de Bella a Tonorie a mel direcció a Sevilla de Bella a Tonorie a mel direcció a Sevilla de Bella a Tonorie a mel direcció a Sevilla de Bella a Tonorie a mel direcció a Sevilla de Bella de Bella

Em 1869 o Govêrno rescindiu o contrato de 1865 e tomou conta da exploração e da construção, que levou a Estremoz, Pias e Casével e melhorou o términus do Barreiro, ligado com Lisboa por serviço fluvial. Mais tarde construiu-se o prolongamento de Casével a Faro.

Ficou assim o Alentejo servido pela linha do Sul, Barreiro a Faro, com o

ramal de Setúbal, pela de Évora, Casa Branca a Estremoz e pela de Sueste. Beia a Pias.

Caminhos de Ferro do Estado, com o seu fundo especial fêz construir os ramais de Montijo e Montemor, a linha do Sado de Setúbal à Funcheira, o trôco da linha de Évora de Estremoz a Vila Vicoso o de linha do Guadiana de Évora a Reguengos, o da de Sueste de Pias a Moura, a linha de Evora a Mora, o prolongamento da do Sul de Faro a Vila Real e o ramal de

Lagos. Tunes a Lagos.

a mais recentemente a li-

nha de Estremoz a Porta-



Évora - Monte de Vale de Moura, A Albujeira. Propriedade do lavrador senhor João Tôrres

legre até Cabeco de Vide. Em 1927 arrendaram-se à C. P. as linhas do Estado, que têm a seguinte extensão, por troços, no Alentejo e Algarve, denominadas o grupo do Sul e Sueste :

	Quilóm.
Linha do Sul - Barreiro a Vila Real	396,5
Ramal do Montijo	10,7
Linha do Sado - Pinhal Novo à Funcheira	149,3
Ramal de Montemor.	12,9
Linha de Évora - Casa Branca a Vila Viçosa	101,5
> de Mora — Évora a Mora	60,2
do Guadiana - Évora a Reguengos	40,6
, de Portalegre - Estremoz a Cabeco de Vide	49,7
de Sueste — Beja a Moura , , ,	59,0
> de Sines — Ermidas a Sines	47,9
Ramal de Portimão — Tunes a Lagos	45,8
de Aliustrel - Castro verde a Aliustrel	8,1
de Cacilhas — Lavradio a Seixaj	4,9
	987.1

Inclue esta lista as linhas do Algarve com 188 quilómetros de extensão, não, porém, a parte da linha de Leste e a de Cáceres, que ficam no Alentejo (195 quil.) bem como parte da do Setil (36 quil.).

Podemos, pois, arredondar, para 1.030 quil. a extensão dos caminhos de

ferro do Alentejo.
Vejamos o trálego, em 1939, das antigas linhas do Sul e Sueste, que figuram na Estatistica com 996 km.:

				(Milhares)	(Contos)
Passageiros				2.013	11,520
Mercadorias G. V.				24.779	4.376
(Toneladas) P. V.				1,138,339	33.949
Total do tráfego				-	49.844
Despesa de exploração		÷		-	48.933
Receita líquida				1000	911
Impostos				-	5.892
Receits one ouit (escu.	dos	١.		-	50.044

Como se vê, a receita do trálego excede apenas em 911 contos a despesa. Se juntarmos os impostos, teremos 6.800 contos de receita líquida, excedida pelos encargos financeiros.

pelos encargos innanceiros.

Não é só pela receita do tráfego que devemos aquilatar os serviços que prestam os caminhos de ferro. A mobilização de dois milhões de passageiros e 1.160.000 toneladas de mercadorias representa na vida social e económica do

Alentejo um serviço de valor inestimável.

Basta lembrar que os 212 quilómetros explorados em 1870, com uma tonelagem total de 55.800 toneladas, achavam-se elevados em 1924 a 840 quilómetros

e 610.000 toneladas e em 1939 a 990 quilómetros e 1.162.000 toneladas.

Podem-se introduzir certas reformas na exploração para atrair tráfego, aumentar a receita líquida e tornar ainda maior a utilidade económica e social das linhas férreas, que têm sido instrumento eficaz de progresso do Alentejo.

Dois complementos indispensáveis exige a rêde alentejana: é o prolongamento da linha de Portalegre até à cidade e não só até à estação de Leste e a ligação de Castro Verde por Almodovar a S. Brás e Louide antronar na linha do Sul. Troços de pouco rendimento, o primeiro liga a capital do distrito de Por-

talegre com a rêde l'erroviária e o segundo serve uma zona afastada dos meios de comunicação e pôc-na em relações directas com o coração e o centro do Algarve.

Tanto basta para as construir com fê no futuro.

a) - Rios

Dos rios que limitam ou sulcam o Alentejo, os troços navegáveis acham-se muito reduzidos, em extensão e calado de barcos, pelo assorcamento e falta de água na estiagem.

O Tejo fi françamente navegável até à fronteira em princípios do sée. XIV.

Hoje navega-se à maré

até Valada com barcos do máximo de 5 pés, calado que até Santarém desce a 4, de Santarém desce a 4, de Santarém desce a 1, de Ses o limite presente da navegação comercial. Segundo os proficientes estudos do distinto engenheiro Noronha de Addrade, a criação de um leito de estiagem tornará possível à navegação regular até Abrastes com o calado máximo de 3½ n. pás.

A regularização do caudal dos afluentes contribuirá para a solução do problema. O Sorraia, principal afluente do Tejo na margem esquerda, navegável por pe-



quenos barcos em diminuta extensão, é susceptível de modesta melhoria. Foi em tempos navegável até o Couco.

o Couço.

O mesmo sucede ao Sado, de navegação restrita até Alcácer, que pode e

Quanto ao Guadiana, é impossível torná-lo navegável a montante de Mértola.

O Mira tem um curto trôço navegável até Odemira.

O Mira tem um curto troço navegavei are de Abrantes que a navegação É principalmente no Tejo médio e inferior até Abrantes que a navegação pode ser melhorada. Em 1898 surgiu e tomou corpo a colossal mistificação da concessão de um canal de navegação e rega do Tejo ao Guadiana com ramal para o Sado.

Partiria de Salvaterra, subiria peio vale do Sorraia e seus afluentes até Évora e iria pelas proximidades de Reguengos ao Guadiana, Perto de Évora bifurcar-



Borba — Trecho da oltoresca frequesia de Orada

-se-ia para descer por um dos seus ramos ao Sado, que lodearia. A extensão total seria de 360 quilómetros.

A concessão por 90 anos dava direito à expropriação, pelo preço da matriz, de uma faixa de 500^m de largura em terrenos cultivados e 1,800^m nos incultos ou arborizados, e aínda à emissão de obrigações com carácter predial.

Chegou o projecto a ser apresentado na Câmara dos Deputados. Bem recebido por esta e pelo Govêrno, teria sido convertido em lei sem a luz que sôbre elle fiz incidir para mostrar que era têcnicamente absurdo e juridicamente inadmissível pela expoliação a que daya luzar a exproneriação.

Não havia a água precisa para a sua exploração, nem onde a captar.

Em conferências e artigos de jornal discuti o projecto e demonstrel que era inadmissível sob todos os pontos de vista.

Mais tarde, em Março de 1926, revivea a ládia de ligar o Tejo e o Sado om o Casadiana por um canad le avezgedo, que vindo de Alecochete, subria pela ribeira de Rio Frio, transporta a linha divinória das águas que se eleva a Por e desceria por Maracea para o Sado. A dese rebo, om rigor exequivele útil, intatva-se i fantaña de um casal de navegedo, que do Sado subria pela robeira la cualda para descra o Gandiana pelas proximistrades de Pedrégule.

O problema foi então vivamente encarado, afirmando-se que bastaria dispôr de duas dragas para fazer a obra.

A ligação do Tejo e do Sado é realizável mediante uma trincheira extensa e cara.

O mesmo se não pode dizer da absurda ligação do Sado com o Guadiana num local entre o qual e o trêço navegável se interpõe grande extensão inavegável. Além disso o canal teria que subir à coa 150°, onde não há água para alimentar as eclusas.

Anarte o canal de Alcochete a Marateca, útil e exequível, embora caro,

Aparte o canal de Alcochete a Marateca, útil e exequível, embora caro, nenhum canal se pode prever no Alentejo.

> J. FERNANDO DE SOUSA Engenheiro



A igreja na vida espiritual do Alentejo

pelo Padre MIGUEL DE OLIVEIRA

A igreja na vida espiritual do Alantejo





Para caber em breves páginas, êste esbôço da história religiosa do Alentejo não pode sair das linhas gerais. É simples visão panorâmica, na qual procurámos, ainda assim, fixar dementos objectivos, evitando por igual o verbalismo artificioso e o frio enunciado de

Os factos que se afiguram mais salientes, dividem os dezasseis séculos que nos separam da primeira noticia de cristandudes nesta provincia, em periodos quási períctios de quatrocentos anos. Torna-se, porém, impossível, à míngua de documentos, traça o quadro da vida cristá durante o dominio muculmano. Não presenheremos com hipóteses

Não preencheremos com hipóteses ésses quatro séculos, cuja história se adivinha escrita com sangue de martírio.

As origens cristas da Peninsula envolvem-se em mistério que talvez nunca se venha a desvendar. Pretenderam algumas igreias nossas referir a sua funda-



Padre Miguel de Oliveir

ção à idade apostólica, mas os argumentos não resistem à primeira análise. Assim, deve ter-se por lendária a ligação imediata de S. Pedro de Rates, S. Basileu e S. Manços com a prêgação dos Apóstolos, e não se atribuírá grande valor histórico às legendas hagiográficas dos Breyláricos natigos. Todavia, o Alentéjo ecupa lugar privilegiado na nosa história eclesiástica. Aquela via militar que, ecdes a foz o G. cadianas, se dirigia a Enor, passando por Basearia, Myrillis e Par Julia, foi verosimilmente o camiento que seguiram, na faixa o deidenta da Perientesta, os primeiros aratusos de Françelho, Dali viriam elles sté Bracara Augusta, comunicando às cidades ligadas por extrada romana a luz cristá que orineiro nos terá luticido em Ossonoba.

As cristandades do sul do Tejo ado, pelo menos, as que apresentam mais adcumentação. No conscilio de Elvira, eclebrado pol sano 300, estiveram presentes Vincentias Episcopus Ossonobensis e Quintiatums Episcopus Elporansis. E virte que ja extresse ambien instituido do bispado de Part pola pola era esta, como sado de Convento furidico, a cládade mais casgorizado, pola era esta, como sado de Convento furidico, a cládade mais casgorizado pola esta pola porte de consecuencia de

Nada se sabe em pormenor sóbre a vida desass primitivas cristandades. A história das dioceses reduz-se, em alguns periodos, à lista dos seus bispos. Pelas actas dos concilios de Toledo verifica-se, contudo, que a sucessão opiscopal de Evora e Beja só veio a interromper-se com a invasão muçulmana.

O primeiro bispo conhecido de Beia, Apringio, vivea no tempo da er redusi, a rota do non de 540, e mercea de Santo ládore de Sevilin o elegi de «disserus lingua et scientia erudira». Eservesu un comentario ao Apocalpee, «subtil sema stape illustri sermone». O último teria sido o celebre látiloro Pacenne, autor de preciosa Cródica em que se referem muitos sucessos de conquista sírab», aé o ano de 754.

A opjezila ministra mis sigemas informações. Também nosta matéria é privilegida o Alexterio da 80 inservicios estitos que conseguimon colleje, rescuence-tile 37. O conjunto mais importanse e o de Mérola, eciais lajdele lunculor de la comparta del la comparta del la comparta de la comparta del l

Tudo, porém, se vai obseurecer. Na história criat do Atendya, a base quatro séculos de vida, sucedem outro quarto de silhecio. Alguma noticia ino-lada apenas permite concluir que subsistiriam núcleos de população criat. Sabeseu, por exemplo, que eram antarias de Béal o ejevia. S. Sistemado, mari-rizado em Córdova a 16 de Julho de 80, e o presiblero Tiberino que an marina de respectado, porta de constituir de companio de constituir d

No domínio português, o primeiro período da história religiosa do Alentejo decorre desde a reconquista cristã até à elevação da igreja de Evora à dignidade metropolítica. Única sé alentejana, Evora preside à organização eclesiástica de

metropolítica. Única sé alentejana, Evora preside à organização eclesiástica de vastissimo território. A principio luta naturalmente com penúria

luta naturalmente com penúria de recursos, mas acodem-lhe com poderoso auxílio as Ordens religiosas.

Conquistada a cidade de Evora em 1185. D. Afonso Henriques tem o cuidado de a organizar como centro de resistência contra o poderio muçulmano. Logo no ano seguinte, dá-lhe focos municipais, restaura-lhe a sé com o bispo D. Soeiro e confia do Ordem de Calatrava a sua defesa militar. Até à expulsão definitiva dos

Até a expulsão definitiva dos sarracenos, em meados do século XIII, as terras de entre Tejo e Guadiana são teatro de freqüentes lutas que não permitem à população fixar-se, nem à Igreja ultimar o quadro das suas instituyões. É see, no entanto, o periodo mais brilhante das Ordens militares, em campo dens militares, em campo dens militares, em campo Ledeixão para ousadas iniciativas. Pelo auxítio oue reseavado de ledeixão para ousadas iniciativas pelo suitifica de ledeixão para ousadas iniciativas pelos de ledeixão pelos de ledeixão



D. Augusto Eduardo Nunes, Arcebispo de Évora

son nossos primeiros monarcas, 100das elas mercena a docação de largos senhorios. Nenhuma deixa de marcar presença. Em 1160, D. Afonso Henriques doou sos Templários a terça parte do que referencia de la protorio no Afesticio. Em 1225, D. Sancho il entrega aos fricera do Heira de la protorio no Afesticio. Em 1225, D. Sancho il entrega aos fricera do Heira de la protorio de Santiago noblem em 1253 a dosedo de Albustra e em 1259 a de Merdon onde instituiram o convento da Orden. Da de Calatrava, nacionalizados com o nome de freires de Évora, recebem de D. Afonso II, em 1211, o lugar de Avis, para o poyoarem e fortalecerem.

Neste periodo heróico, são as Ordens militares quem toma no Alentejo a vanguarda, quer na conquista e poyoamento, quer na erecção de castelos e

Évore - Reliquia do Santo Lenho no Museu de Arte Sacra

igrejas. Muitos povoados alentejanos lembram ainda, na sua fisionomia, a imagem de antigos cavaleiros: elmo e cruz.

Finda a cruzada, avançam a conquista espíritual da planura as Ordens monacais e medican-tes. Desde princípios da Monarquia, tem a Serra de Osan os seus Eremitas. No século XIII, estabelecem-se os Eremitas de Santo Agostinho em Vila Viçosa, tos Franciscanos e as monjas beneditinas em Brora, os Dominicanos em Elvas, os Carmelitas Calcatos em Moura.

Continuam por séculos as piedosas fundações, graças à

munificência dos particulares e dos reis, sobretudo na época de D. Jodo II e D. Manuel. A terra é vasta e rica. Os mosteiros proseram. Erguem-se templos sumptuosos e para éles se lavram algumas das mais lindas pedras e se pintam alguns dos mais valiosos quadros do nosso patrimótio artistica.

Parece que a alma alenteiana

longa e silenciosa planície. A vida crista decorre sem os incidentes que da celevo à história de outras dioceses, Sucesson arracantes, devemos procurários nos fastos políticos e militares, em que o Alentejo facilmente disputa primazias a qualquer provincia portuerence.

Desde D. Sancho I, todos os nossos reis fizeram demoradas estâncias por

terras transtaganas. Cidades e vilas puderam, assim, não só beneficiar de liberalidades da côrte, mas associar o nome a factos importantes para a história religiosa.

Estremoz foi uma das residências predifectas da Rainha Santa Isabel que, em missão de paz, tá foi morrer a 4 de Julho de 1330, Em Elvas, assínou-se a concordata entre D. Pedro e o clero em 1361. D. Darando, bispo de Evora, foi o prelado mais da intimidade de Afonso III e o que recolheu as suas útilmas disposições a favor da Igreia. O bispo D. Fernando acomanhou el-rel.



Borba - Antigo Convento das Servas do Senhor (em ruínas)

D. Afonso IV à basilha do Salado, levando consigo uma reliquia do Santo Lendo. Dúspo D. Jolo resolveu uma discordancia estre D. Jolo I e D. Nano Álvarse Pereira. O bispo D. García de Menesse acompanhou a Toro d-rei D. Afonso Ve comados uma esquadra, destinada a defenso e roine o Kispolos contra a livasido dos turcos. Se pudéssemos pormenoizar a açedo de outros perdados, friamos escontri-fois, como a Ordem militares, dando carras de foral, construindo igreisa, fixando no solo os médeos que desabrecharam em Horescentes provados.

No álbum das glórias cristãs do Alentejo inscrevem-se ainda alguns dos

de seu pai, D. Álvaro Gonçalves Pereira; Assumar viu-o erguer o templo volvio da batalha de Atoleiros; Vila Viçosa, o de homenagem à Imacualsda Conceição. Na glória dos altares, temos destá epoca a Bem-aventurada Beatriz da Silva, nascida em Campo-Maior, e S. João de Deus, natural de Montemoro-Novo, que levaram à Esoanha o exemplo das saus virtudes.

111

Pela bula Gratiae divinae praeminm, de 24 de Setembro de 1540, foi a catedral de Évora elevada à dignidade metropolítica, a pedido de el-rei D. João III.



Redondo - Convento de S. Paulo (Serra d'Ossa)

que desejava prové-la em seu irmão, o Cardeal D. Henrique. Êste facto, com o qual se abre novo capítulo na história religiosa do Alentejo, mão resultou de simples capricho do rei e do inflante. Évora ocupava, desde D. João II, lugar relevante na vida portuguesa. Os mestres da côtre elevaram o ambiente cultural da cidade, et à transformarem em notável centro de estudos humánsiticos.

Merecem reler-se as páginas que D. Manuel Gonçalves Cerejeira consagrou a Évora, na sua obra sôbre «O Renascimento em Portugal». Nicolau Clenardo,

sábio estrangeiro, vejo ali encontrar, ao redor da côrte, uma pléinde de erudiditos: André de Resende, sum poeta que merece colocar-se ao lado dos antigos», lorge Coelho, orador de «estilo puro e elegante» na lingua latina, João Petit, doutor de Paris, D. Francisco de Melo, de quem Gil Vicente dizia «que sabe ciência avondo», cultores do latim, do grego, do árabe, do hebraico,

De par com a cultura, desenvolvia-se a vida religiosa por novos claustros e igreias que chamaram ao Alentejo os mestres do Renascimento. As antigas Ordens reformavam os seus edifícios, e outras vinham juntar-se-lhes na contemplação ou no anostolado, nor cidades e campos.

Arcebispo de Évora, o Cardeal D. Henrique não descurou o engrandecimento da cidade em que fizera os estudos. Rastava a Universidade para lhe perpetuar o nome. Fundara êle um colégio, chamado do Espírito Santo, que em 1553 confiou à Companhia de Jesus. Passados alguns anos, pediu à Santa Sé que nêle erigisse «uma Universidadezinha em que somente se lessem linguas, artes, teologia e casos de consciência». Deferida a pretensão, a Universidade inaugugurou-se em 1 de Novembro de 1559 e chegou a rivalizar com a de Coimbra nos estudos teológicos, ilus-



Frei Manuel do Cenáculo

trada por mestres como Luiz de Molina, Sebastião Barradas e Cristóvão Gil. Ainda no século XVI, fundaram-se as dioceses de Portalegre e Flyas. A primeira, criada por Paulo III na bula Pro excellenti apostolicae sedis, de 21 de Agrasto de 1549, constituiu-se com povoações desmembradas do bispado da Guarda e mais a de Arronches que pertencia a Évora; teve como primeiro bispo D. Julião de Alva, vindo de Espanha como confessor da rainha D. Catarina, A diocese de Elvas foi crecta, a instâncias de el-rei D. Sebastião, pelo papa S. Pio V, na bela Super emertas, de 9 de Junho de 1570. Formos-se com os territórios de Olivença, Campo-Maior e Ouguela, então pertencentes a Cesta e com outros desimembrados de Evera, de cujo arcebispo ficou sufragânea; foi seu primeiro bispo D. Androis Mendes de Carvalho.

Finalmente, volvido um milénio sobre a memória de Isidoro Pacense, Beja vé-se outra vez honrada com cátedra episcopal. A instâncias de D. José, o papa Clemente XIV, por breve de 10 de Julho de 1770, constitul a nova dioceapacense com territórios separados de Evora e dé-lhe como primeiro hison

D, Fr. Manuel do Cenáculo Vilas-Roas

Pela nova circunscrição diocesama, executada em 1882, extinguiu-se o bispado de Elvas e ficaram apenas três sés na provincia: Évora, Beja e Portalegre. Os fastos mais recentes de cada uma dessas dioceses terão decero eveca-

cho condigna em outras púginas desas obra. O que lhes de aspecials eracerista es o trabalho pessou dos seas bisson, as organização dos Seminiforio, sas obras de assistência, na dourrinação religiosa. Excede os limites que nos foram propostos, entar agora peta hiogaria dos presidos; mas citemos siguans grandes nomes: D. Fr. Amador Arrais, D. Fr. Mamed do Centiculo, D. Fr. Formatos de S. Boseventura, D. Schastillo Lielte de Vasconcelos, D. Augusto

Da actualidade, apenas diremos que o Alentejo marca distinto lugar na obra de renascimento religioso que é já glória portuguesa do século xx. E deve-o ainda aos seus bispos. Hé-de-perdoa-se, a quemo se limitou a fugida peregrianção por dezasseis séculos de história, que obedeça rigorosamente ao texto sapinenia! Xº leanderis hominem in vita sua:

Padre MIGUEL DE OLIVEIRA

As obras de irrigação no Alentejo

pelo engenheiro J. FERNANDO DE SOUSA



É ocioso encarecer a importância das regas para transformar a situação econômica de regiões condenadas às contingentes culturas de sequeiro, de escassa produtividade.

O Alentejo, com alturas anuais de chuvas que mai atingem, ou pouco exce-



Évora — Um especto de importente (ébrice de cortice do considerado exportedor senhor José Gomes Severino

dem, 0°,50 e solos em geral delgados com subsolos impermeáveis e grande evaporação pelos intensos calores estivais, só pode prosperar e ver erescer a sua população pelo incremento largo das culturas de regadio.

O problema é, há muito, objecto de estudo, e a solução nas suas linhas

gerais foi indicada com superior clarividência na Memória acêrca do aproveitamento de águas no Alentejo, do eminente engenheiro Almeida Eça, publi-

cada em 1884.

Em 1934 o distinto engenheiro A. G. Soares Branco, que então dirigia os serviços da Junta Autónoma de Hidraulica Agrícola, publicou uma conferencia sobre a rega no Alentejo, feita no Palácio das Exposições, e uma tese sôbre a Hidraulica Agrícola no sul do País. Ambos êsses trabalhos contêm valiosas indicações metódicamente expostas.

Denomina-se Alentejo o terreno compreendido entre o Tejo e as serras do Algarve, dividido em *Lexirias* no Ribatejo e Sado, com cota em geral inferior a 25º e Ternas Altas, suicadas pelos afluentes do Tejo, do Sorraia, do Sado, do Guadiana, vasto planalto de altitude superior a 25º e que vai, em geral, de 150º a 20º.

A média de altura anual das chuvas, determinada pelos dados de observação de poucos postos metercológicos, que só últimamente se têm multiplicado, pode-se fixar em 0°,50.

O coeficiente de escoamento, isto é, a relação entre a água que passa num local de um río e a que cai na respectiva bacia hidrográfica, varia, mas pode-se fixar proximamente em 0,20. Os quatro quintos restantes desaparecem pela infilitração e sobretudo pela evaporação.

Désses dados deduz-se o chamado caudal médio dos rios por unidade de superfície da bacia.

Há que efectuar os armazenamentos por albufeiras para obter determinado caudal unitário.

A água pode ser represada por diques em lugares apropriados para o esta-

belecimento de grandes depósitos reguladores.

Os serviços da Hidráulica Agrícola procederam a reconhecimentos, pelos quais se manifesta a possibilidade de estabelecer: nas ribeiras da margem esquerda do Telo, para rega das Lezirias, 6 albu-

feiras com 75 milhões de metros cúbicos; no Sorraia 3 albufeiras: de Cabeção, Montargil e Cornunheiro com 400 milhões:

no Sado o Pero do Altar e 4 alhufeiras com 125 milhões

.

Ésses três grupos somam 600 milhões para as Lezírias. Para as terras altas estão reconhecidas, como prováveis, 15 albufeiras na bacia do Sorrais, fio total provável de 225 milhões.

Na do Sado estão reconhecidas 23 albufeiras, uma das quais, Vale do Gaio, está em construção. Está também em estudo uma grande central hidro-eléctrica no Sado com três diones.

Há pois possibilidade de armazenar água e de a utilizar em terrenos que se podem regar, aproveitando 500 milhões de mc. de água à razão

de 10.000 mc, por hectare, lá vira Almeida de Eca a necessidade de multiplicar as albufeiras para regar diversos tratos de terreno, tanto nas lezírias do Sorraia, como em diversas regiões das ter-

rae altee Mais tarde o engenheiro Ferreira da Silva, que esteve

Lavoure elentejana Debulha

à testa dos servicos hidráulicos e cuia morte prematura o não deixou exercer a Vasta accão que preparava, reconheceu a preferência a dar às regas no Alentejo. Antes dêle. Oliveira Martins alvitrara no seu notável projecto de fomento rural

essas regas. Emidio Navarro iniciara a construção

da albufeira de Avis, abandonada ao cabo de pouco tempo. O Dr. Fernandes de Oliveira, que

criara o Ministério da Agricultura, procurou suscitar os estudos de regas e por sua iniciativa foi elaborado um notável projecto nelas alturas de 1920, para a construção de albufairas no Maranha em Pavia e a de Paul. Previa-se a rega de 46,000 hectares nas Lezírias, campos de Salvaterra. Benavente e margens de Sorraia. Obtinha-se so mesmo tempo quantidade avultada de energiaeléctrica.

Um decreto publicado em 1919 assegurou a comparticipação do Estado nas obras de regas e estatuia o regime jurídico para as culturas do regadio.

A Junta Autónoma de Hidráulica Agricola, criada em 1930, foi remodelada



Levatório de cortica que o trabalhador rural imerovita em oleno campo

em 1935 e à testa dela foi colocado o distinto engenheiro Trigo de Morais, com profundo conhecimento da especialidade. Desde então deu-se grande impulso aos estudos e projectos das diversas regiões do país-

Já antes, em 1919, a Companhia das Lezírias fizera elaborar um projecto de rega das Lezírias de Vila Franca, que regaval 4.746 hectares com água elevada do Teio.

Foi previsto o recurso complementar a albufeiras na bacia do Sorraia. Mais tarde, em 1927, o Crédito Predial mandou elaborar um projecto de

captação de água do Tejo para regas e alimentação de Lisboa, A lei n.º 1.914 de 24 de Maio de 1935 esboçou um plano geral da recons-

tituição, defesa economia nasional, para o que destinou dotações que em 15 anos deveriam atingir 6.500,000 contos e nas quais se incluiram as destinadas à hidráulica agricola Veio depois a lei n.º 1.949 de 15 de Fevereiro de 1937 estatuir as bases da acção hidro-agricola, minudenciadas em decreto n.º 28.652 de 16 de Majo de 1938.

no qual se regulam as relações dos proprietários regantes com o Estado. Importa resumir os preceitos estatuídos.

I. - O aspecto técnico do problema

O problema das regas tem dois aspectos fundamentais: o tícnico e o económico-jurídico.

O primeiro está suficientemente esclarecido pelos estudos técnicos, a que se tem procedido e pelo corpo de doutrina a que se chegou.

Há no país, especialmente no Centro e no Sul, no Ribatejo e no Alentejo, vastas regiões susceptiveis da cultura de regadio, que as transformará sob o ponto de vista económico e demográfico.

Podem-se captar nelas grandes volumes de águas, que o regime torrencial dos rios e ribeiras torna, em geral, nocivas pela desnudação dos montes e assoriamento dos vales sem atenuamento da pobreza e contingência das culturas de cenueleo

A regularização dêsses cursos de água pelo revestimento das cumeadas e pelo armazenamento das águas em grandes albufeiras pode transformar as condições hidrológicas e pôr à disposição da lavoura grandes volumes de água aproveitados na reca.

Os diques dessas albufeiras criam desníveis consideráveis, que se podem

utilizar em estações hidro-eléctricas produtoras de grandes quantidades de energia, culo aproveitamento seria ruinoso como objectivo exclusivo da obra, se o considerável dispêndio da eriação das albufeiras não tivesse a sua compensação nos beneficios de ordem agrícola, o que diminui considerávelmente o custo do kilovar.

É este, em geral, menor quando obtido pelas máquinas termo-eléctricas sem a finalidade das regas.

Segundo o critério hoje dominante, as albufeiras têm de corresponder ao triplo fim de methorar o regime dos cursos de água, fornecer água para regas e subsidiàriamente obter energia hidro-eléctrica, que vem un tecro suplementar da exploração agricola pelas receas.

E' a êsse triplice objectivo que obedecem as obras incluidas no plano geral de acção da Junta Autónoma da Hidráulica Agrícola.

Convém observar que o art. 41.º do D. n.º 28.052 de 16 de Maio de 19.88, que regulamenta a aplicação da lei fundamental das regas n.º 1949 de 15 de Fevreiro de 1937, atribui os lucros líquidos dos aproveitamentos hidro e-féctricos nos terrenos beneficiados



Ceifando. Mulher do cempo

cos nos terrenos beneticiados
pela rega e distribui-os pelos regantes na proporção das taxas de rega.

Essa disposição é lógica e equitativa, pois as obras são pagas pelos beneficiários das regas mediante a referida taxa. Na amortização que ela representa
está incluído o custo da natre eléctrica.

Os estudos agronómicos àcêrca das regas e os resultados destas por tôda a parte levam à conclusão de que os seus efeitos económicos justificam sobejamente as obras feitas para os obter. A valorização das terras regadas é superior em muito ao encargo das obras correlativas, produz frutos económicos e sociais que a justificam, permite fixar no solo em condições favoráveis grandes massas de pooutação.

A coloração dos produtos das culturas regadas, alargado, como é provável o consumo nacional e aumentada a exportação, susceptível de apreciável incremento, não deve causar inquietações e o nivel de vida subirá entre nôs, mercê do incremento da produção do leite, carne, frutas e legumes, hojo escassos e caros.

II. - O regime jurídico das regas

As obras de rega projectadas são executadas pelo Estado à custa dos proprietários interessados. Nem mesmo o custo dos estudos é exceptuado, como parcela razoável.

A despesa efectuada é dividida pela superficie beneficiada e sóbre cada hectare recai o encargo, durante 50 anos, de uma anuidade de amortização calculada à taxa de 4, 3 ou 2 por cento, coforme a classe atribuída ao terreno.

Esta auxilidad e paga com as contribuições. Segundo a conomia das leig nomaçatas, l intes Autónoma incumbo a ciaboração de planos gerais de rega, indicado na áreas regadas, o volume de água, a estimativa das obras e o compunido de restalado condentos. Estas planos são submedidos a casam da Climara Corporativa e subseqüentemente aprovados em Conendo de Misinistro, Só depois se daboram as projectos definitivo das obras, que, depois de apreciados polo Constitho Superior das Oras Públicas, a tomorquia em apropados em Constito Superior das Oras Públicas, a tomorquia de apreciados polo Constitho Superior das Oras Públicas, a tomorquia em aprodes como consecuente de consecuente d

São em seguida autorizadas as despezas com a realização das obras.

O projecto definitivo destas é transmitido ao Ministério da Economia para promover a criação das associações de regantes e a instalação de colónias agricolas.

A Junta Autónoma substitui as associações de regantes, enquanto não entrarem em funções

A mesma organiza, depois da classificação das terras, o cadastro das propriedades regadas e envia às Repartições de Finanças os elementos necessários para inserições, na matriz, de novos rendimentos atribuídos às diversas pareclas com a indicação das taxas de reza e beneficiação.



Évora. Monte dos Clérigos — Uma (erra a que preside o próprio lavrador, senhor francisco José Chaveiro Calhau



O cadastro é submetido, durante 30 dias, a reclamações, que são devidamente apreciadas e julgadas pela Junta Autónoma.

O art. 56,º do D. n.º 26.652 determina a redução das anuidades da rega, se a mais valia lhe fôr inferior, o que será feito no prazo de três anos a contar da passagem das terras ao regadio, ou ainda nos dois anos seguintes.

De cinco em cinco anos pode-se proceder à revisão do rendimento das propriedades regadas.

Finalmente as terras de 3.º classe só entram em regime de regadio quando assim for declarado em vista das circunstâncias. A taxa de rega e beneficiação recai sôbre as respectivas parcelas sòmente no ano económico seguinte à primeira exploração de regadio.

As despesas de exploração e conservação das obras são custeadas com uma taxa anual de exploração e conservação, resultante da divisão da despesa respectiva pelo número de hectares beneficiados

Os lucros tíquidos da exploração da parte hidro-eléctrica são divididos pelos hectares beneficiados proporcionalmente à taxa de rega e beneficiação e atribuídos aos respectivos proprietários.

Os proprietários podem realizar a remissão da anuidade de rega a dinheiro ou por cessão de parte do prédio.

O Estado pode expropriar terrenos para instalação de casais de família. Figure assim resumidos os preceitos que regem os terrenos sujeitos ao regime de regadio e as garantias dadas aos proprietários.

III. - As obras projectadas e os resultados previstos

Convém referir que obras estão previstas em relação ao Alentejo, no último plano aprovado, que loj o de 1937, sôbre o qual recaju o notável parecer da Junta Corporativa elaborado pelo distinto engenheiro Vicente Ferreira.

São 20 as obras que figuram no plano geral e que beneficiam 106,000 hectares com a despesa prevista de 1.118.381 contos, que representa a média de 10,550s00 per hectare.

	Hect.	Contos	Kuth
Vale do Sado - curso inferior - 1.ª parte	5,304 3,085	116,450	7.300.000
» de Campilhas	1.840	14,720	500,000
do Sorraia	39,000	312.000	28,000.000
 do Sado — curso inferior — 3,* parte 	6.291	69,201	600,000
» » superior	3.160	37.920	2,000.000
	58.680	550.291	38,400,000

o que dá a média de 9.300800 por hectare.

Das obras previstas estão em construção duas no vale do Sado. A albufeira do Pego do Altar na ribeira de Santa Catarina regará 5,304

hectares e pode armazenar 80 milhões de metros cúbicos de água. Parte desta será derivada pelo canal da Gachinha para regar terrenos beneficiados pela 3,º parte.

Na segunda obra serão regados 3.075 hectares por 60 milhões de metros cúbicos da albufeira de Vale do Caio no rio Xarrame, afluente do Sado. Cada um dêsses diques terá uma central hidro-eléctrica: da so duas se obterão.

7,3 milhões de kwh.

Projecta-se no curso inferior do Sado uma terceira obra, não começada ainda-

O aumento de rendimento agrícola será de 16.500 contos, a que se juntam 1.100 das centrais agrícolas. O aumento de contribuïção será de 400 contos, o de lucro líquido será de 329 por cento. As obras projectadas no Vale de Campilhas permitirão a rega de 1840

hectares por uma albufeira com 21 milhões de metros cúbicos, enxugo de terrenos e uma central eléctrica para 500 kwh.

O projecto do Vale do Sorraia beneficia 39.000 hectares, prevê grande

O projecto do vaie do Sorraia beneficia 39,000 nectares, preve grande desenvolvimento das culturas forraginosas e da criação de gados e colonização em larga escala.

Estabelecem-se 4 albufeiras, que reprezam 445 wilhões de metros cúbicos:

Maranhão, Montargii, Fragusta e Divor, em afluentes do Pavia, 4 centrais eléctricas para 28 milhões de kwh, sistemas de enxugo e defesa e descarga do Tejo para o Sorraia.

As obras da 3.º parte do curso inferior do Sado beneficiam 6.291 hectares no vale de Maraícea e no estuário do Sado em lodos e nateiros de origem marinha, mediante uma albuleira de 26 milhos de metros cubicos no Bem Ca-lado. Haverá uma central produtora de 600.000 kwh. O custo das obras é estimado em 62.00 contos e terá considératives resultados econômicos.

No curso superior do Sado projecta-se a albufeira do Monte da Rocha com 26 milhões de metros cúbicos para regar 3.160 hectares e uma central eléctrica de 2 milhões de kwh. O custo deve ser de 37,920 contos.

Com êste conjunto formidável de obras, estimadas em 550,000 contos, duas das quais estão em construção, regar-se-ão cêrca de 60.000 hectares e obter-se-ão 38 400 000 Kwh

Os volumes de água armazenada em albufeiras somam 658 milhões de metros cúbicos.

Podem supór-se demasiado optimistas os cálculos, quer do custo das obras, de que há por agora apenas estimativa, quer do rendimento liquido dos terrenos regados, quer da possibilidade de venda dos produtos a precos vansisosos.

A margem que fica e os efeitos sociais da sujeição de 60,000 hectares de terras a regadio é tal, que se não deve hestar na continuação da obra encetada, embora em citmo um pouco máis lento.

Deve-se notar que o aumento de contribuïções é calculado em 19.500 contos, o que representa um benéficio directo para o Tesouro, que nada dispende, pois as obras são feitas à custa dos benéficiados, que as pagam em anuidades.

Nem ao menos toma o Estado sóbre si o encargo dos estudos, calculados para as obras enumeradas, em 24.177 contos. Sería iusto que essa despesa representasse comparticão do Estado, pois

ficaria compensado pelo aumento de contribuïções de menos de 2 anos.

Deve-se acrescentar a estas obras enumeradas a de Alvega, já concluida,

na margem esquerda do Tejo. Beneficia, com a rega e enateiramento, 438 hectares de terreno à beira do rio.

Constam as obras de uma estação elevatória, de canais de rega e de um

dique de enateiramento para 70 hectares de leito velho do Tejo.

As obras foram iniciadas em Agosto de 1906 e organis em 2.550 contos.

o que representa 5, 821890 por hectare,
Há, pois, que acrescentar os dados relativos a esta obra aos que mencionei
às em execução ou projectadas para o Alenteio, o que eleva a 59,118 hectare a

área beneficiada e a 552.841 contos o seu custo orçado.

Como conclusão, deve-se desejar a integral execução do plano de regas elaborado, que terá profunda e benefica influência na economia do Alenteio.

J. FERNANDO DE SOUSA



A pecuária alentejana

Pelo DR. RUY D'ANDRADE

pecuária elentejano



DR. RUY D'ANDRADE



PROÉMIO

Pedem-me algumas palavras acêrca da pecuária do Alentejo para um trabalho a publicar sóbre esta nossa província. Vacilei muito antes de aceltar o encargo, porque um assunto de tanta monta

nde sômente merceia ser tratedo por alguíar mais competente, como tumben requerás naior espaço do que soude de ensatio fina de consegrado, nas un analgo intimo que minto prezo, interveio por tal modo, que o pedido assumia forcos de uma ordem e rive de nearregar-me da missa, a qual, dada a profini anatureza do livro, ado poderá ir alem dum estado rápido e ligeiro, santo mais que o tempo para a publicação de bastena euroro e se também não posso dedicar-lhe exclusivamente o punco de que disponho.

Os heliores, posa, que me desculpira.

Os teitores, pois, que me descuipem

A questão pecuária tem no Alentejo primacial importância, porque a indistria dos gados é o balancierro ou volante que, de ceren modo, permite vencer os pontos mortos e as reaissências dos freqüentes precalços da agricultura cercalificar e que acumula energia potencial nos momentos de vigorosa cercalicultura; quere dizer, é o nosso mealheiro, a nossa reserva pecuniária.

Vejo que em Portugal se atribui a culpa de uma suposta falta de progresso da agricultura do Sul ao atraso cultural dos lavradores alentejanos, mas permitam-me que, com a experiência de mais de quarenta anos de vida rural, eu diga que os que assim pensam, são injustos.

que os que assim persani, sao injustos.

A legislação portuguesa e espanhola (os primitivos forais da Galiza, Leão e Castela são anteriores alguns séculos aos nossos) é idêntica e nas zonas úmidas dos dois pajeses deu resultados palpáveis e análogos, mas nas zonas

sêcas de ambas as nações os seus efeitos foram absolutamente diversos daqueles,

A razão do insucesso nestas regiões é a mesma - impossibilidade da cultura permanente anual, falta de ocupação operária permanente, incerteza das culturas devida ao clima e daí a falta de consumidores, que só hoje começa em parte a ser suprida com a facilidade dos transportes ferroviários e automóveis.

Mas julgam muitos que a agricultura não progrediu no Sul pela ignorância

ou apatia dos agricultores.

¿ Onde estavam os jóvens de hoje quando os Srs. Fernandes, José Maria Ramalho, José Maria dos Santos, Barahona, José Maria Eugénio, Margiochi, Palma e outros experimentavam as primeiras charruas Dombasle e Brabantes, os tractores a vapor Fowler, as forragens, as adubações, os silos, as beterrabas sacarinas, etc., etc.?

Que en saiba só um dêsses coraiosos experimentadores ainda é vivo, o qual talvez tivesse visto o início dessas experiências quando ainda bastante novo, o conselheiro Iosé Soares, de Évora, i que lá não deve estar muito longe

sento acima dos 80 anos!

Não falo de mim para me louvar, que antes mereço ser criticado, mas só para referir o meu exemplo. Vindo há mais de quarenta e cinco anos de escolas que ainda hoie pontificam em questões agrárias, nenhuma das tentativas do meu tempo nem as que depois vieram e me pareceram aplicáveis, foi descurada.

Tôdas as experiências de adubações, todos os ensaios mecânicos, todos os sistemas culturais; introduções de sementes de trigos, de cevadas, de aveias, de centeios, de tremoços, de favas, de sarraceno, etc.; prados de sequeiro luzernas; trevos americanos, egípcios, italianos, franceses e inglêses; sanfenos, serradelas, sulas, trevagens, teoxintos; ervilhas, ervilhacas e chicharos, fora outras culturas de que me não lembro, tudo tentei, tudo pratiquei. O mesmo fiz com fibras e plantas industriais - linhos, cânhamos, sisal, plantas plenginosas, bichos de sêda, etc., etc.

Em gados experimentel tôdas as racas puras, cruzamentos e seleccões; tentativas alimentares - fenações, ensilagens, fosfatos, vitaminas, alimentos concentrados e artificiais: etc.

E de quantas mais coisas poderia falar, não dêstes últimos anos, mas de

há quarenta e cinco, de há quarenta, trinta... até hoje!

Não, o lavrador alentejano não é retrágrado nos seus expoentes mais elevados... que não são poucos; o meio é que é difícil, ingrato quando não adverso, e o pequeno agricultor, proprietário ou rendeiro, sem meios que possa arriscar, vai pelo seguro, só faz o que sabe de experiência certa com bom resultado

Não se conclus, portin, que en mão acredito nas prostibilidades de algum progresso, constaine ans lesto, o qui depende exsecularismos da condições do mercado — procura e prezo, Procuren e remuteren condigiramente, que o produção progrediras. Não aos tratem portem como como definisto, porque esses caso a cultura frumentária licará restringida nos tercenos del alta producividade natural e laqueles codo e trigo rijo demos que alta so comanos produziam trigo sem adubos, mas com sistemas de lavoura bem

¿ Mas a que vem êste preâmbulo ? É que a pecuária é no Alentejo a condiçõe esencial da possibilidade da agricultura na maior parte das terras pouco létreis, porque nessas só com o produto dos gados, especialmente com a cortiça e a engorda dos porcos nos montados e com a lá e o leite dos ovinos, é que o lavrador conseçue agientar-se.

O cultivador de cereais estremes só vive sem gados nas terras de barro, onde pode manter-se em equilibrio cultivando trigo num ano e favas no outro; os outros, nas terras pobres, só com o gado miudo, porque «éguas, vacas e dobrões... só para os toleirões».

Por isso, quando acusam de rotineiro o lavrador do Sul, os meus colegas agrónomos e a gente da cidade cometem um êrro de observação.

Aquelas condições são impostas pelo meio (clima e constituição agrológica dos terrenos) e pelos pedidos do consumidor.

A Portugal de população mais densa corresponderá no tempo agricul-

Els proque o lavrador dentejano tanto aprecia os seus armentios, que são para fele uma tibude de slavação. Lêt limais necessidades? Recorrese más a feles, razão por que, nos maus anos certailitoros, se vêem as feiras cheias de gados e os precoso más blotos. .. istemente quando conviri amás altos. Bast tan 5 a 10½ de maior ofeira para delar os precos em terra, moivo por que nestes últimos anos, com a deficiente produvidade das searas, vimos a carmo de porco baixar a 56800 a arroba, a la preta a 40800 e a carne de borrego a 1820 o aulio vivo.

O Estado acudiu, e bem, sustendo os preços da carne de porco e da la,

mas não conseguiu ainda resolver completamente o problema, porque se lhe está agravando noutro sector, o da frumenticultura.

Com trigo báixo e gados relativamente altos, com cevadas, aveias, centeios e milhos bem remunerados, o trigo, principal cultura do Sul, é abandonado e a conseqüência é a crise de trabalho do operariado, a pobreza dos seus salários, donde a deminuição do poder de compera, a fraqueza da indústria, do comércio c, finalmente, do valor capital do País.

O PATRIMÓNIO PECUÁRIO ALENTEJANO

Antes de entrar verdadeiramente na descrição desta riqueza, parece conveniente ver qual a população pecuária da provincia. Estatisticas fidedignas só as temos a partir de 1870 com o Recenseamento

geral de gados efectuado nesse ano.

Denois de 1870, àparte o recenseamento do gado bovino no distrito de Evora, promovido em 1910 pelo veterinário João Guerreiro Mestre, então Intendente de Pecuária dêsse distrito, e do recenseamento pecuário efectuado em 1914 ou 1915, se não estamos em êrro, na área da antiga Direcção dos Serviços Pecuários do Sul, em que estavam compreendidos os três distritos alentejanos, recenseamento pecuário cujos resultados nunca foram divulgados, não obstante as respectivas cifras terem sido apuradas, ordenadas e classificadas para publicação, efectuou-se em 1925 o Arrolamento geral de pados no Continente. cujos números, dadas as precárias circunstâncias em que êsse serviço foi feito, carecem tanto ou quanto de confiança, de modo nenhum por culpa da repartição oficial que o preparou, orientou e dirigiu, mas por falta de auxílio dos agentes recenseadores, que pelo geral se mostraram ou pouco competentes ou de nenhum interêsse por êste trabalho e mais ou menos desprovidos de zêlo na execução dêle, deficiências a que a repartição recensendora se esforcou por obviar, e em parte conseguiu remediar, mas essa estatística pecuária ficou sempre padecendo do mal de origem, motivo por que a não utilizaremos para objecto das nossas considerações.

considerações. Posteriormente, referido a 31 de Dezembro de 1934, realizou-se o Atrolamento geral de gados e atimatis de capoeira, em que intervieram pela primeira vez os veterinários municípais e a que deram o seu concurso as autoridades administrativas, eque em muitos casos foi precisos o, além do valioso auxilio Voluntriamente prestado por a futumas associacios, aerícolas e no particulares. operando executores e colaboradores na melhor harmosido e con a maior deligenia para o resultado assistáncia o que se chegora con a preciação, gência para o resultado assistáncia o que se chegora de preciação, diz o Director Ceral dos Serviços Pecuários ao apresenta esta estatística, considere o Ster nabalho como o mais completo e bem elaborado que, sóber o assuntosidere o Ster nabalho como o mais completo e bem elaborado que, sóber o assuntoses tem efectuado entre nois; constitue uma base sólida em que assentarão o arrolamentos que, de futuros, os eleverão fazer orienfolda en regularmento o

Tais os motivos por que confladamente tomaremos ne elementos desta ustatistica para base das nosass reflexes. Demais, entre or creentemento pecuário de 1870 e o de 1934, media bem mais de meio século, o que é já un largo período para panteara o modo como os factores sociais e económico-agricolas vieram a influir directa os indirectamente e mais ou menos profundamente ne evoluçõe da industria armentos asteripana, a deta ataligar a falsonomia geral a confeccio da industria armentos asteripana, a deta ataligar a falsonomia geral

Em 31 de Dezembro de 1940 procedeu-se a novo inventário da nossa riqueza pecuária, cujas cifras não tardarão certamente a serem divulgadas pela Direcção Geral dos Serviços Pecuários, ordenadas e classificadas em têdas as suas particularidades e pormenorizadamente esclarecidas das causas e correlativos fenómenos contidos na sua expressão numerativa. Mas a distância entre êste inquérito e o de 1934 é bastante curta para nos poder revelar grandes transformações, embora os respectivos quantitativos globais bem notifiquem as variações, aliás não muito acentuadas, entre as mútuas relações dos efectivos específicos, umas por efeito dos últimos maus anos cerealíferos, outras possivelmente resultantes dalgumas medidas de política económica, variações a que aludiremos ao confrontar estas duas estatísticas, das quais abstraímos a parte relativa aos animais de capoeira, não sòmente porque o recenseamento de 1870 não engloba as espécies aviárias, faltando assim uma base de referência, mas também porque a exploração avícola no Alenteio, àparte uma que outra tentativa, mais de curiosidade que outra coisa, conserva ainda, como então, o seu aspecto caseiro, isto é, continua mais no domínio da economia doméstica, que no da economia agrária propriamente dita.

Efectivos específicos — Postas estas breves notas acérca do valor dos vários inventários da nossa fortuna pecuária, apontemos os seus respectivos números na parte que particularmentente nos interessa, para os cotejar e déles tirarmos algumas possíveis ilações.

Essécios	Dis	trito de B	eja	Dist	ito de É	rora	Distrit	o de Pert	alegre		Tetais	
Especies	1870	1934	1940	1870	1934	1940	1870	1934	1940	1870	1934	1940
Cavalares	5,037	8,661	7,353	4,409	5,963	5.911	3,498	4,915	4,690	12,944	19,539	17,95
Muares	10,705	31,093	27,630	6,670	16,333	15,000	4,674	11,186	10,943	22,019	58,612	53,585
Asininos.	12,959	28,699	17,742	9,600	14,623	11,349	8,800	14,319	11,421	31,361	57,641	40,515
Bovinos .	23,201	20,524	19,345	26,601	23,325	24,699	26,810	26,103	26,077	76,612	69,952	70,121
Ovinos	257,748	389,564	435,867	221,610	405,857	433,993	213,031	335,646	372,646	692,389	1.130,567	1,242,500
Caprinos.	73,284	100,695	72,754	79,932	55,251	35,296	79,817	86,102	68,106	232,363	242,048	176,050
Suinos	78,062	155,429	118,748	72,246	150,965	151,760	59,926	121,386	106,426	210,284	427,780	376,931

Por distritos e respectivos concelhos, a evolução da população pecuária por espécies é a que consta do mapa junto.

Para fazer uma idéia comparativa da riqueza pecuária dos três distritos em

1940, é conveniente conhecer a superfície de cada um e a dos respectivos concelhos, porque estes números, comparados com a correspondente população (veja-se a página seguinte), darão também uma noção da riqueza das suas terras.

Analisando essa tabela, parece útil destacar vários pormenores que dela se inferem, aludindo simultáneamente a algumas circunstâncias determinantes do significado que os números sugerem.

A-pesar dos seus terrenos mais pobres (granitios) que os dos outros dois distrios, a população humana é mais densa por Km³ no distrito mais setentrional (Portalegre), compensação dum melhor teor hidrometeórico (chuvas e umidade geral) resultante da sua mais elevada latitude e maior altitude (Serra de S. Mamede com mais de 1,000 metros).

O número de cabeças normais por 100 habitantes excede o da população humana nos concelhos de Barrancos, Arronches e Monforte; nos dois primeiros o facto é devido à qualidade dos terrenos, bastante pobres, e à configuração do terrifório, montanhoso em grande extensão, que não favorecem o desenvolvimento da vida humana.

Referido a 100 habitantes, o número de cabeças normais nalguns concelhos é baixo (inferior a 45) por razões diversas e até opostas. Em Beja, Cuba e Borba, por efeito da cultura intensiva das suas terras; em Odemira, Gavião e Aliustrel. por causa da má aptidão pascigosa dos seus terrenos, muito pobres:

	957	THE PERSON NAMED IN	2 2	lação 1940	Ete	etivo pecuis	io
1	Distritos	Concelhos	Superlicie em Km²	Pepulação em 1940	Cobeçus	Par 100 habitantes	Per Kee'
	2.5	Aliustrel	478.84	17-480	7,997	41,77	15.0
	SE .	Almodôvar	794,60	15.611	8.645	55-37	10,8
	282	Alvito	271,24	5.033	3.647	72,46	13.4
	anaphat Km² anaphat Hab. ab,73 *	Barrancos	188,00	3.507	4.922	120,38	22,4
	2 6	Beja	1.173.32	41,460	17,828	43,00	15.1
		Castro-Verde	563,64	19,945	8,513	69,50	15.1
BEJA		Cubs	171,21	8.207	2.876	35,04	16,7
BE	em 1940.	Ferreira	575,80	14-448	9.590	66,40	16,6
		Mertola	1,319,08	29.714	14,226	47,87	10,7
	. 2 2	Moura	0.42,12	27.34x	14.337	52.43	15,2
	Superficie População em Densidade por	Odemira	1,797,36	39.922	12.940	37,41	7:4
	d a d	Ourique	623,00	15-957	11.007	68,97	17,6
	2 2 2	Serpa	1.133.52	32.716	18,710	57,18	16,5
	Po Po	Vidigueira	314.38	11'003	5.976	47-95	16,7
_	2.4	Alandroal	547-56	11/790	10.718	90,99	15.5
	Ken's	Arraiolos	679,98	x2.984	11.464	68,29	16,8
		Borbs	149,88	9-400	3.395	36,10	93/7
	166'90E 166'90E	Estremoz	425,68	93.015	19.033	59,14	95.5
	9,97	Evora	1.312/99	42.778	84338	56,89	18,1
3	4-11	Montemor	1.439,90	34874	93,405	67,11	16,0
8	. 5	Mora	445,88	9.693	6.741	69.54	15.1
EVORA	Kan Kan	Mourão	288,72	5-450	5-379	98,69	18/
w	. 8.5	Portel	612,80	11.416	7.863	68,81	19,8
	does por	Redondo	371,44	11.943	8,209	68,75	22,1
	Superfile Popular Densid.	Reguengos	474-32	14-572	7-451	51,13	157
	0 0 0	Viana	390,98	9.140	6.957	68,45	16,0
	Superficie População em 1940 Densid. por Km² .	Vila-Viçosa	201,60	9.874	4.633	46,92	22,
_	n d	Alter-do-Chão	200.64	9,310	5.632	60,49	14/
	King v	Arronches	346,56	6,919	7.889	114,01	22,
		Aviz	597,68	8,799	8.573	99,70	140
	194.281 184.281	Campo-Maior	239,60	8,945	4.254	47,55	17/
142	28 6	Castelo-de-Vide	96x,04	7-973	5.190	71.35	19,
25	0 -	Crato	393-44	9.152	5/901	64,47	147
E		Elvas	620,80	28.602	16,636	58,16	96,
A	1940 Km.	Fronteira	251.56	7-378	5.365	72,71	21,
E	6.2	Gavião	390,00	10.226	3-472	33-94	10,
PORTALEGRE	Superficie População em 1940. Densidade por Km?	Marvão	155+40	7-543	4.398	58,30	28,
D.	0 0	Monforte	431,20	7,695	9,201	119,57	21,
	Superficie População Densidade	Niza	557-52	18,846	11.305	59,98	20,
	1145	Ponte de Sor	862,00	18,707	9347	49,96	10,
	d do	Portalegre	42452	26,115	9.639	36,90	937
	0000	Sousel	271,92	10.974	7.293	66,45	26,

em Portalegre, por motivo da sua elevada população relativa (capital de distrito) e da qualidade dos seus terrenos — pobres, delgados e muito montanhosos.

Em relação à população, os concelhos de mais elevado índice pocuário superior a 90 cabeças normais por 100 habitantes) são os de Barrancos, Monforte, Arronches, Aviz, Mourão e Alandroal. Em relação à superficie (máis de 25 cabeças normais por Km²) teem a primazia os de Marvão, Sousel, Elvas e Estremoz.

Teem fraca demidade pecuária (menos de 16 abeças normais por Ken³) os concelhos de Aliguieri, Almodovar, Casart-Verde, Carac, Gavia, Mercola, Copia, Oscio, Copia, Oscio, Casarto, Ca

No distrito de Beja quási todos os terrenos são argilosos, mais ou menos fortes.

No distrito de Évora estão nas mesmas condições todos os concelhos menos o de Évora, Arraíolos, Montemor e Viana,

No distrito de Portalegre são de terrenos graníticos os concelhos do Gavião, Ponte-de-Sor, Nisa, Marvão, Portalegre e Castelo-de-Vide; graníticos em grande parte, os de Alter, Arronches, Crato e Elvas.

Tem maior destaque a pequena cultura e é mais desenvolvidamente cultivada a oliveira e a vinha nos concelhos de Nisa, Castelo-de-Vide, Marvão, Portalegre, Alter-do-Chão, Arroaches, Elvas, Fronteris, Sousel, Estremor, Borba, Vila-V-lçosa, Redondo, Montemor, Arraiolos, Evora, Viana, Portel, Vidigueira, Repuneros. Cuba. Alvios. Beila. Mourão. Moura. Serra. Ferreira e Mériola.

Não obstante o cievado efectivo numérico do seu armentio em cabeças naturais e o año valor que de representa na economia gent e agrício do sor tescitarios, conforme veremos no decurso detae trabalho, tomando em conta á rea da provincia (mais de 1/) ada superficio testa do Páralo e acarterireitas proprias do seu clima, que a tornam uma região bastate fria no Inverso e muito quente e sela no Veria. Inceto que a privam de pastos verdes na minor pure do anto, a massa armentosa, trapressa em cabeças normais e confronada com a dos curtos distribos meteopólismos, acas conferirás ao Acarejo 2 a estegerás das cartos distribos meteopólismos, acas conferirás ao Acarejo 2 a estegerás das cartos distribos meteopólismos, acas conferirás ao Acarejo 2 a estegerás das cabes de gado grasso (caralos, maures, burros e bois), que para as espécies de acado mislo covinco, acardos e a suños e sistos es corocordos de 1 arm. quási 9 cabeças naturais. É todavia provável que essa categoria se modifique um pouco favorávelmente para a região alentejana (Alto-Alentejo e Baixo--Alentejo) relativamente às outras regiões provinciais recentemente estabelecidas pelo novo Código Administrativo.

Tão pouco favorecido é o Alentejo quanto ao pêso vivo da massa pecuária por unidade da superfície, que mal chegará ou muito pouco avultará de 41 quilos por Ha, circunstância que denuncia a escassez e o baixo valor altriz das postagrans nesta recido (1).

Acho conveniente ver agora em face das estatísticas oficiais, como é que estes armentos evoluiram numéricamente de 1870 para cá.

Tomados em conjunto os três distritos, o confronto das cifras totais de 1870 com as de 1934 denota um aumento específico apreciável, excepto para a espécie boyina, que acuas sensível deminuição, como se mostra a seguir:

Es	pó	ole		Distrito	do Beja	Distrite d	e Évera	Distri Perta		Totals		
				Mais	Moses	Mais	Henrs	Mais	Menos	Mais	Menas	
Cavalar				3.624	-	1,554	-	1,417	-	6,505	-	
Muar .				20.388	-	9.063	-	6,512		36,563		
ASDRT.				15,740	-	5.023	-	5,517	-	26,280		
Bovina				-	2,677		3,276	-	202	-	0.000	
Ovina.				131,816	No.	183,747	-	122,615	-	438.178	-	
Caprina				27,411	199	-	23,561	6.255		9.085	-	
Sulta .				238,792	-	78,719	-	64,460		381.971	-	

(1) A-propósito acode ao bico da pesa um facto curioso, demonstrativo ao mesmo tempo

da interioridade das forrações sécas do Sul do País:

Em 1889, na Exposição Pecaña: realizade am Jusho dêsse ano so alto da Avenida da
Liberdade (Vale do Pesrico), um trasnostano que acabave de entrar no local do certane,
depois de prender o sesse hois no lugar que he estara antecipadamente reservado, fol procurar feno para éles, que the disseram estar em montes à disposição dos expositores em
váries pontes dos rectatos.

Como baldadamente procurasse o que julgava encontrar, dirigiu-se ao professor veteriadrio Antunes Pinto, que na ocasião ali se encontrava oficialmente de serviço, a solicitar que lhe fossa formetido alimento para as suas resea recembendado.

Indicando-lhe o referido professor o trajecto que éte devia seguir para chegar a un sitio onde estava una meda de feno da regiño saloia, de que o bom provinciamo podía abastecer-se à vontade, date respondeu:

- Por al já eu passei, mas com aquilo faz a gente a cama ao gado lá na minha terra!

O exame destas duas estatísticas leva-nos a uma primeira conclusão:

O gado cavalar aumentou cêrca de 51 %; o muar, 166 %; o asinino, 84 %; o ovino, 63 %; o caprino, 45%; o suino, 103 %. Só o gado bovino é que teve deminuíção, mais de 8,6 %.

Estes números demonstram que o gado bovino deixou de interessar como enimal motor e como produtor de carne, fenómeno de que mais adiante referi-

remos as causas.

O outro gado de tracção (solipedes) passou a ter grande procura; o gado ovino substituiu como utilizador de pastos os bovinos e teve um aumento dependente do mesmo fenómeno que influin an deminuição do gado vacum; o gado suino seguiu também o mesmo fenómeno.

¿Qual a razão fundamental dessa transformação ?

O aumento do número de habitantes do País, resultante do acréscimo físio-

lógico da população, e o carácter da emigração para o Brasil.

Esse seréscimo depende de factos cuja origem é em parse de influência carranha. Afro a carésimo da população humans em gera, a outra defriva de mudanças mas condições internas. O pecido da mão de obra masculina pelos países modernos, especialmente americano e atricanos, havoreçuo a ceréscimo da população do Norte do País, que, sornada forremente temínitas pela enigraparte convergada ana industrian a no da fisado especialmente.

O crescimento da população, o aumento das suas necessidades alimentares por efeito da urbanização, as novas condições económicas derivadas da grave crise quando do ultimato de 1891, etc., levaram os governos de entido a uma política proteccionista que os câmbios patrocinavam, e cuja manifestação mais evidente foi a notifica cerealifera de Emidio Navarro e Elvino de Brito.

Foi então, desde 1892, e mais acentuadamente de 1898 em diante, que começou o desbravamento do Alentejo para cultivar mais trigo, visto ter cossado a importação livre dêste cereal e fattar o ouro para a compra dête e doutros

produtos procedentes até ali principalmente do estrangeiro.

Cone lente traballo, que derou quási 50 anos, foram pouco a pouco desprecendo os masos e os brejos das melhores terras do Alentio, aquelas esde em possivel cultivar trigo lucrativamente com os alstemas de sos antigoris depois apraceranos adudos, que permitiram a cultura framentaria temmenta fereiras mesos ferteis; linalmente, no periodo que val sel 103, que antigoris de la consequencia de la companio del la companio de la companio del la companio de la companio del companio del la companio

Todo êsse enorme trabalho de preparação de terrenos, cheios do raizedo de arbustos (carrascos, piorno, carvalhiça, medronheiro, tojos, carqueja, urzes, giestas, mato branco, estêva, sargaço e azinheiras encarrascadas), foi feito em

grande parte com jornaleiros adventícios do Norte do Pais, com a ajuda de algumas máquinas e, sobretudo, com gado bovino.

Com a arroteia de tantas terras trazidas à cultura transformou-se a fisionomia constitucional da população pecuária alentejana; acabaram quási por completo os invernadouros, aumentaram enormemente os restolhos e as reservas de

nalhas e cercais destinadas ao arracoamento dos gados.

Derivam deste facto a redução das vacadas adentejamas e a retrição do emprejo dos hois como tractores agricolas. Com delio, dearto da economia agrifan latertisma a vaca tinha, como produtora de bois, a sua razão de ser quanto era granda a provara de gazda bovino de trabalho, por ser económico o seu emprego quando a salmentação do boi era sida por die tirada no campo com o sistema do trabalho do revêso em turnos de melos al, alimentandos com participante de participante de caracteristica de trabalho do revêso de trabalho do revêso de trabalho do revêso do ser novamente jungido no revêso do

Éste sistema exige o dôbro dos bois que se empregam no sistema de sistema en come a come cava e consecura de manda de come a co

A estabulação exige a construção de alojamentos, no geral caros, e com o sistema de arrendamentos o proprietário foge de os edificar, porque isso lhe deminue o rendimento líquido, e o rendeiro não os construe, porque não está para fazer obras em propriedade albeia.

Denais on fretes agrícolas veenes acentuando progressivamente com a expassão da lavora. O bol, simila fine o que só anda a passo, executes o em asis condições económicas e estroplese com os carretos; o transporte de adobos, semente, cercais, palhas e una limiladade de trabalhos escendários aumente acada vez mais e so cinqueleiro o gado mun faculta melhor repartição do trabalho, porque lavar e laz fretes, memo a estranhos permiente lor ergressor diário à porocação, onde os animás podem fiera alojados quais juraceles-meias com o respectivo dono; feitilis-lina econávirchesia social, vivio as aloídas, nácios.

de concentração populacional, proporcionarem uma vida mais segura e agradável.

O gado vacum val por tudo isto perdendo o predomínio como tractor e

actualmente quási só o lavrador o emprega.

Além de tudo o mais, há uns anos a esta parte o preço da carne de vaca, catalvamente aos outros productos agrícolos, tem estado num rivel inferior ao que tinha antes do contracto de arrematação entre a Câmara Municipal de Lisboa e o arrematame Manuel Marinis fainor (Martina das carnes); para estar actualizado, calculo que êsse preço deveria agora regular entre 120800 e 125800 a arroba. Como os factos económicos tendem sempre para o equilíbrio, verifica-se hoje que a produção bovina tem deminuído, mas não tanto quanto o aumento das outras espécies motoras faria supor, dado o nível do preço destas; portanto só pelo grande alargamento da cultura no Alentejo isso se explica.

Por estes motivos o gado bovino baixou 6.660 cabeças nos três distritos

em relação ao efectivo de 1870, que era de 76.612 cabeças.

Mas o aumento da cultura havia naturalmente de provocar um acréscimo de animais motores, motivo por que o gado muar passou de 22.049 em 1870 a 58.812 cabeças em 1934, ou seja um aumento superior a duas e meia, quási três vezes; e como ao lado da grande e média lavoura se desenvolvia a classe dos pequenos seareiros, dos que teem poucos cabedais, eis que o humilde burrico vê os seus batalhões largamente aumentados de novos recrutas e os 31.361 asininos de 1870 passam a 57.641 em 1934, isto é, quási cem por cento mais.

Com estes gados as terras são mais frequentemente mobilizadas e desapareceram as pastagens de pousios eternos (em Espanha há ainda terrenos, como os dos invernadouros das ovelhas transumantes, em que a lavoura é expressa-

mente proïbida) e os afolhamentos de 10 e mais anos.

Nas rotações de 5 e de 4 anos, e nas de todos os anos, como nos barros de Beja, as pastagens dão ervas que o gado vacum não utiliza, não apetece, mas que a ovelha aproveita convenientemente, substituindo assim os bovinos.

Nos agostadouros o gado lanar respiga mais fàcilmente atrás dos porcos.

Além disso, a carne de carneiro teve muita saída para Espanha, comia-se preferentemente na província e teve até últimamente mercado livre, sem tabelamento no mercado de Lisboa.

Acresce ainda que a ovelha aproveita ervas mais curtas, produz leite e queijo, lã, estêrco e, dado o seu rápido desenvolvimento, reproduz e devolve mais depressa o capital que representa, rendendo assim muito mais.

Tais as razões por que o gado lanígero tem vindo a ocupar o campo que o gado vacum lhe deixa livre e o que lhe aparece por efeito de intensificação das culturas, bem se compreendendo por êste modo o aumento do efectivo ovino, superior a $60\,\%$.

O gado suino passou de 210.194 cabeças para 237.780, isto é, mais do dôbro.

Em pequena parte êste aumento deriva do acréscimo dos montados, muito do alargamento das searas e consequentes agostadouros, mas acima de tudo da industrialização das engordas no Montijo e concelhos limítrofes, que se foi desenvolvendo debaixo da solicitação do mercado de Lisboa, cuja população subiu de 300.000 para 700.000 habitantes, e pela afluência dos milhos de Angola e de Moçambique ao mercado da Metrópole.

Aumentado o pedido por parte dos engordadores, seguiu-se-lhe natural-

mente o fornecimento de magrões (farronos em condições de serem submetidos

à engorda) por parte dos produtores.

a engocius) por jurie cois produitores.

O gado atribir ten um pequieno sumento; quere dizer, mantiveram-se as consideres do ser pasciogo. Com efeito, ado as terras fancilitáveis que austenacione de considere de actual de destruir con darillezar and foresas, tono actual considera de destruir con darillezar and foresas, tono actual considera de destruir con darillezar and foresas, tono actual considera de considera de

Falarei por último do gado cavalar. As noções que sóbre êle tem a maioria da gente, mesmo aquela que se julgaria tão chegada ao assunto, que o deveria

conhecer bem, são tão erradas, que causam pasmo.

No «Noricias Agricolas (X/ 420 de 15 ús Maio de 1941) affranses que, se a gasolina viese a faltar e tivisenom de recorrer a traccio animal, nos veriamos en serias dificultades pata deminuição das espécies equidosa, E provável que nos visesmos embarçaçãos com faita de velecido de recopo animal, data a intensidade da actual circultação, e pela velocidade a que nos socostumános, mas intensidade da actual circultação, e pela velocidade a que nos socostumános, mas no por deminuição do solleções de 1970 para el, porque o gado musa numero, o, o gado astátino também «. . . o gado evalvas (pualmente, embora as estatualmente, porque a deminuição de 1874 para 1814 (mas 1500 evalvado e 1874) para 1814 (mas 1500 evalvado de 1874 para 1814 (mas 1500 evalvado en 1874 para 1814 (mas 1500 evalvado en 1874 (mas 1500 en 1874 (mas 1500 e

E isto tanto no País em geral, como na região que nos interessa.

O Alentejo, que tinha 12,044 cavalos em 1870, apresenta 19,539 em 1934, ou sejam mais 51 % aproximadamente. E fácil é perceber a razão; o gado muar aumentou e como éle não se produz sem éguas,... o número destas teve de aumentar correlativamnte.

E isto embora a Remonta do Exército se preocupe ou não com a produção hípica. Se ela se importasse, seria melhor; seria uma pequena receita a mais para a lavoura e uma pequena exportação de dinheiro a menos para o País.

O que nos vale, é a hipotagia, os 4.000 a 5.000 cavalos que se comem por ano, os quais sempre pesam mais que os 400 ou 500 que a Remonta Militar nos comprava.

Fe		ie		Distrito	de Beja	Distrits	is Évora	de Port		Tot	ais
-	-			Mais	Henrs	Mais	Henrs	Mais	Nenes	Mais	Meres
Cavalar	ī			-	1.308	-	52	SIL	225	_	1.585
Muar .				_	3.463	-	1,324	_	243	-	5.030
Asnar.					10.957	-	3.974		2.898		17,129
Bovina				100	1.179	1.364	100	-	26	169	
Ovina .				46 303	-	28,636	-	37.000	-	111.939	-
Caprina				-	27.941		1.955	100	17.996		65.892
Suina .				100	36,681	795	-		14.960	-	50.846

No recenseamento de 1940 nota-se deminuíção em tódas as espécies, salvo no gado bovino, que acusa o aumento insignificante de 169 cabeças, e no gado ovino, com o efectivo acrescido de 111.939 indivíduos.

A deminsição no gado cavalar deve ser reflexo da Comissão de Remonsi re delxado prisitacemente de compare avastos, pois à aquisida de 800 poláros e mais de 200 cavalos por ano suecede a compar de poseo mais de 300 cabeças de 4 anos ou mais tudae, ao todo, mas essa deminuição resulta trambón da matarea de cavalos en Lid. 1500 cabeças desde o comêço da actual guerra até a apintuição desse país.

A deminuição do gado muar há-de, em parte, depender também da exportação de 2.500 cabeças para França, quási tódas do Alentejo, mas para a quebera que se regista no efectivo desta espécie, deve ter concorrido notoriamente a redução da cultura do trigo, derivada dos últimos maus anos agrícolas e da baiya do preco dêste cercal.

O descrescimento no efectivo dos burros resulta não só da venda dêstes amiss por virtude da deminuição do número de seareiros que, arrainados pelas mesmas causas, deixaram de laborar por conta própria e voltaram a ser trabalhadores jornaleiros, mas ainda da exportação dos animais desta espécie, feita largamente para a região ao Norte do Tēlo, De facto, acodem às feiras e mer-

cados da Estremadura e da Beirn récuas de 30 a 60 jumentos comprados em Ferreira, Beja, Vidigueira, etc.

A deminuição das culturas cerealiferas deu em resultado o aumento do gado ovino, aumento apreciável, quási de 10%.

É provável que éase aumento seja il também um pouco reliexo da interferencia directa do Estado na requalarizació do prevo das llas, não tão perfeisamente quanto é de desejar, conforme adiante vermos no tratar do gado inater em especial, mas contudo solicieme para obsar las perturbolores do mercado desegue de la conforme de la previocação do mercado desegue de la compresión industrias de la altificios.

As cabras deminuiram pouco mais de $27\,^{6}/_{0}$. É um fenómeno que vem de longa data com a restrição progressiva das antigas charnecas do Alentejo.

Merece reparo especial a deminuição do gado suino. Se me não engano, o preço da carae de porco no final de 1939 e princípio de 1940, que foi muito baixo, na ordem de 60800 a arróba, deve ter influido poderosamente nesse resultado. Como o recenseamento foi feito em Dezembro, também o estado dos

montados, bom ou mau nessa época, poderá ter influido no número. Todavia, como digo, a baixa do preco da carne nesses dois anos há-de ter feito deminuir muito a produção de gado suíno.

O recenseamento de 1900 mostra em todo o caso refs factos importantes; em primeiro lugar o decreciamo de gado de trabalho pela rendejo da cultura do reigo e necessidade, para a lavorar adencigata em crise pelos maus suos agricolas e battosos precos dos rigios, de craitars, memérario; en segundo lugar o aumento battoso precos dos rigios, de craitars, memérario; en segundo lugar o aumento disposiver rentirente, subretundo gado ovitos, pela maior superficie passigosas disposiver rentirente de caso de como como de carecto desenvolvente de carecto de como como de carecto desenvolvente de carecto de care

Em conclusão: no geral grande deminuição do capital gado pela necessidade imperiosa do recurso a êste mealheiro, cujo valor total deve ter decrescido bastante sensivelmente, como vamos ver Valor do património pecuário alentejano — Segundo os relatórios dos respectivos Intendentes de Pecuária, a massa armentosa alentejana em 1870 foi assim avaliada:

Distrito	de	Beja				1.474.665\$730
))))	Évora	•			1.667.344\$030
))))	Portalegre.				1.351.396\$810
			Tota	al		4.493.406\$570

Se porém ponderarmos o número de cabeças sonegadas e os baixos valores atribuídos a todos os gados, valores computados em menos 25 % para o gado bovino e suíno e em menos 20 % para as restantes espécies, conforme Bernardo Lima pôs bem em relêvo nas Considerações geraes e analyticas ácerca do recenseamento pecuário de 1870, não se há-de tomar como temeridade avaliar em cêrca de 5.500 contos de reis a fortuna pecuária dos três distritos alentejanos nessa época, visto que a desvalorização de 20 %, média geral para todo o País, deve estar abaixo da que se há-de atribuir ao Alentejo, dada a melhor qualificação do gado cavalar, muar e lanar desta província relativamente às outras.

Se agora actualizarmos aquêle valor rectificado, a riqueza armentosa de então equivale em 1934 a $5.500 \times 24,44 = 134.420$ contos.

Decalcado em bases que não conhecemos, no Arrolamento geral de gados de 1934 foi atribuído à massa pecuária alentejana o seguinte valor global expresso em contos:

Distrito	de	Beja				178.658
		Évora				
.))		Portalegre				
						450.353

CABEÇAS NORMAIS O

		Distri	Distrito de Beja	*			Distric	Distrito de Exera	173			Distrito de Portalegre	le Porte	legre	
	Angi	gs.	Dilere	Dijerengas em 1940	1940	Ann	00	Dijen	Dijerenças em 1940	1940	Anos	10	Dijera	Dijeranças en 1940	1940
sapeties	100		Especific	ilica	Abso-	100	i	Expecific	office	Abso-	1		Especifica	-	Abso- lsbs
			Mais	Mesos	Menos			Mals	Mesos	Menos	-		Mals	Menco Menos	Menos
avalar	8.661	7.355	1	1.308	1	5963	2211	ı	80	1	4.915	4,090	1	203	1
fuar	31,003	27,630	1	2.053		16,333	15.000	1	1,354	ı	11.186	20943	1	243	1
vsinina	14 349	8871	1	5 478	1	11271	5,674	ı	1,637	1	7.150	5710	1	1.449	1
Sovina	20,224	19 345		1.179		257.55	21,639	1221	1	1	26,100	26,077	i	26	1
lvina e caprina	44.565	46,238	1 669	1	1	41.843	42,063	250	1	ı	38,341	800.08	1.727	1	1
ulna	38 858	29,687	1	9.171	1	37,741	37 949	120		1	30.346	26,607	1	3,739	1
Totals	158.054	139,124	1,669	20.220	18.500	130,134 1,660 20,200 18,500 132,546	1317836	2,363	2.012	630	630 118,030	114,096	1,727	5.682	3,935

SOBPEGI

Mais 315.933 contos que em 1870, ou seja o aumento da fortuna pecuária da provincia em 64 anos.

Ainda que año controrfemos com as equivilencia adoquada no Arrolamento gravil de guado de 1984 para a conversão de checços auterias em exbeços a normais ou de gado grasos, temos de as sectes, proque isso ingresa de centinativa possibilita do patrindois a mesenati em 1984, do sull appara conhecmos os total dos efectivos specíficos por conochia, son a valor dispeteparárindois om 1984, que para fecilidade de contas podemos sem fora arrelandar para 480.000 contos, corresponde a posso mais de 1.10000 per abaços normal.

Afribuindo éste mesmo valor a cada cabeça normal em 1940 para efeitos de comparação, depois dos respectivos cálculos da conversão de cabeças naturais em cabeças normais segundo as equivalências do arrolamento pocarário de 1934, apura-se que o valor da fortuna pecuária do Alentejo é actualmente o seguinte expresso em contos:

Distrito	de	Beja							153.03
	,	Evora							145.08
	,	Portal	eg	re					125.50
					Tol	tal			423.62

Menos 26.726 contos que em 1934.

Se agora notarmos a biaxa dos preços dos gados em 1940 relativamente aos de 1934, biaxa que de unas para orates espeñes nob e menos de 15a 20°, se descontarmos estas percentages nos 423.60° contos e tomarmos a média, aparese a verse de 7.31.40 emons, representativa da menos valia dos armentos atencianos so fechar do seu inventirón no final do ano preteriro, verba que soli-cionada á quantia de 20°,720 contos, correspondente a recinquien municira defectivos específicos sas mesma data computados em ciberças orates, períodos en computados em comp

.

O Alentejo é uma região agricolamente bem diferenciada do resto do País; parece que o Tejo, que o separa do Centro e Norte por uma linha quási transversal de Leste a Oeste, faz como que uma cortina, uma barreira que obriga as núvens vindas do Sul e de Sudoeste a converterem-se em chuva para além da

margem Norte. Deve sem divida concorrer para isso a Isionomia e o dispositivo orografico duna e doura banda do ria, o relevo e a orientação das serranias ao Norte, a exiguidade de elevaçõe digas de especial menção ao Sal, e memo ostas isoladas, sem ligação so continuidade carte si a tão ser nos confins algarvios, onde forerer o Gandiana e o Atlatico, qui alistirea, impusada por siala, portano semifilitavo de malor na condensação dos vapores aquesos da amostera, é de mais na mis contrabalençad pela latitude, mais meridiosal; o retrireito português, mais ou menos montesos na margem estretiriosal do Telo, de extenso platino com altitude média de 250 metros na margem esquevale, tem man e notare parte configuração intrinsentes oposta, a qual condiciona o tror e distribuição das das regidos do País, nor los acritodamente to diferentes sam da cuarri-

Seja porém como fór, se exceptuarmos a zona Sueste do distrito de Castelo-Branco, o clima e as condições agrárias da margem esquerda do Tejo diferem tanto das da margem direita como se um grande espaço as distanciasse, em

O Sul é nitidamente uma região árida de tipo sub-africano e êste carácter

tem influido dum modo evidente e deciviro sobre toda a população pecurirá desas regilos, assistantedo-se ou cueho próprio que importa conhecer Assistante gado vacum perrence a uma raça especial chamada alentajara; possos aso também duma raça a que se dá ses nome regional; as cabras, as como cavalos tem caracteres que bem os diferenciam dos das outras regilos. E que o cilia, a alimentado, a nasureza da noda, a uma situito, o modos tosta de que o cilia que a porta de porta por consenio por consenio por de que o cilia que a modos consenios por consenios por de que o cilia que a modos consenios por de que o cilia que a modos consenios por de que o cilia que a modos consenios de que o cilia que a modos consenios de que o cilia que a consenio de consenio de que consenio que consenio de consenio de que consenio de consenio de consenio de que consenio de con

de produçõe de utilização team gravado crascéres inconfundáves motos tocas de produçõe de utilização team gravado crascéres inconfundáveis de militáre renciados em todos os grupos específicos da sua pocuária. Más nem mesmo os próprios tilops paros são homogodenos; hi niles variações bem visíveis, como vamos mostrar no seguimento dêste trabalho, em que referiremos na sua altura própria cada uma das raças e respectivas variadades.

GADO BOVINO

I - Gado bovino da raça alentejana

O gado vacum alentelano, a espécie mais característica da fauna pecuária da nossa provincia, é definido à primeira vista pela sua côr avermethada, compridos chifres divergentes, grande volume de corpo, aberturas naturais almaradas, unhas e pontas dos chifres loiras.

Estes caracteres são tão evidentes, que ninguém confunde os indivíduos desta raça com os de qualquer outra de Portugal, embora esta descrição nada diga da sua posição dentro do quadro da etnografía bovina.

Ocuparam-se dela os professores Silvestre Bernardo Lima (1), Paula Nogueira (2) e Miranda do Vale (3), João Tierno (4), Romão Ramalho (5) e outros.

O professor Miranda do Vale, que a descreve sob o nome de Irunalgona, estignado doptiada del porfessor Paula Noguerta, filiama forma graqua destructura doptiada del professor Paula Noguerta, filiama no graquitanico de Sanson; Jolo Tícrno englobas num grupo que denonina rager lativa das extepas meridionas, evulo habilat comprenderá o terrifició português ao Sul do Tejo e as provincias espanholas de Cáceres, Badaloz, Sevilha e Haucha (0).

Silvestre Bernardo Lima, Considerações geraes e analyticas decrea do recenteamento pecuario de 1870 — Liaboa, 1875.
 Paula Nogueira, Les anicoans agricoles (Le Portugal an point de vue agricole) — Lishome, 1900.

⁽⁵⁾ José Miranda do Vale, Bovideos Portuguezes — Lisboa, 1908.
(4) Joho Tierno, Industria Pecuaria (Notas sobre Portugal. Vol. I) — Lisboa. 1908.

⁽⁵⁾ Rombo do Patrocinio Ramalho, Relatorio da Exposição Pecuario Agricola, realizada em Esora su Maio de 1903 — Evora, 1908.

⁽⁶⁾ João Tierno, O gado bovino mirandês - Lisboa, 1904.

Para o professor Miranda do Vale trata-se duma raça dolicocefala, segundo a classificação de Sanson, cumétrica, de perfil convexo e longilinea, consoante a taxinomia de Baron, raca que se individualiza pelos seguintes

-Caracteres — Corpulacia media. Esqueleto form mediorremente vestido emassas musculares. O pelane e fluo, variando desde o tom abrero ou deslavado até ao cercio, sendo almarado nos olhos e focisho. Pele grossa e de pelo appro. Cabese comprida e certeria. Prontehenaicia frontal proeminente, de vértices aproximados da inha media. Marria porte cuebar destra forma medio despois para cinam e para o islado revirando as pontes para fora. A coloração de depois para cinam e para o islado revirando as pontes para fora. A coloração e



Novilho elentejeno dos srs. António e José Blanco Fialho, de Barrancos

clara em todo o comprimento, excepto nas pontas. que é castanha, c a secção é elíptica. Fronte mediana convexa e de bossas frontais muito salientes. A junção da fronte com o chanfro é ligeiramente amartelada. Chanfro comprido, com tendência para convexo. Nasais reūnidos em shóbada circular e

ligitamento deprinidos na sua inedo com os grandes e pequenos supramacillera. Arcadas offitárias posos salicieis. Olhos sem encovados tem alhoradas. Fecilho regular, tárias posos salicieis. Olhos sem encovados tem alhoradas. Cercisho tempedar, ben emaberbladas. Perio largo e ben emaberblados. Cercenha promientes e largas. Linha decro-lombar enselada. Lombos compridos e certerios. Garapa alta, posoco deservidas a venida por anistenció de poqueso deservolvimento. Para la posoco deservidas a venida por anistenció de poqueso deservolvimento. prido, alto elé conteste potos orquestas. Ventre largo. Manas posos volumprido, alto elé conteste potos orquestas. Ventre largo. Manas posos volumsas. Sistas feriencio en qualidade. Espostas fortes e ben mescidadas. Nadegas retalliceas e posos deservolvidas. A parte livre dos membros é comprida por la contra de la contra del positivo de la contra de la contra de la contra de la contra del contra del la contra del contra del contra del contra del contra del contra del la contra del contra del contra del contra del contra del contra del la contra del la contra del la contra del Depois de a dividir em três sub-raças—a alentejana, a mertolenga e a algarvia, descreve a sua área de dispersão em Portugal e as suas aptidões ou vocações económicas.

Tôdas as raças bovinas da Europa, principalmente da Europa ocidental, decedem certamente duma forma bravia que Bojanus chamou Bos primogenius, posteriormente chamada Bos giganteus por Owne e Bos zuras por Boyd-Dawkins, e citado por César e por Tácito como animal de enorme corpulência e braveza, que ainda chegou à alta Idade-Média.

Na Alemanina, Suiça e Itália são numerosas as caveiras de tais bovinos, que atingiram no post-pliocénio tamanhos grandíssimos, pelo menos à vista das enormes ossadas que se acharam.

Na nossa Peninsula e na França ocidental encontram-se largamente representados estes animais nas gravuras e pinturas paleolíticas das grutas.

Segundo as várias regiões, o Bos primogenius de Bojanus teve dimensões e formas que preludiam as formas bovinas que déle derivaram no periodo da domesticidade, a qual sóbre éle veio a ter uma acentuada acedo de braquierismo (encursamento dos chifres) e redução de dimensões.

Ca bovinos representados nas grutas de Espanha são singularmente seme-

hantes a formas mais selvagens dos bovinos modernos (tão a são gado brave capanho), afécado de maneira sepocial sa necessidades da lído), não circo o gado montanhês da provincia de Cáceres (Herera del Daque, etc.), ceroso bois braviso portugueses, hoje quál desapreciclos, e bois da provincia de Avita e da Serra de Gasdarrams, que devem representar na Peninsula Briefea a forma de Serva de Candarrams, que devem representar na Peninsula Briefea a forma A passagem das formas erropeias setentrinosia gara as nosas devia est está de la companio del la companio de la companio del la companio de la companio

A passagem una formas curopeas setentrionais para as nossas devia ter sido
insensível e os bois selvagens da Germânia não differiriam dos nossos senão no
maior volume e desenvolvimento do cabelo, efeito do rude clima nórdico.

Mas desde que interveio a domesticidade, desde que os boyinos da Europa

Mas desde que interveio a domesticidade, desde que os bovinos da Europa certari passariam a ser animais aboultamente estabilados com o desenvolvimento da aptidio feiteira, equanto os mosos econservariam em egime abolitamente livre, a el fa poscos anos, quasi alviagem, a olferença entre une a Garros foles a exentando progressivamente, acrescendo depois o contecto com formas anifacios o del progressivamente, presented depois o contecto com formas anifacios o del progressivamente, presented depois o contecto com formas anifacios del progressivamente, presente del progressivamente, contrato del progressivamente, a consecutado de progressivamente, a consecutado de que forma canada del progressivamente, principal del progressivamente, princi

Por certos indícios que me parecem fundados, as raças da Península devem ter entrado na domesticidade quando da difusão do movimento megalitico-neolítico, razão por que se nota uma fisionomia comum em todos os bovinos da Península Ibérica com os das antigas racas da França transpirenaica e da Ingla-

terra ocidental e meridional.

Esta particularidade pretendem os zootecnistas franceses indicá-la com os nomes de ibérico e aquitânico, os quais creio representarem diferenciações dum grande grupo bovino que se vejo individualizando desde muito antigo e que dia a dia se vai modificando cada vez mais sob a influência da domesticidade nas suas formas mais acentuadas — a progressão na produção do leite e a especiali-

E esta comunidade de origem explicaria o parentesco que Miranda do Vale descobre entre certo gado galego e o limosino; do minhoto com o arouquês;

zacão na producão da carne.

dêste com o marinhão: etc., etc. È certo e claro o parentesco do nosso gado bravo com o ratinho da Beira, dêste com o mirandês e dêste com o espanhol da provincia de Orense e das regiões de Leão e Castela. O gado da região leonesa-castelhana é parente do

gado manso da alta Andaluzia e às vezes com o gado da alta Estremadura espanhola com o de Cáceres, nor exemplo ¿ Mas a que vem tudo isto sobres do gado transtagano ou alentejano?

È que esta raça representa na Península um grupo muito peculiar.

Em Portugal ocupa o espaço que vai do alto distrito de Portalegre, não todo, ao Algarye, e desde o mar até quési ao interior da Espanha. Nesta nação poyos na Estremadura as margens do Guadiana até Mérida e a parte baixa da provincia de Cáceres; por Xeres dos Cavaleiros (Jerez de los Caballeros) e Zafra desce à Andaluzia, onde ocupa principalmente as provincias de Huelva, Cádiz e um pouco a de Sevilha, não tôda porque na Serra Morena e em direcção a Córdova é manifesta a mistura leonesa-castelhana, trazida seguramente pela transumância, paralela à dos ovinos, mais manifesta na alta Estremadura.

Fiz esta longa digressão, porque os bovinos andaluzes do tipo alentejano, embora considerados próximos parentes dos nossos, são bastante diversos, Os da baixa Andaluzia seria eu bem tentado a aproximá-los dos que se

encontram figurados nas pinturas rupestres do quaternário recente de Ain Doua (1) e de Ouenat (2), representando neste caso um retôrno africano, possivelmente um derivado do Bos opisthonomus de Pomel, espécie de grande estatura por êle encontrada no quaternário da Argélia.

O grupo espanhol do tipo transtagano é, como disse, bastante diverso do

(2) Dr. James Murphy, The Illustrated London News, do 17 do Novembro do 1854. F. de Chasseloup Loubet, Art Rapestre au Hoggar (Hauf Mertouler) - Paris -Plon. 1958.

⁽¹⁾ Ludovico di Caporiacco e Paolo Graziosi, Le Pitture Rupestri di Ain Doud (El Anenat) - Pirenve, 1934

nosso, a não ser nalgumas terras fronteiriças que foram nossas ou próximas a estas, como Olivença, Barcarrota, Táliga, Alconchel e Xeres dos Cavaleiros. Na veiga de Badajoz, Montijo, Talavera, nota-se já influência do gado leo-

nês-castelhano, assim como de Zafra para o Sul.

Nos arredores de Sevilha o gado andaluz e o leonês-casteihano encontram-se de mistura e é vulgar verem-se juntas de bois e de toiros nos quais muito dificil será distinguir o que neles há de escetihano o de andaluz. São tão idênticos, que em Portugal os não sabem distinguir, os muito práticos. Ao contário, à roda de Xeres da Pronteria (lerze de la Fronteria) node

Ao contrário, à roda de Xeres da Fronteira (Jerez de la Fronteia), onde há gado preto e vermelho, domina visivelmente êste último, que me faz lembrar muito as pinturas das

lembrar muito as pinturas das grutas da África do Norte, quer pela sua configuração especial, como seja a forma das cabeças e dos chifes, quer pela côr geral com aquela ininidade de manchas, bragadelas sobretudo.



Em Portugal Vece elemejene dos srs. António e José Blanco Fielho, de Berrencos o gado alentejano

ocupa, pode dizer-se, tôda a nossa província, mas não é nela sempre homogéneo.

Os nossos zooteenistas dividem-no em três variedades ou sub-raças — a alentejana, que subdividem em grande e pequena, a mertolenga e a algarvia. Mas não é tudo; nas orlas da província a raça absatarda-se, degenera ou

cruza-se. Assim, no norte do distrito de Portalegre, nos concelhos de Marvão, Nisa, Ponte-de-Sor e Cavião, é manifesta a sua união com o gado da Beira--Baixa; a cót pabastarda-se, o oblo porteo lo sustre e o tom urbor, os chiftes deminuem de tamanho e achatam-se; aparecem as côres escuras na marrafa, nas vahas e no focinho.

Nos concelhos de Portalegre, Crato e Arronches os lavradores gostam do Rado afarruscado na cabeca, carácter que parece indicar interferência beiros.

tado afarruscado na cabeça, carácter que parece indicar interferência beiros.

Na parte ocidental da província há uma variedade pequena com nome local

 o gado da Serra de Cabrela. Esta variedade, que não é senão uma adaptação do gado alentejano à characea, ocupa uma certa área entre Vendas-Novas, Montemor-Novo e Aleácovas.

No Baixo-Alentio a variedade conhecida polo nome de merolenga espuniase pelos concelhos de Mérola, Sacro-Verde, Odimira, Carvão e dada a vertente Norte das serras do Algarve. Esta variedade, que cerio estender-separa alfim di notoria ael pareda provinsia de Husiva, sem hoje tendedea a coupar na Bords-de-figua o lugar que a rapa brava val deixando, e sí hastate numeros na regido de Villa-France-de-Xira e Arambia e em todos o concelhos da margem esquerda do Tejo, principalmente Samora, Benavente, Salvaterra, Cornoles, Chamusoa, etc.

A rês mertolenga diferencia-se do verdadeiro alentejano pelo menor volume, pela forma mais roliça e pela armadura mais pequena; é um animal muito ligeiro e geralmente empregado como cabresto na condução dos toiros de lide.

Transpostas as serras do Algarva, a variedade mertolenga transfigura-se quási insensivelmente na algarvia; e como nessa região é criada e mantida em quási permanente estabulação, a raça alfina-se, as côres diferenciam-se, os chifres demínuem, deasbrocham as qualidades lactigenas, desperta a aptidão evatriz, Não vão aínda passados muitos anos em que no Algarva, na zona serrans.

of Vila-de-Bispo, havis uma opotaçõe bovina das mais curiosas e engraçadas de Vila-de-Bispo, havis uma opotaçõe bovina das mais curiosas e engraçadas do Pali-gado ando ou ministura do alentino, vaquelas de um metro de altura distribución de pali-gado ando ou ministura do alentino, vaquelas de um metro de altura distribución de palidado de porte de altura de palidado de porte de palidado de palidado de porte de palidado de por

when the second section of the second section section

a modernamente introduzido.

Contudo isto ainda não referi os predicados da raça alentejana.
Diz o poro. Mirada do Vale, que e uma raça de volume médio. Não estou
de acôrdo; uma raça que produz com freqüência, quando bem alimentada, toiros
de 950 quilos e mais e vacas de 700 quilos, é considerada grande em tôda a parte.
O pêso médio dos bois é de 700 a 850 quilos, 500 a 600 o das vacas.

Quando bem engordados, dão 50% de pêso limpo; quando muito gordos chegam a 52, mesmo a 54%. Em estado tolerável rendem 47%.

É uma raça unicamente com aptidão dinâmica, criada e explorada só com éste fim, portanto forte, dura e robusta.

A sua criação, que só agora está passando de exclusivamente manadia para semi-estabular, tem naturalmente neste novo regime tôdas as vantagens e todos os inconvenientes.

É uma raça de tardio crescimento; um boi, um toiro, uma vaca só atingem
o seu máximo desenvolvimento e pêso aos sete anos.

Os individuos desta raça são duma rusticidade a tôda a prova; resistem aos piores tratamentos, suportam tôdas as intempéries e vivem com alimentos do mais baixo teor alibil, às vezes estragados pelos temporais, como são os pastos dos restolhos e dos invernadouros.

Com a bolota, de lovero, e com a erva, na Primavera, e ngordam rápida e primorosamente. Os alimentos concentracipio são biqueiros na a timentação artificial.

A sua explo-

ração como animais adolescentes, criados para matanca dos 14 nos



criados para maPerte de vecede dos Srs. Fialhos na Herdade das Russierias, Barrancos
tança dos 14 aos
20 meses em Portugal, é econômicamente inconveniente, porque a experiência

20 meses em Portugal, e conomicamente inconveniente, porque a exprirenza demonstra que indo haveria consumidores a proçes un puoco mais allos en relaçõos opreço da carred dos adultos. Conseqüentemente, o gado bovino, vivandos mais polo trabibilo que pela carre, e explendo ade minto velho como processo de mais elevada amortização do capital. O seu elevado estos como monor, mais año que o valor da sua carra, perova que êste é amáldo no mais doaro artificialmente mais baixo que o preço do casto, produzindo portuno a cive de norducido, ou se no nota.

A necessidade de manter muitos animais reduz as disponibilidades dos meios de criação e deminue por isso o seu desenvolvimento numérico.

Em Espanha, por exemplo, a situação é de todo diversa. Como o preço da leznera (povilho) é mais elevado, cria-se só para carne, facto de que deriva ser muito aumentada a produção, não só por se poderem ter mais vacas, mas também por ser o gado novo aquêle que produz carne com mais rapidez, além de que, com a matança precoce, o capital se renova em menos tempo.

A carne, melhor, mais procurada e de maior preço nesta situação, favorece esta indústria e permite uma produção em quantidade superior à do nosso sistema.

A vaca alentejnas é bos parideira desde que os bezerros no sejan desamnados tarde. O que fêz acreditar no baixa recundidad desta rea, joi on mendo de criação que se fazis, detxando mamar o bezerro asé querer, até à lidade de um ano, circumstincia que impedia a sucessato ripida das crias, por a soma não criarem sendo ano sim ano ndo, mas que abona a duração da factação das vacas desta reaço.

Os bois são valentes trabálhadores. Nenhuma raça do País dá tantos dias de trabalho e tantas horas por día como a alentejana nas mesmas condições de alimentação.

Tenho feito e observado numerosas experiências nesse sentido. Os que hoje usam no Alentejo bols mirandeses, são obrigados a trati-fos à mão, estabulados; agora mesmo, que tenho animais das duas raças em iguais condejos de tratamento e a trabalharem juntos, ifeli é verificar êste facto. Ouem trabalha com bois alentejanos usa geralmente o sistema de revêzo;

quere dizer, o mesmo homem trabalha com uma junta de bois de manha e outra de tarde. Ouando não trabalha, o boi pasta.

Quanto nao traonina, o tori passa.

No sistema antigo o boi não d alimentado à mão, à manjadoura; come erva, pasto sêco do invernadouro, rama de arvoredo. Quando muito, à merenda dé-se-lhe feno e avela em rama; às vezes ministra-se-lhe uma ração de bolota, quando há muita.

As vacas só trabalham quando pertencem a cingeleiros e são então tratadas à mão. Nas grandes lavouras não se aguentam bem; o trabalho intensivo é demais para elas. especialmente nas terras fortes.

demais para cias, especialmente nas terras tortes.

No Alentejo há boas vacadas em muitas regiões, mas duas dessas regiões se distinguem. Ponho à frente a região de Barrancos, onde se cria a vacada dos Irmãos Fialhos, a dos Srs. Garcias e a dos Srs. Ramírez.

Outra é a região de Évora entre a estrada de Évora a Montemor e a de Arraiolos a Évora, que tem o privileigo de ser o assento das vacadas dos Srs. Conde de Ervideira, Miguel Fernandes, Descaleça, Alves Irmãos, Perdigão, José Soares (Pai e Filho) e Mira; muito próximo andam as de Vanzeller, Mareiochi. etc.

No distrito de Portalegre distingue-se a vacada da Casa Praia-e-Monforte e a de Godinho, de Benavita.



Pelas condições do meio e da sua criação, a grande maioria do gado bovino adenciano aflui ao matadouro de Lisboa desde Maio a Julho, fornecendo um avantajado número de reese, adultas pela maior parte.

Estatística da matança do gado bovino alentejano adulto no matadouro de Lisboa

Anes	Cabopas	Anos	Cabeças	Anns	Cabeças	Axos	Cabeças	Anes	Cabeça
1890	7.099	1900	4.453	1910	5.131	1920	1.753	1930	6.395
1891	7.289	1901	3.975	1911	4.441	1921	5.473	1931	6.940
1892	5.412	1902	5.122	1912	4.808	1922	6.706	1932	5.500
1893	4.602	1903	5.037	1913	4.226	1923	6.200	1933	4.807
1894	4.102	1904	6.599	1914	6.001	1924	3.381	1934	3.027
1895	4.000	1905	8.522	1915	5.524	1925	5.181	1935	4.850
1896	4.990	1905	6.900	1916	5.630	1900	7.443	1936	4.900
1897	4.827	1907	6.679	1917	3.792	1927	5.395	1937	3.885
1828	4.848	1908	8.101	1918	4.171	1908	5.116	1938	6.131
1810	5.340	1909	6.372	1919	5.115	1929	5.077	1939	5.124
								1940	5.521

E agora, referida a área de dispersão dêste grupo bovino e respectivos sub-grupos, apontados os atributos que lhe conferem superioridade e tanto o recomendam de preferência a outros para o meio físico e econômico-agricola onde é criado e explorado, vejamos alguns dos principais caracteres somáticos e as aptidose soctécnicas da fêb bovina alentejana:

Raça grande, ainda que na Europa haja algumas bastante maiores. Os machos muito maiores que as fêmeas; os toiros maiores que os bois, ao contrário do que sucede no gado mirandês.

A côr da pelagem é o flavo vivo com muitas cambiantes, freqüentemente malhada no ventre nas reses mertolengas e algarvias, menos vezes no restante gado, no qual se procura eliminar esta particularidade; outras vezes com cabeça afarruscada. Karos exemplares portos, indicio de interferências estranhas.

Antigamente estimava-se a côr mais clara; hoje, pelo contrário, prefere-se a mais retinta, mas creio que os antigos individuos de coloração aberta eram de maior massa e tinham melhor antida covastria.

Os pélos à roda do focinho e dos olhos às vezes mais claros (ôlho de perdiz).

Marrafa abundante, mas não tanto como no mirandês.

Boria da cauda bastante farta e desenvolvida, com freqüência mais clara, chegando algumas vezes quási ao branco, particularidade que se tenta eliminar.

Os chifres, de secção clípica, muito compridos mas não muito grossos (1), de che lácete a poma alioridad, com tranderás a deminiermo nos torlos, fedoremos modernamente extensivo às outras reces por efeito da selecção e da establidação, nasceni. Internimente e para trais, voltutado em inage curva para distite e para baixo e depois para cima; encontram-te porám torios sedamos, com as pontas pouse o levantadas, e outros caregidas, com a care a viventada logo que coneça a volta para a fereire. Nos vecas e bois são inidamente em esprial muito abetra, com direcção posterior e depois para báxo e puntanta a logo care.



Ouro exentejano de 5 enos pertencente ao sr. Conde de Ervideiro É prosèvel que éste touro, ésdo o seu tamanho e estado de nuvição, asperesse 1.000 Kars, de séan vivo.

gamento e com a idade, chegando a ter volta e meia.

Perfil geral da cabeça fortemente convexo e os olhos bastante laterais e pouco salientes.

O pêlo é fino no Verão e bastante comprido de Inverno, época em que, ao longo da espinha, e no gado fraco, forma uma espécie de frania.

A pele, com enorme barbela debaixo do queixo, bordo inferior do pescoço e entre os membros inferiores, é
muito grossa. fàcilmente descolável nas reses gordas e dá um curtume muito

apreciado pelos fabricantes de correias. Espelho do focinho, unhas e pontas dos chifres de côr aloirada (almarada), nunca preta.

Tronco comprido, às vezes um pouco selado, com agulha alta e bem destacada e com pombinha alta e arqueada.

⁽¹⁾ Em tempos antigos vi bois com chifres que, de ponta a ponta da armadura, tinham pouco menos de 2 metros e muito mais grossos do que actualmente-

Peito largo, mas não exageradamente, e de costelas altas.

Anca plana e não muito comprida nem larga.

Espádua magnifica.

Coxa geralmente pouco desenvolvida.

A parte anterior do corpo geralmente mais ancha que a posterior.

A parte anterior do colpo geralmente mais ancha que a posterior. Cauda comprida, relativamente fina e às vezes com desenvolvida bexiga (prega que tapa o ânus), especialmente nos toiros, particularidade que os cria-

dores procuram eliminar.

Membros curtos, fortes, muito direitos e de boas unhas, estas muito resistentes. não precisando por isso serem ferradas.

A cabeça óssea, vista de frente, é triangular, de larga base na protuberância frontal e estreita inferiormente na região dos pequenos supramaxilares.

O frontal é convexo transversalmente,
Occipital muito largo (talvez mais que em qualquer outra raça) relativamente
à sua altura, ondulado, geralmente convexo transversalmente e com a base dos
côndilos rebaixada e inclinada para baixo do crânio; as apólises jugulares, tarveza, achandas, muito convergence, paralles à conver de conducto de como
conserverse de la conserverse de co

apice de forma especial, são pequenas, triangulares e de larga base.

Temporais baixos, avançados e com relevos pouco acentuados em volta do conduto auditivo externo.

Fossas temporais baixas e deprimidas na região posterior.

Vejamos algumas mensurações:

A altura no garrote em dois toiros ainda novos (novilhos) deu-nos 1º,35 no 1º,40 noutro; outras mensurações feitas em 7 bois e 10 vacas oscilaram entre os seguintes límites.

Designação das medidas	Bols	Vacas	
Altura no garrote.	1,37 - 1,47	1,23 - 1,40	
» » melo do dorso,	1,33 - 1,47	1,23 - 1,41	
» na pombinha	1,39 - 1,51	1,29 - 1,40	
/asio esternal (altura do esterno so chão)	0.54 - 0.62	0,52 - 0,60	
Perimetro toráxico	1,98 - 2,18	1,75 - 2,0	
Comprimento do tronco (escapulo-isquial)	1,44 - 1,62	1,37 - 1,48	
argura dos encontros (entre as articulações escápulo-hume-			
rais)	0.42 - 0.55	0.36 - 0.46	
argura entre as pontas das ancas (bis-ilíaca).	0.49 - 0.64	0,49 - 0,5	

O médico-veterinário Romão Ramalho, que foi Intendente de Pecuária do distrito de Évora, refere as seguintes medidas por éle tomadas em 18 bois pertencentes a boiadas diferentes e em 18 vacas pertencentes também a 4 vacadas diferentes (1):

Designação das medidas														Média des beis	Média das vaca	
Altura na cernelha														1,51	1.34	
» » pombinha														1,55	1,38	
Do bordo da espádua à cauda .														1.96	1,68	
Comprimento do pescoço														0.90	0.73	
» da cabeça														0.65	0.52	
Largura entre a base dos chifres														0,29	0,25	
» sôbre os olhos														0.27	0.26	
Comprimento dos chifres														0.78	0.64	
Largura entre as pontas dos chif	re													1,49	1,26	
Perimetro do peito												9		2,35	1.97	
Comprimento da alcatra													- 1	0.58	0.51	
Largura das ancas													а	0.46	0.54	
a dos lombos												6	ш	0,46	0.42	
Vara total													а	2.57	2,26	

Para completar estes caracteres somáticos, poderíam ainda aqui ter cabimento os perfís, índices e outras medidas que em tempo coligi, mas para um trabalho desta índole, afém de desprovidos de imediata aplicação prática, seriam demasiado clenifícos.

As vacas teem úberes bastante desenvolvidos e geralmente bem conformados e a sua coloração é geralmente um pouco mais clara que a do pêlo; existem às vezes dois têtos suplementares rudimentares. O lette é por vezes bastante abundante. Uma vaca que tive, partiu uma

perna e tornou-se necessário ordenhá-la, o que foi fácil dada a natureza e sede da fractura; depois de dar leite ao bezerro, fornecia ainda 9 litros por dia no primeiro mês de lactação.

Os vitelos nascem com pelagem mais clara que a dos pais, e extremamente pequenos, talvez com 15 ou 16 quilos; crescem pouco de comêço e só se desenvolvem bastante do terceiro mês em diante.

⁽¹⁾ Rumão do Patrocinio Ramalho, Ibidem.

Antigamente deixavam-se mamar até muito tarde, mas hoie começa a fazer-se a desmama mais cêdo tratando os bezerros à mão o que beneficia muito a producão

As vacas, geralmente muito mansas, tornam-se às vezes bastante ariscas quando as crias nascem, sendo então perigoso aproximar-se delas no campo. Na criscão manadia emprega-se um toiro para 50 a 60 yacas. Se não costuma ser estabulado, o toiro não é muito de fiar no campo, sobretudo no tempo do cio.

A raça alentejana é acusada de muitos defeitos e de vez em quando fazem-se



«Escravelha», vaca alentejana pertencente ao sr. Conde de Ervideira

tentativas para a cru-

zar ou substituir. Não tenho dávi-

da em afirmar que as acusações são infundadas mas as experiências de cruzamento, destinadas a completo fracasso, não deixarão contudo de fazer muito mal, porque a cada tentativa é uma vacada que desaparece.

A raca alenteiana é acusada de pouco precoce, de pouco rendimento em carne e esta inferior em qualidade,

de nouco fecunda, má de trabalho, etc., etc., Veiamos o fundamento destas acusações:

É pouco precoce, porque no ambiente em que é criada, não pode ser de outra forma.

Raca de volume grande e criada quási, senão exclusivamente, para trabalho, e para um trabalho pesado, pois os bois teem de ser sujeitos a períodos de labor intenso de fins de Setembro a Junho, ou seiam 9 meses, dos quais os do Outono são de dias inteiros e todos seguidos, só animais completamente desenvolvidos e duros suportam labuta tão violenta. A experiência demonstra que os bois metidos ao trabalho antes dos três anos não se desenvolvem.

O seu crescimento só se faz durante a énoca de nastos verdes e estes só

existem no Alentejo desde o film de Março, so film de Maio, so pastos de Veralo (agostadouros), a pouesa ervas do Outono e do Inverno e a rama das árvores esconservam mas não dão meios suficientes para crescer, de modo que são neces-sárias sárias primaveras para alençar o volume próptio da raça, utilizada em estripos que demandam grande e aturado esfórço, como o alqueive dos pousios de longos anos.

¿ Mas que raça precoce poderá viver em tais condições?

Raças precoces só são possíveis com alimentação quantiosa e de alto valor nutritivo. ¿ Será essa alimentação compatível com os preços da carne actualmente em

vigor? Não o creio.

Reas exclusiva on quási exclusiva de trabalho, demás alimentade em semiluntes condições, suma pode dar alto rendimento reatologo. Tais reas, como as da Hugaria, da España, da Italia central e metidional, teem naturalmente fore esquetico, caiglo pela sua preponderante oquidate proponderante unitacio excomita, e são todas de baixo rendimento no talho. E entre nois acreace que a alimentação grossier de atantos meses no são austemato a volume dos organo diquestore, influindo assim favorivelmente no pelo vivo de rês, mas Elia as acreace dos baixo rendimento em carne limas. Alsa será isou un

defeito para a sua principal utilizacio e adaptação? Certo que não,

deteito para a sua principal utilização e adaptação? Certo que não, A aplicação dos princípios inglêses relativos ao modo de apreciar raças de

exclusiva produção de carro, ado serve para uma reas como a fatincidas, de muita a mais um ajas ondas produção, eculiava de carro mo fatincidas, de muita a mais um ajas ondas a produção, eculiava de carro mo ten timbus econo mica, dado o seu baixo preço no salho. A carne em Portugal de sultização mica, dado o seu baixo preço no talho. A carne em Portugal de sultização mica, sobre de carro fatinção as a region indigense, o ricia mas regas letérias, e o aprovisamento dos sub-produtos de exploração agricada e dos residios da adienteação humas, como acontece quals empre no Norte do País, com palhas de fave, chicharo, feijão, bandeira e folha de milho, resto-thos, folhas de nortales, etc., etc.

inos, foinas de hortafica, etc., etc.

Quando o sistema alimentar muda, a raça transforma-se; foi o que aconteceu com o grupo bovino da Casa Mira, de Arraiolos, infelizmente disperso,
e com o de Gregorio Moreno, de Xeres dos Cavaleiros (Espanha), nos quais a
alimentação intensiva dos bezerros encurtos o tempo do seu desenvolvimento.

E bem criado, o gado alentejano dá altos rendimentos. Na Estação Zootécnica Nacional (Fonte-Bon) o gado alentejano acompanha no rendimento o mirandês, o holandês, o sujoe o e charolês: e às vezes os tem superado.

Acusam a carne de má qualidade. Realmente, a carne dum boi de 10 a 15 anos e a duma vaca da mesma idade, aquéle extenuado pelo trabalho e esta gasta pela criação, com os músculos desnutridos e preparados por uma engorda

rápida que mais enseba em grandes massas do que engorda verdadeiramente, não pode ser boa, mas o anoio ou o novilho bem tratados e engordados em boas condições dão boa e saborosa carne. Em Madride, Sevilha e Barcelona os anoios de Gregório Moreno são

A vaca alenteiana é pouco fecunda,

Touro e vaças da reca elenteiana na pastagem na época de Inverno

diz-se. Com a criação do bezerro até a desmama expontânea não pode deixar de o ser; com a desmama cêdo, aos 5 ou 6 meses, a fecundidade é normalle não inferior à do



A pessoa que ferra é o malogrado Regente-agricola Antônio Filipa de Janua

gado mirandês. O que é preciso é tratar dos bezerros, coisa com que a

major parte dos criadores se não preocupa e que às vezes sai bem cara, Não é bos de trabalho. Com tratamento igual àquêle a que o boi alente-

iano é suicito nenhum doutra raca o pode igualar; e posso afirmar êste facto. porque desde 1894 que tenho tido gado alentejano e ratinho. Ainda não há muitos dias reconheci que no último ano péssimo de pastagem no Inverno, o gado ratinho não resistiu tanto como o alentejano; com trabalho muito violento e aturado, os bois ratinhos estavam mais magros e esfalfados. Tendo por êste motivo havido desastres fatais, a mortalidade foi de três mirandeses para um dos alentejanos, cujo efectivo, note-se bem, era duplo do daqueles.

Acresce ainda que todos foram alimentados à manjadoura e que, fora as pastagens e a rama, em palhas, moínhas, ensilagem e rações se gastaram, só durante o Inverno, mais de 1,700800 por cabeça, condição favorável ao gado ratinho, porque, com a alimentação exclusivamente a campo, o caso teria sido certamente muito mais grave.

Tive criação de gado mirandês ou ratinho desde 1894 a 1905; criei alentejano puro, fiz cruzamentos com o mirandês, castelhano-leonês, andaluz, zebu, charoles. Salers



Vacas e bezerros da raca alentejana na pastagem na época de Inverno

Tive de principio só bois miran-

deses comprados comprei bois mirandeses no Mogadouro: tive muitas vezes bois ratinhos da zons de Nisa: comprei grandes juntas de bois ratinhos na Malveira, Contudo estou hoie conven-

cido de que o gado alentejano é o mais apropriado para o Alentejo. O gado alentejano melhora apreciávelmente com o bom tratamento. É uma raca típica, bem caracterizada e útil: é mesmo uma boa raca estèticamente falando e deve ser conservada pura protecida e aperfeicoada. As introduções espúrias nunca deveriam ser favorecidas, senão contrariadas, salvo o caso muito especial do cruzamento industrial com racas precoces altamente especializadas na aptidão creatófora, para produção de crias (machos e fêmeas) destinadas exclusivamente ao tatho depois de desmamadas aos três ou quatro meses o mais tardar, isto não só porque elas podem já nessa idade atingir o pêso limpo que as de pura raca alentejana só alcancam dos sete para os oito meses, mas ainda porque a raca cruzante não vem por êste modo a exercer influência alguma na raca cruzada.

Note-se bem que só neste caso especial admitimos interferências estranhas, mas de passagem, sem continuïdade, para o que, repetimos e acentuamos, as crias, machos e (êmeas, devem ser relegadas ao matadouro ao fim de quatro meses, o máximo, e de modo nenhum deverão subsistir para futuros reprodutores sob qualquer pretexto ou intenção.

Ao fixar o seu standard não devemos preocupar-nos com o standard à inglêsa ou outro; o nosso gado é essencialmente gado de trabalho, não de carne, e o seu standard (modèlo ou tipo) não pode ser igual ao das raças aperfei-coadas.

¿Já porventura alguém fêz um boi angus com o standard dum Hereford a-pesar de pertencerem ambos a racas de carne?

¿Já algum italiano com a sua bela raça de Val de Chiana ou da Romanha quis imitar o Durham ou o charolês?

¿ Já alguém pensou que um toiro de Miura ou de Saltilho fósse de forma ou carácter como o suíço ou o holandês?

Em Escapha o boi andaluz, o estremento, o avilês e todos os outros teem

modelo fixo e adequado ao seu meio e utilização económica.

Nos devemos fazer o mesmo; ver o boi alentejano como alentejano e para

II - Gado bravo

Ocorre de passagem uma referência ao gado de lide. Com efeito, tendo ildo em certa ocasião a um amigo alguns trechos dêste trabalho, preguntou-me êle porque emitia eu o gado bravo existente no Alenteio.

Eu não referira esta particularidade, porque não consta lamais que esta espécie de criação houvesse tido alguma vez no Alentejo foros de naturalização. As criações de gado bravo nesta província foram sempre espordidicas, experiências isoladas, muito restritas, ou tentativas de curta duração por parte de alguns afeicados ou amadores.

É todavia um facto que, de tempos a tempos, tem aqui e acolá aparecido criações de gado bravo, mas, ou porque o feitio dos alentejanos se não preste à afición, ou porque os terrenos não sejam próprios, ou porque o meio cultural não consinta fácilmente o gado de lide, certo é que o verdadeiro Alentejo não tem tido correntemente criação de resses bravas.

Ouvi dizer há muitos anos, que o gado bravo no Alentejo se torna grosso, pesado e perde bravura; que sem salgados não há gado bravo.

Em Espanha acontece coisa semelhante; contudo, nas velgas do Guadiana, nas proximidades de Xeres dos Cavaleiros, no Jarama perto de Madrid e nas

regiões de Toledo e Salamança, zonas longe de salgados e terras de raças bovinas grossas e mansas, há criações de toiros bravos.

Seia como fôr, a verdade é que gado bravo alenteiano não existe; o que

há, é gado bravo doutras regiões levado para o Alenteio.

Na orla ocidental da provincia, onde as condições de criação são tanto ou quanto semelhantes às da Borda-de-Água, sempre ai tem havido gado bravo, mas esta zona é mais ribatejana que alentejana (refiro-me especialmente à região de Vendas-Novas e Montemor). Foi nessa zona, na sua propriedade do Vidigal em Vendas-Novas, que

El-Rei D. Carlos, de satidosa memória, teve a sua bela ganaderia de reses bra-

vas, emigrada para Espanha depois da morte dêle.

Estes toiros, espanhóis de casta e adquiridos por intervenção de Vitorino Frois, eram muito boas reses de lide, toureadas geralmente em funções de beneficência e algumas vezes em Espanha, onde tinham bom cartel.

De lembrar é aquêle famoso toiro lidado a cavalo no Campo-Pequeno por Vitorino Frois coadiuvado por Bombita numa tourada promovida por S. M. a Rainha D. Amélia em beneficio da Assistência Nacional aos Tuberculosos, que os aficionados que a ela assistiram, ainda hoie lembram saúdosamente, e na qual os três actuantes, o toiro, o cavaleiro Vitorino Frois e o espada Ricardo Tôrres (Bombita), se houveram com tanto sucesso e brilho, que os dois artistas ouviram fartos e quentes aplausos e o lavrador teve na pessoa do Rei uma chamada especial com muitas e vibrantes aclamações.

Lembro ainda a ganaderia de Francisco da Silva Lobão Rasquilha, de Santa Eulália, apascentada ao longo do alto Caia, entre Santa Eulália e Arronches, e extinta há muitos anos.

As ganaderias que actualmente me consta existirem, são as seguintes:

A do Sr. Cláudio José de Moura, de Monforte (Portalegre), cuias reses pastam em muitas herdades do Alenteio e da Rorda de Água (desde Monforte até Vila-Franca-de-Xira).

É uma ganaderia de vulto, bem que um pouco deminuida do que era quando foi adquirida, pois contava então umas 800 cabeças. Contudo deve ser ainda a mais numerosa do Alentejo (cêrca de 700 cabecas) e dela procedem várias outras existentes nesta provincia.

Adquirida recentemente pelo Sr. Cláudio de Moura, pertencia a D. Casimira Fernandes (Viúva de Soler). Usa divisa branca, azul e amarela e foi fundada em 2 de Novembro de 1910 com os restos da ganaderia de D. Filisberto Mira, de Olivença, com 50 vacas de D. Emilio Campos e com a ganaderia de Lizaso, comprada a D. Júlio Laffite, largando a tôdas as vacas dois toiros de Devido à boa orientação do seu dono, esta ganaderia alcançou um certo nome, mas com a morte do fundador começou a declinar, acusando os tairos grande falta de temperamento.

En 1928 D. Pablo Damina, segundo marido de D. Casimira, e por deste la fica attinistardo e dirigente da gamaderia, tentou melhorá-la com a introdução de um novo toiro da casas Ybarra comprado so Conde de la Corte, para de que de um novo toiro da casas Ybarra comprado so Conde de la Corte, para melhoria com êste referesamento de sangue, que deu as suas melhores provas melhoria com êste referesamento de sangue, que deu as suas melhores provas muna memoria de corrida em Merida com os esqualos Ortegas e Armillita e que

teve grande repercussão entre a nossa afición.

Esta ganaderia, que pastava na zona fronteiriça espanhola e portuguesa, entre Olivença, Xeres dos Cavaleiros, Mourão e o Guadiana, acabou por ter a sua zona de pastoria lixada em Portugal, mas variando muitas vezes de sede

até ser comprada pelo Sr. Cláudio de Moura, que actualmente a possui.
Em Portugal tem dado muitas corridas com resultados um pouco irregulares mas apresentando também toiros de bom quilate.

O criador João Tôrres Vaz Freire, de Évora, que é um grande aficionado, começou a formar a sua ganaderia em 1925 com vacas compradas a José Lacerda Plato Barreiros, algumas das quais com ferro de Emilio Infante da Câmara e outras com o do Marqués de Castillos.

e outras com o do marques de Castinon.

Em 1928, para apurar o seu gado, já então bastante numeroso, fêz uma tenta rigorosa dirigida pelo conhedor Juan Silva, que saíra da ganaderia da Viúva Soler.

Em 1932 comprou a ganaderia que o Dr. Libânio Esquível, de Mourão, havia importado de Espanha, a qual contava mais de 200 reses, umas procedentes da ganaderia de Solor e outras derivadas das castas de Lizaso, Ybarra. Ve-

ragua, Mira, Laranjo, Campos Varela, Pablo Romero, etc.

A ganaderia do Sr. José Tórres Vaz Freire, composta, há alguns anos, de
mais de 400 cabeças e com una criação anual de cêrea de 150 bezerros, chegou
a contar mais de 50 a 60 toiros, corridos com sucesso em Portugal e em Es-

panha.

Este criador, proprietário da praça de Évora, é muito aficionado e cuidadoso na escolha e tratamento das suas reses, tendo foraccido bons curros de toiros.

Pertencente a Pompeu Caldeira, existe em Elvas uma pequena ganaderia, formada há anos com vacas e toiros oriundos também de Soler. Deu alguns purson para Flyas e forneceu um para o Norte, que saíu bravo.

A ganaderia de Joaquim de Oliveira Fernandes, de Évora, tem obtido importantes sucessos nestes últimos anos, tanto pela bravura das reses, como pelas condições da lide que proporcionam, colocando-se por êste facto entre as primeiras do nosso País.

Fol formada com vacas antigas da própria ganaderia, com outras da ganaderia de José de Lacerda Pinto Barreiros oriundas da casta Ybarra e com sementais desta mesma casta.

O criador Varela, de Reguengos, escreiou-se esta temporada em Beja com a sua ganaderia, composta de vacas de Soler e de antiga casta portuguesa.

A ganaderia do Dr. Cunhal, de Montemor, é constituída por vacas de antiga casta portuguesa, que o seu dono tem com o principal objectivo de produzir gado mestiço de trabalho, mas que de vez em quando também fornece para alguma corrida.

O lavrador António Lopes Aleixo, de Cabeção, tem uma ganaderia recente, formada com algumas vacas compradas a loão Lopes Felix Branco, de Coruche, e consta ter comprado éste ano um lost de vacas de loaquim de Ollveira Fernandes.

Aínda não estreiou os seus toiros em corridas, mas não tardarão provável-

mente a aparecer.

A ganaderia do criador Castro, de Cabrela, constituída por vacas de antiga

casta portuguesa, fornece anualmente dois a três curros de toiros.

A ganaderia de Francisco da Silva Vitorino, de Vendas-Novas, é bastante antiga e numerosa. Na sua maioria tem como base vacas da antiga ganaderia

de Emilio Infante da Câmara e fornece anualmente alguns curros de toiros, que proporcionam frequentes vezes lide suave.

Não havendo entre nós uma revista tauromáquica, muito difícil me foi

Não navendo entre nos uma revista tauromáquica, muito difícil me foi colher estes dados, que não poderia ter coligido, se não for a obsequiosa ajuda de um aficionado amigo. É possível que haja inexatidões, esquecimentos, ignorância de criadores e até de factos merecedores de registo, faltas de que peço desculpa.





The second lives of the second

GADO SUÍNO

Visto sumàriamente o gado bovino, pertence agora a vez a outra espécie típica regional — o gado suíno.

Pertence êle ao grupo ibérico, que povoa o nosso Alentejo, onde é mais bem representado, a Borda-de-Água, a Estremadura espanhola e a Andaluzia; tem representantes na Itália meridional (raça casertana ou napolitana), na Inglaterra (raça Thamworth) e na América do Norte (raça Duroc-Jersey).

Para nós, Portugueses, o seu local de origem, e onde se encontra mais típico e perfeito, é o Alentejo, donde foi e é constantemente transportado para

a Borda-de-Água.

Em Espanha o cochino colorado ou portugues, muito apreciado na Andaluzia e vulgar na Serra Morena, de Sevilha até Xeres da Fronteira, em Córdova, etc., indica bem com aqueles nomes qual a sua origem ou procedência.

O porco correspondente ao nosso, mas verdadeiramente espanhol, é o negro da Estremadura ou lampiño, completamente preto, mais pelado ainda que

o nosso, e de orelhas um pouco mais caídas sôbre os olhos.

Se do porco napolitano, introduzido provàvelmente na Itália meridional pelos Espanhóis no século XVI ou XVII, parece derivar em parte a aptidão cevatriz do *Yorkshire* e do *Berkshire*, do porco espanhol negro deriva seguramente em parte a do *Large-Black*.

O Doroc-Jersey, êsse deriva, segundo dizem, de porcos da Casa Barahona, de Évora, levados para os Estados-Unidos da América-do-Norte não há mais

de sessenta a oitenta anos.

Creio que o Thamworth seja também um derivado de porcos alentejanos

idos de portugal para Inglaterra.

É crença geral que os porcos europeus procedem da domesticação do javali bravo, mas essa domesticação é por certo muitíssimo remota, pois dela derivam

formas completamente dispares, tais como o porco celta (do Norte de Portugal. do Norte de Espanha, da França, Inglaterra, Suíca, Norte da Itália, etc.) e os nossos, tão diferentes daquele no feitlo, côr e aptidões, mais finos, pequenos, largos e redondos.

É provável que esta domesticação seia também neolítica,

O porco alentejano apresenta muitas variedades de forma, tamanho, côr. densidade e grossura de pêlo, mas é sempre um porco de côr loira mais ou menos arruivada, que nunca tem malhas brancas e só às vezes alguns nontos mais escuros, mas pouco extensos.

Alguns são muito claros, quási amarelos,

Há algumas dezenas de anos, eram de pêlos verdadeiramente aloirados sôbre pele avermelhada (por exemplo, os dos Rasquilhas, de Arronches); hoie há tendência a preferir os de côr mais carregada e em certas casas chega-se quási ao preto, mas o porco alentejano deve sempre manter-se com côr avermelhada. pelo menos côr de mogno, senão descamba no porco da Estremadura espanhola. Sinto certa autoridade para falar assim, porque fui eu, há cêrca de quarenta anos, quem criqu os primeiros porcos alentejanos escuros, que tendem hoje a suplantar em tôda a parte os mais claros.

A união de porcas da Casa Bagulho, de Elvas, de tom um pouco acinzentado, com varrascos de Iosé da Silva Picão, de Santa Eulália, muito bons mas avermelhados, foi a origem dos porços selectos de Fontalya, os quais dividi em duas varas quando das perseguições de que fui vítima desde 1911 a 1926, uma cedida a José e Francisco Martins de Sousa, outra a Francisco da Silva Picão, todos de Santa Eulália, e deram origem aos porcos escuros do concelho de Elvas. hoie difundidos por todo o Alentejo e até pelo Ribatejo.

O porco loiro e peludo quási só aparece hoje no Baixo-Alentejo e nas

zonas arborizadas da Borda-de-Água e do Alentejo litoral, onde a côr escura, ao que parece, dificilmente se mantém, desde que o sol violento ello face sentir directamente a sua ardência, como sucede nos terrenos descobertos. O porco alentejano é relativamente pequeno, de membros curtos e finos. Um pouco achatado quando novo, de dorso arqueado e garupa descaida e mais alta que a agulha, muda completamente de aspecto depois de gordo; torna-se

cilíndrico à medida que engorda, vindo estão a assemelhar-se muito so norcos das raças inglêsas modernamente aperfeicoadas, mas mais fino. O esqueleto é singularmente reduzido. A cabeca é fina e alongada e no porco gordo só o focinho sobressai das facoilas e papadas, bem cheias.

As orellas, sem serem muito grandes, não caem sôbre os olhos como nos

porcos celtas (os da Beira), nos estremenhos espanhóis e em muitos inglêses, franceses e alemães.

Às vezes chega a ter só pêlo um pouco mais forte na testa e na ponta da cauda. Certos indivi-

duos, particularmente os do distrito de Évora, teem barbi-

lhões.

O porco alenteiano, robusto, activo



Varrascos de raça alentejana

ne ristico, cria-se em luta com a natureza e, segundo os pontos de vista da Zootecnia moderna, é pouco precoce e de pouca carne, antes um grande produtor de gordura, mas o seu sistema de cria e de ceva, a sua alimentação, dão explicação do facto.

As porcas fazem geralmente duas crias por ano, na Primavera, de Março a Malo, e no Outono, de Setembro a Novembro, e parem de cada vez cineo a sete bacorinhos, não mais porque proviavelmente, se gerassem muitos filhos, o pêso e volume do ventre lhes dificultaria a deambulação, inferiorizando-as assim para a vida activa a pasto, cem que são habitualmente disfrutadamente distributado.

As parições fazem-se em pocilgas mais ou menos aperfeiçoadas, dentro de de pequenos tóculos ou celas onde apenas cabe a mãe e os filhos, muito pequenos à nascença e côr de rosa aloirado, que são amamentados dois meses. Ouando se desamanam, são já escuros, quási como os adultos.

Os porcos paridos na Primavera chamam-se erviços (nascidos no tempo das ervas) e os paridos no Outono, outoniços ou montanheiros (nascidos na força de poderem à desama entrar no montado ou montanheira).

«poca de poderem a desmama entrar no montado ou montaneiro."
Os erviços já no fim da amamentação correm o campo à procura de minhocas, erva verde e baguitos dos agostadouros; os montanheiros procuram também minhocas e vão à migalha, à busca de alguma bolota ou restos da engorda dos adultos.

Só no falta absoluta de comida no campo é que aos porcos se dá algum milho, chicharo ou, melhor que tudo, cevada. E assim crescem a pasto todo o dia, ora vagueando, ora chafurdando na lama ou esfregando-se nos troncos enas rochas, até que no Outono seguinte correm outra vez os montados. É vê-los então a correr de árvore para árvore à procura da bolota que pinga (que começa a cair naturalmente), desespêro dos guardadores, que se vêem doidos para os iuntar à noite.

Antigamente deixavam-nos andar quasi sempre à revelia, porque êles, comum apurado sentido de orientação e atraidos pela casa, voltavam sempre sosi-



nhos: mas como revolviam as searas dos vizinhos, êste costume está hoje sholida Consoante a idade em que chegam

à montanheira (1)

(os outonicos do ano anterior, dos 12 para os 13 meses: os ervices de mesmo referido ano dos 18 para os 24), assim os farropos (porcos de um ano ou mais) ou menos pêso conforme a idade e a precocidade, considerando-se meias

cabecas os de 61/2 a 8 arrôbas e cabeças os de 8 arrôbas para cima. Quando o montado é farto de comida (bolota) e os porcos bem desenvolvidos (por exemplo, os de 18 meses, que entram no montado com 6 arrôbas, bem crescidos mas não gordos, porque o porco alentejano passa a vida magro e só engorda na montrnheira), chegam em 100 dias (do S. Miguel a laneiro) a pôr 100 quilos, alcancando assim 10 arrôbas de nêso limpo, ou seiam 150 quilos e mais 1/s para subprodutos e desperdícios da matança, o que corresponde o 180 quilos de pêso vivo. Mas já os tenho visto de 2 a 3 anos com 14, 16 e mesmo 17 arrôbas engordados no montado, porque à mão, sustentados a milho e puxados a capricho, vão a mais.

⁽¹⁾ No Alentejo dá-se indistintamente o nome de montanheira so montado pròpriamente dito auando está com o fruto, ou à vara dos porcos em cada ano propostos à engorda e prestes a entrarem ou já entrados para êsse efeito no bosque.

Ouando atingem êstes pesos, a barriga toca-lhes quási no chão, as paras quási desanarecem, mas ainda se movem bem e são capazes de grandes jornadas (por exemplo, em três ou quatro dias vão de Santa-Fulália a Portalegre quási 50 quilómetros).

Nesta altura é muito curioso vê-los andar nos montados. Movem-se ainda assim com relativa ligeireza, mas descansam de vez em quando; se podem, metem-se nas pocas de água e à noitinha, se encontram uma moita de mato, vão

partindo raminhos arrancando sargaços e ervas para arraniarem cama fôfa, onde denois dormem a sono solto, roncando Sonoramente

Dão carne excelente e o toucinho. pelo carácter da raca e pela forma da engorde fice hom soparado da febra, de modo que a gordura Salgada conserva-se facilmente. Antigamente era a gordura



Quási evelusivamente usada na alimentação pelos Portugueses; azeite nos dias de magro, toucinho e banha nos outros dias.

Modernamente apareceu a manteiga de vaca, geralmente falsificada com margarina, mas a gordura de porco ainda se gasta sem dificuldade e é para nos a mais acessível e aquela cuja produção mais facilmente se pode aumentar Em ocasiões de apuro, como pode vir a ser a actual.

O toicinho do porco alentejano de montado é branco, fino, alto e muito regular em tôda a sua espessura.

Denois de gordos, os porcos do Alentejo vão a tôda a parte do País, inclusivé às provincias do Norte, onde se encontram nos concelhos mais Setentrionals

Com o aumento da cultura cerealifera e do sobreiro, cuia superficie e den-Sidade tem crescido, o número de porcos tem sumentado muito no Alenteio e à engorda em deambulação nos montados, feita com bolota de azinho e de sóbro, se tem vindo a juntar a importantíssima indústria da ceva em pocilgas especiais de grande capacidade, feita com milho, principalmente colonial, tudo consequência do grande aumento da nossa população urbana, especialmente a de Lisboa. Setúbal, etc. Em tempos passados a matanca dos porcos no matadouro de Lisboa e nas chacinas do Montijo (Aldeia-Galega) suspendia-se desde a Páscon até ao Outono; hoje as mataneas fazem-se todo o ano.

Em virtude de ser hoje mais rápido o desenvolvimento dos porcos, há agora tendência para os engordar e sacrificar mais pequenos, quando atingem 7 a 8 arrôbas de péso limpo.

Ganha-se tempo, mas julgo que é necessário proporcionalmente mais milho para obter o mesmo pêso. Para engordar uma cabeça é necessário aproximada-



Marrãs e porcos da raça elentejana

mente um mojo de bolota ou de milho e para meia cabeca

40 alqueires. Esta raca é insuperável para os nossos usos e costumes e nenhuma outra

pode nisso comparar-se-lhe. Em tempos tentel criar porcos Yorkshire (Middle - White e Large-- White), Berkshire. Tamworth, Poland--China e produtos

dos seus cruzamentos mas com nenhum consegui, nem mesmo aproximadamente, os resultados que nos fornecem os

De resto tôda a gente está disto convencida no Alentejo.

As racas precoces, de carne, exigem uma alimentação caríssima, constituída por substâncias concentradas que os nossos precos da carne não pagam senão para uma pequenissima percentagem de produtos cujo consumo é limitado a um público muito restrito.

É certo que o nosso porco não serve para êsses produtos, como o porco de carne não serve para os produtos de consumo preferencial entre nós. O fiambre não se faz bem senão com o presunto do porco inglês, francês, alemão ou americano, mas o toucinho, as banhas e os enchidos à nossa moda só se fazem

porços alenteianos.

e conservam bem com a carne do porco alentejano, consoante já tivo ocasião de experimentar.

Creio que nunca foi calculada a produção anual da carne de porco, mas a matança dos grandes centros, que seria interessante averiguar, deve certamente revelar um número muito grande, mesmo superior ao da carne de vaça.



GADO CAVALAR

Neste ramo pecuário o Alentejo foi sempre, e é ainda, uma zona de expansão da raca cavalar andaluza.

É provável que em tempos antigos os nossos cavalos, certamente derivados de formas bravias das lezírias do Tejo, do Sorrala e lugares vizinhos da Estremadura e do Alentejo, fóssem do tipo dalguns que ainda restam por essas regiões, pequenos, rijos, vivos e rápidos, mas desde ha muito que de Faranha

se vem fazendo uma notável e continua importação.

De resto à importació de cavalos e (gasa diquela provenifica) sem aldo constituta, aínda agon mesmo, año à 50 porque a fronteira entre Espanha e Portugal de em grande extensión meramente convencional e o gado cavalar facilmente passa forta da vista da Caurada Flacia, como tambiém porque aínda não decorreram muitos anos em que era absolutamente livre o trânsito dos gados entre os dois países.

Por conseguinte, podemos assentar que o tipo geral do gado cavalar alentejano é andaluz.

O Alentejo afina esta raça; tira-lhe volume, o que não admira, pois as veigas do Guadalquivir, onde ela se criou e desenvolveu, e os terrenos calcá-

reos das províncias de Córdova, Sevilha e Cádiz não teem correspondentes na nossa província, região de terras altas (a altitude média do Alentejo é de 250 metros), granificas ou xistosas e, em muito poucos casos, calcáreas mas de baixo teor cálcico. Todavia, ao mesmo tempo que deminuem de volume, tornam-se mais duros, mais vivos e mais finos.

O gado cavalar do Alentejo não é homogéneo em tipo e corpulência, O Norte do distrito de Portalegre não tem criação cavalar que preste ; resentem-se os cavalos desta zona do contacto com o gado beirão e por consequência são fraços, estreitos, mai aprumados — gado serrano de evidente con-



«Justo», poldro de 3 anos de pura reça andeluza oriundo de coudelaria de Rui de Andrade (Herdade de Fontelva — Barbacene).

rrano de evidente contacto com o garrano e mesmo pior que o da Beira-Baixa. Mas ao Sul da serra de Portalegre estende-se a zona de

eleição do gado cavalar do Alentejo. Fica atil Alter, sede da antiga Real Coudelaria do mesmo nome, que foi sempre a mais importante do Pais e seria ainda a melhor, se diversa tivesse sido a orientação nela seguida, como a seu

Logo mais para o Sul, Leste, e Oeste estende-se, como disse, a zona de melhor produção — os conceihos de Arrosches, de Campo-Maior, de Monforte, e sepcelalmente, o de Elvais ; seguenis-e por ordem descendente os de Avis, Fronteira, Soussel, Estremoz, Vila-Vicosa, Borba, Arraiolos, Montemor-o-Novo, Evora, Reguengos e Mourão.

É esta a zona da lombada calcárea e xistosa do centro do Alentejo. Mais a Oeste e mais ao Sul, ou pela diversidade de culturas ou pela natu-

reza dos terrenos, esta criação mostra-se bastante inferior.

Ao longo do mar, desde a zona de Alcácer-do-Sal, os cavalos são como os da Borda-de-Água; em Grândola, Santiago do Cacém, Sines e Odemira há mesmo cavalos agarranados, aparentados com os do mesmo tipo do Norte, como são também os das serranias do Algarve e do estremo Sul do Alenteio.

Nas boas terras do distrito de Beia há algumas éguas corpulentas que produzem prossas mulas, mas verdadeira producão equina quási não existe : anenas se explora a égua como produtora de muares, quási se não criam manadas cavalares.

E vista assim por alto a distribuição do gado cavalar no Alenteio, examinemos um pouco mais detidamente como êle é e quais os seus centros de criação mais importantes.

Se em tempos já velhos não tivesse havido propensão para os cavalos de

tiro, propensão contudo bastante restrita, os cavalos. do Alentejo teriam chegado até nós oudsi puros: mas a necessidade dos cavalos de trem fortes e rápidos, fêz com que na casta de Alter se introduzissem cavalos de tiro normandos, alemães e inglêses, tentativa que mais tarde se repetiu intensivamente com cavalos



hackneys na casa de John Reynolds, de Estremoz, e nas de Margiochi, Barahona, Fernandes e Ervideira, de Évora,

Seguiram outros o exemplo, embora com menos constância, como a casa Praja-e-Monforte, na Quinta do Leão, em Veiros; losé da Silva Telo Rasquilha, em Santa Fulália: outros membros da familia Repnolds, em Estremoz: Luis Couto, Agapito Gordo, Gonçalves, etc., em Elvas, e vários outros.

Esta introdução, despertada pelo exemplo da Espanha, onde ela foi acentuada desde 1895 a 1915, e pelo desejo de obter mulas de major corpo, se bem que de menos energia e vigor, só foi truncada com o advento do automóvel, que em pouco tempo fêz pràticamente desaparecer o cavalo de tiro de luxo.

Nesta altura, com o fim de obter escoamento para os produtos machos que,

muito contra a vontade do criador, nascem pela necessidade da manutenção das éguas mulateiras, o lavrador alentejano foi compelido a aceitar a orientação das remontas militares, a introduzir o cavalo oriental.

Quando o cavalo ainda não tinha aproveitamento no talho de carne equina, muito duro seria a sustentação de cavalos de regalo, pois o nosso cavalo pouco vale na tração pesada, por ser essencialmente um animal de sela, tanto no físico, como no moral.

Os criadores aceitaram assim essa orientação, a-pesar de verem ao fim de pouco tempo, que as manadas de éguas cruzadas com o cavalo oriental defi-

nhavam e desapareciam, tanto mais que as remontas militares, comprando machos e fêmeas, contribuiam para ficarem nas manadas justamente as éguas inferiores, as regeitadas.

Como últimamente a Comissão de Remonta delixasse de compar poldros, os criadores liveram de mudar de orientação e activammente volta-se à produção de animais de tipo prático, fácil e adaptado ao cilma e à produção muar, a única hoje com mercado garantido, e torna a orienta-se no sentido de andataz. Com eficio, devido à evolução e transformacese sulturais ecorridas, a criacese sulturais ecorridas, a cria-



«Regedor», cavalo de Alter com tipo da antiga raça

ção muar tem aumentado muito de procura e preço, razão por que o seu efectivo numérico quási triplicou de 1870 para cá.

Como já disse, o Alentejo é a província que principalmente produz o cavalo de qualidade.

A coudelaria mais importante de há dois séculos a esta parte é a Coudela-

ria de Alter-do-Chão, antes Real Condelaria de Alter, Pundida por D, João V para Incenere cavalos para a Côrte, especialmente cavalos de panda e de salve-secola, tentou-se mais tarde fazer nela também criscio de cavalos de liro, mas as condições do melo, los dacequadas para tal fim, flereram analoguer ésas propósito, pelo que de novo se voltos exclusivamente à que so Missiferio do Guerra, tendore desde [19] (tentado habidadamente implangue so Missiferio do Guerra, tendore desde [19] (tentado habidadamente implantar e fixar uma nova casta hipica pelo cruzamento de absorção e por mesticamento com o cavalo oriental, em detrimento ou substitutição da antiga, eliminando-se assim o tipo andaluz, do qual só existem algune exemplares espúrios, que no seio da massa geral as leis da hereditariedade fazem por vezes resureir

È bem singular a settala situação desta condedaria. Administrada pol Minjetério da Guerra, recebe a orientação fecicia do respectivo departamento do Ministério da Economia, que nota interfere directamente neste particular, e sem por fina a crialção de exulos reproductores que os Seveios Pecuarios, para talticia por mais entre de estado esta entre de esta entre de esta entre entre a sixtuo en en conferenção e ascendência do antigo alteriana, resussituação assista o nobre corcei de antanto, reaparecido por força hereditária; so restantes productos da condedaria são entreçues assis envircos militares.

Teve a Coudelaria de Alter notável influência na criação cavalar portuguesa desde meados do século XVIII e a ela se deve em grande parte a difusão do saneue hísico andaluz em Portugal, pois foi inicialmente constituida quási sémente.

com épuas e cavalos daquela origem.

É curios notar que mode cats amanda passava e se deslocava, ou porque cla houvesse copique da besa passagares, ou pelo exemplo de bao crisção cava-la precedente, ou proque os caya bolforos la vezes defeassem seu ravio nas manadas circuriviánhas, ou popuça as égas velhas e os polotos de travio nas manadas circuriviánhas, ou proque as égas velhas e os polotos de travio nas manadas e caracteria de la composição de

Como disse, esta Coudelaría foi fundada no século XVIII, mais precisamente em 1748 em Portel, feudo da Casa de Bragança, depois transferida em 1757 para Alter-do-Chão, onde iá em 1751 se instituíra outro núcleo coudélico da

mesma origem, ao qual nesse ano se veio juntar o primeiro.

Originariamente provida quási só de genitores andaluzes masculinos e femininos propositadamente importados, recebeu mais tande interferciosa de raças acuestranhas; regenerada de vez em quando com reprodutores andaluzes importados, fol outras vezes enzuada e mesticada com cavatos inglétes, árnbes, normandos, marroquinos e orientais variados, estes empregados mais intensivamente nos últimos trinta anos.

Contudo, a sua forte ancestralidade e o desencontrado dos cruzamentos ten-lhe conservado mais ou menos o antigo carácter, que retorna com grande vivacidade, quando não contrariado, É a persistência desta particularidade, que até estes últimos anos lhe tem permitido escapar ao total desaparecimento; e como todos os lavradores alentejanos procuram com interêsse os cavalos déste tipo, pelos quais teem especial predilecção, a influência déles não está de todo perdida.

prediceção, a influencia detes não esta de todo perdida.

No Alentejo encontram-se ainda agora alguns importantes e bons criadores, mas a maior parte com manadas ou castas particulares, com carácter próprio, razão por que nesta província não há hoje um tho geral bem uniforme.

Em Alter-do-Chão existem três ou quatro casas que se veem servindo há muito com reprodutores de Alter—os Srs. Dr. Francisco Alvim, Rafael Mendes Calado, João e Manuel Caldeira Castelo Branco, em Alter, e Luis Caldeira Castelo Branco, em



«Damaia», égua de Alter com tipo de entige raça

Cabeço-de-Vide, Em Veiros há a casa Sousa Maldonado e a dos Irmãos Cortes; em Monforte a de Alfredo Meníce Sardinha e a de llosé Maria de

Em Santa Eulália, os Srs. António da Silva Lobão Rasquilha e seus filhos e Francisco Barradas teem um grupo de éguas que, em

Moure

acendência e tipo, se podem considerar como o que hoje existe de mais próximo do antigo alteriano; na mesma freguesia tem o Sr. António Picão Caldeira uma grande e bela cou-delaría e nela existe também a misha, criada tôda com puros cavalos andaluzes importados (Zapata e Guerreros).

O concelho de Elvas posses ainda outras manadas de aprêço, entre as quaisa a do Sr. José foquejum da Silva, a da famila Gonçalves, a dos Herdeiros do Dr. Manuel Vicente de Abreu, a de Joaquim Manuel Picio Fernandes, a dos virios membros da familia Bagulho, a dos filhos do Sr. Luís do Couto, a dos Srs. Despos Cortas de Joaquim Córado Caldeira, todos de Elvas, e a do Sr. Fundeso Pielo Caldeira, de Villa-Bolim.

Em Campo-Maior há ainda duas ou três boas manadas - as dos Srs. Fran-

cisco Côrado, José da Silva Telo Rasquilha, Francisco e José Telo Rasquilha, afora outras.

No Assumar teem boas éguas os Srs. João Romão Tenório, Manuel Tavares e, em Arronches, Francisco Romão Tenório.

Em Sousel tem a lamilia Calça e Pina um bom lote de éguas com muito sangue Alter; teem também boas manadas os Srs. Godinho de Abreu, de Benavila, e os Teles de Carvalho, em Avis.

Em Estremoz a melhor e mais importante coudelaria era a de J. Reynolds, cruzada com o hackney e com o puro-sangue inglés desde há muitos anos.

Em Évora há ainda de valia as manadas dos Srs. Conde de Ervideira,

Em Evora há ainda de Francisco Simões Margiochi, Francisco Barahona, Miguel Fernandes, Alberto Rosado,
irmãos Alves, António Fontes Pereira de Melo; nas Alcácovas, a dos Herdiros de José Barahona; em Vendas"Novas, a da Serelissima Casa de

Bragança.
Finalmente,
muitas outras haverá de que agora me
não lembro ou que
desconbeco, falta de



«Narceja», égue de coudelaria do 5r. António de Silve Lobão Resquilha, de Santa-Eufália, o criador que menos sengue estranho introducia na sua manada.

que peço desculpa.

Se a espécie cavalar não tivesse estado tão sujeita aos caprichos da moda e a intervenção das instâncias oficiais não tivesse sido tão variável, certamente se apresentaria mais uniforme.

se apresentaria mais uniforma.

O resultado dos numerosos cruzamentos fêz em grande parte desaparecer
o substrato nacional, de modo que poucas são hoje as coudeirais que lidinamente possam dizervas elémeigamas. Se fivesse de apontar sá que se apresentam
mente possam dizervas elémeigamas. Se fivesse de apontar sá que se apresentam
characteristica de la constancia del la constancia







GADO MUAR

Pena é que o gado cavalar se crie em condições que não permitem a fomento da sua produção como seria para desejar.

Depois que os Serviços de Remonta abandonaram esta criação suprimindo a compra de poldros, ela tende a limitar-se cada vez mais e a única razão económica da sua existência é a criação de muares, que, com a evolução e desenvolvimento cultural, cada vez aumenta mais.

De facto, como vimos e mais atrás dissemos, o número de muares cresceu de modo notável de 1870 para cá.

São elas criadas por lavradores que se consagram à sua produção, e pelos guardas e ganadeiros (1) por via das éguas fôrras (2).

Esta criação avulsa deve ser a que dá maior número de mulas de ano, que afluem aos mercados anuais, os mais importantes dos quais são a feira da Primavera, em Montemor-o-Novo; a do Domingo-de-Ramos, em Évora; a de Monforte, Assumar e Arronches; a de Maio, em Vila-Viçosa; a do S. João, em Évora; a de S. Pedro, em Fronteira.

No sul da província, em Beja, Moura, Serpa, etc., há as correspondentes. Acabada a Primavera, poucas são as mulas serris que ainda aparecem nos mercados; os lavradores que as não venderam, agarram-nas à amansia para o serviço das suas casas agrícolas.

Nesta questão de amansia de mulas novas há terras de verdadeiros especialistas. Em Borba, em Vila-Viçosa, Estremoz, Sousel e terriolas intermediá-

(1) Guardadores de gado (eguariços, vaqueiros, porqueiros, pastores, etc.).

⁽²⁾ Assim chamam no Alentejo às éguas e jumentas com as respectivas crias, pertencentes aos guardas e ganadeiros, aos quais é permitido, como parte da soldada, apascentá-las com os gados ou nas propriedades que guardam.

rias há indivíduos sumamente hábeis neste mester, que as recriam até aos três anos e se amançam ao mesmo tempo em serviços leves de lavoura

Muito bonitas e engraçadas estas parelhitas novas, que os donos levam a tôdas as feiras muito enfeitadas com os seus arrejos novos e garridos, puxando os carros bem nintados em que vai tôda a familia.

E como é perfeita a levra executada com elas conduzidas pecientemente em regos bem direitos e paralelos, como frequentemente se vê na Orada, entre



lária, vindos ainda no tempo da Rainha D. Maria Pia?!

As mulas do Alentejo, vivas, enérgicas, robustas e ligeiras, trotam como cavalos. às vezes ainda melhor que êles.

Estremoz e Borba!

12 Ouem não lembra as ligeirissimas mulas de Alter pertencentes à Casa Real, que com o advento da República acabaram ao servico dos Correios em Lis-

boa, tão rápidas e enérgicas, filhas de éguas de Alter e de burros da Pante-Nenhuma outra mula se lhe avantaja. As espanholas, conquanto mais fortes

e pesadas, não as superam em ligeireza e energia; as dos outros países são de outro género, mulas pesadas. As do resto do País em nada se lhe comparam; as do Algarve e as da Beira lembram as mulas asneiras alentejanas.

As melhores mulas correspondem no Alentejo às zonas de melhor criação cavalar: fora desta região, só nos arredores de Beia se criam algumas muares pesadas, filhas de éguas de tempo a tempo importadas de Espanha.

GADO ASININO

Como complemento, terei de dizer duas palavras acêrca dos burros, comecado pelos jumentos mulateiros. Pouquissimos são os produtores de jumentos selectos para hibridação e

esses mesmos limitam a criação de tais reprodutores às necessidades da sua produção muar.

As criações mais apuradas que conheço, são a dos filhos de Mariano da

Costa Pinto, do Monte da Palma, em Valamonte; a do João Romão, da d'Agósto, e a de Manuel Tavares, do Barquete, no Assumar; as de António Picão Caldeira, Rasquilhas e Sousas, de Santa Eulália; as de vários lavradores de Eivas; as dos Calea e Pina, de Sousel; e outras que me não coorrem de momento.

Afora esta criação, não há horrello, ganadeiro ou guarda, que não renha burras com as quais, quando boas, criam maurea sanaciera, senão reproduzem nas do natural sem maior cuidado na escolha do pai, dando, quando term cera propulência, as paredhas de burritos dos sarariros anis moderors, que sano se corquiência, as paredhas do burritos dos sarariros anis moderors, que sano se operado esta participado de la companida de la companida de la constitución de do seu trabalho sem decenso, mas que agon as estas estánistado a posco o puesco e vão desparecendo,

Os jumentos, estes pobres auxiliares da mais modesta classe de agricultorea alentejanos, tinham-se desenvolvido numericamente ate duplicar os seus efectivos. Caríoso seria ver o que lhes aconteceria nestes anos próximos, se a hipótagia se tornasse extensiáva aos barros, porque certamente, com a situação económica dos seareiros, efes deminairiam muito mais sensiviemente.



GADO LANAR

Dizem os economistas agrícolas estrangeiros, que é lei geral o gado lanar retroceder com a intensificação das culturas, mas no Alentejo éle aumentou cêrca de 40% de 1870 a 1934.

A razão deve estar na substituição do gado bovino pelo gado ovelhum, na arreita dos terrenos de mato, na enorme exportação de outro tempo para Espanha e agora, é bom não esquecer, no grande aumento do consumo interno da carne de carneiro.

Seria conveniente saber em que datas foram feitos os dois recenseamentos, porque podem ter sido grandemente influenciados pelas criações novas.

Cumpre não esquecer que o País, desde que cessaram as vendas maciças de borregos em Amero para Españan, que nos levas 150 a 200 mil ou mais, tem hoje de sustentar muito maior quantidade de gado em crescimento do que nesse tempo, e por conseguinte e provivéel que, memo mantendo-se o efectivo de então, a capacidade produtiva não tenha aumentado. Merecia estudo especial éste asneceto da autestão.

No Alentejo, ao passo que o gado bovino e o gado suino são bastante tisos e teem relativa uniformidade comparativamente com as outras especies, a população ovina diversifica bastante e tem variado muito na sua composição de há quarenta anos a esta parte.

Até cêrea de 1900, a grei ovina do distrito de Portalegre, como a que ainda

Até cerea de 1900, a grei ovina do distrito de Portalegre, como a que ainda hoje povoa a Beira-Baixa, era pequena de corpo e de la branca, comprida, bas-

tante grosseira, de tipo churro.

Éste tipo ovelhum, que chegava até Elvas, ainda existe em casa dalguns lavradores dos concelhos do Caviño, Nisa e Marvão. As ovelhas, que só raramente devem alcançar 30 quilos de pêso vivo, terão geralmente 20 a 25 quinse a 1ã, como digo, é ordinária. Esse gado está hoje nos arredores de Nisa em grande parte substituido por ovelhas merinas de importação espanhola e consta-me que há neste concelho rebanhos de la branca muito fina, mesmo da mais fina do Pais, mas as ovelhas não são grandes, porque os pastos dessa região são muito magros.

O Centro e Sul do Alentejo foi sempre ocupado pelo gado preto de tipo

Já ai por 1900 as lás de Évora, Moura, Mourão e Serpa tinham fama e eram reoutadas as mais finas, mas a tôdas sobrelevavam as da região de Moura.

Esta criação ovina deve ser antiquissima nesta parte do Alentejo, porque já no tempo dos Romanos, e mesmo antes, as fazendas de lá dos antigos povos perfinsulares eram escuras, segundo alguns autores clássicos. A fazenda de surrobeco, felta com lá de côr natural, é de uso tradicional, de todos os tempo sentre nós.

Aí por 1800, as ovelhas pretas vieram ocupar o espaço deixado pelas ovehas brancas, que iam desaparecendo do distrito de Portalegre, estendendo assim a sua área a mais esta região. A razão deve estar em ser a nossa la preta a mais fina desa cór, oue se conhece em todo o Mundo.

De passagem convém notar que, a não ser na Mongólia, na Rússia mericilhal e na Péria, onde as ovelhas são do tipo caracil, poucos países, além de de Portugal e Espanha, criam gado de lã seura. Na Africa do Norte e nos países árables, na Grécia e na Asia-Menor, há ovelhas pretas no meio de rebanhos brancos e mesmo ovelhas malhadas, mas não existe verdadeira crisção de gado escuro como entre nós.

Em Espanha há gado escuro em várias regides, Na Mancha há o gado manchego, preto na sua maioria; na Estremadura há gado parecido com o nosso, especialmente em Placeñcia e na região de Zalra.

Da Andaluzia, onde também há gado preto, grande de corpo mas de lá

bastante grasseira, vietam caraciros corpulentos para vários lavradores nossos. Não garanto, mas julgo que a casa Ervideira dali se socorreu há muitos anos. Vádos lavradores de Bloss — David Diota, toda de Silva Diota co

Vários lavradores de Elvas — David Picão, José da Silva Picão e os Abreus, entre outros, recorreram também ao gado da Estremadura espanhola. Os sementais de tôdas estas importações fizeram aumentar a corpulência dos rebanhos onde foram empregados, mas a lã tornou-se mais grosseira, de

calibre mais forte, mais altosa; é de melhor rendimento na lavagem, de côr mais escara e pouco frisada, com mais tipo de pelto, que de là.

A la merina preta do Alentejo é frisada e talo fina, que nos bons exemplares está a par das brancas mais finas que nos veem do estrangeiro. No geral é

um nouco áspera ao toque, mas iá também a há macia e brilhante,

Preta na base, desbota às vezes gradualmente até à ponta, quási sempre mais clara nor efeito da chuva, da luz e do calor do Sol.

Trata-se agora de a seleccionar de modo a obtê-la de côr uniforme, para evitar tingi-la ou facilitar a tinturaria e não dar fazendas zebradas.

Este propósito deve ser fácil, porque há já muitos velos com homogeneidade de côr em todo o comprimento dos fios.

A nossa la dificilmente poderá todavia livrar-se de alguns defeitos inerentes ao clima. De facto, as ovelhas păssam mai de înverno, porque ainda năo estamos apertendados com meios para as defender bem da fome, da chuva e do frio, inclementes nessa época no Alentio, e estas circunstâncias fazem com que o fio não seia, homogéneo e, por conseguinte, não tenha muitas vezes a resis-

tência compatível com o seu calibre médio, por causa dos estrangulamentos que exibe; depois o Verão é muito ardente e sequissimo, factor que deve contribuir para tornar a lá um tanto ou quanto áspera, rigida e quebradiça.

Estes defeitos podem atenuar-se, mas não se suprimem completa-



Carneiro merino preto

mente, um fodo o, caso a selecção, à qual fá muitos criadores submetem o seu constitución devo dar cestulado, se o comércio das las e a indistria de lanfilidios, coadivisado e esclarecendo instiligentemente, favorecerem êste trabalho, mas deprendamente a indistria sinda es mol compenerou de quanto file serán vantaiono indicar por meio de preços selectivos qual a mais conveniente orientação a serviri neste particular.

seguir neste particular.

Alguns lavradores estão há mais de trinta anos a trabalhar nesse intento, mas nunca sentiram, nem mesmo da parte das instâncias oficiais, o reconheci-

mas nunca sentram, tien mesmo apare cara pare cara mento das qualidades intrinsecas das lás apresentadas.

Fazem-se classificações de lás para efeito de vendas públicas oficiais, classificações em que se tomam principalmente, senão exclusivamente, em conta os factores extrinsecos à qualidade, dando-se a estes grande importância mas

a apreciação das verdadeiras qualidades industriais das las superiores essas passam despercebidas, especialmente aos outros produtores, motivo por que os velos não esto valorizados de modo a servirem de exemplo e estimulo ao seu melhora-

mento por parte dos outros lavradores.

Não digo isto como censura, pois muito já tem feito a boa vontade de quem dirige os serviços do Estado relacionados com a produção das Ilas, mas porque o nieno verdadeiro incentivo do produtor é o preço e os prosos segundo a qua- lidade do produto é que estimulam e condicionam o progresso dêste ramo da indistria pocularia.

Preguntará muita gente: ¿Porque é que sendo o preço da la branca semprenais alto que o da preta, nois telmanos em criar gado preto, quando todo o mundo tem deixado de o produzir?

o militado fem detixicaso uno un prosuszar:

A razado é que, nas mesmas condições de ambiente, o gado preto é mais
rendoso que o branco. O gado preto é mais resistente às intempérias e mais
lígicir no nada; suporta melhor a eccassec da pastagen; aproveira comida
(lígicir no suporta) de pastagen; aproveira comida
de mais profiliro e más lefeliciro; so borregos resistente mais no massa naos e não
de mais profiliro e más lefeliciro; so borregos resistente mais ao massa naos e não

Resultado final: — um rendimento superior. Este ano o meu rebanho branco perdeu 50% das crias e deu de rendimento 51800 por caboça; o rebanho preto, muito menos bem tratado, teve apenas 6% das perdas e cada cabeça deu o rendimento de 88900. Estas contas são feitas com base nos preços da la do ano transacto (1048).

Nem sempre assim é, mas há sempre diferenças a favor dos ovinos pretos. É claro que, se em vez de ovelhas brancas finas fóssem de tipo corrente, haveria seguramente menos diferenca.

Ainda uma observação: — em paridade de tratamento os ovinos pretos adquirem mais pêso.

De há um certo número de anos para cá, talvez depois da outra guerra, começou a desenvolver-se a criação do gado branco de là mais fina. Deve ter sido efeito das pautas alfandegárias, que dificultaram a importação da là lavada, estambres. Jios e certos tecidos.

Por esta evolução começaram, e/eva de 1910, a ser procurados os merimos de Estação Zondericai Nacional Hénen-Boai ; depois os produnes orbidos debates com os merimos brancos andaluzaes da Condelaria de Alter, que se difinadiram pelo Allo-Alentejo at Estremae e Evera; por film intervieram os merimos precoces oriundos dos melhores rebanhos de Solssons e de Chatillion, uns importados de França pela Direcção Geral dos Serviços Peculirios, a quem se

deve a primeira introdução dêles no Pais, outros por criadores que aproveitaram e seguiram o exemplo, como Emilio Infante da Câmara, losé Melancia, etc.

É de citar ainda a importação de merinos Delaine, feita dos Estados-Unidos pelos Srs. Fernandes, de Évora, e Mira, de Arraiolos.

Refere-se também de passagem a importação dum carneiro Wanganela, a casta merina australiana mais altamente reputada feita nelo autor destas linhas

Desculpem outros ousados importadores, que há certamente mais, mas não

me lembram agora ou não os conheco.

Esta accão tem-se acentuado a pouco e pouco e os concursos de gado ovino, que o Estado, pela Direcção Geral dos Serviços Pecuários, vem continuamente realizando de há uns anos para cá, muito teem influido neste campo zootécnico com

resultados apreciáveis. Mas perdoem em insistir: quem node neste campo influir verdadeiramente, é o industrial inteligente que, pagando as las consonnte as qualidades e não conforme exclusivamente com o seu interêsse especulativo, há-de em proveito próprio



e do País levar as nossas las a um alto grau de melhoramento. Pelo cego espírito de ganância é que a nossa produção lanar está tão atrasada.

Permita-se-me uma digressão: O gado merino espanhol produz muito boas las, especialmente o de certas cabanas célebres transumantes e o de certos rebanhos merinos estantes da região

de Serena (Cáceres) Este gado conserva-se quási como era há dois, três ou quatro séculos, mas dele sairam os merinos da Saxónia, entre os quais a célebre casta Negretti, origem das lās sedosas, branquissimas e superfinas que, levadas para a Austrália, deram as las superfinas daquele continente; do mesmo modo, os ovinos espanhois levados para França no tempo de Colbert e de Luís XIV deram os merinos de Rambouillet, que pela qualidade da sua là difundiram o merino por

rodo o Mundo. Seis ou sete carneiros de origem espanhola criados em Barbacena (Elvas)

ai nor 1850, que valiam nesse tempo em Portugal um quartinho ou 1,200 réis, toundos nor una Sea Repnolds, parentes dos ainda residentes em Estremoz, para a Nova-Zelândia e lá vendidos entre 200 e 600 libras, deram origem a mais um dos ramos merinos da Australásia.

E nós estamos ainda no mesmo estado em que nos achávamos há mais dum século!

Pode alguém dizer que é uma questão de meio. Não é verdade; ainda não há muitos dias, que alguns delegados da Direcção Geral dos Serviços Pecuá-



Ovelha merina branca

sião de notar que filhos dum óptimo carneiro Wanganella tinham melhor là que o pai importado com o qual se fez uma comparação, reconhecendo-se que êste carácter se tem mantido e difundido no rebanho eruzado.

rios tiveram oca-

¿Mas iá alguém porventura pagou ou sequer

procurou dar preferência às belas lâs da casa Fernandes, de Évora, ou a estas de que estou falando? Não: quando muito só se pagam pelo rendimento limpo. É como se avaliássemos pelo mesmo preco o cavalo «Solario», que valen

100.000 guinéus, com um pileco raquítico de vinte anos e defeituoso, só pelo facto de terem ambos a mesma altura Mes voltemos en essunto

Se querem boas lås, paguem-nas consoante a qualidade e valor industrial. parque, sabido por êste simples processo quem tem melhor gado, êste passará a ser procurado e, difundindo-se ràpidamente, o nosso pegulhal melhorará em pouco tempo.

E agora uma prevenção:

Não esqueçam que todo o empreendimento, de qualquer género que seja, no viverá se não tiver base económica; que na luta pela existência perdurará, ne sistirá e crescerá aquelle que melhor base económica tiver; que há um limite

económico que se não pode modificar arbitráriamente.

As reas precoces teem exigências que, se não forem satisficias, tendem a lazer rajulamente degenerar os ainsias fora do seu mien onatural ou conómino. Os resultados dos primeiros cruzamentos são sempre animadores em tódas as especies, mas e fazo que depois as ento manifeste uma decadência, que pode ir além do estado da reaça primitiva, especialmente quando o apercobinenció con mans resultados, lovas constantes debados por entratento dos mans resultados, lovas constantes con estados con o restantento de cambio estados de constantes con estados con o restantento de cambio estados con estados en cambios de cambio estados en cambios en cambio estados en cambios en cambio estados en cambios en cambios en cambio estados en cambios en cambio

dos primeiros tempo E assim que en-

tre nós, e não só entre nós, teem sucumbido muitos entusiasmos da primeira hora, mas é evidente que o trabalho feito nesta parte da nossa indústria pecuária, se outros méritos não possuísse, teve já pelo menos o bom condân

condão

1.º de haver
atraído a atenção
dos criadores para o



Totavi

problema;

2.º de se hayer averiguado e demonstrado que em Portugal há boas lás, mesmo tão boss como em muitos países da Europa:

3.º do Estado se preocupar já com a protecção desta matéria prima, defendendo a concorrência de fora;

4.º de se verificar que a indústria dos lanifícios ainda se não apercebeu ou não quere reconhecer a) que o seu verdadeiro interêsse está em o produtor e o trabalhador serem ricos, para lhe poderem comprar fazendas de la nacionais, em vez do cotim

feito com algodão americano;
b) que estes, se não ganharem ou estiverem pobres, não podem gastar e
portanto

 c) o dinheiro que os industriais derem pela matéria prima de produção nacional lhes sai nela ianela mas lhes volta pela porta.

Ainda uma palavra antes de deixar o assunto.

Aic há poucos anos era um problema caro e grave a escolha das las, os velos não carim homogéneos, tanto considerados no conjunto do rebanho, como apreciados isoladamente nas suas partes. Aínda hoje a maior parte dos nossos rebanho, sero estandos, poto constituídos por animais com 18 de mitos tipos, os de diversos calibres e de variados tons, e os velos, com 18 grosseira no pescoco, natas e consus, chezam a ter efol de cabra intermendo.

Há velos reços e com lá curtissima na barriga; no fato (1) do memo relano encontram-e velos pretos, castandos (2) e survebosos (3). O custo desta escolha ciartíssimo, las vezes é messimo impossivi o aparte das silas segundo a sua clor, qualidade, tipo ou categorie, o por conseguinte os labricantes ado se como en tende de la productiva de la vela no toda trategora, val no oddo ano en force a productiva de la vela no toda trategora, val no oddo ano altra de la vela de la vela no toda de la vela no toda conportation unas fazenda de qualidade inferiore, mediana quando meito.

Os grandes produtores não teem vagar nem lhes vale a pena fazer escolhas no campo, que demais não seriam aceites pelos fabricantes sem verificação presencial.

A solução foi outra. O yelo dum unimal de raca aperfeicoada é todo igual:

os filamentos lanosos são no todo da mesma qualidade, do mesmo calibre, da mesma côr, do mesmo comprimento; a escolha limita-se a tirar a là das patas e as sujidades.

A isto se chegou na Austrália, a isto devemos chegar nós e disto há já em Portugal.

E agora todos para a frente com um bocado de boa vontade e bom sento, porque os altos poderes do Estado não desizaño ceramente de reconhecer o nosso esforço em prol da Nação, vindo ao nosso encontro com todos os meios de auxillo e orientação e regulando o comércio mesional das lão é modo a remunerar condignamente o produsto segundo a sua qualidade, o seu valor industrial, e não a pomas consoanto e os erredimento pela lavagem.

⁽¹⁾ Conjunto de todos os velos dum rebanho depois de tosquiado (2) Côr de tabaco.

⁽⁵⁾ Côr desde o castanho clero até ao creme.

GADO CAPRINO

Não há também uniformidade no gado caprino do Alentejo.

Ao longo da fronteira e no distrito de Portalegre, nos concelhos de Portalegre, Arronches, Elvas, Monforte, Campo-Maior, Fronteira, Soussel e daí para baix, a cabra é ao longo do Guadiana, a cabra é do tipo raiano ou estremenho. É uma cabra grande, alta, com pelo raso um pouco áspero e pouco acamado.

A côr é variada — ruça, mais ou menos vermelha, malhada, etc., mas a mais vulgar é amarelo-claro com lista escura no lombo e preta na barriga e patas; é o que no Alentejo se chama côr lombarda.

Esta raça de cabras, que ocupa uma grande parte do nosso Alentejo, estende-se também por grande parte da Espanha central e é curioso registar que as cabras da Somália são exactamente do

Não conheço estudos sobre caveiras caprinas, mas, se assim posso explicar-me, é uma cabra de perfil um pouco acarneirado, de orelhas medianas e quási horizontais, com chifres pequenos e de curva simples.

mesmo tipo.

Esta cabra produz quás i sempre



Chibos alentejanos do tipo rajano - Herdade de Fontalva

dois chibos e dá bastante leite: são vulgares as cabras que a pasto dão dois e mesmo três litros por dia. Arracoadas dão mais: iá as vi, que davam quatro e cinco litros, mas a lactação, muito variável conforme o decorrer dos anos e o estado das pastagens, vai às vezes de metade ao dôbro dum ano para o outro.

Na região em que a charneca dos terrenos terciários tora o altinlano alentejano, na região de Avis, Montemor, Vendas-Novas, Alcácer-do-Sal e no Sul, em certas zonas xistosas, Grândola, Santiago do Cacém, etc., as cabras são diversas.

Nessas regiões a côr é uniformemente avermelhada mais ou menos viva, às vezes semelhante à



Cabra e chiba elentejana do tipo raiano -- Herdade de Fontelva

do gado vacum alenteiano e os shibos teem chifres em lira. espalmados e retorcidos, a parecerem derivados de certas cabras brayes do tipo asiático.

Estas cabras charnequeiras, mais pequenas e muito menos leiteiras que as antecedentes. são-lhes inferiores no ponto de vista económico, mas

deve ser muito curioso estudá-las sob o aspecto zoológico. No meio desta população aparecem umas pequenas cabritas muito parecia das com algumas do Norte do País, prováveis descendentes de formas caprinas autóctones. Teem o carácter da cabra brava que houve no Gerez, e tenho-as visto tanto no Alentejo como em Trás-os-Montes e na Serra da Estrêla, motivo por que as suponho um fundo autóctone que renasce nas cabradas dos lavradores menos cuidadosos.

A-pesar da guerra que todos lhe fazem, a cabra tem persistido e mesmo aumentado um pouco numéricamente, não obstante o desaparecimento das charnecas. É que ela é um animal muito rústico cuio sustento, pode dizer-se, não custa nada, e por isso muito rendoso.

Considerada uma praga para os montados, é de facto ruinosa naqueles

onde o renovo do arvoredo é fraco, mas nos montados crescidos é menos prejudicial que o gado vacum, e muito menos que os *corta-ramas* (1) dos rendelros que tiram rendimento do carvão.

É obrio que os três elementos reûnidos e associados à lavoura de charrua exterminam os montados, mas os plores de todos os exterminadores año, depois dos fogos, a utilização em comum dos terrenos baldios, que por isso estão sempre pelados, retouçados dos gados e sem uma árvore, e os maus periodos agricolas, que obrigam

o lavrador a fazer dinheiro das lenhas. ¡Contudo só a cabra carrega às vezes com a culpa de tantos maleficios!

As cabras são o animal de talho das aldeias. É a carne do pobre e não tão má como soe dizer-se; se a cabra velha é dura e coriácea, o cabrito e o anaco gordo



Chibos e cabras do tipo charnequeiro

salo magnificos.

"IIIT A cabra é a vaca do pobre e dos pequenos centros onde não há vacas teletiras; a supressão dela equivaleria nas povoações rurais a privar de leito 10das as crinaças cuisas matea não pudessem namentara. Demais o leite de cabra pode ter-se por indemne de tuberculose; pena é que se tenha de ferver sempre, para cuitar a forma de ferver sempre, para cuitar a ferver sempre de ferver s

No gado desta raça também o Alentejo é uma região peculiar, porque ao Norte do Tejo só existe a cabra serrana, de longo pêlo e carácter diverso.

⁽¹⁾ Assim se dominam os jornaleiros que fizzem a limpeza e desbaste dos ramos.



Consider	Combo			Horse			Briston			Beiser			Diss			Option			Britan		
	1879	1934	1940	197e	2554	1949	1970	1934	2540	1830	1934	19-00	1879	1914	1940	1800	1994	1940	1970	1954	194
Discount de Sirje																					
							340														
Dermotes	. 88	292	141	310	300	. 300	211	1.009	106	800	926										
Mariana	754	590		1,575	4215		1.641	\$:95K			1,214					6-80E	5,590				
Dette-Verbe	165	136	200	100	3,360	1300	500	1,500	134		99	100			3.04	1.00	1.05	5362			
Petroline							422														
Serola	130	1,000		100			1.734	1.20			1.601	LHI				230					300
Stora.	161	HIL	700		3,600	1457		5.730 5.053	5,306	1370	1394					5,833	1,000		6,365		
													17.243			SAM	18,310	A.ER	25,300		
Designa	353	706		60			216	1,429	1,000		1,610						100				24
Serge				1,320									75.821			3214	640				
																			5,600		
Strain & Cours				-					165				ALC:			1	1,000	Library	2000	340	
	100	101	100	200	120	1.00	(195	1,000	-	100	101	1.89	12.000		20.767		140	100			
																1,104		1,100	5,80		
																		1,176			
Regueges	ID	es	304	200		1,239		3,360													
Martines.	340	20	260	329	114	cb	400	106	100	00	606	1425	4,215	15.581	HARM	3,205	160	1.500	Asto.	5,500	
Add a v v v v v v v v	20	200	290	300	40	400	660				1,200										
Campo-Malor	99			100	350	201	96	100	-501	501	965										
		100			900	536	200	5,005			1,500				29.276	4.795	5,569	6.692	1.452	1290	
Oses	141	1000	1,000	100	2.154	1000	200	1,00	1.000		1300							9406		400	
Eleter							65													TIGH	
Gerille	703	100	Pi		120	1 33	100	90	607	130	120								Amp	475	
Merch	100				180		90	1,600			100	100				ARR					
																	3,004			11,339	
																				1,40	
																CHI	3,574		Delta		



A GALINHA ALENTEJANA

Resta falar doutro animal doméstico característico — a galinha alentejana.

Pertencente ao grande grupo das galinhas mediterránicas, relativamente pequena, boa poedeira de grandes ovos brancos, rija, sóbria, viva e um pouco bravia, de nouca carne mas esta muito saborosa, faz bem pela vida.

É preta corvina com tarsos negros; grande crista vermelha e direita nos galos, direita ou tombada nas galinhas; aurículas brancas e grandes.

Os exemplares paros quési se podem contar hois pelos écdosa como os regados (compandores de covos e criscialo) querem galinhas grandes, os cruzamentos tecm sido freqüenes e desordenados, lá não há raças, mas um misiliforido e galinhas de todas as reas, que se voa reproduzado à mercê do esaso ou dos exprichos. Encontram-se porém ainda alguns poucos exemplares puros para amostra.



Considerações finais

Sem preocupações de estilo nem de forma, escrita à maneira por que as idéias acudiram de improviso ao bico da pena, acabei assim esta desordenada peaseata descritiva através das raças pecuárias alentejanas, de importância económica primacial na vida da nossa provincia.

Nesta terra, onde o rendimento das culturas é tão incerto e irregular, as conomia tradicional econortum onos gados ó añiso meio de obter uma produção constante, quási uniforme. O lavrador tinha antigamente vacas, ovelhas e porcos e pouco cultivava; a renda pagava-a em Janeiro com a venda dos porcos gordos, a seara era para o sustento da Inanilia e do pessoal de comedorias e o resto da andeza; di) era o ganho do lavrador.

Hoje as coisas mudaram muito; a feição agrícolo-pecuária da provincia é muito outra, como acabámos de ver. A agrícultura tornou-se muito mais intensiva e a lei de 1882, relativa à produção e comércio dos trigos, têz pender a actividade agrícola para a frumenticultura.

O pessoal agrícola aumentou imenso em tôdas as casas de lavoura do Alentejo, a terra é cultivada em muito maior extensão e os famosos incultos desapareceram: as terras de pastoria são hoje cêrca de 2% da superfície.

Em países con um bom regimen de economía agrária, como a Bélgica e a lídlia, parte-se do princípio que é necessário cêrca de ½ para produção de forragens; quere dizer, mais que entre nós. Na França e na Inglaterra a proporção para pastos é ainda maior, isto é, a terra caltivada de cereais é proporcionalmente menor que no Alenteiro; o que ha, é que os prados são acolá artificials;

Corresponde ao que em Trás-os-Montes se chama gudaria, isto é, o conjunto das várias espécies de gado.

- semeados e cultivados, ao passo que entre nós a vegetação é espontânea -

a que pelas sementes naturais vem depois das searas.

N'este sentido alguma coisa se poderia fazer, mas o regime das chuvas, quási exclusivas no Inverno, o clima muito quente e muito séco no Verão, a falta de mananciais e, muitas vezes, a própria natureza dos terrenos não consentem prática diferente com viabilidade económica.

Na minha já longa experiência cheguei a três conclusões:

Na minha la longa experiencia eneguera i res contaissos.

1.º As ervos espontineses sufocam as semadas que são estranhas ao meio.

Entre outras experimentei a serradela, o feno-grego, o sanfeno, trevo encarnado, sula, bersim, luzerna, trevo roxo, trevo ladino, chicharão dos Agores e
mais que de momento não lembro, porque já vão passados bastantes anos de-

pois dos enalos.

2.º As adobabeles fosfatadas e azotadas modificam a flora espontinea, de modo que, depois de várias seans sucessivamente adobabas, desaprecem as marguesa, as azoladas, on exclinios, ecc., e surgem todos on tercos, lateram, quando semedata, parece que por pirraça não nascem 3 e se germinam, é sem-per fora de tempo quando mesos as espera, passado um ano ou dois, memor mais tarde, quando a sua presença no terreno, ento ocupado por via de regar com outras cultares de maior valas, do triego por ecumpôs, as tema antes com outras darante de maior valas, do triego por ecumpôs, as tema antes

3.º A distriburção das chuvas durante o ano tem grande influência sôbre a predominância das espécies e sôbre o seu desenvolvimento.

Como digo, a pecuária tem para o alentejano uma influência económica decisiva—serve de regulador e de mealheiro; se não fóra ela, a lavoura alentejana estaria já tôda falida.

Deade que entrámos na crise do preço dos trigos e que a situedo econmica da lavoura do Sul te tornou diffici, o recurso nos gados tem sido o seu salvatério; e tanto assim que os searciros, sem gados a que possam recorrecatio todos sudocados pelo que devene, e vão desapracendo à mingua, porque lhes falta disheiro para bem amanharem, semerem e adubarem e com operacões estituaris aná feltas cada ano se comprometem más e pior cultivam.

Não posso dizer exactamente quais sejam hoje os encargos da lavoura alenteiana, mas examinando bem os relatórios de que pudemos dispor, a capitação

da divida total não deve andar muito longe de um conto.

Num artigo publicado o ano passado sóbre o estado da economia agricola no Alentejo, que infelizmente não posso agora citar de memória em que jornal, revista ou relatório foi inserto, fala-se em 200 mil contos para o Alentejo e Alentego es o perareze, mas os perarezes más o ficiais fos familiários e o particularez a se rendas

e contribuições em atraso; a demora nos pagamentos de adubos, farinhas, etc.; tódas as outras infinitas misérias e demais obrigações proteladas) são tantos, tantissimos, que a duplicação daquela verba tavez não ande muito longe da verdade.

E quando o lavrador, desesperado, já não tem recurso ao crédito, então atira-se às árvores, que corta se lho deixam fazer, e aos gados, que sacrifica; é o seu pegulhal convertido em numerário, quem o salva de apuros.

Em resumo: o gado, um dos grandes alierres da vida conomica do Alesto, tem seguido no seu desenvolvimento a evolucido da agricultura desa desa provincia, adequando-se específica e numéricamente às situações e exigências comonicas derivadas desas evolucio; e se o manitivernos nas suas formas éricas, acompaniamento apenas se necessidades e alterações evolutivas, estaremos certos de control e a mona em como desa de control e que perfeções ma se control e a mona em como desa de control e que perfeções ma se control e a mona em como desa de control e a mona em como de control e a mona em como de control e cont

Se doutro modo procedermos, e cada um por sua cabeça, então faremos uma verdadeira salada russa, tão russa e tão falha como a própria desordem comunista.



Para remate da obra designaos cumpel um acto de reconhecimento, agradecemdo ao Dr. Fernando Fontes Pereira de Meio, Director Geral do Serviços. Pecasirio, e ao Dr. Aldovino Pereira Lucas, seu Chefe de Reparticlo, os elementos estatisticos, que nos proporciorams, e sem os quiso o mismora aqui apresentados não teriam carácter de astualidade; ao Dr. Gualdino de Brito Vasques, Impecador do Maindaore de Libboa, a estatistica de Porto Vasques, Impecador do Maindaore de Libboa, a estatistica de No. Fernando Friede Viegas da Costa, Vereador da Cibarra Manicipal de Libboa, o interéste que tomos por essa estatistica; ao Sr. Liud Pan Manique, do Instituto Geográfico e Cadastral, on nimeros relativos às áreas dos conectinos dos treó distritos Alerriçanos; ao antigo Dios Rodrigues as informações aérecta das ganderias de resea cambos que antigo Dios Rodrigues as informações aérecta das ganderias de resea Direcção. Geral dos Serviços Pocutirios, a sua colaboração amistosa, dedicada e milio importame neste trabalho.





2 7 DEZE 1941

REGIONALISMO

manifestação de nacionalismo puro, é hoje uma grande fôrça nacional

> Pelo DR. VITOR SANTOS Presidente de Casa do Alentejo



Os patriarcas do Regionalismo têm sido unânimes em apresentá-lo e defendê-lo como movimento de cunho nitidamente nacional, talvez único capaz de fazer canalizar o esfôrço de todos os homens para o bem comum!

De entre tantos que têm pontificado nesta santa cruzada, qualquer que fôsse o matiz político de que tivesse surgido, logo êle se anagou. perante esta política regional, absorvente nos seus múltiplos aspectos de ressurgimento, de propaganda, de fraternidade e de altruísmo de convergência e solidariedade de esforcos - no sentido único de melhorar as condições gerais.

Recordam-me até palayras de Agostinho Fortes: «O Regionalismo, de comêco vago, indeciso, enveredando, por vezes, pelo desvairo e pelo desvio das idéias no seu período inicial, vai, de dia para dia, definindo-se, assentando corpo de doutrina, determinando aspirações e constituindo um penhor seguro do desenvolvimento progressivo da Terra Portuguesa. «O Regionalismo, bem ao con-

trário do separatismo, de difusão e divergência de fôrcas e actividades.



representa cooperação, convergência e solidariedade dos diversos factores constitutivos da nacionalidade, de cujo exercício harmónico, de cujas energias interdependentes, há-de provir em emulações benéficas a afirmação da vitalidade colectiva». Tudo estaria dito nestas palayras do crudito e saiidoso Professor, se, de então para cá, no movimento e doutrina regionalistas não se tivessem desen-

volváto e ampliado os límites em que se baseavam do saligarte principios.

Lora a hora o movimento regionalist ate monquistado adoptos e racionados novos horizontes, e hole coupa na balanca da vida nacional um pêso que, além de ano poder ser desperado, e lá damirado, considerado e querdo, maya de pelos poderes públicos, num reconhecimento inteligente da sua extraordinária valia como cooperardo ro Estado e concentando de de elemento disperso.

O Regionalismo não serve a alguém, individualmente, porque serve todos — a Provincia, a Nação, exclusivamente. Daqui o facto de alguais terem ainda retulancia e ma barçad-io, porque elle não consente na exibição, não aceita o alardear de serviços prestados, alardear justificativo de petições, de lugares, de melhorias.

Eis por que, de facto, há ainda quem se lhe não entregue de braços aber-

tos e coração franco!...

Não tenho receio de errar quando tal afirmo, não só porque baseio esta opinida em conhecimento de factos — sabter de experiências fejto» — como por que comungam nestas idéias tantos dos nossos melhores valores, alguns dos quais, is agora, merce a pena citar:

Desde Astonio Manisa e Bento Cariro a Marques Cresgo: do general Vicente de Preisa a Perrias Demádo, de Mario de Arcego A visconcedo de Carvalho os a Ciustódio Nunes; de Valente Machado e Bapinas de Carvalho de Carvalho as Ciustódio Nunes; de Valente Machado e Bapinas de Carvalho Machado a Marine Gairo os Sustanas Reco, and Isulas Qualintis, Mário Beir 40, Passon e Sousa, António Carrilho, Hernalda Cladae, Francisco Veloso, Alves Marcia, Loures Caclos, Pazzersa Lanas, Reid a Antónica, Lopes Manos, Nuesto Mexia, Perandes Palinas, Basin aŭ Silva, Lonost Cardono, Silva Tavarea, Antado Boxvestiura, Ramos e Costa, Pereira de Reus, Antério Patria, Carrilho, Diversio Charran, Guntalo Madeira, Preisas Craz, Dordio Gomes, Mamel Cutor, e Dondigos Popullis — para noi cidar mals, per miliar rea — etto adecadido, defenden e apregoson, do Minho ao Algarve e as linas relaciones de cardono de la cardono de la composicio de la considera de recitadoro de realização.

A par desas referências, é dever de instiça acentuar com merceido destăque esta obra O Alentejo na sau vida e na sua história que Monteiro do Amaral póe ao serviço do Regionalismo alentejano, obra de alto cunho interétual e parifótica linalidade, versando aspectos de máximo interêsse para a vida da nossa Provincia e para a causa das suas legitimas aspirações e Îranquisă-

Propositàdamente citei em último lugar o Dr. Domingos Pepulim (quantas vezes os últimos são os primeiros) director da Casa das Beiras, advogado.

e um dos mais entusiásticos defensores do Regionalismo, companheiro de lutas e de accido, porque me ocorrem palavras suas, insertas em uma das teses que apresentou ao Congresso Beirão, de Viseue, e que constituem a 50 por si um verdadeiro tratado — uma Constituição do Regionalismo — e da qual peço vénia para transcrever alguns passos de

«A História, tanto a antiga como a da hora que passa, pelo próprio embate das idéias, interêsses e concepções mestras que ensangüentam o Mundo, clamorosamente nos adverte que não há eternidade, mas apenas ciclos de duração mais ou menos longos, nas concepções políticas, sociais e económicas das Nações.

«Estas nunca são, pois, Verdades absolutas; são Fórmulas e Experiências máis ou menos felizes, têm um papel às vezes regenerador numa época, são quando mujto Verdades Relativas.

Imperativos de conduta num certo momento da vida duma Nação.

discordâncias está, pois, na raiz das próprias políticas, administrativas ou regulamentares, das actividades públicas dum país.

... para os discordantes ou não conformistas, uma regulamentação demasiadamente compressiva e generalizada dos fenómenos políticos, sociais, económicos e de espírito, é rotulada de tirânica.

Não deixar ou não permitir valuas de escape à livre expansão das actividades, das aspirações, é do génio nacional; fazer a regulamentação totalitária das actividades públicas e privadas é criar o germe de reacções que só podem ser prástats à vida da Nação.

er nefastas à vida da Nação.

«Nem todos os fenómeno



Arrajolos -- Antion Pelourinho

comunitários da Nação e, no caso de que me ocupo, direi, duma Provincia (grande região de tradições comuns, interêses e costumes similares) são ou podem ser abrangidos nos imperativos dos comandos [epislativos ou regulamentares.

«Na sua própria fluïdez e permanente adaptabilidade às idéias e circunstâncias

especiais da inteligência, da iniciativa e do meio, éles carecem de plena, espontânca e construiva liberdade de movimentos, sob pena de estagnarem, imobilizarem e desaparecerem, talvez, as fontes morais e espírituais ntais nobres da Natureza Humana.

«Grupos de interêsses espéritualis, morais e materiais extigent em cada Provincia; e alo mais focais, provinciais, regionais, do que pròpriamente Nacionais (aínda que não desintegrados, antes completando o panorama unitário e hamnico da Nação), que exigem vida autónoma e libérrima, ainda que controlada ou fiscalizada pelo Estado, para que o seu rendimento exuande ao máximo e constitua forte e responsável elemento de progresso regional.

De incoesão, de discrepância, de desorientação e principalmente de desarmoi dispersiva e derrotista sofrem, nas nossas provincias os valores morais e espirituais das suas élites, as volições individuais activas dos seus municipios, os problemas da sua economia, as realizações dos seus melhoramentos múlticos.

Não é o Governador Cívil, muitas vezes estranho ao Distrito, funcionário político de pouca estabilidade, importando-lhe acima de tudo a sua própria carreira, governando o seu Distrito à margeme muitas vezes à compita de influência e rivalidade com o seu vizinho, atemo principalmente à sua vanta-gem oessoal:

Não é a Junta Provincial, formação política administrativa especialmente tutelar, com rigidas atribuições codificadas, com iniciativas eivadas de estatismo sem disfarce, e representando sempre uma política, ainda que majoritária, na Província:

No 6 a Clamar Municipal nom são na Juntas de Iniciativa e Turismo, de actividade relectorarios a elitações actividades relectorarios a elitações actividades relectorarios a elitações actividades relectorarios a elitações em contilio, y podem aguitinar, conceivar de maior a parse assivir as executações da sua Provincia interior planear e dirigir interisses no amplo e vivo competer a provincia interior vivillezar e nonativar aparseas aive indebt delicados amunicipals, harmonitarios abramentos en contratos en

Regionalismo afigura-se ser a fórmula feliz e compreensiva expressão verbal que parece irradiar de si mesma tôda a magia necessária para operar o milagre da comone, humana de tanton interfesses e inteligênciais em conflicio o seu pensamento, a sua alsan, o misterio da sua clistado, de last, e à vida que a Provincia lhe presia; irradia da Terra e do Cia, da devore, do monte e do valve, do monumento, da girçai, da planticio, do rio, da servore, do monte e do valve, do monumento, da girçai, da planticio, do rio, da servo e da pedra braira publicare, manderen de la companio del companio de la companio de la companio del companio de la companio del companio d

tes, suas fraquezas e suas paixões, espelho inalterável da sua Existência.

Desta forma se concebe o Regionalismo, primeira etapa essencial e necessária da nacionalização dum povo, em mira duma Pátria, de que é pilar e articulação, plasma substancial gregário em que fecundam e germinam os subconscientes da Raça, e em que se formam as idélas nobres e desinteressadas que são o tesouro espíritual e a cobertura moral da Nação.

Assim definimos na sua origem, na sua essência, nas profundezas vitais do nosso localismo, a idéia-facto que ilumina e inspira

o guião regionalista.

Regionalismo é a sua forma verbal, à sombra da qual andamos a criar uma doutrina e a proclamar uma Verdade Nacioonal que é um instrumento moral de Amor maior à nossa Terra, pelo qual nos ligamos sem imputezzas, no Amor ainda materia.



Portel — Igreja Vera Cruz onde se guarda a reliquia do Santo Lenho que conduziu — segundo a fende — os porlugueses à vinória da batalha do Salado

à nossa Pátria.

A isto chamo, a isto chamamos nacionalismo lavado!

Nacionalismo lavado, sim senhores!

Nêle se fundam, transformam e depuram, pelo crisol da nossa Fé e do Amor à nossa Região, tôdas as paixões e dissidios que dividem os homens, ligando-os e associando-os à realização ou aspiração duma obra comum pile se erriam rumos novos às actividades locais, desviando-as dos quadros em que as nariam. o individualismo *à outrance*, o sentido cego do domínio ou régulo individual, da sua preponderância e influência local, eram e são o fulero desmoralizador e acondicionador de tôdas as actividades e lutas.

e acondicionador de todas as activadades vituas.

E na Provincia, e no Distrito e no Município, um pouco por tôda a parte, ficaram e existem ainda apegos, regressos a um Passado que mergulha fundo na nossa própria História, e talvez na Fundação e independência!

A História, como alta cordilheira que marca as cumiadas e as vertentes duma Raça, ten, como aquela, deamíreis bruscos e cavernas desconhecidas, onde se socaleam, na escuridado baya das suas entrahais, os gasés mortiferos e os destroçados desarruamentos das passadas e coevas aspirações e convulsões notificos e consiste dum novo.

E preciso contar com estes elementos de vida ou de morte; fazem parte dos Constantes da Raca.

dos Constantes da Kaya.

Só a mecânica, com as suas leis e combinações de movimentos, conseguiu até hoje, no domínio da matéria, o comando e harmonia integral. A mecanização duma Nação, mesmo pela submissão consciente e total dos seus componentes seria o pródomo do caos biblico.

O Regionalismo nasceu — numa Pătria cheia de ansiedades e perene de energias sem rumo — do próprio instinto de Vida; no pensamento profundo dos nossos valores provinciais, havia a vaga idealização dum Refúgio onde se recolhessem e acomodassem todos os que, como familia, ao hem dela se oniessem dedicar.

Vasto, complexo mas natural é o contesido Regionalista, pilar de exabilidade, nobrez e dignificação do Estado, que ade come acesa de elvismo, de cosalo sentimental e tradicionalista individual e familiar, de disciplina e atraccio de forças dispersas e de vinculos étinos em perigo, o Regionalismo se impõe à boa-fe dos Homens que pensam em Portugal e aos que politicamente orientam os, destinos da Nacio.

Discussões e interésses localistas em conflito, excessos de individualismo em prejuizo da Comunidade, defess do património Municipal e Provincial dentro da própria política das parcialidades regionais; esclarecimento e unidade opoblemas mais intimos de cada região, — são alguns dos tantos aspectos que o Regionaismo abrango.

Eis, pois, o extraordinário valor dêste grande movimento em marcha, que, se ainda não é triunfal, se afirma já triunfante.

E o Alenteianismo?

E o Regionalismo adaptado à Província do Alentejo, ou, se quiserem, uma modalidade daquele. Se o Regionalismo é de ordem geral, macional, Alentejanismo é aoudé mesmo, circunascrito a uma Proyincia: a Nossal.

O Doutor Agostinho Fortes, que à Causa Regional e Alentejanista dedicou muito do seu esforço, valor e inteligência, dizia, ai por 1934:

«Alentejanismo é o conjunto de problemas a resolver, de aspirações a realizar, que, provocando a plena expansão de todos os recursos de que o Alenteio dispõe, venham actuar eficazmente em todo o progresso nacional. A base do Alentejanismo, como de todo o Regionalismo, é o amor entranhado à região a que diz respeito, à terra que nos serviu de berco: amor simultâneamente egoista e altruista, porque, alicercado no rincho natal tem nor alvo supremo a felicidade do País e a cooperação solidária com todo êle, alargada mesmo além fronteiras ao convívio universal.

«O Alentejo, e, portanto, o Alentejanismo, não tem um só problema a resolver, não tem uma só aspiração a realizar, isto é, não há um problema alentejano, mas sim muitos, todos intimamente correlacionados, todos conjugados com a vida colectiva nacional Complexos são todos êsses problemas que constituem o Alentejanismo, e para os resolver nunça será demais a actividade combinada de todos, que não há homem, por mais dotado que seia, de só por si os resolver, não há vontade por mais enérgica e tenaz que só por si os



Portel — Santo Lesho mandado fazer pelo Condestável Nuno Álvares Pereira e que o acompanhou á batalha do Salado

possa solucionar, podendo, quando muito — e isso iá seria prontigioso — concarmilos, darchies a midade que foressamente tem de sair da sua quefades. Não, os Alentipiatismo não pode ser obra dam só homem, tem de ser de todos; não é lamção duma gerçação, mas sim trabalho ininterrupto e constançe de muitas gerações que altraistamente vão transmitindo umas às o_{stra}s os resultados dos seus seárocos.

O problema conomino impó-es como primacia para o Ajestifo. Não basta discresa que o Atenti é o massacial mais imporiente da riqueza actonal; não discresa que o Atenti é o massacial mais imporiente da riqueza actonal; não nos embrevames com a alimação dogmitica — que há tempos a ceta parte nom sequire corresponda e vertada— de que a Provincia são por a jasegura a niñe-prandidad condimica da terra portuguesa. Não, O que é precisa é que a realidade confirme esta e semichantes seaverdos, que tenas veresa notir amrandato para a inécria, nociva para o Alenteio em primeiro lugar, e, como não podia distar de ser, para a Nõeslo, depois

Andreip possii laculidades conómicas de primeira grandeza, que prode produte iscouron inestinaires, é, inconestavivi, mas o que é necessário de recisivista, desperado en acessário auxilio, exerinhando-so, dando-lhes legislación especial e adequada, e emperata-lhes a disinaire indisponançõe para a transformação, da inércia—que em grande parte ainda existe mereo de factores que não, vem una o, casa acesa — em realidades anadevias e atravieva da o como casa acesa — em realidades anadevias e atravieva da como casa acesa — em realidades anadevias e atravieva da como casa acesa — em realidades anadevias e atravieva.

E, com o problema económico, caminham, parelhos, tantos outros, que igualmente requerem solução, como sejam o educativo e de instrução, para que eade indivíduo enfermando de vicios — alguas dos quais multisseculares — possa aperfeiçoar-se por forma a constituir uma força moral consciente contributiva dum ideal único e comum de perfecibilidade.

Em todos estes aspectos focados, melhor, no auxilio à resolução de tantos ou de todos e outros que porventura surjam com o caminhar dos tempos, têm hoje—muito mais amanhă—extraordinária valia as actuações das Casas Regionais, o próprio Regionatismo.

Como colher delas e dele todo o proveitoso fruto?

Como por em plena equação tobas as possibilidades dos Regionalismos, porsibilidades do encepção, de orientação patida e elécute de de radiação? Recombercado oficialmente desde id como Instituções de Utilidade Publica as Casas Regionals Provinciais que sinha o não são, dando-nes segridamente pratho da 'sua missão; em seguida e de activo com etas em conseqüência do pratio da 'sua missão; em seguida e de activo com etas em conseqüência do previo e mituo estados, trazar as bases do programa da sua eculboração oficial, estabelecendo sub secções ou pelouros para a economia, instrucido, educaçãopropaganta, basementedica, assintinos, instrumentos, posipalizações, fonentiurbanização, etc., etc., criando-se ao mesmo tempo brigadas técnicas e de fiscalização, de

informação e outras Um corpo central - chamemos-lhe provisoriamente «Conselho Regional»-com atribuicões consultivas, deliberativas e executivas e constituido por um representante de cada Casa Regional (Provincia), e até assistido por um representante do Govêrno, elaboraria, em reparticão própria e instalação adequada, todos os estudos dignos de apresentação e discussão, os quais devidamente condimentados e ilustrados, seriam postos à aprovação nas estacões oficiais respectivas, onde as Casas Regionais teriam igualmente representação e assento. Em que fundamentos se baseariam e que

autoridade teriam atrás de si? Muito simplesmente as suss grandes massas associativas - únicas que interviriam na indicação dos seus representantes -- a dos próprios Municípios com os quais estariam em permanente contacto e relações o que proporcionaria intimo e directo conhecimento das necessidades locais e gerais.



facilitadas na sua apresentação e resolução pela posição que as Casas Regionais ocupariam, posição não só de carácter oficial, como de convivio directo e continuo com o Podes

Central. Oue proveito se não

colheria com esta colaboracão do Regionalismo-política Nacional?

E da Regedoria ao Municipio, do Governador Civil à Junta Provincial, da Casa do Povo aos Grémios do Conselho Municipal às próprias instituïções particulares e de turismo ainda existentes, não beneficiariam todos com êsse



auxilio-alavanca, essa intervenção e actuação permanente das Casas Regionais firmadas em Lisboa?

Sem atropelamentos, sem oposições ou atitudes balofas, conscienciosamente as Casas Regionais (Provincias), não seriam, na posição que lhes profetizo, o melhor e mais completo baluarte de defesa dos interêsses das respectivas Provincias?

Não proporcionariam, com um esfôrço mínimo e ordenado, mas com muito boa vontade e aprumo, servir de permanente ponto de contacto entre peticionários e dirizentes?

Dentro da própria capital do País, não é verdade que as Casas Regionais poderiam ampliar grandemente a sua acção benemerente—nos mais variados e amplos aspectos—aos carecidos do seu apoio e assistência, se a sua acção fosse oficialmente reconhecida?

E de colaboradoras que já hoje são — embora ainda não na escala desejada e necessária — do Estado, não poderiam passar a representantes da maior forca nacional (tódas as Provincias), se fóssem chamadas à teld da questão legalizada sem, evidentemente, lhes absorver a primitiva autonomía administrativa interna em que têm visido?

Que pensem nisto os alentejanistas.

Que avaliem as probabilidades de realização e de êxito do que exponho, aquéles dos dirigentes da Nação, que o possam ou queiram fazer!

Que o estudem os patriarcas do Regionalismo, aos quais, depois do que dito fica, tenho a honra de dar a palavra! O Alentejo

através da estatística nacional



Na colectânea de aspectos essenciais à vida, valores e riqueza patrimonial do Alentejo, que nesta obra se procura reŭnir por colaborações monográficas de ilustres escritores especializados, é conveniente juntar os elementos com que a notável occanização científica do nosso Instituto Nacional de Estatística con-Com efeito, a estatística não é considerada, como antes foi, simples conju-

tribui para o estudo desta provincia.

gação de quadros numéricos, servindo de mero instrumento de ocasional consulta de curiosos. A estatística é uma ciência e não uma arte aritmética - ciência baseada em demonstrações numéricas, mas cuja ordem e métodos são regidos por princípios e doutrinas que se referem tanto a uma razão própria dêstes estudos, como às diversas actividades da vida de uma nação, ou aos aspectos dum ramo dessa actividade, ou ainda à evolução de um problema, de uma questão e de um negócio, ou até a aspectos parcelares de qualquer dêles. Compulsar hoie um anuário estatístico é rever tôda a vida nacional numa demonstração por assim dizer barométrica, dentro de certo prazo ou dentro de um certo ângulo.

Não é trabalho para impreparados, sem cultura própria, que se dêem a estas pesquisas por desfastio de quem não tem com que matar o tempo. Desde os nossos primeiros estudos superiores, a estatística acompanha-nos como elemento e factor indispensável. Não pode fazer-se hoje qualquer trabalho sem o verificarmos em informações estatísticas, sob pena de incorrermos no risco de o desprendermos das raízes da realidade e o lançarmos para o terreno escorregadio

das conjecturas e das teorias mal alicercadas.

Não há hoje assunto que as dispense. Por muito tempo se supôs que a estatistica era sector privativo da economia, e como a esta palavra se dava exclusivo o conceito das questões atinentes ao comércio e à indústria, julgava-se que para fora dêstes, não havia cabimento para ela. Os seus domínios são, porém muito mais vastos e multifaciados. Desde o geográfico ao da demografia, desde o da saúde pública ao da assistência, da previdência, da vida intelectual, da justica, da produção e consumo (a agricultura, a silvicultura, a pecuária, a pesca e piscicultura, as indústrias extractivas e transformadoras), à propriedade, ao comércio às comunicações (viação, caminhos de ferro, navegação maritima o

array ao crediro, as bólisos e à mocia, a deministração paleira, is codesias, menho la secerá aquim da vida do país que extinsificament mo que intendirado en mela secerá aquim de lacio, representados por nimeros. Estes, conçados em pazos determinados, due olos, por curarso sus disteses gráleas sertinadas, ao colução do que coorre em cada um dêsses aceteras, e asilmo, correlaciomandos os respectivos restudados totales, e reportados, por interfeciais caentificamente: estabelecidos, ao quadro geral da vida da Nação, «cis-nos diante destes em beleso conjunto de uma visión que não falha."

Estas Simples noções, auda más lazem que introduzir os aprahados que vanos fazer para un resumo do que a vida setriciação apor experienta a valo portugues. Tratasolo-se electivamente de darmos ao Alexação uma série de estudos que documente na sua lódia regional, parce-nosa to oportuno como conveniente trazer à colaçõe mais éste contributo que, por isso mesmo, como a listear documentámente as monografias que compliano, e cuito sendido regionalista debrános murcado no primeiro debase intabalhos — que resume pomos de Vatas já focados desde him mistos anos cun confirerções, opisiculos, atrigos da imprema últira e regional e de revistas de especialidades económica furigo esta faita para de especialidades económica funta como de valor de para de esta de especialidades económica funta como de valor de para de esta de especialidades económica funta como de esta de acerto.

Servimo-nos como base do último e excelente Anuário Estatístico que, em 1939, foi publicado pelo Instituto Nacional de Estatística que tão justificados louvores vem merecendo a competências nacionais e estrangeiras.

Bem que lá decorresse mais de um ano (e neste mediar de tempo se hou-

vesse radirado novo cesso populacional os números conidos nesso valieno volume não ficam elemendos e de escarsalidade. Com a vida acional corre di lo acelerada em sua evolução que, de son a son, sora transformações profundas, de forma a alternel-la es caracteristicas ou o próprio ficie. Doura parte de forma e alternel-la es caracteristicas ou o próprio ficie. Doura parte de la composição de composição de forma de la composição de composição de la composição de la que de la que de la que de la que de la composição de la que de la

lulgamos, pois, que independentenence do que em estudos especiais e comparativos possa concluir-se sóbre modificações ou simples alterações dos residentes de lados estatáricos quanto aos sectores em que a crise conomico-social más incidia, podemos tomar os números que vamos citar como reais revelações do que é o Altenção na vida succiona.

Acrescentemos a esta adveriência a de que adoptamos a classificação distributiva que no referido Anuário é feita. Ousio seria preferir outra quando aquela foi e é escothida e assente por tão proficiente organismo científico.





Pôsto isto, comecemos êste cepilhar de números e factos,

Deixando de parte a questão da área da provincia, mencionemos apenas que ao Alentejo pertence mais de um têrço da nossa fronteira terrestre de leste e quási foda a marítima

do ent

Não podemos, no entanto, deixar de transpor, para aqui o panorama geográfico da provincia, num trecho admirável do sábio Professor Silva Tetes:

(O revestimento vegetal desta provincia é por isso diverso do das terras que ficam so norte do Tejo. Com excepção da nesga de S. Mamede, onde esplêndidos soutos fazem lembrar as païsagens da Europa Central, só se vēem, com pinheiros mansos junto do litoral, florestas de sobreiros na metade ocidental da provincia, em dois segmentos principais, um onde se espalham os afluentes do Tejo e outro na bacia hidrográfica do Sado, e mais para o oriente a predominância dos azinheime a sulturas amaness Os caracteres do solo e do clima permitem ao Alenteio aptidões verdadeiramente excepcionais para a cultura do tri-



Castelo de Alandroal

cionais para a cuitută du ît-lgo, Mas notam-se ainda imenasa neagas completamente nuas e largos trechos só cobertos. A côr verde-baço das flores dos sobreiros, dos azinheiros e das oliveiras e apobreza dos afrousos e plantas anuais que com estas árvores se associam formam em geral quadros vegetais sem beleza, sóbre os quais a vista não descanas com pezare.

«E, no entanto, não há no Alentejo uma absoluta uniformidade de païsa-

gene Percorrendo-o de norte a sul e de oeste a teste, as particularidades do relêvo, os condições topográficas e a major ou menor proximidade do mar provocam aspectos regionais diferentes. A zona irrigada pelo Tejo, o plano inclinado que o Sado desce vagarosamente, os terrados cortados pelos tributários do Guadiana, a faixa mais xistosa do sul traduzem ciclos geográficos diversos. A história física de cada trecho alentejano denuncia enisódios que influíram sôbre a sua fisionomia actual. Nas païsagens do Alenteio notam-se compartimentos que não se assemelham pelos seus caracteres físicos, desde o tino sub-esténico das proximidades de Ourique até os campos floridos de Portalegre e Castelo-de-Vide. Desta vila ao Xévora e da fronteira até Portalegre é a nesga mais alta do Alentejo. As montanhas, de vértice demolido e alisado, dispõem-se em pregas, desnudadas na major parte da sua superfície. Porém, entre a serra de Portalegre e a de S. Mamede desce um vale aberto e largo, com as vertentes e o fundo completamente arborizados. Uma magnifica floresta mista, com soberbos castanheiros de climas mais úmidos e temperados, de mistura com acácias, sobreiros, azinheiras e oliveiras, forma um contraste notável com a planicie que se desenrola a ocidente e a sudoeste, onde predominam os montados, e com a planicie da bacia do Tejo de fartas oliveiras. As numerosas cambiantes do verde perto de Castelo-de-Vide opõe-se o verde triste das plantas que cobrem os campos em tôrno da zona mais montanhosa ao sul do Teio. Tôda a estrada até junto de Marvão e a que vai de Portalegre ao cume da serra de S. Mamede são ladeadas por um denso arvoredo, no qual se destacam pelo seu frescor e grandeza os melhores castanheiros de Portugal. Neste trecho alentejano está-se longe do Alentejo sêco e nu que encontramos no sul. Mas a zona arborizada está voltada para o ocidente, para o mar, e é completamente diversa da facha oriental exposta às terras de Espanha.

A osee de Portatego o quadro é composio de outras linhas fisionómistis, so sucessivos monidos associados a excaliptos, un solo facilimente desagregável, rimiflorme, sem plástica definida e pobre de planas amusis. Antese depois de Ponte-de-Sor a linha firera atravessa terrenos que parcem emvelhecidos. A codulação de irregular e informe, sem harmonia morio-alimetrica nem forces amusis que façam rir a palsagam. Pragmentos considerários sem uma flores amusis que façam rir a palsagam. Pragmentos considerários sem uma

habitação significam que a água escasseia.

- A paisagem é mitio mais movimentada e incomparèvelmente mais ateres do Guadinas à serra de Osas, Eleas, VillaBoim, Alanortas, Villa-Viçost e Estremoz, no Alto-Alentejo. O solo é plurifacetado, multiforme e de anidro porte: compoève de terrados, planifects de média atitude e de vales veglos. O sou horizonte geográfico é por isso mais variado e a cobertura vegetal rido. O soci horizonte geográfico é por isso mais variado e a cobertura vegetal rido. Pobre: Ha Dolicomás, e em multos locais, como em volta de Villa-Viçosa,

Elvas e Estremoz, surgem associações vegetais que outras zonas do Alentejo não conhecem.

«Évora ocupa o centro de uma vasta plataforma, salpicada aqui e além de um ou outro cabeco que não altera a sobriedade da naisagem. O desnivel para todos os lados é gradual; para êsse peneplano convergem tôdas as estradas que ao sul do Tejo nos ligam ao país vizinho. É o coração do Alentejo, centro das antigas lutas, ponto estratégico de tôdas as invasões vindas da Espanha, É uma terra opulenta, onde se encontram associados todos os produtos vegetais alenteianos mas sem feicões dominantes nem recortes de graça. A pradaria sêca, a charneca, o olival, o trigal, o sobreiral, o azinhal e os eucaliptos, de manchas mais ou menos fortes, em planícies uniformes, eis a païsagem da imensa plataforma



«O Vale do Sado é um quadro geográfico diferente. Não há païsagem em Portugal que mais funda melancolia provoque. A jusante de Alcácer-do-Sal uma planície alagadica, por onde ziguezagueiam indolentes os tributários do Sado. Quanto mais se sobe êste rio, mais serpeante se apresenta. As suas diva-



Rio Guediena - Gasolina do lavrador, senhor José



gações formam curvas caprichosas, penínsulas fluviais. cortando em retalhos de formas variadas todo o solo aluvial. A margem esquerda, à qual o Sado se encosta, é mais alta. Aqui e além, pequenos burgos dispersos em matas de sobreiros, com uma populacão bisonha e desconfiada e da qual não sai um canto ou uma voz mais alta, tornam ainda mais triste a viagem. Muitas varas de suínos, que pastam nos montados fogem espavoridos do barro que nos conduz. É a sinéa non agegrá de excursol. Pelo ado acima pasama-terchos en que o silacio é completo. Nas for no revesimento vegetal que nos acompanha, a impresso será igual à de muega en um rio africam. Mas em Akiece-boda, gurániamente, golocadas em um serspamento, a paisagem trasminál-sez: o terreno é emis moyingritudo, a cobritura das pitates anis varida, as mirgens dos portenos de sila trat das pitates anis emilia a montante, o valerplande entretas estendos en militar de constitución de la sobretirio a que vim até à mirgens, fem qualques encias da faseler con a solitoririos que vim até à mirgens, fem qualques encias da faseler con a soli-

dao que vamos atravessando, jorna mais accumunda.

- in a para mediona do Antenio que a fisionoma semi-catépica se mostra prodominante. Transposta a regido cercalifera de Beja, de manto verde e alegre muna época do ano e de ofe partas e triste apos a cella, encontra-en mun zoma de fisionomia uniforme. Sucedimere as chareceas asplecadas de sobreiros e este a composição de construir de la composição de composição de composição de composição de la mais fene finante de conhados de sears. E o Alentido de uma têner finante de colando-se de sears. E o Alentido de la mais fene finante de colando-se de sears. E o Alentido de la composição de la composi

«Depois, para o sul, a musicho é rearul. O que esportamon na noisa frence inaño de módociamente o Alemenio Das alsas momentas algareias bum nat nois, em vagas regulares, rimadas, sem coas, amitidos de collena se de mor em abótada, que accontundem, separadas por validoles de pendor suave, com os filarecos em despoldos, car cobertos do mesmo tipo de vegetados. De acemplar mais completo e más belo de uma pero-platicie, como entium outro lo períetio se vé em Portugal. Observado do alor Boia, posto culminante da errar de Monchium, e um desimbramento, uma verdadeira marvilla. E quista pende ao percorrer das fragas más defendo do como sentidos, que a viria se porde ao percorrer das fragas más delos muitas filos rios de comrastes, plesa de laz, mas los harmodicas aus suas felosos muitas filos rios de comrastes, plesa de laz, mas los harmodicas as suas felosos muitas filos rios de comrastes, plesa de laz, mas los harmodicas as suas felosos muitas filos rios de contrastes, plesa de laz, mas los harmodicas as suas felosos muitas filos rios de contrastes, plesa de laz, mas los harmodicas as suas felosos muitas de rios de contrastes, plesa de laz, mas los harmodicas as suas felosos muitas filos rios de de laz, mas los harmodicas as suas felosos muitas filos rios de de laz, mas los harmodicas as suas felosos muitas alternados de de laz, mas los harmodicas as suas felosos muitas alternados de de laz de laz de la completa de la completa de la completa de de la completa de la c

Assim trasladado êste passo cheio de côr e de realidade, prossigamos no assunto que nos conduz, dentro do exame estatístico que nos propusemos.

Sob o ponto de vista hidrométrico, três importantes rios a atravessam: o Sado que nasce a sudoeste de Ourique e desagúa em Setúbal, com um percurso de 175 quilómetros dentro do país, e uma extensão navegável de 70, até Pôrto-Rei, tendo por affuentes principais os Xarama, Alcáçovas, Marateca, Alvalade e Arcão: o Guadiana, o rio alentejano por excelência que até Mértola é navegável num percurso de 72 quilómetros, dando como afluentes o Coia, o Degebe, o Cobres, o Ociras, o Odelcite e o Vascão; e o Mira, nado na Serra do Mucom 130 quilómetros de curso e

30 navegáveis até Odemira. E se o Tejo corre já extralimites da província, dá-lhe ainda, na zona do Alto-Alentejo, subafluentes do Sorrais

Mencionemos também entre as altitudes as chamadas Serras de Monfurado S Vicente e Mendro a de Borba, e as duas zonas de relevo mais destacado da sub-região do Baixo-Alenteio, uma que abarca os concelhos raianos de Mourão, Barrancos, Moura e Seroa, a outra o concelho de Almodovar-

As observações metereológicas têm no Alentejo duas estações importantes, a de Campo-Maior e a de Beia, uma e outra com a altitude (Hm) de 288. As extremas absolutas da temperatura do ar (T) marcam-ee das máximas em Campo--Major em 7 de Marco a do inverno. a 27 de Majo a de transição, em 11 de lutho a de verão, e em Beia sòmente varia para 26 de Maio a segunda : e as minimas, respectivamente a 23 de Dezembro, 24 de Novembro, 22 de Agôsto, va-



Vila-Viçosa - Cruzeiro de Lapa

riando as duas últimas em Beia. Passentos aos dados demográficos na base do censo de 1930. Dentro da superficie total do continente de 88.683 quilómetros quadrados, as dos três distritos alentejanos são respectivamente: - de Portalegre 6.312, de Évora 7.388. e de Beia 10.278, num total de 23.798, isto é, mais da quarta parte. Do total de 272 concelhos, são alentejanos; - no distrito de Portalegre 15, no de Evora 13, 60 de Reia 14, ou seiam 42. Das 3 705 freguesias continentais esbam

ao distrito de Portalegre 77, ao de Évora 71, ao de Beis 88, ieto é, ao todo 236. A fraça densidade da população que assim se revela nestes últimos elementos, anarece ainda nos seguintes: - Familias: - No continente, 1,559,514; no distrito de Portalegre 42.110, no de Evora 43.892, no de Beja 55.409, o que soma 141.411 familias. População residencial: - No continente 6,340.797; no distrito de Portalegre 815,535, no de Évora 179,036, no de Reia 242,687, ou um total de 1,237,258, Número de varões e fêmeas nos três distritos : de varões, 299.064, fêmeas 289.596. Segundo o censo de 1930, nos três distritos havia 444.634 analfabetos e 143.026 individuos que sabiam ler. Estes números servirão para comparar com os do último censo, com outros povos aspectos que, por esta mesma razão, não apontamos senão no que é basilar e mais ou menos permanente como referência demográfica. Do mesmo modo não devemos deternos no que respeita ao estado civil das pessoas. Lamentamos somente que a natureza déste estudo em transcurso não nos permitir uma descriminação pormenorizada ao obituário alentejano e suas causas segundo a nomenclatura internacional abreviada, o que deixamos aos competentes estudos especializados de higiene e profilaxia social, pois desmediria em muito o tamanho reservado a êste trabalho. Fica por simples menção tão interessante sector.

Mais podemos atentar no capitulo da saulie publica, judicando so establecleminatos que receberam so trataram dometas nos distarios do Alentos. Hospitas icris; 15 no de Boia, 21 no de Portalogre, 24 no de Evora; hospitais miliares, 1 no de Portalogre, 1 em Prova; 144 e enfermarias regimentais, sendo 2 em Evora; 8 maternidades, sendo 4 em Evora e 3 em Portalogre; um no samatório anti-inberculora, no diariro de protategre, para tida a povora el tembro pital para alienados; 9 postos medicos civis no de Portalogre; 2 em Evora el 4 m Esta; 4 dispensarios anti-inberculoras os distritos de Esta, 15 m, 1

cia, 4 no distrito de Beja, 1 no de Évora e 5 no de Portalegre.

O Alestrio possai os seguistes estabelecimentos de astalática(x – o distrito de Bela, 3 para recimansidos, 2 internos para segunda intellenta, 6 internollo para adultos, um semi-internato para os mesmos, 21 instituyões de distribuicho de refecções de donativos; — o distribui- de Forsa; am para recimansidos;
para a segunda inflacio, 1, 3 e 2 para adultos, 16 institutos de assistencia plara
distribuições de refeções e donativos; — o distribui de Portagrez, 2 para recémanacidos, 2 internatos para primeira inflacio, 6 1 semi-internato para a segunda.

« a 3 para adultos, 23 institutojes para adistribuições erfeções e donativos a



Descasque de cortiça

Um capitulo interessante da assistência é também o que se refere à modidade escolar, pressada pelo Estado e pelos corpos administrativos, e a estatificas demonstram que no Alentejo foram especialmente beneficiados no estados de curso ficial embor as entom também em Evora e Portalegre, e sobretudo neste unifilmo, deveado namero de beneficiados no en-apricola que bem deve mercer atenções especialas no estados que bem deve enercer atenções especialas as novas escreos da provincia se a capital de porta de estados portas de estados entre entre entre estados especialas as novas escreos da provincia especialas as novas escreos da provincia especialas as novas escreos da provincia.

Entre as associações humanitárias, destacam-se as corporações de bombeiros. Só há uma de municipais, no distrito de Portalegre. As de voluntários são 5 nesse distrito, 3 no de Beja, 7 no de Evora.

É igualmente notável verificarem-se as verbas dispendidas pelas autoridades e corpos administrativos para assistência: 851 contos no

distrito de Beja, 1,003 contos no de Evora, 506 contos no de Portalegre.

Sassemos à previdência social no Alentejo em 1939. O distrito de Beja
tinha 24 Caixsa de Previdência e Casas do Povo e 9 associações de socorros
mátuos; o de Evora, 15 Caixos de Previdência e Casas do Povo e 10 associacões de socorros mátuos; o de Portalegre 18 das primeiras dessas institutoções

e 3 das segundas. As associações de socorros mútuos dos três distritos representavam nesse ano 17.696 sócios e 6.620,713 escudos de fundos.

Outro sector da vida alentejana: — o da vida intelectual. Vejamos o número de estabelecimentos de ensino por distritos. No continente há 7.500. O distrito de Beja tem 178, sendo um liceal e os demais primários; o de
Evora tem 152, sendo 147.



Pescando no rio Guadiana, justo ao moisho da luzerna

de ensino primário. I de ensino liceal e 4 de ensino técnico, elementar e médio; o

de Cristo primario, Tue Cission Vesco y na Cristo Percenta (18 de cristo primario), de llevaje outro de técnico. No sector das bibliotecas e museus, registemos na biblioteca pública de Evora, 12,830 leitores e 1,5224 volumes consultados, e nas municipais do distrito de Beja 16 806, de Évora 111, de Portalegre 2,139 Jeitores. O Museu Reprinad de Fyora serve em 1930 J. 1656 Visitante.

A Impensa periodica (jornais e outras publicações) desgrimina-se, por sua nuturera non ires diatritos, segundo a respectivo dassilicação estatistaça: — no de Bela, 3 de informação, 3 de açõe política e social; no de geora, 1 de informação, 1 de açõe política e social; no de geora, 1 de informação, 1 de açõe política e social; no de geora, 1 de informação, 2 de açõe política e social; no de providência, 9 regionalistas, 5 de propaganda comercial; no de Pornatigre 2 de informação, 5 regionalistas,

Na divisão judicial do país, os tribunais da área dos três distritos administrativos pertencem à Relação de Lisboa, Beja com 7 comarças e 2 juigados municipais, Evora com igual número de umas e outros e Portalegre com

2 comarças e 1 julgado. Entramos agora num capítulo de extraordinário interêsse, o da produção e consumo en 1939 O Alentejo esplende na produção cercalifera.

Quanto so trigo e por distritos. Beis, com uma superficie territorial de 10.2788 hectares, tem cultivida de 14.5400 hectares quan sementeria de 13.274 notadadas. A produção acusou 11,67 sementes, e 154,914 nontadas. Formo com uma superficie territorial de 78.288 hectare 8.827 hectares citivados e uma sementeria de 2.351 nontadas, teve uma produção de 9,36 sementes e 84.143 notadas. Portalegare com 63.288 hectares de superficie territorial de 2.282 hectares exilivados e com uma sementeria de 7.225 nortadas, producir sur 951 sementes de 8.741 notadas. A rorrodução conficiente de 7.225 nortadas, producir 2015 persona de 8.781 notadas. A rorrodução conficiente i de 51.5570 persona 12 via 951 sementes e 6.781 notadas. A rorrodução conficiente i de 51.5570 persona.

ladas. O Alentejo participa neste total com 207,338 toneladas.

Na produção milheiri, os nûmeros estatísticos de produção são assim distribuidos em militares de litros; — distribe de Bela, 17.82, distrib o de Portal gara, distribuido e militares realizados de litros; — distribuido de Bela, 17.82, distribuido de Portal gara, distribuido de Portal gara, distribuido de Portal gara, distribuido de Portal gara, de Portal gara, de Portal gara, de Portal gara, de Portal gara de

Para um estudo de carácter social é também interessante referir quais os salátios dos trabalhadores rurais, varões e lêmeas, nos três distritos nas suas principais lavouras, que são a da cultura de cereais e legumes e a de olivais e árvores de fruto.

Assim vemos, quanto à primeira e aos varões:

	Beja	Évera	Portulegre
Lavoura	7850	7880	7840
Sementeira	7840	8820	7840
Sacha e amontos	7820	8800	7820
Rega	_	8800	7870
Ceifa		11800	8\$80
Colheita	. 8800	7850	8800
Debulha	9890	8\$80	8\$20
Malha	-	10800	-
E quanto à segunda:			
	Beja	Érom	Portalegre
Plantacão	. 8800	8800	7850
Limpeza e poda	. 8830	7850	8820
Varejo da azeitona	. 8800	8800	7830

Para fazermos referência a uma indústria agrícola do Alentejo anotaremos também que em 1939, em Ponte-de-Sor (Portalegre) foram descascadas 283 toneladas de arroz.

ladas de arroz.

Passaremos sem acentuar a pecuária alentejana. Os números citados neste



Évora — Cerros elentejanos, Indústrio dos senhores Josquim José das Neves Severn & Filhos

Anuário reportam-se ainda aos manifestados em 1935 e a seus valores. O profundo e exaustivo estudo a tal respeito publicado em anterjor fasciculo desta obra supre a nossa involuntária deficiência, quer àcérca qos totais, quer das espécies.

Facamo-lo, porém, para a produção de la, segundo os respectivos manifestos, como outra das riquezas alentejanas. Beja manifestou 517.577 quilos, Évora 586.432, Portalegre 434.088, ou seia um total de 1.538.097 quilos, numa

produção continental de 4.929,346 quilos,

No campo das indústrias extractivas, aèrea de minas e contos mineiros existentes, concedidos e adjudicados, eis o que a esatistica de 1939 nos indica como elementos de estudo do subsolo alentejano pelos respectivos distritos e metalis. Vejamos primeiro as concessões e os coutos, Antimónio e cobre, uma concessõo e os coutos,

Antiminio e cobre, una contessado de 30 incetares en 1961; -1 - artento ir estanto, una concessado de 50 hectares en 1864; a barri, una concessado e 50 hectares en 1864; a comessado e 50 hectares en 1864; a comessado e 50 hectares en 1864; a comessado e 67 hectares no distrito de Beja e quio de 521 nod Evora e reirá de 140 hectares no de Portalegra; - cobre e form, una concessado e 68 hectares no Beja e una contessado de 58 hectares no Beja e una contessado de 58 hectares no Beja e una contessado de 58 hectares no Beja e una contessado e un couto de 941 hectares no distrito de Beja e ajed de 37 hectares no Evora; - forme e magnativa; com concessado e so pola hectares no Beja e una contessado en 1864; - manganesio, cento e serenta e cinco concessão de 690 hectares en Beja - rolfofinito, duas concessãos en 1864; - conficial de 36 de 36

Quanto à produccio, observaremos que no distrito de Beja foram extraídas en 1891:— 10 nonciadas de sultar de hário puro, —337 de cobre precipitado. —8.594 toneladas de outro (residonos da instalação de pirito; com outro e prais, nas extrações de cobre);—33.3476 inonciadas de enxidre (de printes de ferro cupriferas com menos de meio por cento de cobre) e mais 11,401 toneladas do mesmo produto.

O valor mineiro do Alentejo, sem prejuizo de melhor estudo, fica assim aflorado.

A seu par colocarcemos as predireirar com a sua producţio: — No distrible Beja i 4 declaradas e 2 em exploração, com 60000 toneidada de porfirires cixistos; no de Évora 25 declaradas e 18 cm exploração, com 600 toneidada de calcáren não cristalina, 4,0000 de granito e 2,330 de mármore; no de Portalegre 144 declaradas e 64 em exploração com 88.194 toneidadas de granito e 20,212 de lousa.



Portel - Ermida de S. Pedro

No sector das indús. trias transformadoras é igualmente digno de acentuar-se o número de centrais hidráulicas e térmicas existentes na provincia. E assim vemos no distrito de Beia 20 centrais térmicas com 38 máquinas e uma notência de 3,589 kw. no de Évora 22 com 47 máquinas e potência de 2.405 kw e no de Portslegre 4 centrais hidráulicas com 7 máquinas e potência de 7.448 kw. e 17 térmicas com 23 máqui-

nas e potência de 897 kw. A producelo de cenergia hidro e termoeléctrica é representada nos três distritos, respectivamente, pelos seguintes totais gerais em k Wh.: Beija, 6,263,341 em energia termoeléctrica sobrétudo em serviço particular industrial; Evora, 2,773,821 com igual aplicação; Portalegre, 17,817,151, a maior parte em energia hidreclétrica em serviço público.

Dados e concatenados estes elementos, e não obstante se refiram a decla-

rações de Dezembro de 1938, é interessante registar aqui o número das sociedades comerciais e industriais por distritos e o valor total dos capitais - no distrito de Beia, 62 industriais com o capital total de 27,407 contos e 45 comerciais com o capital de 2.809 contos; no de Evora 77 industriais com o capital de 9.865 contos e 57 comerciais com o de 2,242 contos: no de Portalegre 77 industriais com o capital de



Portel — Velhos solares. Gil de Borje

13.748 contos e 25 comerciais com o de 955 contos. Já por douta e sempre autorizada mão do Sr. conselheiro engenheiro Fernando de Sousa ficaram estudadas as comunicações no Alentejo. Não mais daremos aqui do que números de veiculos não motorizados e motorizados: no distrito de Beja 843 biejeletas 828 carruagens de traccio hipomóvel, 13.022 para transporte de carea: no de Évora, respectivamente, 1,582, 234 e 11,220; no de Portalegre 1.573, 395 e 7.531. O número de automóveis manifestados era o seguinte : em Beia 1.109, em Évora 1.188, em Portalegre 1.011.

Não devemos esquecer nesta altura da presente exposição que o Alentejo apresenta hoje iniciativas de subido valor industrial e comercial neste sector das comunicações, qual é aquela que sob o nome de Tudanto, a que meteu ombros e deu organização um homem que pertence à élite dos nossos realizadores, o sr. Arquiminio Caeiro, abrangendo hoie, em diversas modalidades, uma extensíssima área de tôda a província, ao servico das suas comunicações

comerciais e do seu turismo.

Para dar fecho a esta já longa série de apontamentos actualizados, e porque vem a bom talho de foice demonstrar a parte com que a mais rica provincia de Portugal contribui para a vida do Estado e sua pública administração, extrataremos dêste Anuário Estatístico algumas notas úteis sôbre matéria tributária, seguindo ainda a mesma distribuïção por distritos.

Comecaremos pela contribuïção predial,

O distrito de Beia, com a população calculada de 276 330 habitantes e 53.537 contribuintes, pagava desta contribuição e adicionais 11.493,285849 o que representava por habitante a capitação de 41860 e por contribuinte a de 214868, O distrito de Évora, com uma população calculada de 205.701 habitantes e 29,409 contribuintes, pagou 14,4:3,105842 o que representa a capitação de 70831 por habitante e a de 491.79 por contribuinte. O distrito de Portalegre com 183,389 habitantes e 39,009 contribuintes pagou 12,136,859890, o que deu por habitante a capitação de 66818 e por contribuinte a de 311812.

A contribuïção industrial vem assim traduzida nos seguintes totais dos três

distritos: Beia. 3,697,423842: Évora. 3,705,635823: Portalegre. 3,499,383838, Devemos completar esta última informação com mais os seguintes dados, relativos à liquidação da contribuïção industrial nor habitante e contribuinte, Assim, conhecida como iá é a população de cada um dos três distritos e a liquidação da verba principal e adicionais, a capitação por habitante e contribuinte foi: - em Beja de 13838 por habitante e 379850 por contribuinte: em Évora de 18801 por habitante e 421872 por contribuinte; em Portalegre de 19808 por habitante e 383816 por contribuinte.

Veiamos agora o imposto profissional liquidado nos três distritos; - em Beja 138,698822, em Évora 185,588856, em Portalegre 118,295859.

As incidências do imposto sôbre a aplicação de capitais, segundo as suas respectivas classes foi num total de 1.281.444815.

O imposto complementar arrecadou nos três distritos 4.235.444810.
O imposto do sélo cobrado representou 7.531.002818. E as licencas cobra-

das pelo mesmo imposto somaram 279.815800.



Borba — Ioreia de S. Bartolomeu

O imposto de sisa teve a liquidação de 7.325.161800.

O imposto sobre especificulos em teatros, cinemas, touradas, foot-ball e outros, 212.043860.
O imposto de camionagem rendeu 253.105800. E o de trânsito de viaturas

não automóveis, 963,290855.

As licenças de caça, 579.046820.

Somando esta série de totais, verifica-se que o Alentejo contribuíu num ano para as receitas tributárias do Estado só pelas verbas acima indicadas, baseadas nas informações do Instituto Nacional de Estatística com um total que se descrimina assim:

Contribuïção predial	38.093.250881
Contribuição industrial	10.702.442803
Imposto profissional	442.582s37
Imposto sôbre a aplicação de capitais,	1,281,444813
Imposto complementar	4.235,444810
Imposto do sêto	7.531.002818
Licenças	279.815800
Imposto sóbre sucessões e doações .	12,194,91580
Imposto de sisa	7.325,16180
Imposto sóbre espectáculos	212.043869
Imposto sôbre camionagem	253,10580
Imposto de trânsito sôbre viaturas	963.290850
Imposto de minas	297.27880
Licenças de caça	579.04682

Total . . . 84,390,820809

Assim rematamos êste estudo aliás perfunctório que a muito mais longe poderia ir. Os números acima, dão somente idéia de avultadissima parte que aos reálitos do Estado advém do Alentejo. Preferivel é porém, sustar aqui o trabalho por muitas razões.

A estatística do ano mais pròximamente publicada deixa entrever, como dissemos e foi nosso intento ao elaborá-la, o quanto vale o Alentejo nas suas actividades e nos seus valores.

Figuras Alentejanas

(Subsidios)





VILA VIÇOSA

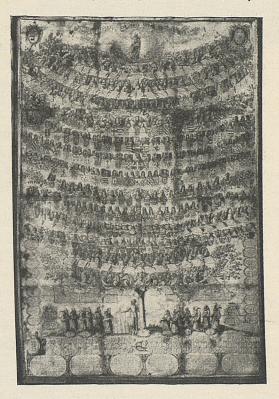
Sacrário antigo, em prata, arrumado a um canto duma velha capela (echada ao culto



Nesta parte da obra de carácter regionalista que dedicamos ao Alentejo, ao fervor de seus brios, ao armorial heráldico de seus títulos e tradições, e ao património dos seus valores, é dever trazer — sempre no plano e método, que

nos parece melhor, de estudos ou apontamentos seccionados — um elenco de figuras notáveis que nasceram na Província.

Ao empreendê-los não nos adorna a pretensão de exaurir tudo quanto paciente investigação pudesse apurar e escolher. Assim, recolhendo de livros e outiva notas várias, alinhámos sôbre cada figura, muitas vezes desconhecida do vulgo, as referências que fomos acumulando com destino a trazê-las a lume como simples subsídio, quiçá não isento de rectificações ou ampliações que mais doutos poderão fazer-lhes. De nossa parte, assim nos desoneramos do propósito que voluntàriamente formáramos, e da voluntária obrigação de, quanto pudermos e em nossos justos cabais pertença e caiba, inserirmos nesta obra o que a terras de Alenteio se refira,



Vila-Viçosa — Quadro célebre existente na igreja de Nossa Senhora da Esperança

Momento houve em que, ante a galeria de tantos homens de fama que pela Província perpassaram, nutámos entre o critério a seguir: — se deveríamos confinar êste trabalho nos naturais alentejanos, se inseriríamos nêle também os homens ilustres que não nascidos

no Alentejo aqui grangearam renome por seus feitos, atributos, cargos ou quaisquer outras razões dienas de citação ou oreito.

quaisquer outras razoes dignas de chação ou preno. Se optássemos por esta segunda regra, tão cedo não haveriamos de dar

têrmo a êste trabalho. Se preferissemos a primeira, incorreriamos no risco da falta de algum nome que por direito mercea notoriedade.

Desafamos estas hesitações metendo por intermédio caminho. Damos conta do que topámos, pouce ou muito, Nem nos limitanos à mera série de nomes que no cômum são indeseriminadamente apontados em artigos, muitas vezes escasos, de enciclopédias nacionais, nem os atrevenos a invocar que desamos porta fechada — mormente numa Provincia onde abundam, além de uma bibliografia regional preciosa, investigadores e assudiosos de grande competênde a quilate,

De faceo, havendo corrido por esas parses do retriorio capitulos da historia acional, teriamos, seguindo ourar regra, de transpor e restaldar para aqui nomes de reis, nobres e fladgos, chefes militares, homens de Estado, que neles participaram, e por ouror lado, destalcariamos de algum modo se legítimas e devidas referências que teremos de fazer quando metermos ombres à parte desta obra que comprendard as terras alencificas potos valores de seus con-

Preseveronos también o leiore contra outros aspeces debte trabalho. No sersiçado debtes aponumentos no hon ou conduzio notro circitrio do que o de sintant notas. Mo pretendenso mais do que liso nen tem o trabalho nal valto sintant notas. Mo pretendenso mais do que liso nen tem o trabalho nal valto que obrigaste a unas ordem por pedificio os datas, segundo aliberação riçor roas. Igualmente não medimos altaras so ençenho dos homens, tem pêto ao sea suber, ema valtamos de sua careiza. Ondo es topologo, por sua naturalidade e ocupações, a servir o Alentió, Jonos busci-los para estas litas e nelas on institutos, sem a finalidade de um destilicação por acceptais.

Eis as fronteiras assás estreitas dêste trabalho, que a própria honestidade de seus intuitos mandava revelar premunitoriamente, não fosse alguém encará-lo por outras que não tem, nem no plano desta obra podería apresentar.

por borras que mo men me percesa friencia consultadar e no serán esta consultadar e no serán esta consultadar e no serán esta consultadar e no serán consultadar e no serán consultadar e no serán consultadar en consul

O que vai ler-se não é, pois, mais que o vislumbramento dessa riqueza.

Francisco Homem de Abreu, nasceu em Évora. Grande jurisconsulto e filósofo de renome. Regendo cátedra em Salamanca, tomou por argumento

de suas lições o verso das Epistotas de Horácio: Quidquid delitual reges plectuntur Achivi, e sobre els velo a compor uma obra em latin, que se emcentralogica de D. António Cartano de Sousa, na qual invectiva entrejeamente a decisión de D. Joho II mandar maisr o drupe de Bragança D. Fernando, obra que depois fol publicada em Espanha com o titulo: Desacietto de artíneiros titulo: Desacietto de artíneiros



Veiros — Escolas paroquiais

Irmãos Abreus, famosos escultores em madeira, que viveram no meado do século XVII em Évora, onde deixaram trabalhos nos Conventos da Cartuxa e de S. José.

João Boto Cavaleiro Lôbo de Abreu, natural de Portel, Alentejo, onde nasceu em 1789, cavaleiro professo da Ordem de Cristo, tenente-coronel do extinto regimento de milicias de Évora e finalmente escrivão do juizo de direito da comarca de Cojmbra, sócio provincial da Academia Real das Ciên-



Butter to Board

clas. Foi filho de Inácio Cavaleiro Lôbo de Abreu e D. Micaela Mira Boto de Aguiar, tendo passado a maior parte da sua vida em Arrajolos, Notável genealogista a quem se devem interessantes investienches ercreves Memós rise solbre Portel com o título Colecção de memórius para a história da vila de Portel oferecida Academia Real das Ciéncias, a qual começou a imprimir-se na tipografis da Academia, não chegado, portin, além de pias, 88, sendo mandada suspender e assim se conservando até hoje. Libo de Abreu, gasta a pequena benarqua de susu paia, se servando até hoje. Libo de men 1833, quando as capital se estabeleccio o regime constituicional, sendo entud despuedado provedor do concelho de Arraliolo, cargo em cujo exercicio esteve ad que findaram as sperielturas, indo em seguida para escrivio de direiro em Montenono-Nevo, donde lo depois transferiol para escrevania da Reitação do Pôrto, mas logo transitou para igual ofício em Combra, onde Balecco em Porezrio de 1858.

José Rodrígues de Abreu, Soutor em medicina e mestre em artes, fisicio-mor das Armadas e mediço de Clamar de Jolo O, nasecu em Evora em 1632, parecendo que la Visia ainda em 1747. Escreveu a Luz dos chirurgifese embarcudicos que la Visia ainda em 1747. Escreveu a Luz dos chirurgifese embarcudicos que trata das dosmos guidenteis de que contamom originar ou que embarción para os portos attenuarion. Manuel de SA Musto chama-libe usua la hoje são emos Foi exalterios.

Manuel de Abreu, natural do Crato, no século XVI. Formado em medicina por Coimbra, alí regeu na respectiva Faculdade desde 1618 até 1642, ano em que se jubilou. Escreveu um *Tractatus de morbis mulierum* em 1621.

Sebastião de Abreu, jesuíta, natural do Crato em 1594, faleceu em 1674, chanceler da Universidade de Évora, sendo muito apreciado como teólogo.

Cristóvão Rodrigues Acenheiro, bacharel em cânones, nascido em Évora em 1491. Notável advogado, escreveu uma Relação dos reis de Portugal até D. João IIII, da qual Inocêncio diz louvores, e que se sabe ter existido em cópia manuscrita na biblioteca de D. João V.

D. Afonso, sexto filho do segundo matrindesio do rei D. Massel I e da rainha D. Maria, nasce a 23 de shul fel e 1500 em Erora, ne foi folicioginad or Aires Barbona e de André de Resende. Em 1516, o papa Ledo X evriou-libe o chapte cardinalistic com o rituito de Santa Luzia, quando o intinante havia sometime sete anos de Idade, mandando que fibse provida no hispado da Ciurrda, cuis SF foi administratup or D. Migned da Silva e que recebessa es rendas dos hispados de Evror e Vibera. Aos 13 anos foi provido no arcebispado de Liabos, om 1522, sendo um dos aquidareste a derreguedo son policia. Foi durante o um 1522, sendo um dos aquidareste a derreguedo son policia. Foi durante o constituições do mesmo hispado, as quais forma negles que se publicaram as constituições do mesmo hispado, as quais forma negles do de Viene. Danhol de Golds diz que em muito dosto em filiras la tina.

Gaspar Afonso, jesuita, natural de Serpa, professos no Colégio de Evora, e me 1900 partin an au « S. Francisco», comandada por Vasco da Foneca, para sa missões do Orfente, com mais sete companiesse de Orfente, com mais sete companiesse de Orfente, com mais sete companiesse de Orfente, com mais sete companies de Sal, destini da vaga e trover teologia moral, deixando o relato da sau visco de Companies de Co

Nicolau Agostinho, presbitero secular e cónego, natural de Pedrógão-Pequeno, do Alentejo, veio a morer em Evoem 1622, tendo ali escrito uma relação sumária da vida do quarto arcebispo de Évora, D. Teorónio de Braganse.

Isabel de Aguiar, religiosa do Convento de S. Bento de Évora, bastante respeitada por suas virtudes, entre as quais a da resignação com que padeceu grave doença de que veio a morrer.



Outra modelidade de Indústria alensiana



Indiatria alectains

João Afonso de Aguiar, português do século XV, que foi provedor em Évora, cargo que foi também exercido por um filho do mesmo nome.

D. Afonso Baptista de Aguiar, fidalgo de Elvas a quem perrencem também os apelidos de Monrói da Gama e Sequeira, filho de D. João de Aguilar Mexía Avilez e Sequeira, irmão de D. Luís de Aguilar e Sequeira, coronel do 1.º regimento de infantaria de Elvas, irmão de D. António de Aguilar, tesoureiro-mor da Sé de Elvas.

Lourenço de Aguilar, natural de Serpa, em 1612, filho do juiz Antunes Leite, da mesma vila, entrou para a Companhia de Jesus em 1626, com 14 anos de idade. Poetou em latim e regeu humanidades em Lisboa e Braga.

D. António de Aguilar e Monrói da Gama e Meneses, moço fidalgo natural de Elvas, onde morreu em 1831.

D. José de Aguilar Monról e Meneses, brigadeiro de infantaria, de Serpa, filho do anterior e irmão de D. João de Aguilar, cónego da Sé de Elvas.

Dr. Luís de Almelda e Albuquerque, eminente professor da Escola Politéciais de Lisboa e seu director. Nasceu em Serga, em 1816, Bacharel em direito, foi secretário geral do Govérno Civil de Lisboa, membro do Conselho Ceral das Alfandegas e vereador da Chamar Municipal de Lisboa, Tol um dos opinieros redactores do Jornal do Comércio, e finalmente seu único proprietios redactores do Jornal do Comércio, e finalmente seu único proprietio aet 1818, no em que vende en referido foranta a firma hierra Barna & C. 2.

João José de Alcântara, visconde de Alcântara, natural de Elvas, e deputado às Côrtes.

Alexandre Lôbo Alcoforado, natural de Beja, escritor.

Baltasar Vaz Alcoforado, prior de Beringel, Beja, no século XVIII, irmão de Mariana Alcoforado, célebre por umas teses assás joviais que defendeu em Coimbra, onde se formou em teologia e em cujo meio académico se tornou afamado por seus ditos e chistes espírituosos.

Mariana Alcoforado, religiosa do Convento da Conceição, em Beja, conhecida pelas cartas do capitão Chamilly.

Frei João de Santo Aleixo, religioso, natural de Beja, que em 1599 partiu voluntàriamente para Coimbra onde prestou caritativos serviços durante a peste.

Padre Cipriano Pereira Alho, presbitero secular depois de professar alguns anos na Ordem Carmelita. Nasceu em Evora, e depois de passar algun tempo no Brasil, regressou àquela cidade. Em 1820, por defender as idélas liberais, sofreu perseguicões. Em 1834 foi nomeado bibliotecário da Biblioteca

Pública de Évora, cargo que só exerceu três meses e no qual a morte veio surpreendê-lo.

Visconde de Santana Pereira de Almada, oficial do exército com o pôsto de capitão quartel-mestre de 1.ª classe. Natural de Elvas, foi infatigável e inteligente compilador e pesquisador de subsidios históricos àcérca de Elvas.

Manuel Côrte Real de Abranches, natural de Serpa, inquisidor de Évora, 25.º reitor da Universidade de Coimbra desde 1664 até 1666, data em que alí faleceu.

D. Álvaro de Abreu, bispo de Évora, onde prègou na aclamação do rei D. Duarte. Tomou parte na expedição a Tânger onde bravamente se comportou, c, no seu regresso, ergueu voz nas Côrtes de Leiria contra a entreza de Ceuta.

André Chichorro da Gama Lôbo e Abreu, natural de Monforte, fidalgo da Côrte do rei D. João VI e eoronel do regimento de milicias de Portalegre.





Borba — Place comemorativa de Batelha de Montes Claros,

portugues, reitor do Colegio de Evora, famoso prégador, foi lente de Escritura Sacra na Universidade de Coimbra e faleceu em 1629.

Frei Brás de Abreu, religioso de renome, natural de Elvas, viveu no século XVIII.

Diogo Nunes de Abreu, fidalgo da Côrte de D. João III, natural de Estremoz. Barão de Almargém, Mariano José Barroso Palha, tenento-general docerérico. Nasceu em Estremo 2 19 de baril de 1708 e Estecu a 17 de miso de 1980. Oficial de Infantaria 3, regimento que nunca abandonos, fol um dos que mais se distingirio las tutas cotan o invasor francés. Esta com a 3.5 higuda por la companio de 1800 de ford; e na de Nive em 1813; durante a campanha de França, extreme Barroso recebe em combato de companhis de granueleros de infantaria 18. Na guerra civil no ser regimento, aderios de partido liberal, dis montágente para guerra civil no ser regimento, aderios de partido liberal, dis montágente para guerra civil no ser regimento, aderios de partido liberal, dis montágente para Valongo, recebe, depois de Pome Ferreira, a Torre e Espada, e as divisas de corond na surida de Carralhido. Acompanho Duque da Terefora na expedição da Algarva, batendo no fin Almargém o barito de Modelos e vindo, através do Algarva, batendo no fin Almargém o barito de Modelos e vindo, através do

D. Diogo Fernandes de Almeida, monteiro-mor de D. João II, 6.º Prior do Crato e alexide-mor de Torres-Novas, foi-lhe confiada por êste rei a educação e protecção de seu filho, o infante D. Jorge. Era sobrinho de D. Francisco de Almeida, 1.º vice-rei da Índia.

Barão de Almeida, governador da praça de Elvas em 1842, que antes esteve prêso no forre da Graça, em Estremoz, pelo govêrno de D. Miguel, donde fuglu em 1834 para Espanha.

Isidoro de Almeida, depois de estudar em Coimbra, seguiu a vida das armas, batendo-se em 1862 na defesa de Mazagão contra os mouros. Publicou Instruções Militares, impressas «na muy nobre e sempre leal cidade de Evora».

André de Burgos, impressor de Évora que ali vivia em 1573 e foi cavaleiro da Casa do Cardeal Infante D. Henrique.

Jerónimo de Almeida, secretário do arcebispo de Évora D. Jorge de Melo, tendo recusado o canonicato da mesma Sé, e publicado em 1582 uma curiosa narrativa da forma como foi recebido na mesma cidade um suposto cadáver do rei D. Sebastião.

Padre Manuel de Almelda, natural de Portalegre onde nasceu em 1769, bacharel em cânones pela Universidade de Coimbra, foi provido no priorado da freguesia de Santa Maria Madalena da mesma cidade, por designação daquela Universidade que era padrocira da dita freguesia. Quando as Cortes de 1820 decliberaram promover em Portugal os estudos de conomia política como de contra participa de la companio del companio de la companio de la companio del compani



Pátio alentejano. Casa do levrador senhor José de Sousa, em Reguengos-de-Monsaraz

Padre Pedro de Almelda, nado em Évora em 1668, jesuita, teólogo distinto e membro da Academia de História. Era tão caridoso com piedade para com os morbisundos que the chamavam o padre dos mortos-

Duarte Álvares, teólogo e eremita de Santo Agottiño, antarta de Vila-Viogos, dostado de grandes talentos, regue em Salamanca e douestros-en talinversidade de Paris, rendo prigado em Amberjai na quaresam de 1546. Foi muito estimado pela rainha D. Leonor, irmá de Carlos V., casada com D. Manuel, e depois em segondas árpicias com Francisco, I de França, a quad o mandiou como embalxador a seu irmão. Presidio na Capítulo eclebrado em 1574 no Convento de Nossa Senhora da Grica, em Evora.

Gonçalo Álvares, de Évora, missionário jesuíta que S. Francisco Borja

Vicente Álvares, missionário jesuita, natural de Ferreira-do-Alentejo, que foi martirizado à vista de Dabul por piratas mouros.

Manuel Álvares, prior da matriz do Crato e vigário geral em 1661.

D. Pedro de Melo e Brito da Silveira e Alvim, 17.º bispo de Portalegre desde 1773 a 1777, deixando boa memória por sua caridade e afabilidade.

José Martins de Alvito, cirurgião militar, natural de Alvito em 1782 começando por aprendiz e depois mestre de barbeiro, a poder de seu próprio esforço fêz estudos que o acreditaram como homem de ciência médica, que exerceu, deixando também algumas poesias.

Bernardo Filipe Néri de Távora, 2.º Conde de Alvor, nasceu em Moura em 1681, mestre de campo, general de batalha dos exércitos de D. João V e governador da provincia de Trás-os-Montes, bateu-se com denôdo na Godinha, em cujo combate perdeu um braco.

Francisco de Távora, 1.º Conde de Alvoy, governador de Angola, vécered da findia e providente do Combino Ultramarino, a Do D. Peder 01, nascue om Moura em 1964. Aos 19 anos entros un basilha de Montes Clares já como tecente-general de exularia. Do sea governo em Angola desde 1068 su 1676, foraras provas de sensance e condiciação, e bem assim de protata ded-1676, foraras provas de sensance e condiciação, e bem assim de protata ded-1676, foraras provas de sensance e condiciação, e bem assim de protata de 1676, foraras provas de sensance e condiciação, e bem assim de protata de 1676, foraras postados que a fora de 1676, forar postados e fundades de Pariga Andesto, que de centra para a Corco o domino do reiso do Dongo. Távora, no entisso, so contava 22 anos so tomas possas. O sea governo na finda foi menos feliz, e em 1688 de la tornos a postados, ou ser genera do Secueda do Espanha em 1704, e excrectedo têtro Missas, durante a guerra da Secueda de Espanha em 1704, e excrectedo têtro.

António Caetano do Amarai, célebre pelas suas eruditas Memórias e um dos fundadores da Academia Real das Ciências, foi cónego da Sé de Éyora,

Belchior Estaço do Amaral, navegador dos fins do século XVI e princípios de XVII, nasceu em Evora, e foi notavel por sua ciência náutica e viagens de que deixou um apreciado *Tratado*, publicado em Lisboa em 1604.

Francisco José da Costa Amaral, bacharel em cânones e leis, nasceu em Portalegre em 1798, serviu a magistratura, sendo nomeado juiz de fora em Castelo-de-Vide e depois em Aviz. Perseguido como liberal, foi nomeado ouvidor em Macau. Homem de culta e vasta inteligência e saber.

Jacinto Freire de Andrade, o famoso poeta e biógrafo de D. João de Coro, nascou em Beja em 1897. Cursou humanidades em Evora, foi prebiero secular e, durante o reinado de D. João IV por cujos direitos pugnou em Madride com risco da própria vida, exerceu diversas comissões de serviço diplomático.

Padre Belchior do Rêgo de Andrade, secretário particular das rainhas D. Luísa de Gusmão, D. Maria Francisca Isabel de Saboia e D. Maria Sofia



Campo de oliveiras do grande lavrador senhor Manuel Dias Descalço, de Évora

Neuburgo, nasceu em Vila-Viçosa. Prior da freguesia de S. Tiago de Lisboa, erudito investigador de antiguidades, deixou uma obra sôbre as da sua terra natal, que não quis imprémir.

Padre Brás de Andrade, jesuita, que professou em Évora onde ensinou humanidades, era natural de Alpalhão (Portalegre) em 1701, e morreu na Itália para onde o deportaram.

D. Cristóvão de Andrade, também natural de Alpalhão em 1701, foi juiz chanceler da Relação de Goa.

Henrique José de Andrade, jornalista e professor do Seminário de

Elvas, cidade de seu berço em 1841, sendo notado por suas idéias democrá-

Prei André dos Anjos, religioso trinitário alentejano que muito se empenhou no resgate dos prisioneiros de Alcácer-Quibir, dos quais livrou 95 em pouco tempo, vindo a falecer em 1609.

VI-Idad, a que velhos comoleos chama n segundo para o diferencieren de outre anterio na chefa e comando des Lustianos, o grande hervia nedicad dos primeros tempos, que defendes contra os romanos es terriforios onde flutaramentes se alevantos Portugid deuro de fonderios astartias que o suprarior mentes se alevantos Portugid deuro de fonderios astartias que o suprarior a defen ou sal do Teio, em localidade onde sectios depois se erigia Mérelo. Es bem que nos cercos dos Herminios vieses a repuerse agigante, como mo fortatiza e roqueiro de monanhas, insto e digno é que os alentáticos o invo-quem como tilutar das asprovietas. Adeleves e assa simples inhemosa, e reference como tilutar dos asprovietas. Adeleves e assa simples inhemosa, e reference como tilutar dos asprovietas. Adeleves a casa simples inhemosa, e reference con el tilutar dos asprovietas del como como como de Pomares, próximo de Evera-Montes, na qual se viscou que Viriato derrotos nagqueira dio ou seu telerno a Cao Piados, questos romano, so encorro do qual o adali linátimo sián de Evera. Razão a mais para evocar a una mercela erranes-refere monamento.

Pedro Anes Aboim, senhor de Portel em 1287, senhorio éste que lhe foi dado e a seu filho por D. Afonso III, por o haver ajudado a expelir os mouros do Algarve em 1248 e 1250. Pai e filho foram os povoadores de Portel, cujo foral receberam da régia mão em Evora, em 1262.

Padre Joaquim da Rocha Espanca, de Vila Viçosa, erudito investigador alentejano.

Gil Martins, ao qual é de juntar sua multier Maria Anes, de Viana do Alentejo, que fizeram povoar nos principios do século XIII.

José Joaquim Talaia, tenente-coronel de engenharia, defensor de Campo--Maior em abril de 1811, contra o marechal francês Martin, do exército de Massena.

Mem Gonçalves, prior do Crato, no tempo de D. Sancho II que lhe deu foral em 1232.

Fernão Gonçalves, senhor de Beja em 1162.

D. João da Cunha, defensor de Serpa contra o Duque de Ossuna, na guerra da Sucessão de Espanha, em 1707,

Gil Fernandes, escudeiro, de Elvas, que levantou o povo, em insurreição, contra o alcaide Álvaro Pereira que

Castela.

Gonçalo Nunes, também escudeiro, que outrotanto capitaneou a revolta popular de Beia, intimando o alcaide Goncalo Vasques de Melo a dar voz nelo Mestre de Avis, o qual, negando-se a fazê-lo, optou por fugir para não ser morto.

Diogo Lopes Lôbo e seus três irmãos Fernando, Martinho e Estêvão, e os irmãos Fernando e João Goncalves de Arca e o sobrinho dêstes João Goncalves de Arca, o Moco, foram os capitães ou cabecas da revolta popular de Évora em defensão de D. João, Mestre de Avis, nomeado Defensor do Reino, Saindo a campo com a gente da sua cidade natal, hastearam a bandeira do Mestre, e como o alcaide-mor Álvaro Mendes de Olivenca se refugiasse no castelo com parciais da rainha D. Leonor, foi atacado das varandas da Sé às frechadas e pedradas e obrigado a capitular. Ao fim dêste triunfo. o povo obrigou os vencidos a irem a Lisboa beliar a mão ao Defensor do Reino.



ta-se que a última era mãe de Nuno Martins Valadares, e crétido-se que êste era afecto a Castela, o mulherio também de tal imputou a mão que tentou defender o filho, o qual morreu linchado pela populaca feminina enfurecida.



Garavato para apanha de gado em uso nos pestores alentejanos. Fotografia cedida gentilmente pelo industrial senhor Augusto Álvaro Leal. de Évora

Rodrigo Afonso Pimentel, Diogo Lourenço, João Pires, Martim Cotrim, Pernando Martins Brandio, Gomes Martins Zagalo, Afonsos Lourenço e Lopo Rodrígues Façanha. Cavaleiros do regimento de Nuno Alvares Pereira quando o Mester de Aviso nomocor Fronteiro-mor do Alentefo, alguns dos quais eram de Évora e todos alentejanos, segundo os cronistas e as tradições desses feitos.

Álvaro Coitado, companheiro do Condestável no ataque infrutifero a Elvas, onde ficou gravemente ferido.

Sezinando Rodrígues e João Barradas, juiz do povo e seu escrivão, de Évora, que chefiaram a revolta de Évora em 1637, contra a tirania dos Filipes, actras da qual ficou padrão nas palavras de D. Francisco Manuel de Melo, então na cidade, dizendo que no povo era sempre maior a indignação do que o intrekse.

Roque Antanes, natural de Moora, voluntairio da Têrço de D. Francisco de Sonas, de Bisa, que en Bisli, ne Fixus, preferiro discaries emairar da vivia de Sonas, de Bisa, que en Bisli, ne Fixus, preferiro discaries en atra cultimated a gittar. Vivia Deus e El-Rul II. de la vivia de la cultimated de la gittar. Vivia Deus e El-Rul II. de la Vivia Deus e Comparisone porreguês de Alenteiro, claudo souberant da crimi-trádores como preciópo de galhardía e brevars. Quando souberant da crimi-trádores como preciópo de galhardía e brevars. Quando souberant da crimi-trádores como preciópo de galhardía e brevars. Quando souberant da crimi-trádores como preciópo de galhardía e brevars. Quando souberant da crimi-trádores como preciópo de galhardía e brevars. Quando souberante de crimina de crimina de la como de como de como de como de como de como de la como actual de la como del la como de la como del la como dela

Capillo Martins Carrasco, capillo Lopo Mendes e o Prior Pedro Carrasco Mendes, hericos defensenses da alcia de Santo Aleixo, à testa de sus valorosos habitantes, contra e Barño de Moillagea, alemalo, de exécrito do Marquelo de Torcensa, a 12 de Agoiso de 1644. Regulados os suntaleixinos os mantaleixinos estados, mandese o Barbos incendiá-sa, assim morrendo cirra de dezeritos de la capital de

Gonçalo Anes, natural de Elvas, onde era mestre de «fazer massa para se fazer vidros», segundo a linguagem do tempo. Nas lutas entre D. Afonso V e D. Pedro, seu tio, tornou-se parcial do rei. Como um dia fôsse à cadeja com o carecrério João de Evora, fugiram nessa ocasião alguns prêsos do que o impu-

taram responsável, exilando-se então para Espanha donde mais tarde regressou com perdão do soberano.

D. Francisco da Mãe dos Homens Area de Carvalho, arcebipo de Evora, e da mesma cláda, o ode nasco a 24 de Setembro de 1780. Homen erudito e lúdalgo, professio na ordem de Santo Agostinho, ecibrou no núlpio de Evora a vidrida de Balifo contra os franceses pelo que fol perenguido pela solidadesca de Loison. Embarcando para o Brasil lá continuo a nosabilizar-se por seus talectos, perfencedo da Junta do Maranho. Proclamada a indepen-



Gado elentejeno — Menada de bois do lavrador senhor Jacinto Alves

dência, regressou ao reino e no têrmo das lutas civis, foi vigário Capitular de Beja, depois cónego da Sé de Lisboa, e deputado às Côrtes, e finalmente eleito arcebispo de Évora, a cuja sagração assistiram D. Maria II e o rei D. Fernando.

D. António da Anunciação, cónego regrante, natural de Évora.

Fr. Francisco da Anunciação, natural de Portel, doutor teólogo na Universidade de Coimbra e notável orador académico.

Fr. António, eremita de S. Paulo, na serra de Ossa, no Alentejo.

Padre Francisco Aranha, jesuita, natural de Évora onde nasceu em

Arronches de 1603 e sendo reitor do Colégio de Elvas, por sua influência se introduziu ali a água concedida pelo Senado.

Francisco Zacarias Ferreira de Aradjo, natural de Beia em 1780. Figura Interessante cula vida sventurea ao serviço da priar e das diedas liberais é das mais curiosas. Comandante da policia durante a conpação de lunto, recusso convertes dos invasores para i ael France choi de houras, pois the recombeciam as alas qualidades militares, e quando os expedicionários indices desemberaram no país interior en la certa compara de la registra de l

António de Araújo Travassos, natural de Elvas. Residindo em Paris, publicou obras muito apreciáveis de carácter económico e científico, algumas das quais o foram nas Memórias da Academia das Ciências, cujo sócio foi.

Frei António dos Arcanjos, nado em Evora em 1632, foi figura autorante no seu tempo. Depois de se notabilizar junto da Cúria Romana, foi pregador de D. Pedro II.

Padre Diogo Areda, da Companhia de Jesus, natural de Arraiolos, foi um dos maiores oradores do seu tempo. Nasceu em 1568 e faleceu em Lisboa em 1641. Teve um sobriñho do mesmo nome, também jesuita e da mesma vila, que foi pessoa de relêvo junto do viso-rei da Índia, falecendo em 1671.

D. Álvaro Pires Castro, Conde de Arraiolos, sobrinho de D. Inês de Castro, houve o condado em 1377. Um dos mais ricos e poderosos fidalgos do seu tempo, o primeiro condestável que houve no reino. Faleceu pouce depois de o Mestre de Aviz o desapossar do senhorio daquela vila para o dar a Fernando Álvares Pereira, irmão de D. Nano.

Sebastião de Arriaga, deve citar-se pois (n. em 1836 e fal. em 1875) após distinto curso em Grígnon, foi êle que na herdade de Assumar, pertencente à Casa Real, tentou criar uma quinta modélo para o ensino prático da agricultura alentejana.



Errata provisória

O Santo Lenho da Vera Cruz trazido de Marmelar (Portel) à batelhe do Saledo pelo Prior do Crato, Alvaro Gonçalves Pereira, para incitar as hostes portuguesas

Esta legenda substitue a da gravura a páginas 225, A seu tempo, em errata definitiva, faremos a devida rectificação.

